ALVARO MAIA
Beiradão
ROMANCE

"Lisboa, 20 de dezembro de 1956.

Meu ilustre confrade:

Muito lhe agradeço a oferta de "GENTE DOS SERINGAIS".

Há bastante tempo, eu não lia uma obra que me interessasse tanto. Que me interessasse como escritor e como homem. Ao escritor, porque ela está brilhantemente realizada com páginas e páginas admiráveis duma grande beleza formal, como são essas que tratam de histórias de índios e tantas outras. Ao homem, porque o seu livro me mergulhou, desde as primeiras páginas, no meu próprio passado e foi com uma profunda emoção que voltei ao Madeira, inclusive ao seringal "Paraíso", graças a si.

Quero agradecer-lhe também as generosas referências que no seu livro me faz.

GLOSSÁRIO

A

ABRE — Prova de cachaça.
ACARÁ-BOCETA — Espécie de acará.
ALEJAR — Enganar. "Não me aleje!" — Trabalhar com imperfeição.
AMUNHECAR — Apalpar — Amolecer.
ANDAÇO — Doença. Dificuldade de locomoção.
ANDEJA — Mulher errante, que se entrega nos caminhos.
ANZOLAR — De anzol.
ANINGA — Planta dos pântanos.
ARRASTAÇÃO — Ato de arrastar — "Arrastação de canoa".
ARREPUGNAR — Ter enjôo, repugnância.
ARPOEIRA — Corda para espinhel.
ASSERINGUEIRAR — Ter vida de seringueiro. Asseringueirado.
ATAR — Amarrar a rêde.
AVIADOR — Intermediário de mercadorias e produção de borracha.

B

BACO-BACO — Alimento.
BAGAJADA — Bagagens.
BAGAGEIRO — Que conduz bagagens.
BAGULHEIRO — De bagulho — Resto.
BANHENTA — Gorda.
BANHOSO — Gordo.
BATELÃOZADA — Carga de batelão.
BARAROÁ —Espécie de acará.
BENEFICIAR — Deflorar.
BESTAR — Ser tolo.
BICUDO — Português.

BOLA — Prancha de borracha defumada.
BRAVEZA — Bravura.
BURBULHEIRO — De borbulhar. Que faz borbulhas.

C

CABAÇARANA — Cabacinhas.
CABEÇA-DE-PORCO — Hotel de terceira ordem.
CACURI — Pequeno curral dentro d'água para pegar peixes.
CALOMBAR — Encher de calombos.
CAMPANHA — Companhia.
CANDURAR — Seguir cardumes — Peixes que seguem piracemas.
CARNE-VELHA — Carne sêca. Xarque.
CARREGADEIRA — Cabos para pescar o saco das rêdes de tartarugas.
CARUMBÉ — Jaboti macho, já velho.
CASTANHEIRO — Operário que trabalha nos castanhais.
CATEGA — Homem de posição.
CEDLA — Cédula — Dinheiro, cédula eleitoral.
CHIBÉ — Água com farinha.
CHORA-CHORA — Peixe de cardume. Também chora e chorão.
CHUBAR — Sem coisa alguma. "Ficou chubando!"
COLOCAÇÃO — Estrada — Centro com estradas de seringueiras.
COROCORÓ — Pássaro de alagados.
CORRIÇÃO — Fiscalização.
COSPIR — Cuspir.
CRENTE — Protestante.
CRISOSTE — Crisóstomo.
CRUZ-DO-CÉU — Cruzeiro-do-sul.
CRUZ-DE-PALHA — Cruz na mata. Aviso dos índios.
CULTIVAR — Ter cultura. "Sujeito cultivado!"
CUMATÊ — Planta que fornece tinta prêta para pintar cuias.

D

DEFUMADOR — Tapiri para defumar o leite de seringa.
DENGO — Denguice.
DENGOSO — Homem com gestos de mulher.

DESNA — Desde.
DESISTIR — Parir — Ter filho.
DRIL — Fazenda grossa, usada no interior.

E

EMBEIÇAMENTO — Paixão.
EGUAR — Vagar à-toa.
EMPACHO — Indigestão — Barriga inchada.
EMPELEITAR — Empreitar.
ENCANTAÇÃO — Encantar.
ENCOMENDAÇÃO — Encomendar o morto.
ENFEITAR — Cornear.
ENXOVALHE — Enxovalhamento.
ESPAÇOS — Passes espíritas.
ESPIAR — De espia — Espiar o batelão: amarrar.
ESTRUPIÇO — Estrupício.

F

FALANÇA — Ação de falar muito.
FEME — Fêmea.
FERNESIM — Frenesi.
FESTEIRO — Pessoal de festa. Homem que organizou a festa, que dirige a noite do novenário. "O festeiro foi seu João. — Seu Manuel é o festeiro de hoje".
FIEL — Punho fino para sentir a tartaruga ou os peixes nas grandes rêdes de marisco, ordinàriamente nos igarapés.
FORGO — Fôlego.
FUGIDO — Seringueiro que foge dos seringais.
FUÇA — Discussão — Briga.
FURAR — Deflorar. "Manuel furou a Joana". Mulher furada.

G

GALÇA — Garça.
GAPÓ — Igapó.
GAPOZADA — Igapós sucessivos.
GARAPÉ — Igarapé.
GERAL — "Passar o geral". Mulher passada por vários homens, na mesma oportunidade.

GOMITAR — Vomitar.
GROSÊRA — Corda forte para pescar piraíbas.

I

ILHAS — Refúgios nos campos, sempre com buritizais e fontes.
INCHAÇO — Inchação.
INTEIRO — Animal completo, que não foi castrado.
INVADIAÇÃO — Vadiação. Cio.

J

JACITARA — Espécie de cipó com espinhos. Serve para encordoar moles de tabaco.

M

MACHADEIROS — Que habitam o rio Machado. Machadense.
MAL-DE-CABOCLO — Funções sexuais.
MAL-DE-MÊS — Encômodo, menstruação.
MALTRATO — Ato de maltratar. Também mautrato.
MATURI — Carapanã miúdo.
MAÇARANDUBA — Madeira de lei. Cacête.
MELA — Porção — excesso — "Mela de Feme!"
MEXEDEIRA — Que mexe. Mulher mexedeira.
MONTARIA — Canoa pequena.
MORADEIRO — Morador.
MORDIÇÃO — Ação de morder. "Deixa de mordição!"
MORI — Capim brabo, espécie de canarana. Também morim.
MURUPI — Pimenta cheirosa.
MUITÁ — Pequeno jirau para auxiliar o corte da parte alta das seringueiras.

N

NAVEGAR — Viajar. Caminhar. — "Navega muito naquele caminho".

O

OURENTO — Que tem ouras, bicheiras.
OVADO — Que está cheia de ovos. "Tartaruga ovada. Tambaqui ovado. Mulher ovada".

P

PARIDELA — Parir.
PARIRI — Árvore frondosa. Frutos comestíveis.
PAUZADA — Excesso de madeiras. Também pauzama. "Tem pauzada na ponta da ilha!"
PEDIDO — Encomenda de mercadorias.
PEGANÇA — Que pega. Molestia contagiosa. Também pegadiço, peganhento.
PELADO — Sem dinheiro.
PELES — Bolas de borracha, de canela.
PÉRA — Espera.
PILOURA — Síncope.
PINDÁ — Anzol com isca de penas para enganar os tucunares.
PIRARUCU-BÓIA — Peixe pequeno — Voraz — Forma de peixe e cobra.
PONTEIRO — Remador que encaminha a embarcação.
PRANCHA — Pele de borracha. Tábua larga para transporte de mercadorias, usada nos gaiolas.

Q

QUILARO — Claro.

R

RANCHO — Barraca para dormir. Abastecimento, comida.
RASPA — Repreensão.
REBOJADA — De rebôjo. Vários rebojos.
RONDONIZAR — De Rondon. Domesticar índios.

S

SALDENTO — Que tem saldo.
SIRGAR — De sirga. Puxar a canoa com um cabo amarrado aos bancos.

SOBROSSO — Susto.
SOMBREADO — Assombrado. Ensombrado.
SUSTANÇA — Fôrça, vigor.

T

TAMBAQUI — Peixe comum em todos os rios do Amazonas.
TAMBA-TAJÁ — Tajá lendário. Fôlhas fêmeas. assim denominadas, porque, no dorso, possuem uma fôlha menor, triangular, que lembra as partes sexuais da mulher.
TAPAJAL — Passagem de canaranas ou murerus nos igarapés, nas embocaduras dos lagos.
TECRAS — Teclas.
TIPÓIA — Rêde.
TRAGO — Gole de cachaça.
TRIGUE — Onça.
TRISCADO — Bêbedo.
TROUVERAM — Trouxeram.

V

VAZAR — Esvaziar. Secar. O rio vazou.
VEADEIRO — De veado. Cadela veadeira.
VEIZADA — Vez.
VENTRECHA — Pedaço gordo de pirarucu.
VEVE — De viver.
VIAJADAS — Viagens a êsmo.
VIRAÇÃO — Virar tartarugas. Tempo de viração. Possuir mulheres aos grupos, em festas profanas.
VIVENÇA — Vida.
VOGAR — Ter valor.

Z

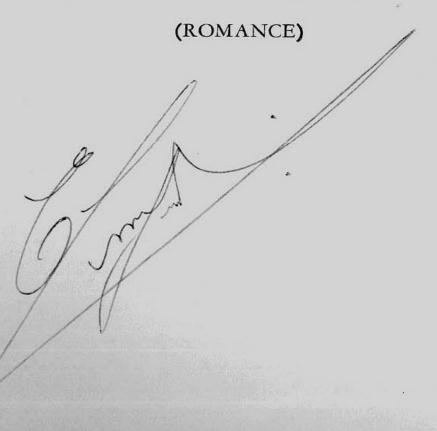
ZANOIO — Zarolho.
ZINHA — Mulher solteira.
ZINHEIRO — Amigo das zinhas.
ZUADEIRO — Zoada.
ZUNHEIRO — Unheiro.

BEIRADÃO

ÁLVARO MAIA

BEIRADÃO

(ROMANCE)

RIO, 1958

DO MESMO AUTOR:

Publicados:

— "Na Vanguarda da Retaguarda"

— "Gente dos Seringais" — (Estudos do Homem e da Terra).

— "Buzina dos Paranás" — Poemas.

A publicar:

— "Gente dos Seringais" — 2.ª edição — Aumentada.

— "Nas Tendas de Emaús" — (Divagações Espiritualistas).

I

BAMBURRAL

II

ERRAS E CENTROS

III

BEIRADÃO

Intitula-se beiradão a margem dos rios principais, onde se fixaram os primeiros desbravadores e permaneceram os seus descendentes. Aí se encontram grandes seringais e castanhais, sem a riqueza e a fartura dos afluentes de águas-pretas, assim como povoados e sedes municipais. Navegável durante o ano inteiro, embora com pedras e baixios no verão, serve para distribuir mercadorias e armazenar a produção, conduzida em gaiolas e motores para os centros importadores.

O beiradão, como o denominam seus moradores, tem a penetração mais fácil que a dos tributários, onde se desenrolam cenas de holocaustos e dramas lancinantes. Tudo isto no período da conquista, quando aportaram ao Madeira as primeiras levas nordestinas, que se irmanaram a bolivianos e nativos, em fins do século XIX e começo do século XX.

Reais foram os lances aqui relatados, ou, pelo menos, reais na retentiva popular. Velhos pioneiros ainda existem, como Zé Antônio, veterano do Machado.

— Se eu fôsse dizer o que sei, levaria três noites.

Surgem crimes cruéis, romances de audácia, páginas de sacrifício.

Transformou-se tudo, depois que a mulher ficou, em caráter duradouro, ao lado do seringueiro, derramando do coração, como de concha magnética, sopros de bondade e tolerância. Ensinou a rezar, criou os filhos. Nas barracas e nas roças, nas estradas e nas viagens, implantou métodos novos, difíceis nas duras investidas, mas limpos e suaves na implantação da disciplina. Transformou-se também com a ação cristã dos sacerdotes.

O Machado, o Jamari, o Rio Prêto são habitados, nos dias que passam, das nascentes às embocaduras, por gente ordeira, admirável de tenacidade e resistência. A penetração prossegue para além das serranias, entre Rondônia e Mato-Grosso, por onde trotam rebanhos em estradas pioneiras e descem teco-tecos, transportando negociantes, garimpeiros e soldados.

Intitula-se beiradão a margem dos rios principais, onde se fixaram os primeiros desbravadores e permaneceram os seus descendentes. Aí se encontram grandes seringais e castanhais, sem a riqueza e a fartura dos afluentes de águas-pretas, assim como povoados e sedes municipais. Navegável durante o ano inteiro, embora com pedras e baixios no verão, serve para distribuir mercadorias e armazenar a produção, conduzida em gaiolas e motores para os centros importadores.

O beiradão, como o denominam seus moradores, tem a penetração mais fácil que a dos tributários, onde se desenrolam cenas de holocaustos e dramas lancinantes. Tudo isto no período da conquista, quando aportaram ao Madeira as primeiras levas nordestinas, que se irmanaram a bolivianos e nativos, em fins do século XIX e comêço do século XX.

Reais foram os lances aqui relatados, ou, pelo menos, reais na retentiva popular. Velhos pioneiros ainda existem, como Zé Antônio, veterano do Machado.

— Se eu fôsse dizer o que sei, levaria três noites.

Surgem crimes cruéis, romances de audácia, páginas de sacrifício.

Transformou-se tudo, depois que a mulher ficou, em caráter duradouro, ao lado do seringueiro, derramando do coração, como de concha magnética, sopros de bondade e tolerância. Ensinou a rezar, criou os filhos. Nas barracas e nas roças, nas estradas e nas viagens, implantou métodos novos, difíceis nas duras investidas, mas limpos e suaves na implantação da disciplina. Transformou-se também com a ação cristã dos sacerdotes.

O Machado, o Jamari, o Rio Prêto são habitados, nos dias que passam, das nascentes às embocaduras, por gente ordeira, admirável de tenacidade e resistência. A penetração prossegue para além das serranias, entre Rondônia e Mato-Grosso, por onde trotam rebanhos em estradas pioneiras e descem teco-tecos, transportando negociantes, garimpeiros e soldados.

Telégrafo, escolas, campos de pouso, caminhões, motores, igrejas e policiamento nas regiões, onde, há cinqüenta anos, dominava a coragem fria, manejando o rifle.

O desbravamento dêsses afluentes do Madeira e do beiradão constitui uma silenciosa vitória do brasileiro anônimo, sem apoio oficial, norteado apenas pela própria vontade de ferro.

Repetiram-se, no período da conquista, os mesmos dramas comuns a todos os rios longínquos. Basta consultar os arquivos comerciais, judiciários, paroquiais no Purus, no Juruá, no Solimões, e ler, às vêzes ponteadas de sangue, idênticas páginas de sacrifício e heroísmo.

PRIMEIRA PARTE

BAMBURRAL

A

Sob o encanto da tradição sertaneja a perturbar-lhe a cabeça estonteada pelas rezas do Seminário, Fábio Moura reprovava silenciosamente aquela punição humilhante, que obrigava o doutor Firmo Segadais a mudar de terra, por sumária intimação dos chefes locais. Não poderia aduzir defesa alguma, ainda de regatão escarmentado, após a ensinadela emporcalhada, que lhe aplicaram nos currais do seringal.

Segadais aportara à cidade, recomendado ao coronel Francisco Moreira, que dominava, por audácia e recursos, a região imensa. Transcorria o tempo singular dos coronéis de barranco, que se elegiam, ou elegiam deputados e intendentes, sem maiores esforços, quando os nomes dos eleitores eram catados nos cemitérios. Foram os precursores dos eleitores fantasmas, que desmoralizariam o voto secreto, sob novas benzeduras de fiscalização dos títulos eleitorais.

Bem recomendado, Firmo Segadais abiscoitou logo vantajosas questões, que o protegiam e levaram a demorar mais no lugar. Subia o Madeira, contando anedotas a bordo de gaiolas, em cujas mesas, logo após o jantar, quando os passageiros se recolhiam aos camarotes, ou atavam as rêdes nos balaustres, havia forte jogatina, em que os magnatas perdiam somas consideráveis para os caixeiros-viajantes e embarcadiços, hábeis nos golpes do baralho ensebado.

Segadais costumava baixar em igarité, em regateio jurídico pelos seringais. Derramava palavras enviezadas sôbre causas civis e criminais; almoçava e dormia nos barracões, agitando as mãos e palestrando alto, em defesas e acusações imaginárias. O anel de rubi fumegava, ameaçador e vaidoso.

Decidira permanecer alguns meses no mato, a fim de amealhar economia e abrir escritório na capital, em

sociedade com alguns colegas de turma, que enveredaram por outros rios e margens, com os mesmos objetivos. O professor Soriano de Albuquerque, prelecionando na Faculdade de Direito de Fortaleza, traçara rumos aos estudantes — percorrer o interior, levar justiça às massas desamparadas. A solução das causas exigia demora, a solução das causas e dos contratos de pagamento, quase sempre em saques contra as casas comerciais de Manaus e Belém, nem sempre com os numerários nos cofres e nos bancos. Havia reduzida circulação monetária no interior, restringindo-se às cidades e aos regatões. Não se conheciam cédulas maiores: os seringueiros também recebiam saldos na capital, dependentes da venda da borracha, das condições financeiras do seringalista e dos preços na ocasião das transações.

Muitas vêzes, perdiam o suor de anos seguidos, nas brenhas e serras do Machado, nessa lenta espera em Manaus, com despesas no cabeça-de-porco e com o mulherio livre. Dissipava-se o sonho de rever o sertão. Novamente endividados, retornavam cabisbaixos ao interior, a fim de reconquistarem o tempo perdido. Outros regressavam ao Ceará, cumprindo promessas e sonhos, emagrecidos por febre e subnutrição, e bravateavam sôbre os companheiros que ficavam, fertilizando o solo, em covas sem cruz, à maneira de bichos, enterrados contra a fedentina.

Nas sedes municipais, o profissional tinha de reagir à politicagem, filiando-se, sem entusiasmo, às hostes do govêrno, representadas pelo coronel barranqueiro, cuja autoridade pairava acima do superintendente.

Segadais resistiu, mas teve, ante a inutilidade dos esforços, de babujar no côcho, onde babujavam o médico, o dentista e o vigário. O falatório era surdo, no escuro, e assim mesmo transpirava, pelos fundos das casas, apesar dos quintais fechados pelas cêrcas. Diabo! Não viera tomar banhos salgados nos altos-rios do inferno e sim arranjar dinheiro, supremo sonho de bacharel pobre, no pouco movimentado fôro local.

Sim, diabo de vida! Teria de fingir uma falsa personalidade, um Segadais número dois, envergar uma capa furta-côr para poder vencer: igrejeiro de sacristia, sem ser bom católico, defensor do partido oficial, sem ser conservador, adepto do matrimônio, sendo divorcista. Em contrário, não abiscoitaria uma causa, nem de réu miserável da prefeitura. Os cipoais do interior embaraçavam-lhe os passos. Que diriam os colegas da Faculdade, sa-

bendo-o naquela posição, inofensivo como um jerico de carga? Viessem para o interior, onde, sem as boas-graças do coronel, não disporiam de casa para residir, nem de pensão e lavadeira. Bodejando contra, o oficialismo fecha as portas; triplica os impostos, multiplica as multa e a ninguém dá serviços. Cai no ódio e na perseguição.

Viessem para o interior, quando o chefe é intolerante: teriam de ajudar missa, quando falta o sacristão, tirar ladainha nos forrós, erguer brindes de aniversário e festa escolar.

Segadais amoldou-se manhosamente às imposições e começou a amealhar os cobres para o futuro escritório.

Anualmente, nas férias forenses, reuniam-se os mosqueteiros nordestinos na capital e assentavam bases para uma ação positiva, objetivando os sonhos da Faculdade de Direito.

* * *

Enfurnado no pequeno seringal, com o batismo de polinevrites e indiadas, nos primeiros anos de desbravamento, pelos igarapés de água prêta, Fábio recebia as visitas de Segadais aos domingos e, embora mais moço, lhe dava conselhos, bebidos na experiência da selva e com os homens da selva. Discutiam os problemas improvisados na solidão verde, inclusive o segregamento social e a fome do sexo: salvante a escumalha da rua da Palha, destinada aos tripulantes dos regatões e presos da cadeia, não havia andeja digna de gente limpa. Para casar, sim, encontrava espécimes selecionados nos seringais, educadas em colégios religiosos, mas o casório importava em escravização ao mato, em aparentar-se a famílias ribeirinhas e não sair para a cidade, em caráter definitivo.

Precisaria ter nascido ali para resistir à nostalgia dos sertões. Demais, parecia repugnante tal forma de casamento ao seu coração, embora reconhecesse, em boa-fé, que êsse era o fim.

Não descobria outra saída, até porque o solteiro era macharrão vigiado pela desconfiança de todos. Ninguém, naqueles beiradões tropicais, acreditava em castidade em moço bem alimentado, curtido ao sol e aos ares florestalizados da planície. Nas festas dançantes ou de igrejas, os homens acompanhavam os gestos do solteiro, espionando-o em sua própria residência. Era necessária muita cautela. Poderia morrer afogado em qualquer viagem, — caíra por descuido, bebera alguns tragos e não sabia nadar.

Segadais abriu-se, de vez, a Fábio. Não queria saber de matrimônio, era comprometido no nordeste, um dêsses compromissos que resistem aos anos, mas, por desgraça, se apaixonara por Maria-da-Luz, casada com o Setembrino, sempre ausente, para curar-se de beribéri, adquirido nos castanhais do Alto. Fábio sorria, sem acreditar na sinceridade daquelas explosões, lembrando-se de certas historietas pueris, — jovens que pedem a noiva aos vinte anos, vão buscar dinheiro pelo mundo afora e voltam aos 60, enfermos e dementados. A noiva lá está, de cabelos riscados de branco, cantando nas igrejas ou alegrando algum caixeiro-viajante, de passagem pela terra.

— Maria-da-Luz é honesta, é filha do coronel, e vive em companhia dos pais. Você vai meter-se em toca de surucucu, ou caçar em armadilha de índios. Além do mais, não vai à cidade, nem abandonaria o marido para seguir você, ou quem quer que seja...

Fábio estava com a razão. A leviandade iria cortar-lhe a carreira de advogado, amparada pelo coronel. Seria mais justo, se não fôra o compromisso com a prima nordestina, o noivado com a filha mais velha do seringalista, em ponto de bala. Permaneceria na advocacia, açambarcando as causas, arranjaria, por dote, um dos seringais do potentado e ficaria à margem de confusões. Rememorou-lhe a passagem de Jaime Furtado pelas fazendas prósperas do Pará. Comprometido nos sertões, viajou para o norte e conseguiu uma promotoria interina no Baixo-Amazonas. Viera economizar para o casamento, — despesas com o juiz e o padre, passagens, volta à Amazônia. A noiva ficara nos cânticos da igreja e costurando o enxoval. Passaram-se os meses. Jaime Furtado, com o remorso a agulhar-lhe a consciência, unira-se à fazendeira cabocla. E explicava a melindrosa situação.

— Adoeci e estava sòzinho, acordando e dormindo com o pensamento no sertão. Fui convalescer na fazenda, no Baixo-Amazonas. Leite mugido, filés, peixes vivos, frutas, assistência carinhosa da família. Pela manhã, ao levantar-me, olhava os campos, borrifados de chuva, onde babujavam bandos de marrecas. Bois e cavalos, às centenas, avermelhavam o capinzal. A filha única do proprietário chegou de Belém. Você calcula o resto. Meditei muito e cedi à poesia do gado e dos campos, casando-me com a herdeira daquilo tudo! Estudei pecuária, comprei reprodutores, e presto serviço ao desenvolvimento nacional. Bordava tão bem a prima sertaneja e estava quase pronto

o enxoval. Quinze anos de namôro, desde a escola. Que iriam arranjar, além da filharada, que não poderia educar, apodrecendo em promotorias afastadas e perseguido pelos chefetes políticos?

Mas o caso de Segadais era bem diferente: apaixonara-se pela mulher alheia e era amigo do coronel. Devia esperar ou fugir, mudar de beco perigoso. Fôsse logo para o escritório da cidade. Era o conselho de Fábio, que discorria sôbre os dramas do interior, motivados pelas questões passionais.

Segadais era valente, mas ninguém se livra de traições ou humilhações, que estragam para sempre a vida de qualquer desgraçado. Mulher e paludismo impediram o regresso de muitos seringueiros aos pagos nativos.

* * *

Um bicho-de-pé entrara no coração de Segadais. Roia-lhe os ventrículos e a dor se irradiava pelas artérias, pelo corpo, minando-os de desespêro, sem salvação e sem fuga. Na insônia de noites seguidas, apelava para a responsabilidade assumida com a noiva dos sertões; pensava na tragédia que poderia resultar de qualquer precipitação naqueles purgatórios, em que a sociedade, em estruturação primitiva, escondia tocaias mortais. O seringal, com seus processos retardados, era uma taba evoluída. Mandava o coronel, como um pajé, e mandava sem prestar contas de seus atos, uma vez que lhe estavam sujeitos, obedecendo por ordens superiores, o delegado e os soldados, numa época sem telégrafo e sem aviões.

As queixas esvaíam-se no caminho, ou, quando chegavam à capital, o paciente já estava bichado, dentro do barro ou das águas, pelos tapurus e minhocões, pelos candirus e piranhas.

Além de tudo, o aspecto moral, que
pudiou às fibras — trair, morder a mão q
roubar a tranqüilidade aos que tudo lhe
de feira ou prêto fugido não teria sen
dimento.

Firmo Segadais desapareceu da vila, em derradeira viagem de cobrança, até Santo-Antônio. Se não contraísse febre negra, receberia os honorários e desceria para Manaus, cimentando muralhas aos desejos desencadeados.

Não embarcaria, entretanto, sem apresentar despedidas ao coronel, que estava ausente, de quem sòmente recebera atenções seguidas.

Aproveitaria a igarité, tripulada na escadaria, sem saber que Maria-da-Luz também viajaria. Poderia ir! Iria deitada no estrado, sob a lona contra as chuvas, e seria um percurso de poucas horas. Sairiam à meia-noite, aproveitando o luar, e, quando raiasse o dia, estariam no seringal.

Compareceu, à hora marcada, e a igarité desatracou, sob empurrões. e remadas do proeiro. Sentou-se no banquinho da pôpa, junto ao pilôto, e puxou as abas do chapéu de carnaúba sôbre as orelhas, resguardando-se contra o orvalho da madrugada, que molhava como garoa.

Os seringueiros remavam, revolvendo as águas, que ferviam em gotas de platina. A canoa seguia o sombreado das embaúbas e caxingubas, cortando pontas de acanaranas, que aljofravam humidade, igual a gêlo moído.

Aqui e ali, peixes saltavam, fulgindo as escamas; olhos de rubis dos jacarés cintilavam no escuro, entre ramagens de cabacinhas; bacuraus, acordados bruscamente, voavam estonteados, em fugas curtas.

Segadais, julgando-se indene à aventura, imergiu no sonho e na meditação. Era, talvez, o último encontro com a Maria-da-Luz, entregue a sono profundo na lona encerada, coroado de luar. Ignorava os pensamentos selvagens, que o assaltavam, como unhas de coatis esfaimados. Ignorava aquêle incêndio, e êle partiria para sempre, entregue à profissão, em outros rios.

Maria-da-Luz caíra em pleno sono, entre duas crianças, encolhida no jirau ondulante. A cabeleira negra brilhava, exalando aromas libertinos de baunilha e priprioca. Mexia-se, às vêzes, moldando-se ao tablado, quando a canoa balançava. A saia arreganhou-se, num dêsses movimentos: Segadais recaiu na alucinação, que o vinha perdendo, engasgando-o em apertos congestionantes. Desnudou-se lentamente uma das coxas de Maria-da-Luz; o luar incidia em brilhos pálidos, mostrando um céu de curvas desconhecidas. Um sinal negro, como pingo de ônix, marcava aquêle pedaço proibido. O sinal foi o botão de novas descargas, o início de nova crise. As idéias galopavam, acompanhando a sincronização de ramagens e fôlhas, de ondas e remos a baterem nas falcas, em cadências de tambor. Ta-lá... Ta-lá... Talatátá... Depois, ignomínias, como arrotos do instinto, turbilhonavam, e as

têmporas estalavam. Era a febre, no frio da noite. Vira tantas exibições nas praias de banho, estivera em malocas, em teatros fesceninos, e havia de ficar tresloucado naquele fim de mundo, tudo pela mostra involuntária de um ponto negro, que parecia estopim no corpo alvo. Haveria outro, por certo, igual ou menor, pretejando no colo ou em qualquer parte. O ardor e o ciúme fizeram-no evocar Setembrino: deveria ser um asno e, às pressas, no impulso criador, apossar-se daquela maravilha, que parecia estar dormindo ainda. Mulher para o Setembrino servia para êsse fim: era um reprodutor apressado, enfraquecido de polinevrites, como um galináceo no terreiro. Imaginou carícias romanas naquele sinal, que parecia a abertura de um mundo encantado, descoberto aos poucos, sob o farejar dos sentidos, com as narinas aflantes de cão ante a prêsa. Os olhos de Segadais chamejavam, fixos naquele ponto, como uma pequenina estrêla negra num céu claro.

Amanheceu sem dormir, na insônia escaldante dêsses pensamentos. Tinha piedade do Setembrino, mas não poderia mais viver depois daquela madrugada.

O seringal espontava ao longe, avermelhado nos barrancos, entre a neblina esvoaçante da manhã. O proeiro apanhou o bambu e três buzinadas longas acordaram os moradores.

Cumprimentos habituais da chegada. Segadais permaneceria três dias no barracão, hospedado, como sempre, no quarto anexo ao escritório. Resolveu agir; iria jogar a suprema cartada, decidindo o futuro. Ou cederia Maria-da-Luz, em romance misterioso, às escondidas naquelas trincheiras de espionagem, ou fugiriam para bem longe, onde não ouvissem os berros e as perseguições do coronel. Como fugir, entretanto, se o proprietário dispunha de lanchas velozes, que poderiam atingir qualquer gaiola na descida, na lenta escala dos seringais? Maria-da-Luz ignorava as larvas do vulcão, em gestações subterrâneas: considerava-o amigo da casa, na gelada cortezia demonstrada com o próprio marido. Segadais não vacilou: o único meio de comunicação seria uma carta, que lhe chegaria às mãos por um dos assalariados. Não gostava de cartas, sempre uma prova contra quem escreve.

Tinha razão a prudência de Fábio: escrever de tal forma que as frases possam ser publicadas e lidas por inimigos. Escrevia assim, mesmo para as pessoas mais íntimas. Tinha horror às epístolas: bastava a letra no envelope para dar inquietação. Adivinhava, pela caligrafia,

o conteúdo. É do Barroso, do Crato: vem tratando do gado, sêca, sangra de açudes. É de Alina Façanha: queixas contra a vida, histórias de doenças e das intrigas alheias. Cartas de bancos, cartas cobrando dívidas.

Reduziu a tempestade em poucas frases; relembrou os encantos, reconhecendo-lhe a situação de casada, os conflitos decorrentes dêsse estado de coisas, as tentativas de fuga e, enfim, a viagem pela madrugada. Sentira ondas de perfume, os olhos no sinal prêto, resplendente como uma brasa. Suplicou que o ouvisse: iria falar-lhe às sombras da noite, protegido pelas mangueiras. Estudara a posição do quarto, em que se hospedara. Talvez despedir-se, vê-la uma vez ainda. Mas a missiva errou a destinação e foi parar às mãos de dona Raimunda, governante daquele castelo feudal, vaidosa e fria na manutenção da ordem, pelos processos antigos do sertão.

Guardou segrêdo e mandou chamar o Mané Vaqueiro, a quem ministrou ordens severas de surra, porém que não matasse o doutor. Marcasse apenas. Dar-lhe uma lição em regra. O coronel e a mulher, quando regressassem da capital, aprovariam e falariam ao juiz-de-direito, sempre em defesa do advogado conquistador.

* * *

Mané Vaqueiro e dois cabras ocultaram-se nos porões infectos do barracão, onde a porcalhada grunhia. Dorme-se cedo no interior. Os mosquiteiros convidam, e é um contentamento ouvir o zunir dos carapanãs e o chiar da chuva na palha.

Prepararam bem a arpoeira, amolecendo-a com sebo de maguari, e molharam bem a sarapilheira. Dona Raimunda não queria barulho, nem maltrato ao doutor. O comêço de luar não clareava o renque de mangueiras baixas, entre o barracão e o escritório.

Às onze horas, quando casas e criaturas pareciam ressonar, o vulto anguloso de Segadais desenhou-se, como uma sombra entre sombras. Deu uma corrida curta para as árvores, e foi caminhando cautelosamente, em direção às janelas de Maria-da-Luz, fechadas e sem lamparina acesa.

Daria um assobio, sinal combinado na carta, e ela surgiria pelo menos para responder. Aproximou-se mais, escondido na semi-escuridão, e assobiou. Lembrou-se dos dias de molecório, nas caminhadas boêmias para a escola.

Atento à janela, não enxergou os vultos que se acheavam, sem chiado no capim. Não houve ensejo para o terceiro assobio. Estava laçado, como um bode, o rosto encoberto no saco molhado.

— Não faça sobrosso, seu doutô. Senão...

A ponta esfriante de uma quicé riscou-lhe o pescoço. Foi arrastado, caminhando às cegas, tropeçando no capim. Maria-da-Luz, com o seu rosto de santa, iria matá-lo? Andaram, andaram... Sentiu novamente escuridão através da horrenda máscara molhada, que lhe foi arrancada brutalmente.

Segadais não tinha ânimo e fôrças para reagir. Estavam no chiqueiro dos porcos.

Tresandava, entre grunhidos, o fedor dos capados enfurecidos, batendo as dentuças.

— Não se arreceie, doutô! Êles são danados. Comem até os bacorinhos. Dona Raimunda deu ordens pr'o doutô não sofrê. Os capados estão amarrados. Os inteiros estão lá fora, na invadiação. Seu doutô vai tomá banho no chiqueiro. Não falou no cheiro da patroazinha?

Segadais sentiu-se suspenso no espaço e arremessado, como um traste, no lameiro nauseabundo. Sujou-se dos pés à cabeça, totalmente peiado com o tijuco escrementoso a entrar-lhe pela bôca e nariz.

— Matem-me, bandidos!

— A Dona é boa, é do Maranhão e deu ordens p'ra não matá vocemecê. Tome de novo a sarapilheira na cabeça. Vamos pr'o pôrto de baixo, na ponta da correnteza. Seu doutô vai sê prêso num cedro já pronto e vai vê como é gostoso falá no siná prêto da muié dos outros. Fique quieto. Vai ser caceteado, como barrasco ainda novo, p'ra engordá e perdê o forgo.

Aos empurrões, Segadais viu-se num cedro, prêso à pôpa de uma canoa por simples cipó. Amarraram-no à tronqueira, com os braços prêsos às costas. Sentaram-no, caceteando-lhe as pernas e o ventre. A sarapilheira disfarçava os urros de dor.

— Vá em paz, doutô! Não vá encalhá nalgum tapajal.

O cedro fôra empurrado para o largo. Despido, rio abaixo, seria a zombaria dos moradores. Coisa boa não fêz e, na certa, boliu com a mulher de algum grandão.

Rolando pelas correntezas, o cedro desceu vertiginosamente. Quando algum seringueiro o avistasse, iria laçar o tronco e puxá-lo para a beira. Banheiro para botar roupas ou tábuas para casa. Ou encalharia nalguma ponta-de-

ilha deserta, o que importaria em morte demorada por jejum e sol.

Foi visto o cedro antes da vila e recolhido à margem. Ousadamente, e atenazado de sofrimento, deu-se a conhecer.

— Tome esta roupa. É grossa, mas cabe. Seu doutô ainda tem sorte, pois poderia morrê numa ponta, comido pela urubuzada vadia. Vamos tratá o serviço malfeito com óleo de andiroba. Pode ser que, com as pressas, não tenham acabado de fazê a desgraça. Vocemecê poderá ser meio-homem. Há mais de um assim por essas beiradas. Muié alheia é sempre um precipiço por estas bandas, doutô.

B

Segadais afastou-se do Madeira, porém os têrmos da carta, o banho no chiqueiro dos suínos, as cacetadas aviltantes, a punição no cedro e a fuga num pequeno regatão, com as barbas crescidas e azulão de marujo, espalharam-se nas asas da intriguice ribeirinha. Aumentou-se tudo, dividindo-se as opiniões, e alguns não acreditaram na resistência de Maria-da-Luz. A moça do sinal, como se tornou conhecida, pagou a sua inocência no comentário popular, nas conversas dos regatões, invejosos da prosperidade e indiferença do coronel aos negócios dos motores e batelões. As notícias, ao longo dos rios, espalham-se fàcilmente.

— O doutô foi macetado, tomou banho de chiqueiro. Foi pegado dentro do quarto. Home de corage! O doutô se despedia e a patroazinha ficava com sodade, olhando a cabeça veadeira de Setembrino.

Os inimigos políticos do coronel romanceavam os acontecimentos, mandando cópias para Manaus. Segadais virou um tipo novelesco, saltador de cêrcas e janelas.

Quando surgia qualquer enxovalhe contra um catega, ou briga em casal, ouvia-se a frase ferina:

— Segadais também vadeiou por ali!

Era o pomo de curiosidade e discórdia entre solteiros e casados. Deploravam-no as moçoilas, no inverso da história. Quando um pretendente qualquer não se afoitava para o casamento, perdendo ocasiões de cêrco ao sexo, recebia o trôco desdenhoso:

— Vai-te embora, Segadais! Vai pr'o chiqueiro dos porcos!

Nessa época, mesmo nas senzalas da politicagem, ferro em brasa marcava o indivíduo, como letras candentes em lombos de alimária ou peles de borracha. Surras estigmatizavam os rebeldes, na cadeia ou nas ruas. Escrever nas fôlhas, ou censurar nas esquinas, acabava em agres-

são a chibatas de peixe-boi, ensebadas e flexíveis. O foliculário gabava-se da punição, que levara às costas, tatuadas por vergalhos em mãos de capangas, ou claramente, por esbirros policiais. Podia ser também sumàriamente deportado, embarcando entre assobios e batecum de latas, coroado de achincalhações e misérias. Originou-se um processo emasculador, que aviltava para a vida inteira. Amarrava o rebelde a um tronco, onde se cevavam malandros já industrializados para êsse fim, tirando-se fotografias para a infame propaganda. Atentados sexuais eram punidos com o assassinato ou a castração, mesmo quando possível "reparar o mal". Em certos seringais do alto, na fase de colocação sòmente de homens, não eram respeitadas as velhas.

— Usando saia, só escapa juiz e padre. E por muito respeito e devoção.

* * *

Fábio recebeu ordens para fiscalizar os seringais do Machado, onde os brabos enfrentavam os primeiros obstáculos do desbravamento. Embarcavam em batelões com remos à voga, em que tinham preferência bolivianos, — sirga nas praias, arrastação nas cachoeiras e varadouros.

Abarrotado de mercadorias na subida, deveria descer abarrotado de borracha. Iniciava-se a viagem penosa, ao sol e à chuva, calculando-se o entardecer para qualquer barraca ou tapiri, onde se pernoitava e de onde se saía pela madrugada.

— Lá vem tempo, Crisoste!

Continuava-se a faina: pouco depois das primeiras impulsões das vogas, aproveitando restos de claridade, um vento frio agitava as árvores, anunciando a chuva.

Despiam-se todos, resguardando as roupas em sacos de seringa, enquanto bátegas geladas lhes cortavam os corpos. As bôcas tremiam, soltando frases entrecortadas pelas convulsões dos lábios. O vento carregara as chuvas nos braços, mas uns fios teimosos recomeçavam, enchendo os porões da embarcação.

— Tira a água! Lá vai a cuia! Cuidado com o encerado da farinha!

Corriam tragos de cachaça; não se podia fumar sob o aguaceiro e café só o da manhã. Os queixos tatalavam, como de queixadas, sob sucessivas rajadas.

— Remem, até o almôço. Jabá assado de manhã com farinha molhada. Bem se diz que a vivença, no interior do Amazonas, é pau na mão e pau no trazeiro!

— Mais respeito! Padre Silveira pode estar acordado.

— Conversem à vontade. Faz de conta que o Padre não vai aqui. Estão perdoados. Isto já é purgatório, e purgatório porque não há fogo. Só chuva. Vou debaixo do toldo e vou sofrendo. Imagino vocês! Precisamos chegar às cachoeiras depois de amanhã. Passem um trago!

Padre Silveira só era verdadeiramente sacerdote, quando vestia batina e desembarcava nos barrancos. Era bom viajar em sua companhia. Além de boa sorte — andar ao lado de um homem abençoado, os remadores eram recebidos com agrado nas barracas, — café quente, mantas de pirarucu, cachos de banana, tudo para o reverendo.

Nos pernoites, dormiam nas varandas abertas: a rêde do padre era atada mais para dentro, perto do quarto do seringueiro.

Fábio observava aquelas desobrigas no Machado. O próprio padre tinha de perder o acanhamento natural e transformar-se em negociante. Recebia auxílio para a igreja, pagamento de batisado e casamentos em espécie.

— Embarcaram 250 quilos. Cem do coronel, cinqüenta do padre Silveira. Dos 150 deixados pelo velho Aleixo, falecido por mordidela de surucucu, 50 são para dizer missa!

Ao final da viagem, o padre trazia o seu carregamento. Levava um diário, em que assentava batisados, consórcios, confirmações, missas, esmolas para São Francisco Canindé, São Sebastião, Santo Inácio, São José de Ribamar. Eram os maiores credores, pela devoção dos seringueiros.

— Preparem-se para atracar em "Bom-Destino!"

Suspenderam as vogas. O batelão enfiou levemente a proa entre os araçás da margem.

— Amarrem! Ó de terra, não ouviram a buzina? Venham buscar o rancho! Zé Vicente, vai à barraca. Tudo cerrado, nem pôrto e escada. Êsse pessoal não tem vergonha. Dá o terçado para abrir vereda. Aqui só veve capivara! Que invadiação do diabo!

Pularam dois remeiros e abriram passagem, amassando os moris e cortando aqui e acolá.

— Ó de casa! Nem cachorro, nem gente. Parece que se mudaram.

Mudaram-se mesmo, mudaram-se para sempre. Zé Vicente voltou à ribanceira.

— Padre Silveira, seu Fábio, venham ver! Morreram todos. Só osso!

Todos subiram até à barraca, roída de cupim e enrolada em melão-de-são-caetano; pendiam as cabacinhas das ramas, rubras como flores de sangue. Dentro, farrapos de rêdes, de mosquiteiros, crâneos e ossos pelo jirau, já sem carne. Uma criança escapara à destruição, numa redinha alta. Lá estava sequinha, cirandada por formigas de fogo.

Estavam acostumados a tais cenas. Muitos seringueiros, egressos dos centros habitados, morriam de febre-negra ou beribéri. Morriam à míngua, tremendo ou imobilizados nas rêdes, sem socorro de ninguém, com as pernas inchadas, sem poder andar, até o cinto infernal, que asfixia devagarinho, abafando o coração. Tinham morrido há tempos; varejeiras, mucuras, torós, urubus devoravam os corpos.

Padre Silveira encomendou os restos, enterrados num só buraco; arrecadaram-se as peles de borracha, os trastes miseráveis. Mosquiteiro, rêdes e roupas, caíam em molambos.

— Vamos embora. A borracha vai para o coronel. Há-de entregar o saldo ao padre Silveira para os tijolos da capela.

Retornaram ao batelão, fitando os últimos restos de vida, que ficaram daquelas mãos desaparecidas — mamoeiros, fruteiras, roças com as raízes escavadas pelos bichos.

* * *

Fábio levantava o censo de vivos e desaparecidos. Preenchiam-se os claros, com brabos novos, que utilizavam, não raro, os pertences deixados pelos mortos. Levas de brabos desembarcariam dos gaiolas, no alvorecer do século, quando os seringais eram o encantamento e a perdição dos sertanejos, sangrados pelas sêcas.

A açudagem era incompleta, e o sul não oferecia maiores possibilidades aos retirantes. Só a Amazônia, ilusória e misteriosa, entreabrindo os boqueirões aos trabalhadores. Centenas morriam, milhares se salvavam, carregando o Brasil nos ombros magros.

Transpostas as cachoeiras, visitados os centros de aviamento, regressava a embarcação, acrescida de passageiros, — seringueiros com saldo, ou doentes, que vinham restabelecer-se nos beiradões. Alguns substituíram remadores enfermos, mortos, ou que ficaram nas colocações, fascinados pelo número de galões de leite. A volta era mais fácil, nas milhas das correntezas.

"Todos os Santos ajudam na descida" — desmentia-se nas corredeiras do Machado, onde, pulando tombos, o batelão poderia desgarrar, rebentar-se de uma vez, perdendo-se o esfôrço de um fabrico.

— Todos os santos ajudam nos rios mansos. Também não há necessidade de ajudarem na correnteza. Quero ver é navegando cabeceiras no frenesim das pedras...

— Cala a bôca, Zé Vicente! Parece crente miserável...

Calaram-se, à reprimenda de padre Silveira, supersticioso naquele mundão de tantas surprêsas. Canoas naufragavam em rios calmos, sem vento e em pleno sol, tragadas, de repente, por um rebojo escondido, que estourava em funis anelados.

— Cala a bôca! Lembra-te do sírio Amud, que não freqüentava a igreja e foi comido pelo rebojo do "Paraíso", em frente de todos, sem ninguém para socorrer.

Zé Vicente curvou-se à evidência, mas rosnou:

— Não há poder de santo nos peraus. A canoa do turco ia cheia de pedra e êle não sabia nadar.

* * *

Transpostos os araçàzeiros da foz do Machado, o batelão bubuiava à flor do Madeira; os remadores estavam próximos ao seringal e podiam descansar: hélices invisíveis empurravam a embarcação. Dentro em poucas horas, os telhados vermelhos do barracão mostravam-se à distância; cintilavam, ao sol, os zincos dos paióis. Era uma alegria a chegada — chegar do Machado, do Jamari, sem doença alguma.

A alegria foi maior ainda. O navio da linha aproximava-se do pôrto, desembarcando mercadorias e novidades. Os remadores afundaram as vogas, que rangeram nos tornos do batelão: firmavam os pés nos bancos e arrancavam remadas fenícias; queriam alcançar o navio no pôrto, comprar algum cheiro ou garrafa de cachaça no

camarote do despenseiro. Dois apenas consultavam notas, surdos à algazarra; padre Silveira ressomava seus quilos de borracha; Fábio revistava o censo de vidas e mortes no macabro livro, alinhavado a lápis, entre borrachudos e chuvas, ao longo de estirões e cachoeiras.

Daria, em breve, o balanço ao proprietário: seringueiros morriam devendo e não havia para quem apelar; mulheres e filhos, quando existiam, respondiam pelos compromissos.

Quando viúva, poderia casar-se com seringueiro de saldo, novo ou velho, — e o equilíbrio seria perfeito. Balanceavam-se as contas, e a vida prosseguia, nos mesmos centros do falecido.

O navio da linha despejava uma turma de nordestinos. Palestravam com os veteranos, contando novidades.

— Tu vai perdê sustança. Basta vê o batelão que chegou do Machado. Moradeiros com inchaços não fartam...

Muitos estacionariam nos beiradões, como vacina de aclimatação; outros, solteiros e afoitos, entrariam logo. A aprendizagem seria no próprio local. Em poucas lições, na era dos machadinhos, o brabo aprenderia a sangrar, cortar, colhêr e defumar. O período da faca veio depois, ante a perda de milhares de árvores. Não havia solução rigorosa e qualquer borracha podia ser vendida.

Brabo sadio era encurralado nos centros longínquos, onde o pressionismo da selva, sem um ser humano para brigar, lhe tiraria qualquer valentia. Viver já era uma grande conquista. Colocado à beira da estrada, sentindo a solidão constante, tinha um objetivo — ganhar dinheiro, sair dali, liberto para outras atividades. Desembarcaram todos e foram aglomerados num telheiro, onde as rêdes se entrecruzavam. Alguns já se orgulhavam de alguma economia, amealhada a bordo, ajudando a carregar lenha nos entrepostos do Pará e Baixo-Amazonas.

Havia uma inquietação na carga humana: êstes não apresentavam condições para o centro; aquêles partiriam imediatamente. Era a distribuição para a aventura.

Despediam-se, entre graçolas e basófias; muitos não voltariam mais, sepultados na selva, como húmus para futuros descobrimentos.

Formavam filas no portão, frente ao escritório, e conheceram o coronel.

— Que diabo! Aí está o home! Cultivou mato, teve febres. Mete inveja aos moços com tanta braveza.

Aproximou-se o coronel: apertou as mãos dos brabos, um a um, palestrando sôbre costumes nordestinos.

— Vocês vão gostar. Estranham um bocado no começo, depois não querem sair. Eu também entrei assim, e o Machado não tinha gente como agora. Nem sombras do que foi. Boa-viagem e até lá!

C

Fábio passara o dia no escritório, levantando o mapa da distribuição dos trabalhadores pelos centros, preenchendo os claros, de acôrdo com as novas colocações.

Os adeantamentos semanais, feitos no Machado, pelos aviados que vendiam as mercadorias com as tributações de fretes, aumentavam cem por cento.

Encareciam, pelos estorvos de transporte nas cachoeiras: o batelão era desocupado, e os caixotes passavam ao lado oposto, ou nas lombadas de burros.

Submetiam-nas os aviadores a novos cálculos, a fim de serem revendidas aos seringueiros, ansiosos por trabalho remunerativo: até então, sòmente despesas. Gastos do sertão para Fortaleza, diárias nos hotéis, passagens para o Madeira e o Machado. Trem, navio do "Lóide Brasileiro", gaiola da "Amazon River", batelão de voga para o alto. Um ano de produção, mesmo nos seringais fartos, já estava comprometido. O coronel conhecia os centros, que fundara em sucessivas viagens de desbravamento, tinha de cor o número de machadinhos, a coleta de cada ano. Havia uma fase preparatória. Quando o extrator era vadio, faltoso nos cortes, com desculpas de roças e doenças, recebia ordem de transferência para uma estrada magra, de poucos galões de leite. Endividava-se, porém os adiantamentos iam cessando, ensinando-o a trabalhar para viver. Não poderia mudar-se sem pagar a conta, ou encontrar quem se responsabilizasse pelas dívidas.

Tornava-se difícil enganar o novo patrão.

— De onde vem? Mostre as contas para novo arranjo. Mesmo, não gosto de disputas com o coronel Moreira, meu amigo. Foi quem me estendeu a mão.

O pretendente apresentava a papelada, defendida no saco de seringa. Dependia do patrão, até que alguém assumia integral responsabilidade.

As contas explicavam o procedimento, argumentado pelo deve e haver. Cifras e não conversa fiada.

— Vocemecê deve quatro contos. Não vejo preço de remédios. É solteiro, não teve febre. Comprou muito e produziu pouco. Quanto dava sua estrada?

— Oito galões, nhôr sim.

— Mudou de colocação?

— Não.

— Não pode ficar aqui. Oito galões dão saldo no fabrico. Desculpe: vocemecê andou vadiando. Vá enganar outro, ou volte pr'o seu lugar.

Seria inútil qualquer explicação. Zé Feitosa alegava desculpas. Primeiro mês na colocação; levou dois meses a acostumar-se; caiu-lhe cupim nos olhos, quando sangrava a bicha; pensou que perderia a vista; deu uma topada e não podia andar; teve de ajeitar a barraca, limpar onde não havia esteio [illegible] a tipóia.

— Tudo isso de [illegible] atraso. Depois... os preços das mercadorias estão pela hora da morte.

— Vocemecê não serve. Além de tudo, é revoltoso. Preço de mercadoria tem de ser assim mesmo. E como outros tiram saldos em estradas chabocadas? Espere o batelão para a volta. Vá roçar campo. Tem de pagar a bóia e a passagem.

Era o bloqueio tropical: morreria, fugindo pelo mato ou pelo rio; não encontraria colocação em outros seringais. Tinha de voltar à mesma estrada e criar coragem. Vadio não resistia e servia de motejo até às mulheres velhas, que escolhiam companheiros moços, vendo, como principal qualidade, o comparecimento assíduo às estradas.

— Baco-baco em primeiro lugar; homem vem adispois. Há muitos por aí nas horas vagas...

* * *

Fábio Moura admirava os pioneiros do desbravamento, que se tornaram proprietários pelos capitais do próprio suor, sem assistência oficial, vagando pelo estuário verde. Modelara o espírito nos anos de seminário, curvado à leitura dos conquistadores de mares e países, em

Vamos melhorar e voltar para o Madeira. Ou morreremos aqui, sem padre Silveira para encomendar.

— Ninguém volta e ninguém vai morrer. A febre passa, fica-se com saúde, continua-se a exploração. Homem de verdade não teme o perigo. Vamos para diante. Mesmo que o navio naufrague, todos podem escapar, mas o comandante tem de morrer no mastro e no mar.

Mal podia falar. As palavras saíam em estertor. Tomavam pílulas Gusmão, de fabricação local, e venciam a floresta. Estavam ali para êsse fim. Todos reagiram e seguiram para a frente. A amizade e a coragem revelam-se melhor nas horas tempestuosas, quando os duvidosos procuram a fuga e os incertos inventam disfarces para o próprio comodismo.

* * *

Prosseguiam na subida tortuosa do rio desconhecido, caminho de riqueza e morte. Amarelava-os o paludismo; borrachudos e maturis sorviam-lhes o sangue. Caças grandes e aves fervilhavam. Finda a soalheira, descia a noite, emparedando-os mais. Jantavam cedo, ainda com sol, e se metiam nos mosquiteiros, vencidos logo pelo sono até o romper da madrugada.

Sombras ameaçadoras envolviam-nos, acelerando perigos, que destruíam a vida.

Fábio lera bastante sôbre as noites na selva, sôbre a "selva adormecida", e observava que a selva não dorme jamais. Alegra-se com a luz, mas, na escuridão, vidas diferentes se agitam. Morcegos bolem nas fôlhas, bichos e aves acendem olhos rubros, farejando as prêsas.

Ouviam-se urros de onças, seguindo-se-lhe gemidos de cotia, sangrados com sofreguidão. Sucurijus pegajosas preparam os botes nos baixios e bamburrais. Nas noites tenebrantes, escorria sôbre as criaturas uma harmonia funérea, e os raios das estrêlas, perfurando folhagens em lustres verticais, lembravam velórios intermináveis.

— Está ouvindo, Zé Comprido? Aquêle foi comido pelas pintadas. Estão rondando o tapiri. Vêm do gapó e do garapé. Não é bom dar um tiro e acender o farol? Vivemos que nem dentro de breu. Só se vê a cruz do céu lá em cima.

— Deixa de mêdo. Pintada foge de cheiro de homem.

— Nosso Senhor só entra em casa que tem farol aceso. Dormir em tapiri aberto! Buraco de paca tem mais segurança.

Vamos melhorar e voltar para o Madeira. Ou morreremos aqui, sem padre Silveira para encomendar.

— Ninguém volta e ninguém vai morrer. A febre passa, fica-se com saúde, continua-se a exploração. Homem de verdade não teme o perigo. Vamos para diante. Mesmo que o navio naufrague, todos podem escapar, mas o comandante tem de morrer no mastro e no mar.

Mal podia falar. As palavras saíam em estertor. Tomavam pílulas Gusmão, de fabricação local, e venciam a floresta. Estavam ali para êsse fim. Todos reagiram e seguiram para a frente. A amizade e a coragem revelam-se melhor nas horas tempestuosas, quando os duvidosos procuram a fuga e os incertos inventam disfarces para o próprio comodismo.

* * *

Prosseguiam na subida tortuosa do rio desconhecido, caminho de riqueza e morte. Amarelava-os o paludismo; borrachudos e maturis sorviam-lhes o sangue. Caças grandes e aves fervilhavam. Finda a soalheira, descia a noite, emparedando-os mais. Jantavam cedo, ainda com sol, e se metiam nos mosquiteiros, vencidos logo pelo sono até o romper da madrugada.

Sombras ameaçadoras envolviam-nos, acelerando perigos, que destruíam a vida.

Fábio lera bastante sôbre as noites na selva, sôbre a "selva adormecida", e observava que a selva não dorme jamais. Alegra-se com a luz, mas, na escuridão, vidas diferentes se agitam. Morcegos bolem nas fôlhas, bichos e aves acendem olhos rubros, farejando as prêsas.

Ouviam-se urros de onças, seguindo-se-lhe gemidos de cotia, sangrados com sofreguidão. Sucurijus pegajosas preparam os botes nos baixios e bamburrais. Nas noites tenebrantes, escorria sôbre as criaturas uma harmonia funérea, e os raios das estrêlas, perfurando folhagens em lustres verticais, lembravam velórios intermináveis.

— Está ouvindo, Zé Comprido? Aquêle foi comido pelas pintadas. Estão rondando o tapiri. Vêm do gapó e do garapé. Não é bom dar um tiro e acender o farol? Vivemos que nem dentro de breu. Só se vê a cruz do céu lá em cima.

— Deixa de mêdo. Pintada foge de cheiro de homem.

— Nosso Senhor só entra em casa que tem farol aceso. Dormir em tapiri aberto! Buraco de paca tem mais segurança.

Embrulhavam-se nas rêdes e conversavam até novo assalto do sono. Teriam de levantar pela madrugada e continuar nas trilhas da descoberta, varando corredeiras com as igarités e arranhando as mãos nas pedras.

— Cuidado! Quebrando a canoa, ficamos perdidos. Lá se foi a quilha. Só machados e terçados para abrirem cascos de índios.

Ao entardecer, nas dobras da cachoeira, viram o horizonte toldado de azul-escuro; eram serras sem-fim, em cujas encostas o sol parecia descer para também dormir. Eram pelotões de seringueiras com as cascas prêtas lustrosas; o leite pipocava, coalhando-as de chôro alvo. Copaíba, castanha, cedro enfileiravam-se. Rastros frescos denunciavam queixadas e antas: mutuns passeavam, mostrando a costa azul-escura e os bicos encarnados.

Estácio Vale abarcava o cenário com os olhos deslumbrados; vencera a expedição, — transpuzeram saltos, descobriram o rio Prêto, incorporando-o à economia do Madeira.

— Acabamos a subida, rapazes! A descida vai ser ligeira. Vencemos, graças a Deus, e voltaremos amanhã. Fábio, que é meio-padre, vai rezar por nós todos.

Em silêncio, baixando os chapéus de pano ou de carnaúba, os heróis anônimos agradeciam os dias de luta e pediam saúde. Nenhuma frase a mais para solenizar o feito, sem o menor valor para os expedicionários, acostumados a refregas contra Parintintins e brabos que fugiam.

Breve, voltariam novamente, sob o mesmo comando, desta vez para explorar seringais, dominando o deserto verde. Definindo os objetivos da expedição, Estácio ergueu "Firmeza", à margem do Madeira, onde correntezas se entrelaçavam, derrubando embaúbas.

Firmeza na expedição, firmeza na exploração comercial, firmeza nas convicções.

* * *

Outras incursões se efetivaram. Foi com homens temperados ao sol e à chuva que se descobriram o Machado e o rio Prêto, o Jamari e o Candeias.

Nem sempre decorreram vitoriosas tôdas as viagens. Mateiros houve que nunca mais regressaram; selvas brutas lhes guardam os restos, escarnados pelos bichos. Outras vêzes, sobras de vanguardas dissolvidas vinham narrar a crônica da derrota. Mas, de temeridade em teme-

ridade, as colocações foram surgindo e dominando os altos rios. Levas nordestinas e caboclas sucediam-se para substituir e vingar os que morreram; enchiam-se de trabalhadores os batelões; os proprietários construíam armazéns à margem do Madeira; serviam de sanatório aos enfermos de febre negra e paludismo, ou de depósito para os navios da linha, que se abarrotavam de produtos para Manaus.

Fábio Moura admirava aquela gente, que se apropriara dos seringais, como intrépidas coortes de batalhadores. Mutilados nas viagens longas, não se consideravam vencidos; queriam a recuperação da saúde para novas lutas nas cachoeiras.

O desbravamento cabia àqueles aventureiros denodados, sem apoio em governos e companhias de imigração. Um dia, pela voz de seus historiadores, o Brasil teria de reconhecer a energia daquelas expedições, tão extraordinárias como as das bandeiras.

D

As sêcas e os desvarios políticos devastaram os sertões, corroendo o cerne de velhos troncos familiares. Fábio cursava o seminário do Crato, quando desabou uma das maiores estiagens do fim do século, bebendo rios, açudes e cacimbas. O leito do Batatais fulgurava nos areais e não oferecia água, mesmo cavando metros a dentro. Salvaram-se apenas minguadas fontes na Serra do Araripe, que não supriam as precisões do gado e do homem. O superior do seminário, na impossibilidade de manter o internato, aconselhou a retirada dos alunos. Muitos não regressariam mais. Os dezoito anos de Fábio foram envelhecidos, de momento, pela determinação — sair do seminário e, pela ruína da família, desesperada pela morte dos seus chefes, procurar o destino em outras terras.

Constituía supremo ideal, nas fazendas sertanejas, a escolha de um filho para a tonsura, e essa escolha recaíra em Fábio, o mais franzino dos irmãos, porém acostumado a peregrinações desenfreadas, em cavalos trotadores.

Não compreendeu, a princípio, o internamento para tal fim; após alguns meses, curvou-se à vocação para o misticismo.

Os pais fazendeiros dominavam vastas léguas nas imediações da cidade, sempre em rixas politiqueiras, naturais no tempo, apoiados a cabras no cangaço.

— Era só tocar a buzina de chifre. O chão fervilhava de cangaceiros, com facões à cintura, ansiosos pelos esfaqueamentos peito a peito, ou tiroteios à tocaia, rebolando no areal e nas abas da casa. Perseguido pela polícia, o cabra dava um pulo dentro do cercado e ninguém ia tirá-lo dali. Estava sob a proteção do fazendeiro. Furriéis e soldados, que vinham em diligência, pediam licença para transpor o portão.

Predominavam hábitos patriarcais, porém os maiorais constituiam exceção em matéria sexual. Um dos chefes, de rígida honestidade comercial, era responsável por herdeiros extra-legais, calculando-se-lhe mais de quarenta, sendo oito apenas do casamento. Registrava-os superiormente, seguindo os costumes dos antepassados, que serviram na Assembléia Estadual, na Guerra do Paraguai e nas lutas municipais, desde o fuzilamento do general português Pinto Madeira. Muitos herdeiros provinham de mulheres que moravam nos sítios circunvizinhos, às quais prestava a necessária assistência.

Quando percorria léguas a cavalo, no supervisionamento das moagens de agôsto, havia cuidado com as mulheres novas, sempre ameaçadas pelos pulos do galo insaciável, alimentado a carne-de-sol, leite mugido e rapadura.

Respeitava religiosamente os lares, mas viúvas e trintonas não escapavam à ronda voraz. Uma prima tentou apunhalar-se para não ceder, — e escapou, talvez a única.

Descendendo dessa estirpe, torrado pelas soalheiras dos sertões, crivado de contendas e mulheres, Fábio fôra selecionado para a sacristia!

Quando cedeu à intimação paterna, considerou-se em encurralamento, numa provação para purgar os erros alheios. Deixar o cavalo, os passeios pelos caminhos encajueirados e serras de cheiro lascivo, as serenatas de flauta nos sítios e ruas do Crato, na mesma seqüência dos cancioneiros antigos, — deixar tudo isto para a clausura do seminário, a montante da cidade, num morrote, como um castelo de silêncio.

As madeiras-de-lei, empregadas no velho casarão, ofereceu-as o pai fazendeiro, cortadas em suas propriedades da serra. Ficou incluído entre os protetores do Seminário, como, de resto, em muitas obras da cidade florescente, ponto estratégico dos sertões, servindo ao Ceará, Piauí, Paraíba e Pernambuco, em assuntos comerciais. Generoso e destemido, era admirado pelos contemporâneos, que lhe perdoavam certos pecados. Defendia os perseguidos, mas não vacilava contra qualquer ordem absurda. Mandassem lá para a Capital e deixassem os pobres em paz!

Fábio curvou-se à vontade paterna e imergiu nas arcadas do Seminário, onde, naquele tempo, se rezava em latim e se liam clássicos, durante as horas das refeições.

* * *

Outros seminaristas desligaram-se também, empurrados pelas aperturas da fome. Teriam de palmilhar estradas poeirentas, ver árvores espectralizando a paisagem, carcassas de bois, crianças morrendo em seios mirrados. O Superior reuni-os no auditório para as despedidas, que fortaleciam os corações, enchendo-os de esperanças e desesperos. Era uma solenidade triste.

Fábio, decurião da turma, quase não podia expressar os agradecimentos dos colegas, que partiam para o desconhecido.

O vento uivava, pintando de poeira as ruas e as estradas. Não havia galhos e fôlhas verdes: os gravetos entrebatiam-se, como braços esqueléticos, acenando para a morte. O sol esbanjava-se nos descampados. Nenhuma nuvem pejada de umidade, nem para os lados da Serra do Araripe, de onde provinham vagas esperanças.

Caminhando de um lado para outro, como se ministrasse a última lição, o Superior falou, com as mãos estendidas para a cidade. Era a despedida do Seminário, onde mourejaram anos seguidos, orando e aprendendo, enquanto as tentações fremiam por aí afora.

Tivessem coragem. Partiriam e voltariam para ouvir outras missas, talvez na mesma capela; deveriam levar os sofrimentos do berço no coração e nenhuma queixa ter, porque à terra materna não cabe a culpa das catástrofes; fôssem iluminados pela coragem dos adolescentes e, com a cruz inundando a alma, conquistariam a tranqüilidade do futuro.

Nem o Ceará seria arrazado permanentemente pelas estiagens, nem o Amazonas pelas inundações. O vale sêco e o vale alagado completavam-se, como se completariam os homens na fusão de energias para a exploração de áreas incultas. O Ceará, naquela hora, era um coração que disparava e, a fim de não estacionar, jorrava o sangue dos seus filhos para o Norte e para o Sul. A Nação reconheceria, mais tarde, a extensão dêsse sacrifício e, vencidos os atropelos da sêca, continuaria, como uma implacável moenda, a sua moagem para entornar caldos de cultura, que o salvassem do pauperismo e do aniqüilamento.

Eram jovens, abandonavam família, companheiros de folguedos, partiam em hora incerta, mas deviam conduzir o calor daquela estiagem no espírito, a fim de que se iluminassem e iluminassem as veredas por onde transitassem. Alguns estavam destinados à carreira eclesiástica,

— e seriam, por certo, sacerdotes leigos. Recebiam, naqueles instantes, uma tonsura, — a responsabilidade de direção. Eram sacerdotes leigos e teriam de auxiliar os próprios irmãos.

Outras sêcas, em seguimento à de 77, caíram nos sertões, dizimando a riqueza e o esfôrço, mas não apagaram a chama de amor nos filhos obrigados ao êxodo. Estavam no fim do século, na manhã da era republicana.

Partiriam com o símbolo do Seminário na cabeça, — o silêncio das orações, o sussurro dos salões de estudo, o barulho dos recreios. E venceriam.

Houve chôro. Fábio, o mais atingido talvez, não derramou uma lágrima. Chorava por dentro, como dizia sempre, quando lhe censuravam a aparente indiferença. Sabia que, com a despedida do Seminário, findava o compromisso eclesiástico, forçado a deixar o teto paterno, a caminho de um mundo ignorado.

O sofrimento galvaniza o homem, quando os instintos não vencem o espírito. Fábio era um crente. As palavras do Superior, após a derradeira missa e o derradeiro sermão no auditório, em que assistira a tantas festividades, cantavam-lhe na fronte nessa viagem pelo rio Prêto, dando-lhe maior resistência na renúncia, — renúncia de ambições, porque renunciar à luta seria retroceder e morrer.

* * *

— Você deveria ter ficado na cidade, — funcionário, professor, empregado no comércio. Não tem fibratura para cortar pau e viver no mato. Isto retorce até os padres no juramento de celibato e pobreza.

Fábio sorria aos conselhos do padre Silveira, também nordestino, enrijado nas desobrigas do Jamari e do Madeira. O ambiente modificara transitòriamente os escrúpulos do padre, embora lêsse diàriamente os Evangelhos.

Nas viagens de canoa, despia a batina e, de dril azul, remava e engolia o seu copinho de conhaque contra o frio. Perdia o acanhamento.

Dormindo em Santo Antônio, na capela pobre, refúgio de ratos e morcegos, temia surtos palúdicos, mas não interrompia a viagem. Fiscalizada por uma beata idosa, a capela abria as portas nos novenários, como, de resto, acontecia com outras, erguidas às margens dos lagos e dos rios. Envolvidas pelos espinhais das capoeiras

cerradas, ficavam expostas aos cupins e saubais. Levavam santos e fitas para as barracas. Anunciada e visita do Padre, corriam os lavradores a bater mato, abrir caminho e escavar degraus nos barrancos. Lavavam a sacristia, onde iria dormir o vigário, assistido por alguma ovelha prestimosa, que tratava da alimentação e da roupa.

— Não sei o que pensa esta gente, rosnava o padre Silveira. Padre come cabidelas, sarapatéis e não dá saída a êsses ingredientes.

— Como assim?

— Para onde se dirige, vai gente atrás — meninos, mulheres. Só o banheiro ainda é uma desculpa e um derivativo. Já se viu absurdo igual? Tenho ganas de dizer:— Padre tem necessidades como vocês. Vão embora. Já tive até desarranjos pela continência forçada.

Uma vez foi surpreendido, altas horas da madrugada, nos cerrados marginais à cachoeira. Fábio imaginou-o em delírio febril e saiu-lhe no encalço, receioso que se despenhasse das ribanceiras e se ferisse nas lajes.

Padre Silveira dirigiu-se simplesmente à barraca da Zefa Mixira, escondida entre goiabeiras e capim alto. Demorou-se e, ao regressar, olhando para os lados, viu Fábio na maqueira de tucum, em embalos lentos. Zefa Mixira trouxera a antonomásia do marido, que era arpoador de peixe-boi. Sabia preparar a mixira: segundo suas explicações, tem carne de peixe, de porco e de boi.

— Tirada a parte gordurenta, aparece logo o lombo do peixe, depois o do capado, depois o do boi. O rabo, que nem pá de lancha, a gente assa na hora e é mesmo que nem queijo manteiga. A carne dá na fraqueza e é reimosa.

Eram as explicações de João Caboclo, que passava horas e dias em perseguição ao peixe-boi, pastando no capim novo, à cabeceira dos lagos ou nas pontas de praias.

Padre Silveira pigarreou. Prestar assistência àquela hora dá trabalho, num lugar de falatório.

— Tome cuidado, padre, com essas confissões fora da capela. Olhe que a Zefa Mixira pode virar mula sem cabeça. Vocemecê vai à paisana, às caladas da noite. Não tem mêdo de um tiro ou queda na cachoeira?

— Nada! O João Caboclo foi atrás do peixe-boi e pediu que eu olhasse pela mulher. Anda doente. Fui deixar-lhe remédios.

Os filtros da natureza bravia tudo transformam, saúde, responsabilidades, vergonha.

Padre Silveira tomava os seus abres de conhaque ou cachaça, sorria às anedotas e prestava assistência à Zefa Mixira.

Presidia aos festejos, desempenhava as funções sacerdotais e regressava à vila, envergando a batina nova, com algum auxílio para construir a igreja.

No fundo, à parte essas férias, era um altruísta, que amparava os enfermos e não deixava ninguém morrer em pecados, pagasse ou não pagasse o batizado.

À hora da missa, verberava as licenciosidades com palavras de fogo e abria os portões do inferno aos seringueiros.

— Não há salvação, dizia Luís Sucupira. A gente vive sombreado. Vivemos num inferno e vamos para outro inferno. Será pior que êste?

Padre Silveira ralhava muito: se a terra é um inferno, o outro, o de Belzebu, não tem comparação. Procedendo bem, dando peles de borracha para a igreja, já se vê uma lasca do céu verdadeiro. Todos erram, até o padre tem erros humanos, mas não é razão para descrer do céu. Nas sêcas, o retirante ainda poderá correr pelas estradas, — sair para cidades ou outros lugares a pé ou a cavalo. Aqui, não há para onde correr, — cair na mata, ou desaparecer nos rebojos, se não conhecer os seus mistérios e duvidar de Deus.

Padre Silveira obrigava-os à missa e à confissão. Alguns bêbedos vociferavam, mas acabavam cedendo.

— Qual malandragem? Bebida, mulher, rixa? São até válvulas contra maiores males. Temos de escurecer a vista e esquecer certos pecados. O mesmo pecador, em outro ambiente, não os cometeria. Para que a reclusão e a abstinência? Já é uma prova de esfôrço terem vivido. Sem essas válvulas, praticariam maiores crimes. Não se recorda do seringueiro que amarrou a mulher nua num tronco de popunheira? Soube da traição e imaginou o castigo. Quando a infeliz pensava que fôsse aquela a punição, — espinhos a se lhe cravarem no corpo, Mané de Sá trouxe uma quicé amolada como navalha. Pelou-a tôda, com água quente, como se pela um porco. Esfolou-a para moquear no braseiro, mas a pobre já estava morta. Temos de implantar a fé por bondade e cacête. Faz-se mister coragem. Padre-pioneiro que vem para o desbravamento, é também expedicionário, diferente de vigário de secretaria.

Fábio entressorria lembrando-se de Santo Antônio e de Zefa Mixira, que sabia cozinhar durante o dia, mas

enfermava à noite, na ausência do pescador, e suplicava assistência de medicamentos.

* * *

Santo Antônio era um vilarejo, onde o diabo perdeu as botas. Houve movimento e confusão — jangadas de cedro e borracha, que desciam pelas cachoeiras, gaiolas pequenos que supriam os armazens, depósitos de comerciantes nos cabeços de correntezas, em direção à Bolívia.

Perambulavam mulheres de arribação, devoradas por febres e enfermidades secretas. Tentativas para uma ferrovia haviam falhado; outras emprêsas se articulavam para contornar 400 quilômetros, fechados aos navios. Seringueiros arrastavam as pernas com chaboques de borrachudos.

Pernas e coxas de certas mulheres exibiam manchas escuras.

Animava-se, na última noite, o leilão, em seguida à ladainha: seguiam-se-lhe as festas, em benefício da capela.

Rezado o têrço final, padre Silveira retirou-se severamente para o quarto especial no barracão. Precisava inspirar confiança aos seringueiros. Roncaram os rifles e começaram as danças, ao som da harmônica e cavaquinhos. Pela manhã do mesmo dia, na mesma sala, estavam dois defuntos, estendidos nos bancos de paxiúba.

— Êsses desgraçados já estão fedendo, e nada de gente para abrir a cova. Se não abrirem, teremos de oferecer isca aos candirus. Não há caixões. Isso é luxo aqui. Vão ser enterrados dentro das rêdes, se não prestarem mais.

Receosos de forró com defuntos no terreiro, alguns rapazes abriram as covas ali perto e, com as bênçãos do padre, podiam dormir à vontade, enquanto os demais se divertiam.

— Para lá vamos também. Nada de chôro. A vida aqui ainda é mais curta. Dança, rapaziada! São as ordens do doutor. Manda dizer que o peixe-boi está pendurado no prego pr'o primeiro rixento; padre Silveira e seu Fábio vão jantar com o patrão.

Ingressaram os dois no barracão, sentando-se à entrada do corredor, que servia também de sala de visitas.

Segadais renovava ordens em altas vozes. Vinha ao encontro dos amigos da fronteira.

— Um abraço, companheiro de desgraça! Nunca me esqueci dos conselhos. Devia andar com muito cuidado naquele negócio da Maria-da-Luz. O que estava resolvido, estava mesmo. Desci o Madeira de bubuia, amarrado que nem guariba, mas sempre me salvei! Os pormenores ficam para outra vez. Vamos à janta. Há umas damas e senhores da Bolívia. São comerciantes.

Estrondaram ronqueiras e rifles, cobrindo, de repente, o murmúrio da cachoeira, em frente ao povoado. As águas, descendo através de 400 quilômetros, pareciam fatigadas e, após o tombo, desfaziam-se em neblina e se esparramavam ao luar.

Os cabras saltitavam na barraca, à luz mortiça das lamparinas, que desenhavam fantasmas angulosos.

Dançaram assim até sol alto, em permanente resistência, mesmo os febrentos. Os beribéricos derramavam olhares de desalento, arrastando as pernas chumbadas ao solo...

E

Padre Silveira levantou-se da tipóia e se ajeitou na velha batina, serzida em vários rasgões e curtida de chuvas e soalheiras. Vinha à procura de conversa, antes da missa das seis horas, rezada no telheiro, rodeado de bancos duros, com a sala maior coberta de blocos de sôrva. Servia para depósito de madeiras, distribuída pelos batelões, para velório, casamento, batizado, dormitório e refeitório. Terminada qualquer uma dessas funções, amarravam-se as rêdes e o pessoal caía em sono pesado, antes das madrugadas a remo para as longas viagens. À noite, por baixo dos mosquiteiros, improvisava-se a reprodução, como um fato normal.

— Zé Lixandre! Acaba logo. Tua rêde sacode os caibros, acordando a rapaziada. Depois, depois...

Venda de cachaça, de bugigangas era monopólio do chefe: distribuiam-se gratuitamente apenas xícaras de café e cabeças-de-macaco, duras bolachas do Pará, amolecidas n'água ou quebradas a cacête.

Segadais facilitava a compra de borracha, muitas vêzes contrabandeada de outros proprietários, a dinheiro boliviano ou brasileiro; tinha o cuidado de realizar forrós sem navios da Companhia no pôrto, a fim de evitar a competência dos despenseiros, cujos camarotes escondiam mercadorias de difícil aquisição — extratos, medicamentos, fazendas.

— Bota a pele na balança! Oitenta quilos: 50 para aviamento, 15 para saldar o débito, 15 em dinheiro para gastar à vontade. Vá vadiar, seu diabo! O motor sairá amanhã, só à tarde.

O cholo abriu a carranca morena, que adquiria, na solidão dos matos, linhas mongolóides — raros cacos de dentes, enegrecidos de tabaco, barbicha rala, olhos luzentes às seduções do dinheiro, que permitia reboladas no eito, cachaça, fêmea com os cabelos ensopados de oriza.

Segadais sabia que as cédulas voltariam, acrescidas de gordas percentagens. Padre Silveira fechava os olhos aos descompassos do comerciante, cujo passado ignorava. Sabia da influência absorvente, que exercia em tudo, mas era imperioso êsse domínio naquelas regiões, ou tudo desandaria em devassidão e anarquia, nas barganhas da fronteira, onde surgiam autoridades, apressadas sòmente para a cobrança dos impostos. Chegavam ao povoado para assinar o talão e levar o dinheiro. Repetia-se a mesma cena com os agentes censitários.

— Sente-se aí! Pode encher e assinar as fichas: 100 aqui, 50 no Caldeirão do Inferno, 80 no Abunã, 20 no Jaci. Inventou nomes, pois tinha de ir embora. Citou vários lugares e ajeitou as fichas. Pronto! Estava feito o recenseamento: houve um aumento de 30% na população de Santo Antônio.

Era o tempo bom do bico-de-pena nos impostos, no recenseamento, nas eleições. Havia arruaças, mas entusiasmos oposicionistas cessavam com lambadas de cipó-de-fogo e sal. Quando o sujeito teimava, após uma série de sovas, passava por torturas atrozes, entre risadas de machacazes, e tinha de mudar de pouso, como galo vencido nas rinhas. Baixava a crista e cantava como galinha...

A pretexto de fiscalização, Segadais alegava gastos extraordinários, cobrando-os aos chefes que vinham às solenidades. Cobertas de palhas de ouricuri, as barraquinhas tinham, por mobília, uma rêde e um mosquiteiro, que os inquilinos comprariam ou devolveriam. Ficava êsse abarracamento ao fim da rua, dando para um igarapé.

Os lucros do leilão pertenciam ao padre; o resto tinha dono. Padre Silveira tentou modificar e contornar aquela situação.

— Parece até festim pagão. Não estamos na Babilônia. Isto aqui é Brasil.

— Vocemecê entende de religião, mas não de coisas do mato. Se o reverendo proibir festas, não terá tanta freguezia para leilão, batizado, casamento e troca de bentinhos. Experimente.

Padre Silveira não experimentou. Aquela festança era um motivo de socialização e comércio. O exercício religioso tinha de tolerar os excessos e auferir o melhor. Casar e batizar já eram uma grande conquista. Sem o jeito e as lábias do comerciante, aquela gente não sairia de suas barracas, remando em estirões e cachoeiras. Até o femeeiro rezava, fora do telheiro, ajoelhado no chão

duro, cabeças ocultas em lenços coloridos, e contribuia fartamente para o leilão. Vivia num inferno sensual; fazia jus a um comêço de purgatório. Observava o efeito dos sermões curtos, ao alcance daquelas gentes rudimentares, que se despediam ao fim do novenário, sem certeza de encontros no ano seguinte. Mantinham silêncio, olhando para as imagens, batiam no peito ao nome dos santos, aspiravam incenso, fungando, e encomendavam garrafas de água benta, que levavam para os seringais. Só eram utilizadas em mordidelas de cobra, partos de curumins virados ou casos de morte.

Confessavam-se, comungavam. Nada de perder tempo com historietas de consciência, de tentações, de nomes do demo nos momentos de raiva. Isso é pecado de gente fraca. Pecado, de verdade, é pegar mulher alheia, dar facadas à traição, disfarçar armadilhas na estrada para balear o fiscal, verdadeiro espião dos seringais, pior que lobisomem ou matintapereira, vender borracha aos regatões, quando o seringalista tem bom coração. Em contrário, é até obra de caridade. Deixar menino com fome, mulher sem remédio, só para ser honesto a um coronel ruim! Era o que mais faltava. Demais, padre Silveira, quarentão forte, analisava a própria mioleira, — e pensava nos pecadilhos com a Zefa Mixira, que residia do outro lado da ruela, perto do tombo. Disfarçando que ia beber café, lá aparecia à hora da sesta, quando o vilório estava deserto, sem moradores, ou pelas caladas da noite.

— Maldita tentação! Confessaria tudo ao Monsenhor Coutinho, quando fôsse à capital. Generoso, conhecendo o interior, perdoava certas fraquezas, comuns às desobrigas daqueles tempos, desde Frei José dos Inocentes. Wallace já o admirava, como povoador de desertos. Semeava a boa semente da doutrina e raciava as tribos. Eram vítimas do meio e combatiam situações dramáticas, não enfrentadas pelos vigários das cidades. Velhos, justos, não sofriam as tentações do interior, naquelas tardes quentes em que o próprio cheiro da selva tece cenas diabólicas na imaginação. Os Satans andam às sôltas, — e é melhor acalmar o sangue para melhor enfrentá-los...

* * *

Padre Silveira comentava os excessos dos festejos de Santo Antônio, para onde acorriam seringueiros, jan-

gadeiros, cedreiros, trabalhadores das linhas telegráficas, desde Jaci-Paraná até à foz do Jamari. Com uma única bagagem — os sacos de seringa e os rifles, abicavam as canoas nos remansos, abaixo das cachoeiras. A novena durava uma semana, mas o grosso do pessoal se adensava nos últimos três dias. Brincadeiras acendiam o ambiente.

— Eta, Zé! Deixa a gringa, que tem macho na terra dêles. Olha o pescoço marcado a canivete...

— Isso não voga por aqui. Vem com licença, a fim de arranjar algumas *platas* e melhorar a vida. Tem de levar os lucros da viagem. A peia está pronta, se voltar com as mãos vazias.

Era um verdadeiro martírio. Varavam corredeiras com as bugigangas, os baláios, e levavam três e quatro meses de ausência. Dançavam, aproveitando a maré. Tinham ampla licença para aquêles folguedos.

— Tão diferente do nordeste!

— Padre, vosmecê não vai comparar o nordeste, de sociedade cimentada, com estrada de ferro, a esta gente da fronteira, segregada na floresta. Quais são os comensais dêstes desajustamentos? Nossos irmãos nordestinos. Não podemos condená-los. Aqui, neste meio sem igrejas, tudo se transforma.

— E o homem também se transforma?

— Também, explicou Fábio, expelindo fumaça pelas narinas. Uma coisa é o padre Silveira na paróquia, encaminhando ovelhas tresmalhadas, e outra é a vida aqui na fronteira, com pessoas que se encontram uma vez por ano, após reclusões forçadas, até sem troca de palavras, a não ser com cachorros, incitando-os nas caçadas. Imagine-se o martirológio do seringueiro: sòzinho e solteiro em sua barraca, afastado quilômetros e quilômetros do centro de população, vendo o companheiro mais próximo de mês em mês. O amigo padre, lá pelos sertões, confessa. canta, sermoneia, almoça em casa de figurões, tem cem olhos de carinho e vigilância em tôrno aos seus passos. Aqui, veste o seu brim azul, rema canoa, cozinha peixe, trata de enfermos. Devo acrescentar que, mesmo com perdoáveis pecadilhos, o prefiro nesta trabalheira árdua, educando gente sem assistência. E fui educado em seminário austero, em que almoçávamos ouvindo vidas de santos.

— Não me venha falar em Zefa Mixira. Bem sabe que foi um engano dos mexeriqueiros.

— Sim, foi engano. Fica-lhe bem a afirmativa. O doutor Segadais não trouxe encerados no crâneo. Quando eu pensava que estivesse na cidade, entregava-se à advocacia, mas também era seringalista, regatão, dono de forrós, mastigando espanhol...

— E' natural. Ouvi rosnar alguma coisa sôbre sua vida pregressa. Parece que levou uma surra, lá pelo Baixo-Madeira.

— Invencionices. Não levou surra alguma. Venceu o espírito aventureiro, nada mais. Dormia um explorador na capa do bacharel. Mandou às urtigas o canudo; dirige centenas de trabalhdores, influindo na região, inclusive boliviana, em contrabando de madeira e borracha. O contrabando corrige a lei de arrôcho e a injustiça. De mim, crescido entre paredes patriarcais, ouvindo sermões e ladainhas, aqui vivo, prêso à feitiçaria da natureza. Por temperamento, sou um sujeito voltado para dentro de si mesmo, mais difícil de ser vencido. Terei, e já vou tendo, a minha transformação. Somos brasileiros necessitados, — e aqui exercemos também funções de soldados. E os estrangeiros? Não vê os portuguêses, libaneses, espanhóis? Sentam-se nos bancos das canoas e absorvem os nossos costumes. Não me refiro aos bolivianos, que bebem o barro do mesmo rio.

* * *

Segadais foi até o telheiro e deu uns berros fortes: houve correrias e gritos de mulheres; os festeiros pararam.

— Entregue a quicé, cabra, ou vai para o tronco. Quer levar umas lambadas antes da volta ao seringal.

Cabisbaixo, o desordeiro justificou a briga, deu o fora e retornou às danças. Recomeçaram as valsas e polcas. O pessoal alegrou-se, por não ter havido barulho com facadas.

— Gente boa! Tutano, ôlho certo e algum corretivo. Sabendo que estou aqui, tudo corre sem polícia. Não podem ter mêdo de duas praças magras, que não ficam em pé, tremendo de febre. Não recebem vencimentos; comem, porque lhes damos alimento. Patrão safado e caloteiro é o govêrno.

Fábio sorriu àquelas mudanças radicais do bacharel, acostumado a chapéu-do-Chile, colarinho duro e seleção de linguagem. Não dava uma frase sôbre o passado, farejado pelo padre Silveira, sempre bisbilhoteiro.

Terminaram os festejos nessa tarde, findo o leilão, em que se entregavam peles de borracha, tartarugas, frangos assados, bolos e xerimbabos.

Seria o derradeiro leilão e, logo após, as descargas de rifles, reiniciando os puladinhos. As mulheres arrumavam bacias e sacos de seringa, enquanto o noiteiro arrebanhava a cobrança de aluguéis, em mil réis e bolivianos, ou curiosidades trazidas de Santa Cruz de La Sierra, — tecidos, perfumes, objetos de prata.

Tratava-se do derradeiro dia e foi permitida ampla venda de bebidas para auferir maiores lucros.

O leiloeiro dirigia graçolas, ao anunciar a colocação dos brindes.

— Dez mil réis, pelo cobertor da boliviana!

— Vinte, trinta!

— Ganhou João Feitosa.

João Feitosa, orgulhoso, oferecia-o à companheira de danças e do pavilhão.

— Leve, de lembrança. Aqui não faz tanto frio. Lembre-se daqui, quando se cobrir com seu marido.

— Cala a boca, muchacho!

Guardou o cobertor, satisfeita com a oferta. Pena que não fôsse um objeto puramente brasileiro. Mas João Feitosa, ou outro amigo, poderia oferecer-lhe algum presente.

— Dois mil réis pelo pitiú assado de dona Zefa Mixira. Está cheiroso e gostoso.

— Dou cinco. E' pr'o padre Silveira, que gosta de dormir na barraca da Zefa. Até parece um peixe-boi à noite, quando troca a batina por uma roupa escura para andar melhor.

— Vocemecê não prova que o padre dorme na barraca da Zefa. Está mentindo e vai engolir.

Padre Silveira estava lívido, ouvindo aquelas ameaças, à entrada do telheiro, que, naquela hora, era salão de igreja.

Depois, passaria a ser salão de forró, de negócios ou oficina. A história correria mundos — o padre que sestava na barraca da Mixira. Padre peixe-boi, ainda por cima, o ridículo enfim. A atoarda chegaria aos seringais, a Humaitá, aos jornais herejes, aos ouvidos dos superiores. Seria transferido sem promoção, manchando a carreira. Lutara como um bravo, arranjando meios para a constru-

ção da igreja, trabalhando como qualquer operário, cozinhava as refeições, lavara as camisas mais de uma vez.

O único derivativo eram tragos de cachaça contra as febres e a moleza, o cafèzinho da Zefa Mixira, naqueles fundões desertos. Eram as transformações a que se referia Fábio, a incidência do meio sôbre as criaturas. Incidência tão forte, que, não raro, as obrigava a voltar: iam para o Ceará, com dinheiro para comprar sítio ou melhorar outro, reconquistando a saúde do corpo. Também enfermavam da alma. Ouviam o murmúrio das selvas brutas, o bater do vento nas praias onduladas, em cujos baixios os peixes se empilhavam aos cardumes, as chuvas sem fim. Entregavam tudo aos parentes e retornavam ao mato. A mesma nostalgia do marujo que não se acostuma à terra-firme, e do catequista, que retorna às malocas, ameaçado de ser morto pelos índios.

Todo o esfôrço de longos anos, à mercê dos arrotos de um analfabeto ébrio, num leilão da fronteira.

— Vocemecê não prova o que diz e vai engolir o desafôro.

— Não engulo. O padre se embalava na rêde da Zefa Mixira. Está virando mula sem cabeça. Dez mil réis pelo pitiú assado! Dez para presentear o reverendo, que também vai viajar! Quem prova a mixira de dona Zefa?

Havia um surdo rumor no terreiro. Bolivianos desabusados casquinavam. Então, também o sacerdote? O mundo está perdido. Outros não achavam graça e se enraiveciam com a risada dos estrangeiros. Padre Silveira, amarelo de raiva e vergonha, não soltara uma palavra. Aquilo ia terminar em briga, em final de festa sangrento, por uma simples bobagem, oriunda do palavreado do leiloeiro. Nesse diapasão, afirmava que os pais negociavam as filhas e noras, induzindo-as à perdição.

Fábio previu as cenas desagradáveis: padre Silveira nascera nos mesmos sertões, amigo de todos, e o seu nome transporia a fronteira, como dera a entender o boliviano.

— Então, também o sacerdote?

Impunha-se uma decisão rápida. Solteiro, embora enojado daquele mulherio sem higiene, nada tinha a perder e ficaria em paz com a sua consciência. Aproximou-se do padre.

— Fique calado com o que vou fazer. Nenhuma palavra. Não lhe fica bem emitir uma palavra. Combinado?

— Sim.

Desorientado, padre Silveira não atinava com os rumos da decisão de Fábio, que, na maior calma, como sempre procedia, subiu para o estrado, perto do leiloeiro. Os seringueiros entreolharam-se; respeitavam aquêle rapaz magro, de olhos ardentes, sempre arredio, mas atencioso para todos. Era quem lia e respondia as cartas para os parentes do Ceará, quem desfiava as contas dos patrões, quem os defendia perante o cabo e os soldados do contingente. Não andava armado e inspirava instintivo respeito. Tinha palavras diferentes. Não dizia graçolas, nem rabeava as mulheres naquela festa, em que maricas eram os que se afastavam, — maricas chucros, capados de chiqueiros.

— Sabem que sou amigo de todos. O nosso leiloeiro não errou. O pitiú foi assado por dona Zefa e deve estar gostoso. E' o último lance da festa e, dentro de minutos, iremos recomeçar as danças de despedida. Mas há um engano. O leiloeiro viu, talvez mais de uma ocasião, um sujeito vestido de escuro enveredar para a barraca de dona Zefa. Devem saber também que resido na casa do padre Silveira. Fácil o engano. Quem ia à barraca referida não era o nosso bom reverendo. Quem era? Dirão vocês. Natural a pergunta. Era o amigo Fábio, sem nenhum mal.

A seringueirada deu uma risada, aumentando o preço da oferta.

— Seu Fábio é amigo de verdade, bem esperto. Aprendeu no seminário e sabe pisar no escuro. Todos para o terreiro!

Arrastaram-se as mesas do altar improvisado. Padre Silveira reaproximou-se.

— Perdão, padre! Aquilo foi brincadeira de mau gosto. Logo com o padre! Não deixe de vir no ano que vem. O senhor já está acostumado com as besteiras da gente.

Padre Silveira agradecia sorrindo, abençoando mulheres e crianças. Distribuia água benta, santinhos e conselhos.

Olhou para o terreiro: admirou, com enternecimento, aquêle rapaz de poucos anos, que, para salvá-lo, assumira responsabilidade de atos que não praticara. Altruísta e firme nas soluções, acenou-lhe, sorrindo também, e continuou a palestrar com Segadais, de pé, junto a um paiol de emergência, floreado de amarelo.

* * *

Chuvisco impertinente aliava-se, naquelas manhãs, às névoas das cachoeiras, em cortinas cinzentas. As névoas tinham descido em massas compactas. Frio cortante maltratava os seringueiros, ansiosos pelo regresso. Nenhuma graça mais havia ali, depois de gasto o dinheiro, sem as cholas bolivianas. Muitos tombavam nos jiraus, nos bancos do batelão, vencidos pelo sono.

Segadais mandou chamar Padre Silveira e Fábio.

— Vamos almoçar. Pode ficar resolvendo os batizados, enquanto vou aos currais de praia de Tamanduá. Preciso trazer bicho-de-casco e ovos. Fábio irá comigo. Voltaremos amanhã. Não visitará Zefa Mixira esta noite.

Fábio sorriu, aprovando aquelas palavras, que faziam mal ao padre. Tinha gana de revelar a verdade, mas guardava reserva, em defesa do meio fronteiriço, que não poderia orgulhar-se de um padre em plena malandragem.

— Padre Silveira, vocemecê não conhece êste camarada. Homem de sete instrumentos, serviu na prefeitura de Humaitá. Perito em improvisações, dá boas risadas quando ouve anedotas e mentiradas dos pleitos. Residia com o advogado Bernardo Pontes e aprendeu manhas processuais. Os companheiros divertiam-se freqüentando forrós da rua da Palha, perto do igarapé. Fábio forjava desculpas e metia-se na rêde e nos lençóis.

Perto, na mesma rua, residia Áurea Soares. Está bem viva e muitos a conhecem. O advogado e os companheiros da cada rondavam Áurea, impassível ao cêrco. Cuspiam uns aleives, mas a verdade é que ela não dava margem a censuras, nas festas e novenas. O diabo sempre arma das suas. Certa noite, os rapazes meteram-se num forró, sem graça nem futuro, e regressaram à casa, aos tropeços pelas ruas escuras, enlameando-se nas baixas cheias de aningas e corocas barulhentas. Chegaram cedo e foram chamar Fábio para o café e o cavaco. Chamaram-no, e nada. Estaria a sono sôlto, ou acontecera alguma coisa. Nenhuma luz em seu quarto. O mosquiteiro preparado, mas a rêde vazia. Desconfiaram e, sem conversas pela calçada, foram esperá-lo na esquina. E que viram? Abriu-se a porta do quintal de Áurea, que dava para a rua, e lá apareceu Fábio, num abraço furtivo à moça esquiva, que não tinha namorado.

Que bargado! Enquanto os demais aventuravam nos forrós, ou dançavam respeitosamente com as damas nas festas familiares, Fábio ia procurá-la no quintal, sob árvores folhudas. Coisa boa não andaria praticando. Fin-

giu espanto, quando surpreendido pelos companheiros e explicou ingenuamente.

— A mãe da pobre moça sofre de enxaquecas. Soube à noitinha, quando tive de ir buscar papéis na Prefeitura. Fui deixar-lhe uns medicamentos, em benefício de nós todos, servindo uma senhora que nos trata tão bem. Além de tudo, sabem que a entrada da casa é de tábuas que rangem e em que a gente escorrega.

— Pelo quintal, na escuridão e abraçados. Que negócio de enxaqueca é essa? Quem acredita em barulho na entrada de tábuas? Você anda em ponta de pé, como os índios.

— Engano pecaminoso de vocês. A jovem é pura. Não nos viram abraçados. Engano de vocês, que, além de tudo, são cavalheiros.

Não houve meios que o obrigassem a confessar a aventura. Êsse, o amigo Fábio; essa, a sua sonsice. Custo acreditar que aceitasse os apelos de Zefa Mixira, mulher de qualquer um. Há segredos que descobriremos mais tarde. Não se trata de Mixira, ou não se trata de Fábio. Está pronta a igarité. Até amanhã, padre Silveira. Passe bem e governe o pessoal.

Desceram a escadaria. A igarité, ao impulso de remos vigorosos, enfiou a proa nas escumas, deslocadas pelas milhas da descida.

F

Visitariam primeiramente o navio da linha atracado à margem oposta, no pôrto de lenha, rumando posteriormente para "Bonfim". A praia ficaria para a tardinha, com bichos-de-casco em boiadouros e viração.

— Preparei esta fuga para contar minha história ao amigo Fábio. Mas lá está o pôrto de lenha.

Homens e meninos alinhavam as achas à beira dágua. O navio abastecia-se para poder atingir o primeiro pôrto. Estirava-se, por trás do mato, o "Lago das Maravilhas", farto em peixes e ligado ao rio por um pequeno igarapé, que secava no verão. A lenha era transportada em canoas ou lombos humanos. Havia poucos burros e cavalos. Arrumavam-na em pilhas, segundo as necessidades de cada embarcação.

— Veja você. Uns sujeitos apressados já escreveram que os lenhadores devastam as matas. Esquecem que as clareiras são necessárias à saúde. O Amazonas não pode permanecer mataria cheia de bichos e carapanãs. Derrubar é civilizar nos primeiros tempos. Quem dera que abrissem campos nestes beiradões para boiadas sucessivas, plantações de mandioca e bananeiras. O pôrto de lenha é um claro de socialização. Os navios abastecem-se, enquanto aguardam toneladas de borracha. Além do mais, espalham algum dinheiro, inclusive aos comandantes.

— Aos comandantes?

— Sim. Ou você pensa que o lucro total cabe ao proprietário? Não. Há sócios no navio, e é humano: o comandante, o imediato, o maquinista, que aumentam as achas, à entrada no paiol, para o consumo das máquinas. Apenas uns 20 ou 30%. Quer dizer: em vez de 20, põem 26 milheiros. O inglês paga as requisições e o dinheiro beneficia a muitos.

— Começamos mal com êsses vícios das cidades. Tão cedo e os mesmos processos.

— Para lá o seminarista! Mais razões existem para tais processos nestes confins do Brasil. Os bicudos de lá enriquecem em nossas costas, comem de duas em duas horas. Que importam os 30% a mais no lombo do inglês, que paga a lenha, carregada nos ombros esfolados dos trabalhadores? Êle tira percentagens e mais percentagens. Você está vendo demais. Pense nestes desgraçados, pense nos sujeitos empavonados, em lançamento de impostos. Pense nas quitandas de bordo, que não os pagam e fazem justa competência. Compram fazendas, cachaças, perfumes, biscoitos, medicamentos. Vendem-nos bem e o dinheiro circula pelos rios e florestas. Aproxima-se uma canoa para vender laranjas ou galinhas. O que vem dentro dos sacos, é borracha fina, desviada dos seringais. Desaparece nos porões. Temos de fechar os olhos. São os calos da profissão.

— E não conhece os que desviam a borracha? Não é possível fiscalizá-los pelo desfalque no fim do mês, calculando a produção e os dias de corte das estradas?

— Tudo é possível. Há o fiscal de corte. Não adianta, ou pouco adianta. Sabemos que furtam dez, vinte quilos; nada dizemos. Vão para lucros e perdas. Não há pessoal e se torna dispendioso mandar buscá-lo no Ceará, pagar passagens, curar febres. Não faz mal. O sujeito ganha fama de patrão bom e besta; vão chegando outros... Parecer besta é forma de ir vivendo melhor.

— Segadais, você sempre é o advogado. Errou apenas na aventura amorosa do seringal.

— E' o que você pensa. Vai mudar de opinião. Está vendo aquela casa maior, lá no fim do campo, meio escondida entre cajueiros?

— Sim e uns rapazes no terreiro. Venda de cachaça?

— Nada. Cachaça é vendida no pôrto. Gaiola, quando amarrado, é a grande taberna, farmácia, ourivesaria, sapataria. Aquela barraca é para as andejas; lembra cantina de soldados. As vivandeiras estão por lá.

— Andejas? Também isto por aqui?

— Método aprendido com os chefes militares e com os tucháuas, nas invasões e nas tribos. Vivandeiras e viúvas indígenas, que outra coisa não fazem senão manter o equilíbrio entre os homens?

As andejas merecem gratidão. Nem todos dispõem de Áureas e Zefas.

— Não compare. A primeira já se casou, adquiriu foros de pureza; a segunda merece respeito pela infelicidade.

— Nem se diz o contrário, querido padre Fábio. Voltemos às andejas. São passageiras de terceira classe, vindas de Belém, Santarém e Manaus, rumo de Santo Antônio: desembarcam nos portos de lenha, nos aglomerados, de preferência onde não há casais, e desalteram o pessoal. Não deixam de prestar serviços e os próprios casados as admiram, porque espalham tranqüilidade entre os rapazes.

* * *

Fábio anotou aquela singular modalidade de comércio humano. Nas viagens longas, as andejas, com a desculpa de negociarem rendas e bordados, serviam de pasto aos tripulantes e aos passageiros. Não feriam a disciplina de bordo, num tempo em que raras famílias viajavam.

Algumas ficavam por ali mesmo, nos povoados e portos de lenha, a título de costureiras para os seringueiros, e aguardavam o regresso da lancha, naquele consórcio coletivo de poucos dias. Apegavam-se outras a seringueiros com saldo, mais livres, e iam para os centros longínquos. Nascidas nas caatingas ou nas ilhas do Baixo-Amazonas, pouco estranhavam os extrativismos das selvas.

Os lenhadores, sem blusa, ombros ralados pelos toros descarregados no tombadilho, lançavam olhos perscrutadores à barraca do fim do campo, sondando o tamanho da fila. Substituiam os que vinham nas duas pranchas, sacudidos pelo vai-vem dos passos; chasqueavam valentias, em calão pitoresco.

— Um, dois, três! Talha!

Os lotes barulhavam no tombadilho. Mais algumas horas e ninguém poderia parar sem cuidado entre os montes, derramando cheiro resinoso de árvores cortadas. O empregado de Segadais acompanhava o comissário, contando os lotes de lenha. Queria ver se havia algum toro de madeira de lei, de seringueira ou castanheira. Lenhador não tem amor às árvores, como o seringueiro ou castanheiro. Anima-o o prazer de destruí-las, no vandalismo da profissão, que guarda os mesmos vestígios do troglo-

dita. Há mesmo a seleção para o arboricídio. Quanto mais bonita e mais reta, melhor para o corte. Espécimen torto é poupado. Até parece gente. O aleijão escapa à voracidade dos procriadores. O lenhador tem prazer em namorar as frondes, apalpar sàdicamente a casca e brandir as machadadas.

— Êta! Lá vai a envireira. A bicha até parece chorar e se agarrar a tudo quanto é cipó. Vai dar 200 achas. Segadais proibira o corte de copaibeira e seringueiras, mas, sob desculpas de que se enganaram, certos trabalhadores não as poupavam. Apareciam as achas isoladas, como um sacrilégio contra a floresta. Conheciam-nas fàcilmente, pelo cerne fibrento e leitoso.

— Pára aí! Êsses toros não entram. Bota nágua! Nada de empestar o navio!

Tratava-se de um lote de louro-bosta, de côr branca e insuportável fedentina. Bastavam gravetos para espalhar um cheiro nauseabundo de cloacas.

— Para o rio, bicho fedorento! Até árvore tem disenteria. Só em carregar, o pobre fede a jacaré podre no lago. Que Amazonas danado! Por maior cuidado, há sempre uma coisa assim. Terra boa com louro-bosta, pau-rosa, muiratinga e até acará-boceta. E não servem para grandes coisas. Louro-bosta não pode ser queimado; muiratinga é comida de papagaio; acará-boceta (p'ra lá o peixe e p'ra cá o apelido!) é peixe de segunda ordem. Peixinho deslambido, diferente do bararoá, sempre peganhento! Quando homem cai no rio, começa a beliscar a perna e a barriga. Peixe-fêmea, de verdade! Êsses dois só valem pelo feitio desavergonhado, elogiado pelos gringos. Só se salva o pau-rosa.

Os derradeiros lotes foram arremessados ao convés. O imediato entregou os documentos da venda, oferecendo garrafas de conhaque e caixas de charutos a Segadais.

— Obrigado. Tudo em ordem. Aí estão os ovos e o leitão. Boa-viagem, até dezembro. Não se esqueça dos jornais.

O gaiola soltou apitos curtos e as hélices roncaram. As andejas, pingando suor, foram as últimas a chegar.

— Prancha dentro! Afastem as canoas!

Cessara a alegria turbilhonante de algumas horas. O movimento do navio, com embarque de lenha e caridade das andejas, daria motivos de conversa para muitos meses, até à próxima viagem, ou chegada de outra lancha ou

navio. No regresso de Santo Antônio, o gaiola pararia "sôbre hélices", afim de receber correspondência e passageiros.

Quatro apitos, dois curtos e dois largos, — sinal da companhia de navegação, e o gaiola abria as águas do Madeira, rumo de Santo Antônio. O prático, mão à roda do leme nas passagens difíceis, tinha os olhos fixos nos barrancos de "Milagres", ponto assinalado na praticagem, para evitar pedras e praias nos apertos do verão.

Dava guinadas, à direita e à esquerda, fugindo a tronqueiras de cedros, que bubuiavam desfolhados pelos dentes das quedas do Caldeirão do Inferno, entre fumaréus de águas revôltas. Turbinas poderosas levantavam aquela prova de fôrças hidráulicas, contando os quiluotes perdidos durante séculos, através de quilômetros de águas em desespêro.

Quatro apitos soaram novamente, quando a igarité de Segadais se aproximou de "Bonfim", cujas barracas pintavam os barrancos, nos horizontes curvos das enseadas.

— O navio vai chegando a Santo Antônio. Os apitos foram p'ra lá. Comandante faminto aquêle! Além dos 30% costumeiros, recebe presente e quer entrar no resto do bolo, a pretexto de gratificação à tripulação. Tudo para a barriga do homem, prêsa por cinta elástica. E' um verdadeiro corsário dêste século, sem as honras dêste século, sem as honras da abordagem e do saque, sem luta e sangue. Ainda bem. Dorme no camarote, come do melhor, corteja damas especiais e recebe bolada certa.

— Por que você não protesta?

— Arranjaria inimigos e êle compraria noutro pôrto de lenha. Não há jeito mesmo. Vê aquêle casario ali pela frente? E' "Bonfim". Você vai rever Maria-da-Luz e ouvir minha história. Só você ficará sabendo. Remo fundo, rapazes! Aí vai uma cuiada de pinga boa, oferecida pelo imediato, para dar fôrças a vocês. Remem sem parar. A fome vem chegando.

A igarité pulava nos banzeiros. Era um cavalo com seis pernas, que escarvavam o chão molhado. O sol tinia; o vento esfusiava, beijando as árvores. Parecia um sertão com fartura de águas. Seria mesmo um sertão, se não houvesse aquêle braço de dilúvio barrento, agitado por ntanias que aspiravam e chupavam neblinas.

* * *

A rampa do "Bonfim" alteou-se, acendendo vermelhidões, ao sol esbraseante. Ficava num cômoro descampado, entre árvores de pariris e fruta-pão, que vertiam sombras refrescantes para algumas cabeças de gado .Viamse os currais das tartaguras e os chiqueiros dos bezerros.

Segadais e Fábio chegaram fatigados ao campo e descansaram à sombra do fruta-pão. Bebiam ar para atingir o chalé de madeira, pintado de branco, abrindo as portas convidativas para um jardim de bogaris e resedás. Abriram o portão de madeira e saudaram Setembrino.

— O' de casa! Vão entrando aqui dois retirantes com fome!

Um vulto magro assomou à varanda, segurando papéis e lápis. Caia-lhe o bigode esfarelado nos beiços brancos estorricados de febre e tinha um ar resignado de homem que se rendeu às dificuldades e enfermidades. Não parecia mais o rapaz desempenado de Humaitá, sempre em excursões para o Machado e Rio Prêto.

Arrastava-se trôpego — resto de beribéri, que o prendia à espreguiçadeira. Não podendo reencetar as perdidas atividades, limitava-se a lavrar a escrita do barracão, de acôrdo com as notas fornecidas pelo caixeiro do armazém. Quando surgiam dúvidas, mandava chamar o freguês e emendava os algarismos.

Os dois filhos, ainda menores, com os rostos pálidos, convalesciam de surtos palúdicos, ingerindo "Pílulas Gusmão", remetidas pelo farmacêutico de Humaitá, — químico de verdade, formado em Coimbra, também médico, parteiro e dentista. Dominava o Madeira com as suas fórmulas mágicas.

Barbas brancas esvoaçantes, o velho Gusmão, já paralítico, em sua casa de azulejos portuguêses, vendia e dava remédios, curava doentes, extraia bagos de chumbo e assistia primíparas. Admirado pela população, não o era muito pelo vigário, que lhe verberava as idéias rebeldes, de péssimos efeitos naquele meio em formação, onde o diabo era necessário e infundia pavor com os seus cárceres incendiados. Velho Gusmão não ia à missa: não tinha tempo a perder e aquilo era conversa fiada. Fazia parte da profissão do padre; êle, Gusmão, tinha as suas retortas, as suas receitas e tizanas; o padre, por sua vez, não dispensava belzebus, espetos e trempes esbraseadas. Tratassem o dois de viver direito e ser caridosos. Isso é que Deus mandava. Intimava o sacerdote a ser bom e

abandonar aquelas anedotas de inferno para os que já viviam em meio-inferno. Nesse meio tempo, o velho Gusmão, amigo de pitéus gordurosos, foi vítima de uma congestão. Comparecera a um banquete, falara bastante e, na sobremesa, regada de vinhaços, recebeu o insulto.

Acreditavam muitos que fôra vítima dos verdascos e comezainas atartarugadas, atiçadas por um calor de fornalhas. Outros afirmavam que fôra um castigo, a fim de que não mais blasfemasse e se regenerasse. O farmacêutico ficou hemiplégico e isolou-se em sua casa de ladrilhos, a montante da vila. Entregou-se à farmacopéia e era o esculápio da região, rico de afilhados, que educava e encaminhava para a vida. Metido em balandrau branco, ajeitava-se na espreguiçadeira e assistia à manipulação dos remédios, que se espalhavam pelos seringais. Deixara de ser heresiarca, não blasfemava, não zombava do vigário, mas também não se converteu.

O vigário, com quem jogava gamão, dizia que era a crise final para a conversão. O velho farmacêutico, trezandando cheiro de drogas, nada dizia, sempre mergulhado no laboratório. Apoiava-se a um bengalão e percorria a casa, em passos cadenciados de meditação. Restringia a subsistência a chás e mamões, com que os afilhados lhe atulhavam a sala de jantar. Os adversários rosnavam que o bruxo, acostumado a ingerir taperibás e mangabas, se transformara em pipira. Fôra castigado num dos seus maiores prazeres — o estômago.

Fábio admirava aquêle ancião respeitável, que, sem sair à rua, se transmudara em figura popular, prestigiosa no município. Ninguém se elegia sem bater-lhe à porta e receber recomendações para os cabos eleitorais. Sendo pobre, servia de aval para aquisição de seringais; hereje, era ouvido pelos católicos; hebráicos iam aconselhar-se em negócios perigosos, numa terra em juventude desbragada.

— Vamos almoçar. Tantas divagações a propósito de algumas pílulas. Conversaremos depois.

O seringalista levou-os à sala de jantar, pelo corredor circulante do chalé, cercado por pequenos jardins em frente e de hortas suspensas em canteiros, na parte lateral. Cebolinhas, alface, pimentas de cheiro, misturavam-se; por trás, em canteiros maiores, couves, quiabos e pepinos, perseguidos por formigas e lagartas. Era o complemento da alimentação do interior, restrita a peixe e caça, xarque, arroz e feijão.

A sala de jantar, enjanelada para todos os lados, tinha claridade e se ligava à cozinha por uma puxada, ainda coberta de palha. Cães, esquentando-se no borralho, deitavam olhos contemplativos às jutuaranas, moqueadas em trempes de ferro e espetos de pau.

Maria-da-Luz dirigia a criadagem — meninos e caboclos da região. Carregavam água para os barris, cortavam lenha, cuidavam da horta e dos bichos.

Pálida também, não perdera as linhas flexuosas, que atraíram Segadais e deram motivo ao banho no chiqueiro de suínos, em "Puruí".

Apertou as mãos dos visitantes e deixou ondas de priprioca, embalsamando o ambiente com impressão de higiene e confôrto.

— Sente-se, Fábio. Não o vejo há bastante tempo, desde "Puruí". Também... embarquei logo para aqui, após a chegada dos meus pais, há três anos, quando Setembrino teve a boa sorte de adquirir êste lugar.

— E vai bem?

— Sim. Trabalhamos para os filhos. Tudo aqui é nosso. Pena que Setembrino tenha adoecido com os febrões do Machado. O beribéri enfraqueceu-o para a vida inteira. Não deixa sinais visíveis, como os borrachudos mas sinais prolongados. De qualquer modo, já está bem melhor.

— Há de ficar inteiramente bom e mesmo aqui está em maior repouso, no que é seu, sem aquelas contrariedades de batelão e ausências no Machado.

Fábio lembrou-se das preleções do velho Gusmão sôbre a fraqueza de nervos, conseqüente de polinevrites, desvirtuando funções vitais, desde que o doente não se trate convenientemente. Olhou, sem maldade, o rebotalho, que era Setembrino, dançando os ossos no terno de brim, e as linhas ardentes de Maria-da-Luz. Sarapó frio, dentro da loca, perto de surucucu de fogo. E, rabeando aquilo tudo, como protetor e amigo, aquêle pai-de-chiqueiro de Segadais, queimado e de olhos fulgentes, como se estivesse no sertão, comendo carne de sol e rapadura. Para longe, idéias proibidas! Sentaram-se à mesa e deram início ao almôço, esfaimados por muitos dias de carregação, nas barracas de Santo Antônio. Setembrino beliscava os pratos e, sem inveja, tinha satisfação pelos dois amigos.

— Por que não trouxeram padre Silveira? Estêve aqui, há dois meses, e contou muitas histórias. Mandei-lhe

seis tartarugas para o leilão. Os amigos irão levar-lhe mais duas, bem ovadas, para que prove bicho-de-casco do "Bonfim". Não são de Tamanduá e sim de lago.

* * *

Em rêdes amplas do Ceará, atadas na varanda, Segadais e Fábio foram convidados para a sesta, seqüência natural da noite mal dormida e dos sarapatéis do almôço. Caiu pesado silêncio no barracão. Era costume o repouso até duas horas, quando o sol amolecia, surgiam sombreados nos caxingubeiros das margens e era possível continuar a viagem em temperatura mais amena.

Os dois não cochilaram. Segadas historiou os meses que vivera longe, após os acontecimentos de "Puruí".

— Pensei que morresse de dor, nojo e revolta. Só mesmo matando. Matar quem? Matar capangas e porcos? A lama entrou-me pelas narinas, enquanto os barrascos grunhiam, presos às traves do chiqueiro. Tentei reagir, mas estava bem molhado, com a cabeça metida em sarapilheira úmida e suja. E foi melhor que não reagisse. Poderiam ter-me jogado às dentuças dos porcos enfurecidos, que me estraçalhariam. Ouvia as palavras de mofa e as risadas daqueles miseráveis. Prenderam-me ao cedro, atiraram-me à água e levei fortes cacetadas. Era a castração a porradas. Erraram o objetivo, ou se arrependeram. Fiquei zonzo, semimorto, porém, recuperei as fôrças na barraca do seringueiro. Ia quase sem sentidos, arrastado pelas correntezas, parando nos remansos. Fôsse num lago, e seria isca de piranhas e jacarés. Julguei que fôsse encalhar entre galhadas, em pontas de ilhas, ou que alguma cobra me laçasse. Após algum esfôrço, vencendo as dores, consegui desembaraçar as mãos feridas pelos apertões das cordas. Apalpei-me e vi que estava em ordem — esbordoado, machucado, porém sem sangrar. Não havia fratura. Criei alma nova. Longe de "Puruí", gritei e fui socorrido por um caboclo bom, que nunca esquecerei. Desci pelo primeiro motor, sem roupas e sem dinheiro. Conversei longamente com o regatão, sempre disposto a auxiliar os perseguidos e a vingar-se de certos patrões, considerados seus rivais na barganha. Deixou-me num entreposto de lenha, no Baixo-Madeira, onde se embarcava pirarucu, contrabandeado para Belém. Fiquei aí vários dias, ajudando o turco em todos os serviços. Mais umas

semanas, e estava novamente a bordo, barbas cerradas e roupas de mescla, como qualquer roceiro do beiradão.

Vim para Santo Antônio e comecei a negociar adiantamentos de mercadorias, feitos pelo regatão. Alimentava idéias de vingança e precisava juntar dinheiro para êsse fim. Ganhar dinheiro de qualquer forma — enganando bolivianos, transpondo cachoeiras nas jangadas, imaginando diversões para os seringueiros, centralizando-os em tôrno às ladainhas. A capela seria o chamariz comercial, mas, ao mesmo tempo, auferia rendas em suas noitadas noveneiras.

Prosperei. Estou melhor do que se continuasse na rabulice de Humaitá, suportando chicanas e proferindo discursos nos aniversários, coisas difíceis de esplanar sem enjôos.

— Você tem jeito e é pena que não tivesse continuado no fôro.

— Eu de nada sabia. Tomei-me de ódio contra "Puruí". Minha vontade era raptar Maria-da-Luz, fazer coisas do arco-da-velha e pô-la também no chiqueiro dos barrascos. Muitos palavrões inventei em cima da pobre e do marido. A mentira não dura muito. As mulatas do barracão não guardaram segrêdo. Nem as mulatas, nem Raimundona, nem os capangas, que me arrastaram ao lamaçal e praticaram aquela miséria.

O coronel teve denúncia do que se passara: rubro de cólera, passou carões diários e botou os vaqueiros em confissão. Consta mesmo que levaram boas chibatadas. Só nesse momento é que Maria-da-Luz teve conhecimento da ignomínia. A carta, único documento, perdeu-se às tiras, pelo tijuco. Confesso que me obrigaram a engolir alguns pedacinhos. Desmentiu-se tudo. Inventou-se mesmo que Raimundona praticara o crime por ciumeira de mulher quente, ainda com ares de cabra no cio.

Desapareceram, assim, os motivos de ódio contra o coronel, que até se encontrava em Belém. A sua indignação provou que não estaria de acôrdo com aquela noite de vinganças e a descida no cedro, peiado como um macaco. Pensou bem. Afora o aspecto moral, como ficaria a sua situação política. De qualquer forma, havia o zunzum da intriga no seringal. Regressando dos castanhais, Setembrino teve ciência de tudo. Não poderia mais viver em "Puruí", embora enfêrmo. Adquiriu "Bonfim" e transportou-se com a família para a nova propriedade .

Houve aborrecimentos, falta de crédito e naufragaria certamente na falência.

Foi quando nos encontramos, por acaso, em Santo Antônio. Aproximou-se lealmente e lamentou o que acontecera. Confessou mesmo a indignação de Maria-da-Luz, envolvida em tamanha infâmia. Rezaram ladainhas em meu benefício, pela minha saúde abalada, pois me julgaram definitivamente condenado.

— E agora? Você é comensal em "Bonfim", mandando também nos negócios e outros assuntos!

— Não. Setembrino é homem decente. Deplora-me. Pensa que as cacetadas do vaqueiro produziram efeito total e, nessas condições, sou um inútil coitado, de quem não se deve ter a mínima desconfiança. Deve-me alguma coisa, pois sou o fiador perante o regatão. Enfermiço, alquebrado pelas polinevrites, é um simples irmão de Maria-da-Luz. Somos dois irmãos, eis tudo.

— Tenha paciência. Não nos enfrentamos em júri e você não vai pensar que me engana. E' natural que defenda os sentimentos da mulher e lhe fica bem essa defesa. Não quer batizar-me de bôbo. Seus pensamentos são elevados. Você vive uma tragédia e deve amparar a sua afeição desamparada.

— Toque nestes ossos. Amamo-nos, eis a verdade. Esbarramo-nos certa vez. Fui sincero, repeti as palavras da carta, o sofrimento no chiqueiro e no rio. Chorou profundamente e declarou que sòmente irá a "Puruí" em visita rápida a seu pai. Arrependi-me dos têrmos da carta, na parte referente aos seus encantos físicos. Porque a alma é superior. Vivemos assim. Não é tragédia, como você definiu, e sim comédia. Para o bom Setembrino não sou mais homem, — e êle chega a ponto de viajar e me deixar em sua casa. Um dia, um de nós desaparecerá e, nessa emergência, a situação se esclarecerá. Você já viu semelhante romance? E' meu amigo. Começou isto por um sinal e findou numa ligação. Ainda não. Começou o capítulo mais importante. Batem à porta...

— Café, Segadais e Fábio! Querem emendar com a noite? Já são três horas.

Era a voz amiga de Setembrino, despertando os supostos sesteiros. Fazia-se tarde, e teriam de partir, rumo a Tamanduá, atingindo o boiadouro ainda com dia. Setembrino alegou razões plausíveis: enegreciam-se os horizontes para as bandas da praia. Seria melhor pernoitarem e saírem na manhã seguinte, com vagar para inspeção aos

currais, o boiadouro e, pela tardinha, o raro espetáculo da saída das tartarugas para a desova, pretejando uma parte da praia.

O sorriso acolhedor de Maria-da-Luz decidiu. Ficariam mesmo. Fábio meditou naquilo tudo: a providência solucionaria, derrubando todos os obstáculos e a vida continuaria...

G

Despediram-se ao rair da manhã, ainda coroada de neblinas, resto das chuvas e temporais da noite. O sol furava as nuvens, incidindo raios nas copas das árvores, lá do outro lado. Não chovia mais: ao contrário, o dia prometia calor. Estavam refeitos, prontos para o regresso. Teria sido difícil o espetáculo na tarde anterior. A ventania levantara a areia, jogando-a ao rio e aos barrancos. Cobria o rastro das tartarugas, apagados definitivamente pelas chuvas. Era uma proteção às covas, favorecendo o chôco dos ovos.

A igarité estava pronta, levada pelos remadores, balançando-se nas ondas. Tudo fôra previsto por Setembrino, inclusive a bóia para Segadais e Fábio.

— Não esqueceram a farinha para os tripulantes?

Nada fôra esquecido pelos cuidados de Maria-da-Luz, que também comparecera às despedidas. Constituem sempre motivos de alegria as visitas no interior, espalhando notícias aos moradores. São gestos de solidariedade naquelas solidões, abrindo-se sempre portas hospitaleiras aos viandantes.

Já em viagens, acenavam os chapeirões para os que ficavam, gratos a tantas demonstrações de carinho.

— Se não existisse "Bonfim", eu não resistiria à trabalheira.

— "Bonfim" ou Maria-da-Luz?

— Os dois juntos. Parece até um pedaço do sertão. Sêco, em terra-firme, longe de alagações e pragas, é um céu aberto. Chove à noite e, pela manha, está enxuto. O lago, por trás, parece despensa. O pescador vai frechar ou anzolar o peixe que você quiser. Somos todos irmãos. Remorso aperreia, mas, abandonando "Bonfim", o remorso será maior. Quem ampararia Maria-da-Luz? E' minha família, inclusive o Setembrino...

...

— Eh! Patrão! Com a conversa a canoa está virando pr'o meio.

Segadais sorriu. Descuidara-se e a canoa fôra arrastada pelas correntezas, ligadas a rebojos e pedras. Deu umas remadas fortes e endireitou a proa para a direita. Iriam assim até a entrada do remanso, que dá travessia para a praia, dividida quase em duas naquele verão doido.

As tartarugas saíam na parte de baixo, sem correntes que transformassem o areal em barrancos, arrastando-os em pedaços para as águas.

Perto da praia, quase em frente, atracaram na porta de uma barraca. Almoçaram à sombra: é desagradável comer ao sol, em bancos quentes de canoa. Almoçavam assim, quando não havia outro jeito, até em pé, debaixo das chuvas, ou ao sombreado dos igapós, comendo peixe frito, entre o zoar das carapanãs. Tinham direito à folga de algumas horas, após a trabalheira de Santo Antônio, nas festas de igreja e nos portos de lenha.

Atiçaram o fogo e amornaram o assado de tartaruga na trempe do seringueiro, ainda na estrada.

— Veja o que é mão de mulher. Tem outro sabor. E' por isso que o pessoal se esfaqueia e até pela o inimigo, como se fôsse um coati. Não conhece o crime do Abunã? Estou acostumado a histórias de sangue, mas esta me deixou bambo.

— O seringueiro que botou armadilha e jogou o morto na cachoeira? Os garranchos prenderam o corpo do assassino que acabou afogado no mesmo tombo. Dizem que foi vingança do irmão do morto. Andou com justiça e não deu trabalho às autoridades...

— Isso nem chega a ser crime para causar espanto. E' outro, bem diferente. Mané Onça vivia com uma boliviana que arranjou nas festas da igreja. Comia bem e dormia bem. Tinha um companheiro de colocação, mais novo, espécie de tutelado. Começou a namorar a falsa madrasta, e ela servia a ambos. Foi descoberta em pleno terreiro, debaixo de umas palhas. Mané Onça cacetou os dois, mas não matou logo. Amarrou-os em pé, em assaizeiros, um em frente do outro. Amolou a quicé, que ficou igualzinha a navalha de barbeiro: castrou o sócio com tôda perícia. Picou os restos aos pedacinhos, botou em cima da cachaça e mandou a boliviana beber. E bebeu mesmo, enquanto o outro se acabava em sangue, escorrendo pelas pernas. Gritava, mas ninguém ouvia. Não ficou por aí. Cortou os peitos da pobre e deu aos cachorros.

Depois, afiou bem a quicé e tirou a pele de Sebastião, deixando-o em carne viva. Fêz o mesmo à boliviana. Desapareceu nas matas do Abunã e da Bolívia. Parece que endoideceu, virou mira-anga e acabou se entregando, dizendo tudo. O Abunã é lugar bom para os criminosos, porque a polícia não anda por lá. Só se sabe que é Brasil por ouvir dizer.

Segadais relatava outros crimes, em rios fantasmas, afluentes despovoados, onde o regime era escravização e peia grossa. São coisas que se passam do outro lado, em terras contestadas de ninguém. O proprietário gruda um feitor à bôca de um igarapé... Quem é doido de entrar sem licença? Há borracha, castanhas, sôrva, até pedras preciosas, mas não entra, ou entra com licença e deixa 50% da colheita, como impôsto aos latifundiários. São monopolizadores e sabidões. Dizem que há florestas homogêneas de seringueiras, sôrva, cedros, mas também os índios não vacilam em frechar e degolar os invasores. Há índios mansos, devidamente industriados para êsse fim, e também selvagens, que têm moqueado castanheiros para o almôço.

Fábio admirava a fantasia criadora do advogado, talvez em má hora desviado do júri, pelas diabruras do próprio temperamento. Tão bem que se iniciara em Humaitá, estimado por todos e protegido pelos chefes. Recusara nomeações. Sua vocação era o fôro. Iludia com as sucessivas adaptações de homem-cêra. Iludia até o padre Silveira, que o convidara a realizar palestras na igreja, sôbre temas religiosos. Não é que Segadais errara a profissão? Falava melhor que o padre; profligava os erros dos homens e comovia as mulheres. Perdoavam-lhe certos desvios nos forrós e na rua da Palha. Não acusavam também o vigário? E não era mentira? Fôsse educado em seminário e estaria isento dessas fraquezas. Por que não se ordenou e veio para o Amazonas, ao lado do virtuoso padre Silveira? Era a pergunta de matronas austeras, honestas pelas imposições da idade.

* * *

— Está na hora, Segadais! Quando começa a falar, não acaba mais. O remeiro veio avisar que a canoa está pronta.

Desceram as escadas, escavadas no solo, soltando torrões aqui e ali. Apoiado a um remo, Segadais descia, as-

sobiando. Dava pàzadas com o remo, à direita e à esquerda, contra os moris crescidos, que lhe açoitavam o rosto, deixando pêlos, semelhante aos de pendões de cana. Olhados de longe, os barrancos, esverdeados de canaranas, pareciam canaviais. Fábio namorava-os pensativamente, rememorando os sertões longínquos. Quebrou alguns moris, arrepelou as fôlhas para cima e atirava-os horizontalmente às águas, em impulsos calculados. O mori caía, pulando duas, três vêzes.

— São os filhos que você vai ter. Três, seguidamente.

Às vêzes, ti-bum! O mori enfiava-se verticalmente nas águas.

— Eh, molengo! Não vai ter nenhum.

Até naquelas brincadeiras inocentes de menino o mistério genésico, que atormentava homens e bichos. Ouviam-se urros de onça na vadiação, ritmando a madrugada, quando se tornam traiçoeiras e mortais.

A igarité atingira a ponta de cima, coberta de ingazeiros. Segadais afastou-se bruscamente da margem, em ângulo agudo, numa reta de espumas para a enseada em frente, rumo à barraquinha do comandante da praia, nomeado pela superintendência de Humaitá. Movimentos precipitados sacudiam violentamente a embarcação; correu de lado, cedendo aos impactos do rebojo e aos impulsos das remadas fundas.

— Cuidado! Se virar, ninguém escapa! Aqui foi que naufragou o batelão do Elias, quando se afastava da praia, cheio de tartarugas. Perdeu-se tudo e êle escapou abraçado a uma pele de borracha do Jamari.

A igarité lembrava, mais de uma vez, um cavalo lendário, que soprasse espumas das narinas, dilatadas pelo cansaço. Mais algumas remadas, e se enfiou no baixio. Os dois tiraram os sapatos e caminharam para a beira, arrastando os pés na areia, a fim de afugentar arraias. Conheciam-lhes as manhas: pisando, era estocada na certa, produzindo inchação, engulhos e febre. As vítimas gemiam, horas seguidas. Batidas ligeiramente com o pé, fugiam para o lado. Ou o pé, ou um remo, sondando o caminho. Havia-as de todos os tamanhos: matavam-nas em anzóis ou arpão, arrancando-lhe as serrilhas para curar dores. Era só encostá-las no ponto doído. Chegaram todos à margem. A canoa encalhou e ficou amarrada, por segurança maior, a varas enfiadas na areia. Mas não houve necessidade. Quando regressassem, estaria ainda mais

no sêco e teria de ser sacudida para abrir canal. Caminharam para o barranco, em silêncio, a fim de falarem ao comandante e conseguirem um guarda, que os levasse ao boiadouro. Tartarugas batiam os cascos nos currais, armados no areal, e havia grandes estragos. Morriam dezenas e dezenas de sêde, curtidas pelo sol. Vendiam-se aos regatões e seringalistas, segundo as percentagens e licenças da superintendência. Certos comandantes não obedeciam a regulamento algum. Era uma tremenda devastação, durante as virações. Continuava o estrago com os filhotes, que ofertavam aos amigos, em latas de querosene. Colocavam-nas vivas em panelas ferventes. Negociavam também os ovos, frescos ou secos ao sol, ou transformados em manteiga.

Ninguém podia virar uma tartaruga na praia fiscalizada, o que não acontecia aos pitius e tracajás. Êsses poderiam ser frechados nos boiadouros ou colhidos nos barrancos, considerados bichos-de-casco de segunda ordem.

As tartarugas mortas estavam enfileiradas, fora do curral; esperavam que a areia esfriasse, a fim de arrastá-las às correntezas, onde seriam pasto de peixes vorazes.

* * *

O mormaço cedeu ao sol, aquecendo a areia. Segadais, Fábio e o comandante esconderam-se em touças de oueranas, em sombra agradável, esperando o cair da noite. Silêncio. Murmulhos de vento, de pequeninas maresias, onde deslizavam sucessivos cardumes. Botos e dourados pulavam, assustando sardinhas e chorões, que se esparramavam às dezenas. Andaram mais alguns passos, de gatinhas, e se demoraram em apreciar o boiadouro.

As origens da criação pareciam ter parado naquele pequeno gôlfo, onde as correntezas amenizavam nos remansos, arrastando-os para o largo. Círculos rápidos rendavam-se à superfície, como garatujas num quadro mural. Tartarugas, capitaris, tracajás, pitius botavam as cabeças de fora, vendo-se-lhes, em seguida, as carapaças molhadas, brilhando aos restos do sol. Não se espantavam fàcilmente, como as tartarugas que boiavam nos lagos, ou ao longo do próprio rio, subindo para os taboleiros.

Naquela hora da tarde, nenhuma canoa poderia surgir no boiadouro, a fim de não perturbar a saída dos bichos, que se assoalhavam na curva da enseada. Qualquer

barulho os espantaria, e só retornariam após dois ou três dias.

Começaram alguns a sair, aqui e ali, e, dentro em pouco, a praia estava ponteada de cascos, dando impressão de fartura e riqueza. Subiam-na em várias direções. Mais tarde, após a desova, seriam viradas pelos guardas do tabuleiro. Processava-se ràpidamente a viração e as tartarugas eram removidas para os currais.

Daí seguiriam para os batelões, lanchas, fugiam ou morriam ao sol, na desordem da distribuição. Vendiam-se milhares de ovos e milhares de tartaruguinhas, quando se evadiam das covas para o rio, onde as aguardavam as goelas dos peixes-lisos e os bicos das gaivotas.

Havia o comandante e os guardas para defenderem a praia, mas pouca defesa havia. O ataque era sistemático. Em que daria aquela imprudência?

— Nos primeiros dias de Amazonas, quando aqui aportei como expedicionário, pouca importância dei a estas cenas. Era de outros sítios, queria ganhar dinheiro e regressar quanto antes. Acontecimentos prementes obrigaram-me a permanecer aqui. Comecei a prender-me ao barro, querendo bem às coisas da terra. Hoje, tudo isto me revolta e até desanima. Você conhece, pelas leituras, o que era o nordeste: rios piscosos, matas cheias de caça. Vá ver o sertão e a serra. Não foram sòmente as sêcas e conseqüências, e sim a devastação do homem. Desapareceram as espécies, ou fugiram para os ermos inatingidos. Você bem sabe quanto é difícil encontrar uma onça ou um veado. Avoantes são aves de arribação. Até as cascaveis diminuem. Onça e veado sòmente nos cafundós da serra.

A situação daqui é diferente, a natureza é prodigiosa. Continuando-se, entretanto, a desídia e a defesa dêstes comandantes de praia, as tartarugas emigrarão e desaparecerão. Quando se nuclearem populações, estas terão de produzir o próprio abastecimento. Tal qual o nordeste. As reservas desaparecerão com o vandalismo do homem, que nos bandos de queixadas, se diverte a matá-los, pelo simples esporte da pontaria.

As primeiras gerações expedicionárias transformaram-se em hordas. O troglodita brandia o sílex para trucidar a fera, defender-se e saciar a fome. Trucidava uma ou outra, emparedando-se nas suas cavernas. Não dispunha de armas de fogo. Mata-se hoje por maldade e divertimento. As gerações posteriores vão amaldiçoar a nossa incúria.

— E os comandantes de praia?

— Uma gôta na imensidade. Cooperam na extinção. Melhor que a praia ficasse à vontade, sem o encurralamento que sacrifica milhares de tartarugas ao sol. Quando o govêrno acordar sèriamente, será um pouco tarde. Quero bem a êste mundo novo: fui vencido pela sua grandeza e pelo meu sentimentalismo. Luto, dias inteiros, nas cachoeiras, nos armazéns, nos regatões, mas não durmo sem uma prece de gratidão por viver aqui e estar aqui.

— E o nordeste? E o Ceará?

— Continuam no meu coração. Futuramente, o Amazonas erguerá um monumento aos que morreram para dar-lhe vida. Não só o Amazonas. O Ceará também erguerá um monumento de gratidão, lá naquelas dunas de Fortaleza, aos sertanejos que partiram, aos que morreram, aos que não mais voltaram, fixando, em cada seringal e em cada estrada, a têmpera nordestina. Agradecerão, a êsse tempo, o desbravamento exclusivamente brasileiro. Como falamos certa vez, o bandeirante paulista avançou para o oeste, morreu ou voltou; o cearense ficou e espalhou as sementes, através dos meridianos vencidos. Deixemos de divagações. Olha a ponta da praia!

Cabeças altas, sondando os ventos, milhares de quelônios preparavam-se para a desova.

Dentro em pouco, os guardas começariam a viração, dando golpes rápidos: levá-las-iam para os currais e atirariam as mortas às correntezas. A viração deslumbrava e entristecia: aquela riqueza não tinha valor, era dissipada irregularmente. Servia para ser depositada em poços, nos seringais, ou vendidas a intermediários, rumo de Belém e Manáus. O preço das tartarugas, em Tamanduá, era menor que o do frete.

— Nada mais nos prende aqui. Levamos algumas para o consumo. A igarité nos espera. Devemos aproveitar o tempo e chegar bem cedo a Santo Antônio.

Prosseguiram viagem, embrulhados na noite; romperam rebojeiros, que estouravam perto da margem, e, dentro em mais algumas horas, ao clarear do sol, avistariam a enseada da cachoeira.

— Toca a buzina!

Era o aviso conhecido. Padre Silveira, que se desobrigara de batizados, casamentos, leilões, foi recebê-los, à ribanceira.

— Demoraram muito. Já estava apreensivo, — gritou de cima, acenando o chapeirão de tucumã.

Segadais sorriu e segredou para Fábio:

—O nosso reverendo está enganando os tolos... Gostou de ficar sòzinho, livre para as sonecas na barraca da Zefa Mixira. Despediu-se bem. Vai ficar um temporão sem êsse derivativo. Há outras Zefas, em outros sítios. Quem vai saber disto? Só o arrependimento, mas o arrependimento também se atenua com os dias... Vai, vai, até que cessa com os anos. Será verdade que eu tivesse pecado assim?

* * *

O Jamari vomitava biles de águas amarelo-escuras, confeitadas de espumas, ao se engolfarem no Madeira. Rio de paludismos e beribéri, como o Machado, desafiava os trabalhadores, que lhe entravam pelas cachoeiras, na sedução das estradas de muitos galões de leite. Os afluentes apresentavam-se com a mesma uberdade. Seringueiros ambiciosos, até mesmo o mendigo evadido para a conquista da libertação, sonhavam vencer-lhe corredeiras e estirões, ou enveredar pelas águas verdes do Candeais. Estavam ali era para trabalhar e regressar ao nordeste quanto antes, pagando inicialmente ao patrão os gastos de passagens e primeiro estabelecimento. Seguiam turmas e turmas para o deserto: entravam cem seringueiros e, no fim do ano, 20% tinham morrido e 30% estavam enfermos, na batalha das selvas, descendo para os barracões do Madeira ou os hospitais de Manaus. Subiriam novamente mais endividados, sem as energias das primeiras investidas. Sem navegação alguma, sabiam os seringueiros, que ficariam sitiados nos altos rios, de inverno a inverno. Iam como quem entrava num cêrco, incertos do regresso. Havia também as lendas dos crimes sem punição — corpos pendurados nas árvores, ou atirados às piranhas e cachoeiras. Teriam de enfrentar o rio fabuloso, que inflete para o sudoeste, cada vez mais rico de seringueiras, especialmente nas serras, e cada vez mais povoado de índios.

Os cearenses não recuaram. Carreados por patrões audaciosos, sentaram-se às tábuas do batelão e foram acampar bem distante, nas lindes de Mato Grosso. Cada rio tem um capítulo na história do desbravamento. Cada rio e cada igarapé. Alguns se rendem logo; outros exigem, como estão exigindo, o holocausto de milhares de criaturas. Deixar as doçuras da Serra do Araripe pelas

gargantas do alto Jamari não era para qualquer um. Prova de coragem já importava em chegar aos primeiros degraus das cachoeiras do Samuel. Regatões sírios estacionavam os batelões acima da foz, receosos de beber a própria água do rio mortal. Evitavam mesmo as pescadas que afluiam a êsse ponto, tão crescidas como as do mar.

— Várias expedições foram obrigadas a retroceder, mas o Jamari se entrosará no capítulo dos desbravamentos. Seus seringueiros hão-de produzir, incorporando-o à civilização. Já deram algumas toneladas, anunciando êsses dias de vitória. Mais um pouco, e cederá definitivamente.

Referia-se à tragédia do nordestino, à sua aclimatação aos seringais, sem médico e assistência para os primeiros passos, sem recursos de espécie alguma. Assalariados que descontavam sempre, — descontavam desde os primeiros dias de trabalho, antes do contato direto com as estradas. Transplantaram-se do incêndio das sêcas, nos sertões, para o aguaceiro dos igapós, retirantes endividados obrigados a retirar-se, devendo tudo a todos.

Fábio observava-lhes a resistência espartana. Desembarcavam nos seringais com um saco de roupas, desprotegidos como soldados sem direção, e partiam para as colocações dos centros.

Iam residir em tapiris, sòzinhos dentro dos espinhais, na escuridão e no silêncio apavorantes, adivinhando índios e feras em tôdas as clareiras. Gritavam para ouvir a própria voz, falavam aos cachorros, — e, quando adoeciam, esperavam a morte ou a reação do organismo ferido.

Não sabiam ler, não tinham reservas espirituais, na maior parte, e podiam ser fàcilmente lesados por alguns patrões inescrupulosos. Escravizavam-se, anos e anos, por dívidas, que nunca se extinguiam, nem mesmo produzindo o duplo da borracha. As mercadorias consumiam tudo.

Os patrões conservavam rigoroso segrêdo sôbre os preços, numa época sem telégrafo e navegação. Não explicavam o preço das cotações, como os dos gêneros principais que vinham de Manaus, acrescidos de fantásticas despesas nos trajetos pelo rio, adicionando-lhe de 100% a 200%. Não tinham direito a passagens nos batelões, nem a favores de medicamentos, mesmo adoecendo em serviços de campos ou expedições a seringais inóspitos. Adoeceram, porque tinham de adoecer. Pagassem os remédios, a alimentação e, se não quisessem mais, seguissem

outros rumos. Rapagões, outrora musculosos, saiam emagrecidos, caminhando trôpegos para a embarcação salvadora. Outros já chegavam enfêrmos nos lotes dos brabos, trazendo mulheres anêmicas e crianças barrigudas, condenadas ao desaparecimento à primeira febre.

O gado era mais feliz: vinha com um tratador. O cearense? Um maltratador, como dizia o Zé Machado. Sujeitos inconscientes iam buscá-los no sertão, contando grandezas: tinham ordenado, percentagens sôbre cada cabeça, matanças nas passagens, nos hotéis, nos centros de fornecimento.

— É isso mesmo, esbravejava Padre Silveira, que perdia a calma na defesa de sua gente. O norte irá para deante quando não houver o que fazer no sul. Veja o que aconteceu com os imigrantes. Quando foram encaminhados para o sul, no século passado, o nosso bom Pedro II só faltou convidá-los para irem dormir em São Cristóvão. Quanto ao Ceará, lambugens como em 77. Pelo pouco que fêz, o povo só faltou entronizá-lo de novo. Não faz mal. O sofrimento forja o espírito e a autonomia do norte. Até lá, morrerá muita gente por êstes igapós. Muita gante também ficará, abrindo seringais, varadouros, constituindo famílias. E ainda se queixam dos brabos, que são dist-deiros, que trazem facas, que praticam assassinatos.. Crêem em Deus e Deus os perdoará!

H

Padre Silveira batizou e casou. Observava com tolerância aquêle comêço de civilização. Não havia pròpriamente uma festa, como em Santo Antônio, porém, sabendo de sua passagem, e querendo ganhar tempo, dois grandes batelões desceram do Jamari com aquela carga, que se beneficiaria com a passagem do vigário. Perdendo o encontro, sòmente no ano seguinte, e muitos meninos morreriam pagãos, carregados pelo diabo. O diabo, que anda por aquelas paragens, deve ser mais feroz. Padre Silveira alinhava os padrinhos em círculos. Quando não os havia, arranjavam-se por ali mesmo, ou seriam afilhados de São Sebastião ou Nossa Senhora.

Não havia aperreios para casamentos, assunto de segunda ordem naquelas paragens. Vivessem juntos e não lhes surgiria obstáculo algum. Sociedade era palavra dúbia. Sòmente quando se cogitava de sociedades comerciais.

— Seu nome?

— Joana Lima.

— Solteira? Nome dos pais? Onde nasceu?

— Num sei. Mode que em Crateús. O marido foi embora com outra.

Padre Silveira olhava para os céus, resmungando sempre. Olhava também aquela pobre gente, olhava a mulher descorada e os meninos.

— Vá lá! É melhor ter se amigado e viver sèriamente, tratando dos filhos e fazendo mingáus, do que dar para safada. Sem um ato qualquer, caem na pouca vergonha. É preciso o nó do padre. Sem êsse nó, vão laçar outro e vadiar no seringal vizinho, vagando de mão em mão. Com o nó, levam o nome do sujeito, e a quicé lhes garante a união.

Com os meninos, a situação mudava. Iam para o inferno, rondando a barraca dos pais — culpados de tudo,

da vida e da falta de batizado. Demais, quando afilhados dos proprietários, poderiam servir no barracão e até aprender um pouquinho, soletrando e trabalhando no armazém. Essas eram as supremas razões. Padre Silveira impacientava-se nos sermões, que pouco modificam a mioleira do pessoal. Conhecia-lhes algumas artimanhas entre o mulherio. Podiam ser verdade, podiam ser mentira, porém quem iria meter mão na combuca pelo vigário?

— Só é sério, quando usa batina e coroa. De mescla e chapéu de palha, barba e cabelos crescidos, até parece judeu em jejum.

— Não diga isso. Lembre-se do padre Chico.

— É velho demais. Desde moço na capelinha da serra, foi ficando magro e virando santo. A coisa é diferente por aqui. Não estou acusando o vigário, que é nosso amigo. Repito o que o povo diz.

Findos os batizados, padre Silveira justou as contas. abençoou os curumins e partiu pela madrugada. O navio da linha descia de Santo Antônio e se abastecia de lenha. Demoraria dois dias à foz do Jamari, recebendo as jangadas dos altos-rios, transbordadas na Cachoeira do Samuel.

Fábio apressava o pilôto, enquanto padre Silveira aprestava a bagagem e o altar portátil. A manhã rompia, entre flamas coloridas. Tomaram a direção do seringal mais próximo, onde haveria serviço religioso.

— Veja você, padre. Veja o trabalho dos seringueiros. Há excessos nos desvarios da conquista, pela carência do policiamento social. Os instintos desembestam e desnorteiam. Isto aqui não é conquista de oeste americano. Não vieram pioneiros com pressionismos sectários. Nem o govêrno deu maiores auxílios. Até lembra os dias do descobrimento, quando chegavam degredados e a escória do cáis. Ora êsses homens ajudaram a construir o Brasil, cruzando-se a índios e negros.

— Aqui, tudo é melhor. São pobres agricultores, perseguidos pelas sêcas e pelo espírito de aventura. Os portuguêses ficavam à beira-mar, às vêzes protegidos pelos soldados; os daqui vêm para o sertão bruto. Os primeiros iam para logares salubres, borrifados pela salsugem; os daqui se isolam nos charcos, sem ventilação, sòzinhos, entregues aos borrachudos. Nem índios, nem pretos. Deixem falar. Quando vier a verdade, êstes homens marcharão à frente, como brasileiros que drapejaram a bandeira nos ombros calejados. Caminhando por varadouros e fron-

teiras, são os mastros de uma bandeira invisível. E é a nossa Bandeira.

* * *

ıl

A igarité aproximava-se de um seringal pobre. Pairava a tristeza em tôrno, ao contrário de qualquer habitação, tôdas as vêzes em que chega um sacerdote, sempre festivamente recebido. O dono da casa esperava o fim, arfando na rêde, que sacudia o mosquiteiro de riscadinho azul. Perto, na paxiúba, um caixão aberto, de toscas ripas de cedro, sem cobertura de pano, aguardando ainda o que iria falecer, caso faltassem medicamentos.

— Sua bênção, padre! Dê cá um assento. Afasta o caixão. Os meninos têm de ir para os centros de Candeias, pelo batelão que passa hoje, e deixaram pronto o caixão. A velha não tem mais fôrças para qualquer serviço. Já abriram a cova, debaixo das mangueiras. É só botar no caixão e levar pr'o buraco.

Padre Silveira acostumara-se àquela cena típica: o caixão tosco, o buraco ao pé da mangueira. Galinhas ciscavam minhocas, nos torrões novos. Gente estóica, sem gemidos e protestos ante o nada.

— Você não vai desta vez. Tenho remédios, o navio da linha está na Bôca do Jamari. Passará daqui a pouco. Preparem a roupa. Estão aqui as pílulas. Deve ter alguma economia. Conseguirei as passagens. Sua mulher fica, vigiando os xerimbabos. Basta ir até Humaitá. Voltará curado.

— Eh! Vem vapor! Eh! Vem vapor!

Era o aviso da curuminzada. Fábio disparou três tiros de rifle. O navio dá um apito curto, sinal de atendimento, manobrou, aproximou-se da margem, sob o barulho surdo das máquinas. Soaram mais dois apitos.

— Tragam canoa! O navio não pode atracar. Borracha para embarcar?

— Não. Doente para Humaitá.

Condicionaram o enfêrmo numa cadeira e o levaram para bordo com o seu saco de viagem.

— Comandante, é o Padre Silveira. Entregue o doente em Humaitá. Aí vão uma carta e as despesas da passagem. Velho Gusmão dará voltas nessa febre. Ainda fico para descer em canoa. Boa viagem, obrigado!

— Afastem a montaria dos propulsores! Até parece que vieram das Europas.

Padre Silveira ia em pé, na canoa que se afastava, pulando nas ondas deixadas pelo navio. Lembrava um fantasma, emergindo das águas, que lhe desenhavam, em traços vivos e móveis, a figura angulosa.

— Ganhei o dia. Melhor do que cem confissões de beatas sebentas. Regressará para seu pequeno sítio com duas estradas. Seringueiro, onde eu estiver, poderá morrer de faca ou baleado. Não morre à míngua, nem em sujeira de pecado. Santo Deus! Estou blasfemando. Não morre em pecado, só o que deveria dizer. Diabo de govêrno, que faz o sujeito perder a alma, de tanta indignação. Homens que defendem as fronteiras com o próprio sangue, abandonados assim! Heróis obscuros, ignorantes do próprio sacrifício, nesse desleixo, morrendo à míngua, sem a mínima assistência oficial. Porque os patrões fizeram o que puderam. E alguns não entendem de responsabilidades imediatas, porque, na maior parte, são também pioneiros, que exploram as glebas, sob o arrôjo da audácia e da sorte. O velho Gusmão, português de nascimento, ampara mais essa gente com as suas pílulas do que tôda a mentirada oficial.

Padre Silveira blasfemou ainda muito tempo, trocando frases com Fábio, revoltado também com aquelas cenas.

— Você tem razão, padre. Creio, entretanto, que os verdadeiros explorados são êsses pobres sertanejos e caboclos. Lutam, vegetam, ilhados por estas matas bravias. Os batedores, nos pampas e nos Andes, foram mais felizes, enfrentando índios menos ferozes. Tinham o clima e os campos...

* * *

A igarité cortava as maresias, e já tiros de rifles estouravam do lado oposto, chamando o sacerdote.

— Mais batizados ou almas que pretendem salvar-se. Veja você. Um pouquinho de vaidade. Querem dizer que também recebem a visita do padre. Poderiam ter vindo ao lugar onde estivemos. São amigos e não seria esfôrço algum.

— Não fale assim. Você sabe que só a presença do padre vale uma oração para êsses homens. Vão dizer que viram o Crucifixo, que lhe beijaram a batina, que o padre

almoçou em sua companhia. A lembrança ficará por muito tempo.

A igarité aproou ao banheiro, afastando canoas, mas não houve foguetório. Outras canoas, cheias de remadores, estavam atracadas. Viam-se os sacos de encerado, terçados e armas entre paneiros de farinha, caixotes de mantimentos, mantas de pirarucu. Alguns dormiam, deitados nos bancos, em pleno sol.

— Vieram do forró e aí estão curtindo a cachaçada. De onde vêm vocês?

— Fomos pegar fugidos do Jamari. São quatro. Um está p'ra morrer lá na barraca. Aqui é mais fácil enterrar o homem. É melhor morrer em casa de gente.

Padre Silveira e Fábio subiram o barranco e caminharam ràpidamente para a barraca, escondida entre touças de bananeiras.

Todos se descobriram, enrolando os chapéus de pano nas mãos. Mostravam terçadinhos e facas nas cinturas, obrigatórios no interior. Não se viaja em canoa ou vara estrada, mesmo perto, sem o terçadinho ou faca para quaisquer serventias — cortar cerrado, pau para matar cobra, cavar buraco para tirar cotia ou tatu, ou defesa contra qualquer desaforado.

Ao lado, pingando água e tresandando pitiú, a tarrafa de cordões finos, próprios para os cardumes nas vasantes ou curimatá na bôca dos igarapés. Completa, com a espingarda, a segurança e o abastecimento da barraca.

Cachorros pirentos ladravam, escondidos debaixo dos jiraus.

— Sai daí! Cala a bôca, "Pimenta"!

* * *

A tipóia tomava o canto das varandas, sacudida pelo homem que tremia, esgotado pelas sezões do Jamari. Ouvia-se, de quando em vez, um gemido baixo. Dois outros, esfarrapados, sentaram-se na paxiúba, de olhos esgazeados, barbas esfareladas, blusa com pingos de sangue. As pernas estavam arroxeadas. Enxotavam varejeiras com os chapéus. Aceitaram café, enviesando olhos de cães peiados ao redor.

— Tome café sem mêdo. Você não cometeu crime. De onde vem?

— Do Baixo. Fomos pegados. Fugimos do Jamari, lá das cachoeiras do Alto.

almoçou em sua companhia. A lembrança ficará por muito tempo.

A igarité aproou ao banheiro, afastando canoas, mas não houve foguetório. Outras canoas, cheias de remadores, estavam atracadas. Viam-se os sacos de encerado, terçados e armas entre paneiros de farinha, caixotes de mantimentos, mantas de pirarucu. Alguns dormiam, deitados nos bancos, em pleno sol.

— Vieram do forró e aí estão curtindo a cachaçada. De onde vêm vocês?

— Fomos pegar fugidos do Jamari. São quatro. Um está p'ra morrer lá na barraca. Aqui é mais fácil enterrar o homem. É melhor morrer em casa de gente.

Padre Silveira e Fábio subiram o barranco e caminharam ràpidamente para a barraca, escondida entre touças de bananeiras.

Todos se descobriram, enrolando os chapéus de pano nas mãos. Mostravam terçadinhos e facas nas cinturas, obrigatórios no interior. Não se viaja em canoa ou vara estrada, mesmo perto, sem o terçadinho ou faca para quaisquer serventias — cortar cerrado, pau para matar cobra, cavar buraco para tirar cotia ou tatu, ou defesa contra qualquer desaforado.

Ao lado, pingando água e tresandando pitiú, a tarrafa de cordões finos, próprios para os cardumes nas vasantes ou curimatá na bôca dos igarapés. Completa, com a espingarda, a segurança e o abastecimento da barraca.

Cachorros pirentos ladravam, escondidos debaixo dos jiraus.

— Sai daí! Cala a bôca, "Pimenta"!

* * *

A tipóia tomava o canto das varandas, sacudida pelo homem que tremia, esgotado pelas sezões do Jamari. Ouvia-se, de quando em vez, um gemido baixo. Dois outros, esfarrapados, sentaram-se na paxiúba, de olhos esgazeados, barbas esfareladas, blusa com pingos de sangue. As pernas estavam arroxeadas. Enxotavam varejeiras com os chapéus. Aceitaram café, enviesando olhos de cães peiados ao redor.

— Tome café sem mêdo. Você não cometeu crime. De onde vem?

— Do Baixo. Fomos pegados. Fugimos do Jamari, lá das cachoeiras do Alto.

tar a separação p'ra seu Arruda não desconfiar. Resolvemos fugir antes do fim do mês. Tem uma capangada ruim, mas, pulando a cachoeira, nós estaríamos salvos. Foi nosso engano. Calculamos mal o motor. Nossa vida continuava na mesma: deixávamos o campo de noite, tomávamos café com farinha de madrugada e voltávamos p'ra limpar capoeira e derrubar paus. Ninguém parava. Vocemecês sabem o que é zoar a cabeça, roçar campo com motuca, cobra, formiga nos pés, chuvisco, urtiga, unha-de--gato? Quando a gente acaba, todo ferido, vai tomar banho, rói a bóia dura e cai na tipóia até de manhã.

Padre Silveira e Fábio entreolharam-se, comovidos e revoltados. Conheciam bem, na crônica dos seringais, a luta do fugido. Era um rebelado ante o tratamento recebido e a conta que não pagaria mais. Vivia entre as paredes verdes de um cárcere. Seguiam-no por tôda parte. Mudava-se, às vêzes, quando um novo patrão se responsabilizava pelas dívidas contraídas. O seringueiro, aparentemente redimido, saía para nova colocação, carregando os seus pertences: a alegria durava algumas horas. O novo patrão responsabilizara-se pelas dívidas, porém acrescidas de 20%, representadas pela barraca, defumadouro, benfeitorias que vinha ocupar.

O fugido costumava desaparecer à noite, na própria montaria, ou em montaria roubada, levando, se pudesse, a sua bagagem, galinhas, porcos, peles de borracha. Poderia ter a sorte de aboletar-se no primeiro seringal, e o proprietário responderia pelos seus compromissos. Outras vêzes, ia para bem longe.

Caracterizava-se, então, a figura do fugido, que não queria voltar mais, que se dispusera a deixar os patrões e desaparecer para sempre. Havia, entretanto, um código inviolável entre os seringais. Ter-se-ia, cedo ou tarde, pleno conhecimento do lugar onde iria parar. Raras vêzes enviava uma carta, anunciando o novo patrão e os propósitos de pagamento. Muitos consideravam a fuga um desafôro, uma felonia aos costumes das selvas. Contas fôssem para lucros e perdas. Melhores umas lambadas boas de umbigo de boi. Preparavam canoas tripuladas, partiam em busca dos fugidos, que voltavam cabisbaixos, amarrados e chibatados, e reentravam no seringal, sob chalaças dos veteranos. Ficariam, desde então, sob vigilância atroz. Não inspiravam mais confiança: patrões e fugidos olhavam-se sombriamente, como criaturas que têm de solucionar uma parada, cedo ou tarde. Não existe

mais a figura trágica do fugido: o seringueiro é livre e vai para onde quer.

— Mas... para onde foram e como foram pegados?

— Preparamos uma caçada. Íamos também tirar feixes de palha para cobrir barracas. A palha fica perto, pois tudo aquilo é terra-firme. Dissemos que iríamos sair de madrugada. Saímos de noite, no meio da noite, entre chuva e frio. Quase não se enxergava o Jamari. Nós conhecemos bem o bicho, até pela correnteza e pela escumeira. Cheira de noite. Remamos, remamos, sem dormir, até de manhã. Mais adiante, revezamos. Um dormia e dois remavam. Desciam sempre e não havia mêdo de ser pegados. O diabo foi a primeira cachoeira. Tivemos de saltar, arrastar a canoa para terra, deixando rastro. Assim mesmo, chegamos à Bôca do Jamari. Já não tínhamos o que comer, pois não tocávamos em barracas de seringueiros. Só no Madeira. Quem foge não deve parar nunca. Parar só no fim. Nós paramos e foi nossa desgraça. Resolvemos comprar mantimetos, a trôco de borracha. Levávamos outras peles: tínhamos de pagar passagem no regatão. E vimos um regatão. Pagamos e já nos considerávamos livres. Foi a nossa perdição. Isto é, a perdição foi entrar no Cuniã, onde perdemos dois dias. Quando saímos, na bôca havia uma canoa tripulada. Entramos no mato e pretendemos reagir. Apareceu o subdelegado do Jamari com homens armados. Iam a mando do coronel Arruda. Nós éramos criminosos. O regatão foi o primeiro a dizer que nada tinha com o caso e estava pronto a devolver a borracha das passagens. Fomos transferidos para a igarité, sentados no meio do banco. Sentados e amarrados. Em frente, um camarada brincava com um rifle embalado. Tiramos a blusa e apertaram mais as cordas nos braços e nas pernas. Levamos peia e cuias dágua sem protesto. Diziam que era p'ra amansar. João, o infeliz, que está na rêde, quis se jogar no rio. Pegou nova surra e pontadas de terçado. O resultado está aí, mais perto da morte que da vida. É melhor ter nascido prêto escravo. Agora, Jamari de novo, até acabar. Só mesmo bala de rifle num peste dêsse, embora se morra também. É a sorte do fugido.

Fábio e padre Silveira nada comentavam. Os homens dormiam ainda, verdugos de companheiros também desgraçados, sempre sem razão. Havia um acôrdo entre patrões, delegados, policiais, que só admitiam uma atenuante: responsabilização pela dívida dos fugidos. E havia neces-

sidade de saber se essa responsabilização tinha valor, pois, no Jamari não corria dinheiro. O dinheiro era promissória, ordem de pagamento, peles de borracha, mercadoria, burro, batelão. Nada circulava para além das cachoeiras, que se comparasse a batelões e burros, necessários à movimentação e ao transporte. Valiam cédulas de contos de réis. De qulaquer forma, padre Silveira, com o seu prestígio de sacerdote, iria escrever a Arruda, recomendando os fugidos, algemados na igarité.

— Arre! A Princesa Izabel não acabou com a escravidão. Estas cenas pertencem ao inferno com cachoeiras, Arrudas e o mais!

I

A igarité do vigário fendia novamente as águas, na manhã cheia de sol. Margens azuis mergulhavam à distância, trêmulas no horizonte infinito. O rio parecia findar naquelas distâncias, à feição de um grande lago. Vencida a enseada, novos estirões se abriam, dando para as curvas largas de outras enseadas, onde a terra-caída, dinamizada pelos barrancos e fios líquidos ferruginosos, que pendiam das matas, arrastava bacabeiras e paus-mulatos.

Jacaúna Remeiro abrira o saco de jabá e farinha. Cada um cortava o naco de carne, derramava farinha em cima, temperava chibé e mastigava, sem parar a conversa com os remadores. Ao fim, bebia água do rio, misturada à farinha que estava na cuia. As correntezas rosnavam, torcendo rebojeiras e troncos desgalhados, que flutuavam até à libertação para alguma ponta de praia, agarrados por galhadas de cipós.

— Veja você, Fábio, as torturas de uma sociedade em formação: fugidos, raptos, crimes, escravizações. Sente-se bodum de senzala e cativeiro. Tudo isto dá origem ao cangaço. Fala-se do nordeste. Seria mais feroz aqui. Haveria um cangaceiro em cada barraca.

— Será difícil. Haveria assaltos, assassínios, mas nunca o cangaço, organizado em tôda sua desorganização, que exige movimentos rápidos, ação rápida. Desenvolveu-se em caminhos sêcos, pés-de-serra, caatingas, com bacamartes, punhais e cavalos. Onde cangaço com estas canoas morosas, que se despedaçam na primeira corredeira? Temos tocáias, incêndios e revoltas contra barracões. Preste atenção aos fugidos. Foram peiados no Madeira e voltam murchos e acovardados. Chegando ao seringal, levarão tundas de peixe-boi, passando fome alguns dias. Desarmados, voltarão às barracas, não raro acovar-

dados. Apelam, já se vê, para vinganças tardias — tocáia ou armadilha. O sujeito quer matar por bala, quicé e aos poucos, para o camarada ver quanto é bom. Ou temos o assalto a depósitos de mercadorias e barracões, seguido de violações e estupros. Desembesta-se o espírito de vinganças, o sadismo do isolamento, o ódio do faminto que vê o outro dormir em rêde macia e comer boa carne de gado. Vem o delegado de polícia, o proprietário endinheirado, pune os rebeldes, prendendo, chicoteando e matando. A coisa não vai para diante. O cangaço é uma resultante de ódio, raça e ambiente.

* * *

"Boa-Vida" foi um exemplo: o proprietário não pagava os saldos, furava as meninas impúberes, enfeitava os seringueiros, principalmente com dívida, maculando-lhes as mulheres. Eram os juros de mora, cobrados por êsse modo seviciante.

Deu-se, então, a tragédia. Aguardaram a saída do motor, que deixara mercadorias para o verão inteiro, cercaram armazéns e o barracão, pela madrugada. O coronel não podia reagir, pois os empregados haviam retirado as armas, durante a noite.

Amarraram-no primeiramente; amarraram a mulher, a cozinheira, as três filhas menores. Cevaram-se nas quatro, banquetearam-se em frente das vítimas tôdas despidas, cunhantãs foram pisoteadas, após o geral. Eram muitos homens e aproveitaram "todos os buracos". Incendiaram as casas, embebedaram-se e lembravam loucos, que se apossassem de um quarteirão. O fogo avermelhou os horizontes. Um batelão tripulado, que vinha do alto, parou no estirão, na parte de cima. Foram equipados espiões por terra, devidamente armados. Bloqueados, bêbedos, os criminosos não puderam resistir. Entregaram-se e, sofrendo sêde e fome no batelão, foram entregues às autoridades da fronteira. Peia, trabalhos forçados, sub-alimentação, salmoura nos ferimentos amoleceram ou deram fim aos cabras. Sugeriu motivos a novas vinganças? Nenhum. Repito: cangaço daqui é revolta e tocáia, Padre Silveira. Há, certamente, vinganças cruéis, como a do caboclo Sabino.

Calaram-se todos, ouvindo a toada dos remos. Batiam nas faleas, compassadamente. Gaivotas riscavam o azul. Não falavam, curvos às puxadas dos remos, mas não es-

queceram o caboclo Sabino. Casou-se contra a vontade dos pais da noiva, canoeiros residentes em "Frechal".

Uma semana depois, em seqüência a trocas de palavras nas barracas e nas roças, o marido apresentou queixa ao juiz. A mulher "não tinha mais", quando se casou, mas, assim mesmo, ficaria em sua companhia. Não podia explicar, entretanto, quem beneficiou a Raimunda. Acusava o canoeiro velho. Já fizera o mesmo com duas outras filhas; afastava os pretendentes, esperava que elas atingissem os doze anos, e ia verificar tudo de perto. Não criava frangas para os outros. Notara também acentuada predileção de Raimunda pelo genitor femeeiro, que imitava os garrotes no campo. Foram à polícia, ao inquérito. Acareado, o canoeiro desmentiu a pé firme. O genro era um caluniador e tinha fama de maricas. Raimunda continuava fechadinha como nasceu.

— Tome catuaba, moço, e crie vergonha!

Xingou o rapaz em frente ao delegado, que sorriu, mandando-os embora. Aquela desavença contra a família não ficaria assim. Depois de trabalhar na roça, caboclo Sabino roncava sesta pesada. Quando acordou, estava entaniçado na tipóia, como um mole de tabaco entre jacitaras. O sôgro e a filha, a mulher acusada, agrupavam-se, ali, achando graça dos esforços inúteis para a fuga.

— Então, vocemecê não dá mais nada... Tem coragem de se casá e ainda vai dá queixa ao delegado. Caboclo sem-vergonha! Tu vai dá isca p'ra tambaqui. Ajuda a suspendê a rêde, Raimunda.

Taparam a bôca de Sabino, altearam a rêde, suspendendo-a pelas cordas.

— Traz a faquinha do tabaco.

Pai e filha porfiaram na tremenda operação. Abriram um pedaço da rêde, por baixo do corpo, apertaram os pertences de Sabino em uma linha encerada e deram dois golpes certos.

— Ligeiro! Traz sal e cinza. Agora vocemecê vai se queixá ao juiz. Nós vamos pegar o motor. Vá se casá de novo. Nem catuaba, chichuacha, umbigo de coati torrado podem dá jeito. Pode virá carneiro troncho, servindo os homes. Fica aí, porco capado! Varejeira taí mesmo!

Tomaram a canoa, já preparada com a bagagem, e desapareceram, Madeira acima, no motor, que apitava na enseada.

* * *

Caboclo Sabino não morreu. Encontram-no sangrando, levaram-no ao cirurgião de Humaitá. Recuperou a saúde, mas perdeu a alegria. Inspirava piedade e troça. Deu para desconfiar. Desapareceu de reuniões. A moçarada sorria. Era o capadinho do "Frechal". E, por fim, pegou o apelido.

— Capadinho, vai buscar água! Capadinho, vai tirar lenha!

Servia para tudo e não servia para nada. Caboclo Sabino tinha uma idéia fixa: o paradeiro do sôgro e de Raimunda. Não perdoava, nem esquecia a afronta. Soube um dia, por seringueiros que baixavam em procura de saúde, que êles moravam no Jaci-Paraná, lá para as terras de Mato-Grosso. Trabalhou mais, comprou balas para o rifle, despediu-se: ia para o alto, a fim de ganhar mais.

— Vais fazer falta, Sabino! Cortavas lenha tão bem!

Atrelou-se aos batelões bolivianos, que vadeavam as cachoeiras, carregando mercadorias para o Guaporé. Contratou-se a transportadores do Jaci, percorrendo seringal a seringal, como remador de ubá.

Descobriu o paradeiro de Raimunda, que continuava com o pai, num centro. As irmãs tinham-se perdido e moravam na Bolívia.

Caboclo Sabino escondeu-se nas redondezas do seringal, onde residia Raimunda, e estudou as possibilidades de atingir o centro. Foi fácil ao seu faro de cachorro do mato. Viu a barraca, o defumador, o jirau, em que estendiam peixe para secar. Cortou por baixo do quarto de dormir, os cipós que prendiam a paxiúba. Escondeu-se na mata, em plena noite de chuva. Tinha visto, à tarde, no copiá rústico, os dois, bem alegres, comendo pedaço de caça no brazeiro.

Apagaram o farol, deitaram-se. Caboclo Sabino aproximou-se e entrou por debaixo do jirau. Gente descuidada, que nem cachorro tinha para se defender. Ficou alguns instantes com os ouvidos atentos. Ressonavam. Era o primeiro sono forte de quem se deita fatigado.

Afastou as paxiúbas, cuidadosamente. Dormiam pesadamente o primeiro sono de gente do mato. A chuva, batendo nas palhas, atenuava qualquer rumor. Pensou bem. Se atacasse um, o outro acordaria imediatamente. Preparara tudo. Vibrou-lhes pancadas rápidas ao pé do nariz com cacête de araçá. Desacordados, foram presos às rêdes com as cordas de espinhel, que trouxera do terreiro. Caboclo Sabino acendeu o farol, viu que estavam

bem amarrados. Atirou-lhes água no rosto. Acordaram, gemendo.

— Não se mexa, Raimunda. Nem o senhor também. Estou bem armado. Tenho bala, faca, arpão e anzol. Só usei o cacête. Vamos tapá a bôca p'ra não gritarem muito de noite. Vamo se alembrá de "Frechal". Pois aqui está o caboclo Sabino, amarrado na rêde. Pensavam que tivesse morrido. Aqui está p'ra fazê o mesmo. Muié também paga. Tenho bala de rifle, mas morrê assim não é morrê. Depois do serviço, vou deixá os dois no jirau de peixe-sêco, bem nuzinhos, onde os urubus vêm comê. Carne fresca é sempre mió. Vocemecês não se alembram do "Frechal"? Pois eu me alembro bem.

Mutilou os dois barbaramente, à luz vacilante dos faróis. Davam urros de dor. Carregou-os para o jirau, encordoando-os às paxiúbas. Segurou-lhe as coxas com forquilhas bem prêsas à carne; deixou as chagas pingantes, como orquídeas sangrentas, expostas às abelhas, às formigas e aos urubus. Colocara, ao lado, as mantas de peixe-frescal.

— Agora, posso olhar p'ra diante. Vou mudar de seringal e de rio. Nem "Frechal", nem Madeira, nem Jaci. Vocemecês vão ter o que é bom, quando o sol esquentar e chegar a urubuzada. Tchem! tchem! puxando com os bicos. A comida está variada; tambaqui sêco, caetetu frescal, carne fresca. Êta! urubuzada!

Seringueiros de outros centros passaram por aquêle recanto, como sempre faziam, e viram os restos de cadáveres cobertos de formigas, estripados e nauseabundos. Caboclo Sabino foi prêso e apodreceu na cadeia, onde carregava água e lenha para o serviço. Gordo e cínico, perdera a vergonha e, depois de velho, gabava-se do que sofrera e como se vingara.

— Ainda ouço a Raimunda, quando dei o golpe. Até parecia um lombo de porco espinho...

* * *

— "Pombal" pela frente, padre! Tão jogando foguete!

— Encostem. É batizado. Há muitos pagãos e amigados por aqui. Vêm de cima, onde não há padre, e o pobre morre sem confissão e água benta. Vamos ver se essa gente vive melhor, sem idéias de cangaço e matança.

Tanto foguetório, e o padre não sabe se batiza um bom ou um assassino. Para a beira, Jacaúna! Fica tonto com uma talagada apenas.

— Não estou tonto, Padre! E' a ponta do remanso. Sente-se. Deixe de estar em pé. Pode cair n'água como naquela festa, em que o senhor ia alegre.

— Cala a bôca! Está pecando contra o padre. Estava alegre, porque passara bem o dia, trabalhando manhã e noite.

Jacaúna sorriu. O padre sempre foi um bom sujeito, mas estava alegre, naquela festa; foi das tartarugadas e da pinga de maracujá.

A canoa abicara à margem. Meninos e adultos aglomeraram-se nos barrancos; mulheres, de vestido novo, exibiam flores vermelhas nos cabelos, besuntados de óleo de oriza.

— Suba, padre Silveira! Subam todos! E também seu Fábio. Está servindo de sacristão?

— Talvez. Aproveito a passagem, a companhia, e visito os amigos. Aproveito também os festejos ao padre, e vou servindo de padrinho a todos os pagãos sem padrinho.

Já estavam no tôpo do barranco. Velhos, meninos, homens beijavam as mãos do padre. Roncavam salvas.

— Chega. Bênçãos para vocês todos. Vamos para a barraca.

Padre Silveira conhecia aquela gente. As mulheres confessavam pecados, que segredaram no ano anterior e iam repetir daí a meses. A andejas, então, infundiam graça. Confessavam as suas variadas andanças, prometiam corrigir-se e voltavam à barraca, onde continuavam a receber os solteiros. O sacerdote não ignorava a fraqueza, mas sempre ia limpando a cabeça dessa gente, que oferecia tudo, esperando o perdão. Além de espórtulas para a igreja, do pagamento dos batizados, ofereciam-lhe galinhas, tartarugas, cachos de banana, e êle chegava à cidade com matalotagem para muitos dias. Lembrava uma igarité de regatão ou de cigano. O melhor da criação ia para o padre, que nada pedia e tudo recebia. Mandava buzinar, quando passava em certos sítios, apenas como saudação aos moradores. Êstes vinham à ribanceira, colando as mãos em concha à bôca.

— Encoste, padre! Venha tomar café! Há um frango e um leitão p'ra vocemecê! Encoste!

— Que fazer? Temos de atender a essa gente sem o menor interêsse. São cristãos também.

A canoa emaranhou-se nas canaranas. Os curumins já se aconchegavam no pôrto, atolados no barro, para receber a corda da atracação. Em cima, na barraca, fumegava água para o café; a cabocla agitava milho na cuia, chamando as galinhas. Padre Silveira aparecia, semeando bênçãos.

— Como passa, sinhá Maroca? E a curuminzada?

— Tudo bem. Padre daqui não sai agora. Só amanhã. A rêde larga já está pronta, no quarto ao lado. Só amanhã. Não sai daqui. Fábio sorria e afastava más idéias. Já ouvira citar as dormidas naquele lugar. Falava-se num curumim mais branco, diferente dos outros. Os caboclos maldavam.

— Só faltava a carequinha. Dizem que vai pr'o seminário, p'ra seguir a carreira do pai. Melhor p'ra nós. Vamos ter padre daqui mesmo.

Caboclo Euzébio, dono do lugar, entregou-se à pesca. Tinha uma selvagem noção de independência. Considerava o seringueiro um sujeito manietado à estrada, obediente às chuvas, sempre andando pelo mesmo caminho, cortando sempre as mesmas árvores.

Gostava do lago. O grande lago, de cuja cabeceira saíam dois pequenos igarapés, como pernas ou veias que lhe dessem sangue, era um campo líquido, em cujas pastagens de capim novo erravam as suas vacas gordas e seus bezerros. Um peixe-boi valia uma rês bem pesada. Crescia nas distâncias, sem precisão de vaqueiros, e sem perigo de peste, engordando sem capação. Vendia a carne, o couro dava dinheiro, a banha era enlatada com a mixira. Havia também a safra dos pirarucus; frechava tartarugas ovadas. O gado estava à vista de todos no campo. Peixe-boi, pirarucu, tartaruga só se entregavam a arpão de pescador curado.

Caboclo Euzébio inspirava confiança e era contratado para missões difíceis e perigosas, espionagem de índios, descobertas de seringais e castanhais virgens. Detestava incumbências miseráveis, como perseguição aos fugidos, corretivo em tronco, castração de touro e barrascos.

Costumava festejar São Pedro, santo dos pescadores, e convidava vizinhos e gente de largas distâncias. Pipocavam as ronqueiras, corria cachaça, o forrá durava três dias, enquanto houvesse comida e os tocadores resolvessem a ficar, sem outros compromissos.

As promessas a São Pedro sucediam-se — para que fôssem felizes nas pescarias, para que escapassem às trovoadas e houvesse saúde nos barrancos.

Não acreditava nas histórias que diziam de padre Silveira: era um santo; podia ficar em sua barraca, mesmo quando estivesse ausente nas pescarias e expedições, o tempo que bem entendesse. Ensinava o catecismo aos curumins, comia de tudo e não dava trabalho. Servia-se dos mesmos pratos e dos mesmos mingaus, ministrando conselhos e provou que fôra amigo na adversidade.

Procurava-o nas aperturas e era atendido até em préstimos, pontualmente pagos. De uma feita, desobedecera aos conselhos do padre e, ainda naquela hora, estava arrependido.

Chamado para chefiar uma expedição contra os Parintintins, foi consultar o sacerdote, que lhe exprobrou semelhante serviço. Eram criaturas iguais aos civilizados perante Deus, e seria um crime invadir-lhes as malocas, que são as suas casas. Reagiriam com os direitos de qualquer homem de bem. Demais, iriam agredi-los covardemente, com superioridade de armas, matando-os à bala e à distância, ocultos em troncos grossos, impenetráveis às frechas, enquanto os silvícolas lhes opunham os peitos descobertos. Tratava-se de vencidos, que, na fuga desvairada, deixariam tudo: abandonavam as palhoças e seguiam pelos caminhos, conduzindo velhos, mulheres e feridos. Suprema covardia! Dois rastros de sangue enodoavam a História brasileira, clamando justiça, — do negro e do índio. O primeiro desapareceu com a extinção da escravatura, mas o segundo persistia e persiste nestes tempos, sem leis para criminosos e verdugos. O negro era um mendigo, que trabalhava de graça; o índio, dono da terra, descobria os veios mais ricos aos invasores. E os invasores, ainda por cima, os assassinam em expedições sanguinárias. Aquilo era sermão de padre. Caboclo Euzébio não ouviu os conselhos, mas nada percebeu com a expedição, em que passou seis meses, atravessando matas e igarapés. Regressou, estropiado e tonto de remorsos. Foi nessa ausência que a mulher ficou de barriga, e lhe deu um curumim mais esbranquiçado, que diziam ter traços do padre Silveira, talvez pela influência nas festas e visitas ao lugar.

— Castigo de algum pajé!

— Qual castigo de pajé! Nesse caso, o curumim teria cara de índio ou de matinta-pereira. O filho é meu. Puxa ao avô, que era descascado.

Caboclo Euzébio perdeu a alegria. Depois dessa expedição caíu em tristeza, pensando em cunhãs estripadas a quicés, índios degolados, depois de mortos. Igual aos cristãos como diza o padre, embora mais infelizes. Entregou-se a pescarias e afirmava que, na primeira expedição contra os Parintintins, ficaria ao seu lado contra os civilizados, se é que eram civilizados homens acostumados à matança de inocentes.

Caíra a noite. A presença do padre é sempre motivo de ajuntamento. Findo o jantar, antes do escuro, e no meio das carapanãs, improvisou-se uma festinha, movida por harmônicas e cavaquinhos. Volteavam os pares novos. Os velhos palestravam em grupos, pitando o tabaco negro e melado das ilhas, em cigarros de tauari.

Flores de bôca-da-noite e resedá evolavam perfumes quentes. O rio estava deserto de canoas; um motor encostou no fim da enseada e pernoitou. Acenderam-se faróis na igarité: refletidos nas águas, pareciam turíbulos agitados por mãos invisíveis, dourando os banzeiros.

Caboclo Euzébio fôra intimado — relatar, mais uma vez, a história da expedição aos índios, nos fundões do Maici, rio traidor, cujas águas parecem discar os gritos de guerra e assassínios, nos revoltantes encontros entre brancos e ameríndios.

J

Atacados e atacando os seringueiros dos beiradões, os Parintintins, em supremo recurso desesperado, procuraram os altos rios e igarapés da margem direita. Eram afluentes da terra-firme, pejados de castanhais e seringais. Seringueiros e trabalhadores isolados não poderiam resistir ou permanecer nas colocações. Chegavam notícias de incêndios, assassínios, mercadorias roubadas, tijelas emborcadas nas estradas. Os seringueiros fugiam em busca de lugares mais seguros, sem perigo de índios, causando prejuízos aos patrões.

Impunha-se uma rude medida — ataque aos bugres nas próprias malocas, expulsando-os de vez, de tal sorte que não pudessem regressar. Precisava-se de um mateiro enérgico, capaz de guiar a expedição. Gente da Inspetoria condenaria êsses processos, mas gente da Inspetoria, nada solucionava, marcando passo. Preparava a catequização através de longos anos, enquanto as castanhas se perdiam nos dentes das cotias e o leite secava nas seringueiras.

A ação deveria ser precisa, completa. Só uma expedição bem municiada, comandada por mateiros experimentados. Nenhum melhor, naquelas paragens, do que o caboclo Euzébio. Adivinhava temporal no bolir das fôlhas, ouvia no chão, conhecia os rastros de todos os bichos-do-mato. Caboclo Euzébio relutou, porque não tinha autorização do padre Silveira, contrário a chacinas de Parintintins. Alguns, catequizados, produziam borracha, alfabeti zaram-se e eram trabalhadores iguais aos civilizados. Escolheu os mateiros, recebeu os pedidos para a viagem e ingressou nas terras do Maici, onde, procurando castanhais para outros, iria perder a saúde, jogar a tranqüilidade e a vida.

Esperava auferir lucros para comprar um sítio maior, já seringal, onde pudesse enfrentar as dificuldades dos anos seguintes.

Recomendou a família ao padre, quando passou pelo lugar, e se embrenhou nos dédalos do Maici, que se adentravam em terras firmes, em escarpas altas, sob sucessivas voltas, que davam para as serras, já nas áreas de Mato-Grosso.

As águas escuras chupadas pelo Madeira, enganavam os viajantes e desbravadores: vinham de longe. Navegava-se dias nas florestas, enegrecidas pelas distâncias; viajava-se meses, sempre para o sudoeste, atento aos mesmos vestígios. Nem descampados, nem ubá, nem casas, nem fruteiras e capoeiras, que atestam a vida.

Já pelos fins do segundo mês, quando as vazantes se anunciavam nos primeiros charcos, recuando para os bamburrais, encontraram pequena ubá de pesca, descendo o rio. Dentro, um curumim e uma cunhã. Cortaram-lhes a proa; aprisionaram-nos fàcilmente, impedindo que se atirassem às águas. Chamou Chico Prêto, o língua; queriam saber onde estavam as malocas. O curumim, como caetetu acuado, deu-lhe uma dentada no rosto e tentou enfiar-lhe um estrepe, junto dos olhos. Chico Prêto soltou uma praga e, com uma quicé amolada, antes de qualquer ação, pois se encontrava na ubá, arrancou-lhe os olhos, deixando-lhe as órbitas vazias. Vibrou-lhe um golpe no ventre, e atirou-o às piranhas. Ainda vimos o bichinho, numa tentativa de vencer a correnteza, sem direção. Depois, desapareceu, avermelhando as águas, quando atingia a beira. As piranhas negras alcançaram-no; era uma pequena isca entre as dentuças navalhantes.

A cunhantã recusou-se: o rosto revelava o ódio e a dor.

— Eu te conheço, fera do diabo!

Abriu-lhe as pernas e aplicou-lhe pimenta, esfregando-a impiedosamente. A cunhã uivou, esperneou e, antes da noite, mostrou a direção das malocas, dentro de um igarapé borbulhante. Antes de qualquer protesto novo. Chico Prêto deu-lhe um golpe e jogou-a no rio.

— Vai-te refrescá, jararaca! Já estamos livres de dois.

— A cunhã deu um gemido e desapareceu. Ainda ouço êsse gemido e vejo suas mãozinhas coçando o corpo desesperadamente. Rumaram na direção do igarapé. Caboclo Euzébio ocultou a canoa sob árvores e foi por ter-

ra, sem o mínimo ruído, a fim de verificar a presença e o número dos selvagens. Pouco acima da bôca, bem estreita, ficava a maloca. Trepou numa árvore, escondendo-se nas palhas e fôlhas, como um guariba, e não perdeu as casas de vista. Havia necessidade de trabalho urgente, antes que descobrissem a ausência de ubá e dos curumins. Metia pena agredir aquela gente, que nada fizera de mal, entregue aos seus afazeres, bem longe do Madeira.

Caboclo Euzébio não gostava de rememorar aquêles episódios lancinantes, mas era intimado constantemente por onde passava. Até parecia castigo. Daquela vez importava em punição o relato das façanhas do Maici.

— Havia ordem de acabar com aquilo. A expedição não tinha outro fim. Chegamos fatigados e precisávamos dar um jeito. O rio baixava, a bóia diminuia, e estávamos ameaçados de não sair mais daqueles fundões. Baixar sem nada fazer era enganar o patrão. Tinha de ser. Voltei e preparei o ataque. Eram oito horas, manhã clara. Cercamos a maloca, cada um num pé de pau, a fim de atirarmos para o centro, sem perigo um do outro.

Não havia sorte para os Parintintins. Estalou o tiroteio. Os homens ainda pegaram os arcos e frechas, correndo pelo terreiro. Coitados, estavam carregando paneiros de mandioca, amontoando na frente da casa de farinha. Homens, mulheres, curumins, talvez uns cinqüenta. O sinal seria o primeiro tiro, dado por mim. Eu tremia, lembrando as palavras do padre Silveira. Ia me dar mal, mas tinha que descobrir seringais e castanhais. Estavam descobertos os castanhais, faltando apenas limpar de índios. Ninguém podia limpar com açúcar e sim matando os pobres.

Juntaram-se na casa de farinha, uns de cócoras, as mulheres sentadas; sapequei novas baladas, que visavam cabeças e corpos. Pareciam espantados. Correram para o barracão do centro, vieram com arcos e frechas, outras se dirigiram ao pôrto, defendendo-se entre as árvores. As mulheres enfurnaram-se nas barracas. Morreram todos. Primeiro os homens, que poderiam brigar. Quando não havia mais homens, descemos dos paus e fizemos cêrco ao mulherio, de tôdas as idades. Poucas gritavam e não reagiram. Os terçados rolaram os pescoços. Algumas estavam de bucho. Chico Prêto abriu uma, como quem abre barriga de coati: o menino que estava para nascer, ainda se mexia. Jogamos os corpos nágua e tocamos

fogo nas casas. Foi a expedição do Maici, a expedição da desgraça.

Os espíritos dos índios se vingam. Zé Pitombo ficou cego; Chico Prêto endoidou e a filha deu p'ra ruim, esfregando-se com sabugo de milho. Mesmo que a cunhã do Maici com a pimenta. Três da expedição comeram ponta de faca, morrendo; outros morreram de afogação e mal-do-mundo, que rói tudo. Eu não sei como vivo ainda. Só proteção do padre. Não ligo mais à vida, não durmo, deixei de ser homem. Foi o castigo da expedição. O sujeito que deu dinheiro para essa coisa, não explora o Maici: caíu em falência e tudo foi parar nas mãos dos judeus. Ficou em miséria, abandonado pela mulher, que virou dama dos homens. Branca, luxenta, foi viver com o capataz, bem prêto e malcriado.

Só desgraça trouxe essa expedição. E ninguém foi p'ra polícia nem p'ra cadeia. Matar índio não é o mesmo que matar queixada.

Padre Silveira é que tem razão: são nossos irmãos. Matar é sempre crime. Até bicho, quando não se tem fome e não faz mal a ninguém.

* * *

— Não fica aí a história tôda! Há também o ataque aos índios do Mucuim, quando fomos descobrir seringais e castanhais na beirada dos campos. A coisa foi bem diferente. Como era campo e a gente via o céu, levamos até mulher para lavar a roupa e cozinhar a bóia. E' sempre desgraça conduzir mulher, mesmo decadente, em expedições de homem.

Euzébio referia-se à expedição dos campos gerais, lendários, cheios de riquezas. Padre Silveira e Fábio já os conheciam, em incursões para colhêr mangabas ou caçar galheiros, aos bandos entre os capinzais altos, bordejados pelas onças. Estão a dez minutos de Humaitá e se estendem pelo Ipixuna, que traz as águas do Purus para o Madeira. As seringueiras e castanheiras multiplicam-se nas florestas marginais e podem ser aproveitadas sem maiores perigos, o que não aconteceu, entretanto, com as áreas do sudoeste, onde pervagam índios bravios. Riquíssimos seringais ladeiam o Mucuim. Notícias trazidas por pioneiros asseguravam a existência de igarapés fartos de peixes e tartarugas, de praias coalhadas de ovos no verão.

O velho Monteiro, mais descobridor do que comerciante, tinha o sonho de desbravar os campos do Purus. Precisava, como preliminar, as explorações das florestas laterais; as do Purusinho ao Ipixuna já eram percorridos pelos primeiros caçadores e seringueiros.

A expedição lembrava uma bandeira colonial: levava cães, armas, algum mantimento, mosquiteiros e rêdes. Na penetração das selvas, sòmente os homens. Quando encontravam igarapés, passavam-nos em jangadas de embaúbas e continuavam a marcha, sempre olhando para o sol e as estrêlas.

Abriam veredas no sombreado das matas: eram terras devolutas, ou posses já requeridas. O mateiro antecedia ao agrônomo. O requerente não queria posse sem árvores produtivas. O agrimensor recebia informações do mateiro, quando não os levava em sua companhia. O demarcador não desdenhava as conversas dessa gente simples.

— Quando vocemecê chegar no igarapèzinho, com duas copaibeiras ao lado, pode orientar o rumo. Vá tangendo para a direita, ao lado da picada. Cuidado com os índios. Vocemecê sabe que pode morrer. Não é como índio. Índio só morre de golpe, quando fura no coração, ou corta veia sem costura; não tem piloura, como qualquer civilizado, sòmente com a besteira de uma alfinetada. Êle apara o sangue com a própria mão e vai bebendo. Sai pelo golpe e entra pela bôca. Quando perde muito, tapa o golpe com raspagem de madeira, que também cura ferida. Depois, é só botar fava de igapó e óleo de andiroba. Fica melhor do que perder tempo em conversas do doutor.

— Não vejo nada de mais. Guariba faz o mesmo, se esconde na forquilha e tapa a sangria com fôlhas verdes. Quando o galho é comprido e não há forquilha, enrola o rabo duas vêzes e fica dançando no alto. Se morrer, só vai cair de podre.

— Bicho inteligente como coatá não conheço. Uma vez, a gente atravessava o Machado no motor; um coatá nada p'ro outro lado. Fomos em cima do animal. Paramos, batendo no bicho. Pois meteu a mão, pulou p'ra dentro do batelão, alto que nem um homem. Segurou no tubo de descarga, que espirrava água quente. Quando sentiu a quentura, urinou na mão e tornou a pegar. Aí se vê a sabidice dos bichos. De peixes nem se fala. Macho e fêmea de pirarucu acompanham os peixinhos. Os carás

abrem as guelas, escondem os filhos e só deixam soltos quando passa o perigo...

* * *

Caboclo Euzébio partiu para a cabeceiras do Mucuim, vencendo campos e campos. Os companheiros tinham experiência de chuva e sol. Atingida qualquer ilha, com água de fruta e buritis, acampavam e as mulheres, que não haviam cansado os braços, começavam a faina, pelando cotias e depenando nambus. Constituiam a alegria dos expedicionários, que, sem brigas, acabavam manifestando a sua preferência. Transposto o último campo, já no coração da mata, tinham o cuidado de não despertar o inimigo: desfaziam vestígios e enterravam os ossos das caças. Os "marinhas" regressavam risonhos de suas expedições.

— Índio só muito longe, lá para o Purus. Não há rastros por aqui.

— Melhor para vocês. Não tinham com quem brigar, nem descobriam seringais.

— Encontramos com quem brigar, padre. E descobrimos uns seringais. Não temos culpa que não tenham sido explorados.

Na realidade, os índios já os tinham visto e, hàbilmente, deixaram que entrassem pela floresta e não pudessem fugir, ou receber auxílio dos civilizados. Havia também outra causa. Os índios, que lá viviam, eram também exploradores. Desciam o rio em busca de praias, onde vinham acampar no verão. Ao contrário dos civilizados, não levavam mulheres. Preparavam-se, talvez, para matar ou raptar as cozinheiras da expedição, mas não o fizeram porque temiam a reação.

Já sem receio, os expedicionários, bem contra a vontade de Euzébio, deixavam as mulheres sem guardas, sem armas, e internavam-se nos matos. Voltavam para jantar. Iam explorar umas touças de castanheiras, nas reboladas de terra firme.

— Aí fica a buzina, nhá Rosa. Nós andamos pertinho. Havendo qualquer coisa é só buzinar.

Partiram agrupados. Íam repartir-se nas selvas, junto às filas de castanheiros. Ameaçava chuva; isso nada queria dizer. Multiplicavam-se carapanãs zoadores; não impediam o encontro de algum veado ou mutuca. Matavam dois e três; reagrupavam-se junto à vereda maior. Espa-

lhavam-se depois. Descobriram buritizais, copaibeiras, castanhais. Enganavam a fome, comendo caça assada com farinha dágua, já estragada pela chuva.

Retumbaram dois tiros, quando começava a escurecer. Uniram-se e voltaram ao tapiri, roxos de fome e frio. Lá estaria o jantar pronto, o café quente, o mosquiteiro atado contra as pragas. Apressaram os passos. Viram, de longe, o pequeno retiro nos campos. Aproximaram-se para o banho entre o buritizal, mas desconfiaram, quando descobriram fumaceiro alto.

— Será que as caboclas ficaram doidas? Recomendamos que não fizessem fumaça. E' sinal certo para chamar os índios que estão longe.

O caso era diferente. Quando chegaram, só havia cinza. Nem mulheres, nem sacos de seringa, nem comida. Só cinza. Não havia incêndio; chovera e o dia estava úmido.

— Ficamos feito bestas. Sem bóia, sem mosquiteiro, sem mercadoria, sem mulheres. O diabo eram as mulheres.

— Vocês não deixaram buzina para o aviso?

— Que buzina! Não tiveram tempo, ou nós não ouvimos. A expedição quase se acaba. Vimos alguns rastros, principalmente de índios. Varamos aquilo em todos os lados. Comemos sem sal e farinha, andamos quase nus. Tocamos de volta, atrás de mantimento e mais gente. Levamos muito tempo. Voltamos, mas nada de índio ou de mulher. Eram uns diabos diferentes, que não atacavam e venciam fugindo. Demos em maloca abandonada, demos com ubás quebradas e nada de índio. Tinham fugido para o Purus.

— E as mulheres?

— Quem sabe de mulheres? Muito tempo depois, com gente já nos seringais, houve um encontro na praia com três índios mansos, que tinham ido trabalhar com os civilizados. Deram notícias da primeira expedição. As mulheres não foram assassinadas, e sim arrastadas para bem longe, no Purus, e viviam bem, como se pertencessem à tribo. Caboclas verdadeiras, com sangue mundurucu, não estranharam. Encontraram maridos moços e ficaram satisfeitas. Se fôssemos até lá, talvez virassem contra nós...

* * *

— Os historiadores futuros, quando descreverem os trabalhos dos religiosos, seringalistas, não poderão esquecer os Euzébios, que são as patrulhas e as vanguardas da conquista. Veja você a carranca dêsse índio, já envelhecido no perigo. Parece ouvir a solidão. Pega-se na mata e deixa aqui a mulher, que lhe guarda ciumentamente o sítio e os filhos. Euzébio vai pajeando, certo de que nada acontecerá em sua ausência.

— Mesmo, um amigalhão como padre Silveira vem vigiar-lhe a barraca, a mulher e os filhos, comendo galinhas cevadas e batizando. Desculpe. Falo ao amigo. Mas você não deve ter queixas. Ainda ganha de Euzébio para ter essa vidoca.

— Misérias, misérias, Fábio! Creio em você, que não pensa mal de ninguém.

— Não penso mal, mas estou vendo. Pois a cabocla não mudou de dormitório, quando mestre Euzébio foi pescar para o nosso almôço? Vi bem quando passou e ouvi o barulho da rêde, denunciando uma pessoa que se deita. Ora, vocemecê, já estava deitado. A separação dos quartos é de palha. Tenha cuidado. Uma cunhã afasta alguns fios, abre um buraquinho e pode ver tudo. Menino daqui aprende segredos muito cedo. Aprende com os bichos. Alguns, já taludos, dormem no quarto dos pais. Olham cedo para as fôlhas fêmeas de tamba-tajá, que lembram cunhãs nuas. Tenha cuidado...

— Mudemos de conversa. Lá vem a Nora, filha mais velha, que também rabeia olhos para vocemecê. Êsse sim, é mau pensamento. Veja como a côr e o rosto são diferentes do Dominguinho, seu afilhado. Estou com vocemecê. A geração de amanhã não pode olvidar os desbravadores do Amazonas. Euzébio merece um capítulo nessa história. Euzébio e os Euzébios. Seringais e castanhais tiveram os seus descobridores, que morreram à frente das árvores. Na confusão da conquista, através de afluentes desconhecidos, vão sendo encontrados os sinais das novas trincheiras da luta. Tudo é oscilante ainda. Barracas e vilas, sem base econômica, desaparecerão nas águas. Igrejas, coletorias, casas comerciais são marcos apressados de civilização, como foram, em outras eras, a cruz e o pelourinho.

O pessoal já se iniciou no comodismo, forçado pelas agrestias do meio. "E' melhor um acôrdo do que uma boa luta". Porque esta demora e requer paciência. Ademais,

êsses homens acreditam em si próprios e desconfiam de gente da cidade. Veja o que se processa às claras. Há quem se aproprie de rios inteiros, sem capitais para a exploração, criando a pobreza. Não devemos acusar. São erros da conquista, em qualquer parte do mundo. Já importa em coragem a sua investida contra o deserto, sem policiamento e garantias oficiais. Parabens, padre! E' um semeador de esperanças, um alento para os que morrem, uma chama para os que nascem. Tome bem nota dos batizados e casamentos. Está escrevendo a crônica de amanhã. Que lhe importam os imaginários pecadilhos? Isso é até necessário e explicável. Dá alegria e purifica a raça.

Aproximava-se do barracão. Caboclo Euzébio, pensativo, consertava as malhas da tarrafa, roídas pelas piranhas. Bem que não gostava de tarrafear em poços de água toldada, onde os bodós se enterram no tijuco e os acarís se escondem nos garranchos. Os sacos das tarrafas, arrastando pedaços de pau, topam rasgões e chumbadas fora do lugar.

Os peixes de cardume são velozes e espertos: saem logo pelos buracos, enquanto a tarrafa continua aberta; se a água é clara, nas vazantes prolongadas, fogem à simples sombra do arremêsso. Cai aberta, bem jogada, e os peixes pulam às centenas, branquejantes, e raros são os colhidos pelo pescador. A tarrafa é suspensa quase vazia, apenas com alguns mandiis, presos pelos esporões.

* * *

As mãos grossas de Euzébio enfiavam o carretel entre as malhas, deixando-as perfeitas. Inspecionava as chumbadas, ligando-as ao saco.

— Pescaria de tarrafa, mestre Euzébio?

— Não. Isto é para os curumins. Depois que a gente engilha, não tem mais jeito para abrir tarrafa de 18 quilos. Só mesmo com anzol no espinhel, no canição ou com o arpão. Vem de um a um, mas o peixe é maior e não exige fôrça. E' só armar o espinhel, ficar calado e deixar o galho sacudir com o tambaqui ou a pirapitinga. Vamos mesmo para as eleições?

Enquanto a caçula preparava o almôço, Euzébio ensacava a roupa e limpava a igarité. Iam todos para as cacetadas das eleições.

— Não sei para que inventaram essa história. Já sabemos que vence o coronel Moreira e que defunto vota. Deixar o trabalho, a mulher, a barraca, tudo para ir votar no coronel e em quem êle mandar. Leva-se a bóia de casa e se viaja sem fazer negócios. E' gasto e mais gasto...

As eleições não tinham para Euzébio o menor valor. Antigamente, ainda havia cerveja e vinho, distribuição de roupas, chapéus de palha para tôda a família

— Hoje é sovinice. O govêrno está mesmo se desmoralizando. Às vêzes o pessoal se diverte, como no caso do doutor Pedro Valdemar, médico, que tem mais votação do que eleitores. Tratava de graça de casa em casa, nada cobrava e ainda dava os remédios. Nas vésperas das eleições, ia fazer cobrança; distribuia chapas com seu nome e de alguns amigos. Votavam duas, cinco vêzes, por gratidão. Era que o chefe permitia — fazer propaganda. Com o José Lobato, o caso mudava. Nas vésperas do pleito, o coronel mandava fazer rigorosa inspeção. Tomava os papelinhos, substituindo-os por outros. Havia falação. Aquêles papéis borrados eram a democracia e a justiça!

Os caboclos nada entendiam, mas não queriam desagradar o coronel, que vendia mercadorias, comprava borracha e podia com o delegado. Para maior segurança inventavam uma transgressão qualquer e prendiam o Lobato. Mofava no salão da cadeia, com grades à vista, tendo direito à rêde e às refeições. A cadeia era um dos prédios principais, com gradis de ferro, de frente para o rio. Tinha ares de castelo medieval, mas aquilo tudo não passava de conversa, pois os presos andavam pelas ruas.

— Coronel, dizem que o doutor Nogueira vai requerer *habeas-corpus*. Não é melhor botar o homem na rua?

— Nada de violências. Tratem bem o Lobato e perguntem ao doutor Nogueira quanto vai ganhar. Dêem o dinheiro. Se não aceitar a proposta, cadeia com êle também. Gosta de conhaque. Dêem um bocado, êle fica tonto e é o bastante. Embriaguem duante as eleições. Passadas estas, mandem embora êsses dois bestalhões, que vêm para cá aporrinhar a vida dos outros. Os tempos estão mudando para pior. Antigamente os rábulas não tinham questões no fôro e levavam peia. Inventava-se que estavam conquistando na rua da Palha e era o bastante. Tudo está mudando. E' à-toa que se enseba couro de peixe-boi. Serve, quando muito, para aquecer o lombo de algum cabra safado, que se embriaga e vende borracha. As últimas eleições de-

ram o que fazer. Na contagem dos votos, não houve equilíbrio. Ia vencendo um oposicionista. Tivemos de rasgar e fazer tudo de novo. Diabo de Partido Republicano! O escrivão teve de ser removido. Comeu umas tacadas de peixe-boi e alguns dias de xilindró p'ra aprender o serviço. Com gente assim, o Brasil não vai p'ra diante e cai na indisciplina.

Padre Silveira e Fábio indignavam-se, mas baixavam a cabeça. Brigar com o coronel importaria arruinar a vida de todos. Era implacável nessa história de eleições.

— Não se aborreça com a viagem, Euzébio. Além de tudo, você vai ser contratado para nova expedição, talvez para as bandas do Purus.

— Já estou velho, padre. Expedição é para gente nova. O sujeito, quando fica velho, dá p'ra medroso. Não enxerga direito, não ouve bem, perde fôrças e não inspira respeito. Até mulher acha graça do pobre. — "Crie coragem! Não seja mole!" Para evitar desgraça, baixa a cabeça, e o pessoal vai trepando, trepando... Um dia, não pode mais andar. Ora, estou enxergando mal e quero sair em tempo, antes que me botem p'ra fora. — "Crie coragem! Não é serviço pr'o senhor".

Já comecei a ouvir e vou dando o fora, caindo na roça e na pesca. Disso ninguém se importa, pois é nos igapós e só pega peixe quem sabe mesmo pegar. Depois, não tenho mais coragem para êsses serviços. Creio que o senhor se lembra da hitória do doutor Josias. Veio para o Madeira. O coronel pagou passagens, arranjou questões, fêz secretário do Partido e candidato a deputado. Ia tudo muito bem, quando descobriu que o doutor estava traindo. Pegou umas cartas, em que êle negociava com o chefe inimigo. Os dois iriam trabalhar juntos e dar o tombo no coronel. O coronel fêz acôrdo com o outro coronel e mostrou as cartas do Josias.

— Gente de fora é assim, compadre. Não tem interêsse. Trai hoje um, amanhã outro, ou os dois. Melhor é nos unirmos e mandar o homem embora.

— Mas devemos antes aplicar um corretivo. Umas lapadas e um dia nu no igapó, como se fêz com o Zé Porfírio. Não tem mais vontade de voltar.

— Nada disso. Não vamos surrar o doutor. Vou dar outra ordem.

Chamou Euzébio e segredou qualquer coisa. O doutor Josias ignorava tudo.

Convidou o homem para uma caçada. Êle de nada desconfiava. Quando chegaram à barraca, peiaram o doutor.

— Que história é esta? Isto é traição.

—Traição está nas cartas que vocemecê escreveu. Os dois chefes acharam graça. Vocemecê nega que escreveu?

— Não. Nunca vi tanta miséria. Só nestes fins do Amazonas. Vou embora desta sujeira.

— Vai embora, mas vai ter um boa recordação. Não vá se viciar. Primeiramente assine êste papel, declarando que serviu de mulher pr'os cabras.

— Não assino!

— Tome, p'ra começar. Depois nós fazemos serviço completo e o doutor vai sair como carneirinho novo.

— Deu-lhe um sôco à bôca do estômago. O doutor Josias assinou, declarando que, por deliberação própria, se entregava aos caras.

— E depois?

— Depois... teve de se entregar mesmo. Depois de carimbado, não poderia dizer que foi mentira.

Chamou o Rufinão, negro valente, que executou as ordens. Foi o primeiro. Todos se serviram.

— Passa copaíba morna no doutor!

Não reagiu mais. Tonteava como peru que bebeu cachaça. Acabou com oposição e nunca mais voltou ao Amazonas. Foi arrotar valentia noutro canto. Dizem que ficou dengoso...

K

A igarité, pilotada pelo caboclo Euzébio, cortava, estirões e enseadas, nos braços das correntezas. Espalhavam-se pelo ar risadas e cantigas dos remadores, ritmando a modinha. Araras cruzavam, mudando de margem, em vôos altos, grasnando na ânsia da chegada. Contrastando ao verdor, surgiam barracões entre clareiras. Recordavam, nos batismos nordestinos, os berços dos proprietários — "Fortaleza", "Crato"; nomes de aves — "Papagaios" "Mutum", "Cojubim"; palavras da língua geral — "Hué-Poranga", "Gi-Paraná"; outras, enfim, de acôrdo com a imaginativa dos que os desbravaram — "Caldeirão do Inferno", "Boa Esperança", "Santo Antônio".

— Veja você, argumentava padre Silveira. Os nossos conterrâneos gravam lembranças e também as levam, aplicando-as em fazendas e casas de negócios no nordeste — uirapuru, vitória-régia, cará, Amazonas. Não deixa de ser permuta de toponímios. Conheço um seringueiro que levou garrafas dágua daqui para a sua fazenda e galhos de árvore que não vingaram. Passou anos sucessivos na trabalheira dos seringais e não podia mudar de hábitos fàcilmente. Sua casa grande imita um barracão; a sala principal é ornamentada com frechas, couros de onça, fotografias de seringal. Fica horrorizado, quando ouve injustiças e infâmias sôbre êstes rios e igarapés. Eu mesmo, que sou sacerdote, já não me acostumo a viver longe daqui. Quando adoeci, há dois anos, fui obrigado a refazer os pulmões e criar carne rija, no sertão e à beira mar. Os dias não se acabavam mais. Pareciam ter 100 horas, em vez de 24. Riscava as folhinhas e calculava, em cada semana vencida. Estas margens, êstes aguaceiros, êstes sofrimentos gravam-se na gente para sempre e cozinham os dias em saudade permanente.

Era a verdade. Sertanejos, que vieram môços para o Madeira, não esqueciam os seus sertões, mas também a

êles não se acostumavam mais. Passavam alguns meses e queriam regressar. Dominava-os a nostalgia do ambiente novo, da natureza em crescimento. O sofrimento sempre vence, em contrário à alegria que passa logo. Era a mesma saudade do embarcadiço e do marítimo. Não se acostuma em terra, torna-se neurastênico, adoece e tem de voltar às tábuas do seu camarote, às oscilações do mar e à algaravia de cidades diferentes, entre povos diferentes. A terra verde vinga-se pela nostalgia, endoidando o que tenta fugir ao seu fascínio.

Zé Barriga arrastava-se com hidropsia, ventre inchado, parecendo mulher de nono mês, e foi para o nordeste. Ia curar a lezeira e esvaziar a barriga dágua. Não se curou. Ficou magro, triste e veio morrer no seringal, aproveitando os derradeiros dias de vida e os restos de movimento. Nada de apodrecer no cemitério de vila sertaneja, mas nos barrancos, comido pelas águas e pelos tatus. Seu corpo não iria secar, como o de um bode magro ao sol, mas servir de bóia à bicharada. Ossos, músculos, carne, tudo bebido e triturado. Seria um coati entre dentes de cachorro, rosnando pela fatia melhor. Seria assim, servido até depois de morto.

Quanto à alma, talvez ficasse vagando por ali mesmo, pelas estradas e campos, nas glebas em que lutara e vencera. Chegara brabo, com a camisa fora das calças, e ali estava, dono de latifúndios, mandando os que não tiveram sorte.

Ouviram um tiro e gente no barranco; apareceu a igarité.

— Suba, padre! Não foi feliz na posição do curumim. Negra Firmina não virá, porque está de empacho e o menino ficou atravessado lá nela. Está gemendo e se acabando. A vela está pronta. Já mandei serrar a madeira pr'o caixão. E' uma pena. O amigo dela está no Jaci, tirando castanhas.

Subiram. No telheiro das canoas, o mestre carpinteiro abandonara o casco, enquanto o breu fervia para a calafetação pegara a enxó e tirava ripas, num toro de cedro, para o caixão. Ouviam-se os gemidos da parturiente, suplicando o fim.

— Nosso Senhor! Me acabe logo e deixe o curumim!

— Que fazer, Fábio? Temos de esperar o fim e encorajar a pobre.

— Que esperar nada! Vamos primeiramente lutar. Não vão morrer, porque a parteira não vem. Não está ou-

vindo os berros de Anita? Pede que o tirem, pois está morrendo. Vamos ver de perto, isso sim.

Estavam no quarto penumbroso. O sol metia-se pelas frestas da paxiúba, clareando o ambiente mortuário. Mulheres ciciavam ave-marias, junto às imagens, ao lado do mosquiteiro, onde um toco de vela ardia prêsa no fim, espirrando cera e fumaça. Uma velha, pingando suor, agitava ramos de arruda, em sinais cabalísticos no ventre de Anita, coberto por um lençol imprestável, manchado de remédios.

Vinham, lá de fora, os tantãs da enxó, lavrando as ripas de cedro, e os gemidos dos porcos, sob os jiraus. Fábio, de temperamento retraído, não falava, mas tomava a decisão.

— Que fizeram vocês?

— O curumim está travessado. Danou-se e não quer sair. Nem reza, nem arruda, nem aranha caranguejeira. Já levamos perto dêle, e nada! E' ruim e quer matar a mãe. Já quiseram puxar com o alicate do mestre carpinteiro, mas não pega tôda a perna. A mulher geme demais e o jeito que tem é deixar aí...

— Saiam daqui todos. Fiquem só duas mulheres. Vão buscar água quente e bacia. Acabem com essa rezadeira. O padre vai rezar de verdade.

Trouxeram a bacia, a panela com água quente, cuia e sabão. Fábio arregaçou as mangas. Não havia álcool. A esterilização teve de ser com cachaça, que tinham comprado para o mijo do garoto.

— Vamos agir, padre. Segure a parturiente, enquanto vou trabalhar. Segure com fôrça. E vocês levem arruda e alicate daqui!

Agindo com segurança e intenção, Fábio pôs o menino em ordem; instilou café e gôtas de cachaça nos lábios da parturiente.

— Vamos, coragem!

Passado algum tempo, o garoto boiava, aos guinchos, todo arroxeado nos pés, com equimoses de alicate nos dedos. Todos respiraram:

— Milagre do padre Silveira! Abençoado padre Silveira!

Daquele dia em diante, o sacerdote tomou fama de milagroso. Sim, senhor! Que importa o vozerio dos linguarudos? Espalhou-se a notícia. Anita estava para morrer de parto; o caixão pronto; a vela acesa. Padre Silveira

rezou e o garoto nasceu. Os crentes inventaram que ficara no mosquiteiro, dando assistência mais desvelada, depois dos vinte dias. São misérias e inveja de gente ruim.

— Veja lá o que arranjou, Fábio! Até parteiros já somos. Para você isso nada influi.

— Salvaram-se duas vidas. O que interessa é o bem, não o comentário dos maus. Mais uma conquista, nesta viagem, que dura mais de mês. Paragens, padre! Mesmo arrancado com alicate e arpão, e a mãe viva, tudo está explicado perante Deus.

— Arrancado a alicate e arpão! Quanta surprêsa neste Amazonas!

* * *

Quando podia comparecer, negra Firmina representava a calma, adivinhava a hora da esperança: o diabinho iria choramingar. A certeza fulgia como fósforo em resina cheirosa de breu branco. Preferia curumim para suar na roça, cunhantã aperreia até dentro de casa.

A parteira mandava enxotar urubus e calangros, que apostam para adiantar se a criança nasce homem ou mulher. A aposta prejudica, porque abrasa o miolo do pobrezinho. Pode ficar variado e gerar confusão: se nasce homem, veste calças, mas fala baixinho que nem juriti dengosa, bolindo os olhos vermelhos, e se remexe que nem lontra no igapó; se nasce mulher, fala grosso, cria pêlos, nos beiços, tem pernas de mocotó. Criatura com troncos de mocotó é sempre perigosa.

Mas o urubu e o calangro têm razão na teima. Curumim, logo crescidinho, encorda arco de araçá, afina frechas, com talos de ouricuri, e persegue até as osgas no terreiro; quando pega muque, arpôa pirarucu e tambaqui, e os urubus pinicam o fato gordo. Daí o urubu querer que seja machinho.

O calangro é o contrário: menina não estica, não frecha e só brinca dentro de casa, agradando bonequinhas de pano. Mesmo brincando de arrumar barraca e maridinho, é debaixo dos jiraus, sem mal algum e sem barulho também. Daí o calangro preferir que seja mulherzinha.

Ambos pensam no futuro e defendem a própria pele.

* * *

Não existem médicos, instrumentos cirúrgicos e, para salvar a criatura, ameaçada de morte, qualquer instrumento serviria. Restavam outros meios bárbaros, impostos pelo momento dramático, — operar a canivete, faca e serrote, sem anestesia e medicamentos, empregando-se, quando muito, água quente, álcool ou cachaça.

Relembravam histórias de seringueiros que, na selva, amputavam dedos gangrenados com uma terçadada violenta. Expedições perdiam-se em regiões inóspitas, sem assistência médica. Seria o que Deus quisesse. Deus passava a ser o responsável pelos acontecimentos, oriundos da pobreza e da imprudência. Milhares desapareciam, tempos em fora, vitimados por absoluta falta de medicamentos. O fatalismo criava uma concepção de tranqüilidade e até de impassibilidade perante o mundo. Nada de chôro, de carpideiras. Tinha chegado a hora e ninguém evitaria golpe fatal. Poderia morrer de febre, de mordidelas de cobras, de ataque de jacarés ou sucurijus nas pescarias, por uma arráia ou raio caído no temporal. E' melhor morrer, muitas vêzes. Para que ficar como o Carneiro Troncho? Tirou a roupa, no lago do Antônio, para desengatar um anzol, prêso a um sacai, e boiou aos gemidos, torado pela piranha negra. Vem daí o apelido humilhante. Deixou de ser homem verdadeiro. Inspira confiança e pode acompanhar cunhãs nos roçados. E a Mundica? Tomava banho de mergulho no pôrto, quando estava de mal-de-mês. Foi atacada pelos candirus e houve necessidade da intervenção de parteira. Acontece isso com brabo. Caboclo ou índio não se atira nágua nessas condições. Sangue atrai. Quando estripam peixe nos cedros, ou lavam caça, miudos de gado, os candirus sobem pelas tábuas, ou vêm grudados na carne. As piranhas fervilham também. Em alguns lagos, infeliz quem naufraga num temporal; não sobra tempo para chegar à margem, ou chega sangrando por vários lados.

— Fala-se ainda desta gente que vive sem esmorecer e cresce sem gemer. Certos atos, aparentemente desusados, têm a desculpa do ambiente. Aqui não há polícia, não há remédios, não há professôres, não há médicos.

— Diga mais: não há caminhos por onde marchar, não há postos de defesa, não há para quem apelar. O seringueiro sente mêdo de autoridade. Olha-a, como quem olha uma fera, abestalhado e sem arma. Bate-lhe à porta, de chapéu à mão: impetra um direito, como quem mendiga

um favor. Tem acanhamento até de pisar-lhe os portões, de sujá-los com os pés enlameados na beira do rio, antes de atravessar a rua e limpá-lo no capim. Até quando? Ninguém sabe. Julga-a dona de tudo — da terra que pisa, do peixe no rio, da barraca no mato, do cedro que passou nas correntezas. Em certas épocas, há fartura; em outras, carência de tudo.

— Dá licença p'ra mariscá no lago?

Entra pelo furo, luta o dia inteiro sem comer, ao sol e à chuva. Quando regressa ao pôrto, mediante um rancho pequeno, anotado pelo guarda-livros, leva apenas os peixes menores, ou a cabeça do pirarucu para jantar.

Avaliaram a formação daquela economia, imposta pela aventura. Léguas e léguas requeridas pelo primeiro explorador que aparecesse; instalaram-se sumàriamente e começaram a penetração, antes do documento de posse.

Os seringueiros, conhecedores da região, pelos anos que ali moraram, serviam de mateiros, de expedicionários para as primeiras investidas. Ensinavam os recursos dos lotes requeridos, as pontas de castanhais, os lagos, e de aparentes posseiros se transformavam em serviçais.

Até então, eram livres naquele pedaço de terra, onde ergueram a barraca, plantaram mandiocais e possuíam árvores frutíferas. Pobres, iriam contentar-se no seringal próximo, ou embarcariam no navio que passasse, de uma vez. Procedida a demarcação, eram chamados à presença do proprietário. As coisas tinham mudado. Já não falava com delicadeza e camaradagem.

— Zé da Mata, para que lado ficam os castanhais? Obrigado pela arrôba de pirarucu. O lago dá safra? Leve êste quilo de café!

Tudo mudara. Ia partir para a cidade, afim de legalizar a papelada. O agrimensor ficara demarcando. Um morador alegava posse e benfeitorias, mas isso não valia nada. Casa, mangueiras, laranjeiras, barraca, — isso lá é benfeitoria! Teria de ceder e ficar como assalariado. Se protestasse, mudaria de lugar. Anunciava-se a chegada dos trabalhadores de fora, antes da descida das águas.

— Zé da Mata, pode ir ficando no lugar. Você sabe que tudo aqui me pertence. Primeiramente, você vai abrir estradas no centro.

— Moro aqui há muitos anos. Era mato fechado. Derrubei e fiz tudo. As plantações são minhas e da mulher. Gosto do sítio. Pago tudo a vocemecê com o meu trabalho.

— Tem que dar. Não quero pagar o que é meu. Vai mesmo pr'o centro com a sua família. Vai abrir estradas.

— Então, vou me mudar mesmo, pois não quero sair do beiradão.

— É o que vamos ver. Quem manda aqui sou eu. Se abusar, vai conhecer o muque do negro Zequinha. Trate de arranjar os trastes e ir pr'o centro grande.

Zé da Mata pôs o chapéu mole na cabeça. Ia conversar com os de casa. Submeter-se, ir para o centro grande ou fugir, Madeira abaixo. Nada devia, não cometera crimes, não podia ser prêso. Iria morar na primeira ponta-de-ilha, muito longe, onde não chegasse a chibata do negro Zequinha.

* * *

Zé da Mata sentou-se no tronco de mulateiro e olhou para todos os lados. Perto, nhá Josefa cachimbava. Os filhos dormiam. O rio gemia surdamente, às primeiras carícias da enchente; abraçava-se ao leito vasio e fugia aos murmulhos, quebrando barrancos. Clarões de estrêlas pareciam acompanhá-lo, acendendo lamparinas nas tronqueiras que desciam. A umidade da noite, acrescida de neblinas, cortava os ossos.

— Já estamos velhos, trabalhando sempre aqui! Chegamos curumins, te roubei da barraca, casamo. Ainda éramos curumim e cunhantã. Tivemo nosssos filhos e tu fôste sempre séria. Sempre fôste, porque não és mais.

— Já lhe contei tudo. Foi só p'ra salvar as meninas.

— Sei. Antes tivesse morrido tudo. Novilha que prova touro novo, não quer mais saber do velho. Só vai à fôrça, quando não há outro jeito.

— Não diga isto. Sou mãe de família. Não tenho culpa.

— Ainda diz que não tem culpa. Vamos p'ra deante.

— Que queria que eu fizesse? O major Francisco chegou com três trabalhadores. Não tinha de comer. Ficou danado. Mandou as meninas pr'o mosquiteiro e chamou os cabras. Peguei um machado e corri p'ra riba dêles. Elas correram, pegaram a canoa e fugiram. Eu fiquei. Fiquei até hoje. Nós sabemo que êles estão na barraca do compadre Luís, daqui a doze horas. Êles de nada sabem, mesmo há balas por lá.

O major Francisco, quando não viu mais as meninas, gritou:

— Peguem a velha!

Foi assim. Dei tempo para que as meninas fugissem. Mas vou me vingar. Vou botar timbó no café dêles. Já arranjei.

— Tu tem razão. Timbó vira peixe de barriga pr'o ar e pega homem também. É só preparar, daqui a dois dias. Vamos fazer o serviço direito. Não deixa nada aqui.

No meio da noite, Zé da Mata, à luz das lamparinas, cavou as sepulturas de dois anjos, que morrerm de bexiga, tirou os ossos, lavou-os e botou num caixote de sabão. Arrumou disfarçadamente as bagagens. Procurou o major Francisco para receber ordens.

— Caboclo malandro! É pena que tuas filhas tenham fugido. Mas hei-de pegar. Vem homem solteiro por aí. Tua velha já não presta. Só p'ra necessidade...

— Vim receber ordens p'ra ir pr'o centro, major. Vocemecê manda. A mulher ficar cozinhando alguns dias. Mas, hoje, precisa ir p'ra abrir palha. Volta com tempo de fazer a janta...

Regressaram ao cair da noite. Zé da Mata deixou escurecer; pôs água quente nas raízes das roseiras, cortou as raízes maiores de algumas árvores novas. Sacudidas pelas ventanias, iriam ao chão.

— Agora tá tudo pronto. De manhã, vou ficar aqui, dizendo que estou arrumando os trastes p'ra ir pr'o centro. Já tirei o açaí. Prepara o almôço dos homens. Matei veado e êles gostam de carne. Depois dá o açaí. Já temperaste o timbó?

— Já. Tirei o caldo e botei o resto do curare.

— Bem. Depois de beberem, joga o resto no rio. Cuidado com as galinhas.

— Amanheceu meio chuvoso. Nuvens escuras equilibravam-se às copas altas anunciando mais água. Major Francisco e os trabalhadores não sairam de casa. Fazer o que? Tinham mêdo de febre.

— Zé da Mata! Manda tua mulher esquentar café.

— Vai já, e almôço também. Já botou o veado no fogo e açaí no alguidar. Vão passar bem. Estou arrumando o paneiro p'ra ir pr'o centro, aproveitando o dia de chuva.

— Está bem. A manhã está perdida. O Céu vai limpando e só podemos trabalhar de tarde.

— Está quase pronto o almôço. Vou arrumar os pratos p'ra apressar. Nhá Josefa já cozinhou tudo. E assou um pedaço p'ra tarde.

— Manda torrar a farinha. Vamos almoçar logo e, depois, toca a limpar o aceiro.

Dirigiram-se para o alpendre. Almôço à farta, murupi, caldo gorduroso. Contavam anedotas e valentias.

— Mesmo que filé de bode! Há muito veado por aqui?

— Há sempre, na terra-firme, quando há fruta.

Zé-da-Mata, prestativo e suado, lavava os pratos e servia canecas d'água.

— Venha o açaí!

Trouxe as cuias de açaí, vermelho, quase sanguíneo, cheirando a fôlhas verdes. Adicionaram-lhe açúcar, farinha e o beberam às colheradas.

— Que bebida boa! Traz novas cuiadas. Café só mais tarde, antes da saída pr'o campo.

Serviram-se novamente e foram cochilar no jirau de paxiúba, fazendo hora. A chuva afinara, fugindo com os nevoeiros carregados. O céu prometia limpar.

— Que moleza do diabo! Não posso falar com tanto sono... nem me mexer...

— Eu também. Que veado gostoso...

Ninguém mais falou. Estavam imobilizados, os olhos vidrados. Babavam, tatalando os dentes. Major Francisco, o mais resistente, perdeu a palavra, mas, antes, murmurou que estavam envenenados.

— Zé da Mata e nhá Josefa surgiram no alpendre.

— Que têm vocemecês? Vou fazê café...

Nenhuma resposta. Pairava o silêncio irremediável. Olhos arregalados, respiração opressa, deviam compreender o drama. O céu abria-se, em rasgões de sol.

— É assim mesmo, major. A gente mora no que é seu. Vinte anos de bater no duro. Fruteiras, casa, filhos enterrados. Vocemecê veiu e achou graça. As cunhãs fugiram. Senão estavam desgraçadas, nhá Josefa pagou por elas. Ninguém mais se servirá do sítio. Está ouvindo? Desgracei tudo. Forcei os esteios, cavando por baixo. Trovoada vai derrubar. Quando chegar o doutor demarcador, só há chão. Os trabalhadores verão capoeira. Vamos embora dêste lugar. E vocemecê? Não pode mais perseguir, nem contar valentia. Bebeu timbó e curare no açaí. Vão secar que nem macaco. Façam boa viagem. Também levaram um geral.

Pela primeira vez, Zé da Mata e nhá Josefa deram uma risada. Os corpos não se mexiam.

— Vamos esperar um pouquinho. O veneno não dá cabo logo. Depois vão dizer que morreram empanzinados de açaí...

Não viram outro modo de agir, nessa fase de policiamento reprovável, sem garantias de espécie alguma.

Bastava lembrar os castanhais de Piraíbas que deixaram uma dolorosa repercussão. Questões de terras e marcos possessórios ocasionaram desavenças entre moradores da terra-firme, no lago, e os do beiradão, que se locomovem nos meses de safras. Considerados invasores, apossavam-se de castanhas, empaioladas no mato e nos porões das embarcações, chefiados por Timbó, negro de beiços largos e cara patibular.

Como recebessem protestos, responderam incendiando barracas de moradores permanentes e assassinaram um dos proprietários, deixando-o coberto de frechas para atribuirem a culpabilidade aos silvícolas.

A desordem motivou a interferência administrativa; um contingente armado aportou a Piraíbas. Nada mais encontrou. Os perturbadores haviam fugido; os interiorizados dos lagos passaram a ser as vítimas. Havia necessidade de explicar a solicitação às autoridades. O comandante mandou prender e surrar os caboclos, inocentes do crime, dos incêndios e dos roubos cometidos.

O contingente deixou um panorama de ameaças e a certeza de que não se deveria mais apelar para auxílio oficial. Peia grossa lanhava as costas de alguns, na devassa para descobrir os cabecilhas. Vergastaram rapazes e violentaram môças.

Desconfiando de cumplicidade de uma família, interrogaram a avó, de 70 anos, e, como nada revelasse, mesmo depois de brutalizada pelos soldados, aplicaram-lhe um clister de pimenta murupi, que lhe proporcionou a morte, sob sofrimentos atrozes. Ninguém mais apelava para as expedições oficiais. Sempre era mais rápida a aplicação de algumas pauladas e balas de 44.

* * *

As vinganças tremendas figuram entre os rosários de lendas, que se espalharam pelo Madeira. Os caboclos mudaram-se e as posses ficaram abandonadas. As árvores secaram; os caibros, roídos pelo cupim, cairam, deteriorando a barraca. Retornou tudo a capoeiras de ur-

tiga e árvores-de-São João. A polícia nada apurou, nem foi até o lugar. Abusões do povo. Quem iria procurar restos de ossadas, à-toa, só para ouvir histórias do arco da velha? A polícia não faria outra coisa. Teria de laçar espíritos no meio do rio. Os homens deviam ter morrido de febre e indigestão. Segundo os caboclos Zé da Mata e nhá Josefa, comeram veado, beberam açaí e tomaram cachaça em cima. Já estavam doentes, e a cachaça deu no fraco. Meteram-se na chuva com febre. Bem que nhá Josefa aconselhara. Morreram nos seus braços. Ainda ajudou Zé da Mata a cavar sepulturas, botar cruzes e limpar em redor. As iraras devem ter escavacado. Iraras e tatus. Ali havia muitos. Os ossos foram carregados pela terra-caída, no inverno. A prova é o sítio também estar indo p'r'as águas. Demais, era terra de alagação. Vai tudo com o inverno. Mesmo nas cercanias de certos povoados, ou à beira de barrancos, porcos e tatus focinham os buracos, papando sempre novos corpos. Houve quem desenterrasse restos amigos e nada encontrasse. Nem ossos, nem caixão. Águas podres, minhocões, tatus. Foi o que sucedeu com os brabos. Polícia é p'ra pegar criminoso e não p'ra andar atrás de histórias de defuntos!

Iguais a êsse, muitos crimes, encapados em lendas, percorrem as solidões. Se as almas visitam os corpos, êstes barrancos devem ter verdadeiros agrupamentos de fantasmas.

Padre Silveira concordou. Pediu um trago aos remadores. O resto da missa acabara. Chegavam à foz do Machado: Uirari e Humaitá seriam os portos próximos, os mais habitados.

Dentro em horas, Padre Silveira envergaria a batina vistosa para o desembarque. O Madeira espumava, como um monstro fatigado, e carregava toros e galhadas. Parecia espuma de animal fatigado, após grandes lutas.

Os igarapés carreavam as águas dos lagos: em março, na descida para o rio, empurravam os peixes para a desova, em cardumes de três dias. Pulavam uns por cima dos outros e iam roncar no fundo, entre as oueranas mergulhadas.

O vento de baixo, anunciando enchente, convulsionava árvores, levantando banzeiros altos. Findos os repiquetes, depois da Semana Santa, desceria de vez, e secariam as matas, abrindo as estradas para corte.

— Rio danado! Está querendo vazar!

* * *

Fábio Moura coletava observações curiosas, que lhe feriam a vida acidentada de vinte e dois anos. Viera de longe, cortara os primórdios da educação seminária, palmeara caminhos sertanejos, com aglomerações amontoadas de retirantes, hospedarias de Fortaleza e Belém, cabeças-de-porco de Manaus, viagens em cargueiros do Lóide, nos gaiolas, motores, batelões, canoas e ubás. Campos, terra-firme, alagações, águas cristalinas das chuvas, águas escuras do Machado e dos igarapés, águas dos igapós e charcos, águas do Madeira.

Era um oceano negro, dentro das florestas. Era o bamburral. Vira-o Fábio, no verão e nas invernadas, sempre sombrio, ocultando sucurijus, puraqués, jacarés, em meio aos aningais e tiriricais. Perigoso e cerrado, evitavam-no as próprias caças, perseguidas pelos cães. Quando se arremessavam às águas, pacas e veados buscavam as clareiras, punham o nariz de fora, nos primeiros troncos, em que encontrassem apoio, escondidos no folharal. Os cachorros, sangrando de espinhos e sanguessugas, encurralaram-se à margem, em latidos de aviso. Mesmo os paqueiros, acostumados aos buracos dos igarapés, não se atrevem aos bamburrais. Lá se escondem as sucurijus misteriosas, de muitas voltas e olhos de holofote, que laçam os veados e brigam com as antas. Pouco se vê. No verão, quando há terras para retiro, ouve-se o canto dos passarinhos, a queda de frutos e gravetos, o boiar de peixes.

Após as chuvas maiores de dezembro, que duram noites e dias, surge o sol. As águas pretas, aprisionadas meses e meses, fogem nos leitos dos pequenos igarapés. Dão-se, a êsse tempo, verdadeiras imigrações. Acaris, tamoatás, trairas, jejus, matamatás, enjaulados nos bamburrais, sem porta alguma de saída, descem em disparada. Vêm desovar nos buracos e tronqueiras, ou procurar as correntes largas dos rios. Até jacarés esverdeados, andando pelas matas, são acuados pelos cachorros, que latem de longe, pulando em tôrno às feras enfurecidas, mas sem ação depredadora.

A sociedade em formação imitava aquêles bamburrais. Na aparência, era serena, como uma orquestração de sanhaços, mas, por outro lado, oscilavam em ousadias e ambições.

Pensava nas expedições cruentas, nos estupros, incêndios e crimes, que embasavam aquêle mundo adolescente. Não havia patrulhamento. No Jamari, no Macha-

do, no Jaci, imperava o mando indiscutível dos patrões. A tranqüilidade e a intranqüilidade dependiam da educação, do temperamento e da vontade dêsses pioneiros.

O seringueiro lutava pela libertação. Entrava no bamburral por fascínio ou engano. Acordava e queria sair da floresta, mas estava mergulhado, como um escafandro sem ar. Vinha a febre, o beribéri, somando débito nos borradores. Vinham os balásios, as dificuldades de liquidação, ou, na melhor das hipóteses, iriam residir em centros imaginários, ou agregados a expedições, de que não voltavam mais.

Não era sòmente no Madeira. Era em todos os afluentes. Caldeirão-do-Inferno e Salto-Teotônio detinham, nas zonas encachoeiradas, cadáveres de remadores, que tombavam dos batelões e das balsas. Demais, quem se atrevesse a enfrentar aquêles dias de soalheira e chuva, sem idéia de regresso imediato!

Era o bivaquismo, o mêdo de permanecer, o horror à prisão do solo, naquele desbravamento sem auxílio oficial. Traziam a sêca no coração, a urgência de ganhar para volver à liberdade. Queriam fugir, mas milhares se grudavam ao solo para sempre, tostados pelo calor, com os ossos roídos pelos bichos. Acendiam as lâmpadas da civilização de amanhã, quando o homem vivesse livre de perigos, arrancando a riqueza das árvores e do sub-solo.

Mais tarde levas morenas chegariam aos seringais, novas regiões seriam exploradas. Poucos empreendimentos, em tais conjunturas, seriam definitivos. Até o padre Silveira construía capelas transitórias, expostas aos temporais e aos morcegos.

Arrecadava para abri-las mais distantes e pregava a fé com o altar-portátil. Em margens daquela incerteza, fincava a fé em qualquer barranco.

— Mais umas remadas, e estaremos em Humaitá. A pequena vila surgia à distância, quase afogada no horizonte; em sua modéstia, erguia um grito de civilização. Conversava-se. Recebiam-se notícias da capital, trazidas pelos navios da companhia. Dali emanavam as ordens políticas, ali se realizavam as festas padroeiras com leilões e casamentos, forjando outra gente, que traria os erros e os predicamentos dos pioneiros.

* * *

Fábio amealhou pequeno saldo, bastante para rever o Crato. E partiu. O Amazonas era o oceano distante,

que precisava ser vencido — gente a educar, florestas a dominar, índios a domesticar. Havia necessidade de repousar os olhos, fugindo à vastidão.

Conhecera o bamburral, embebera-se de lendas, passara noites sem fechar os olhos, ruminando as cenas que olhara e sentira. Lembrava um pavio que se embebera de querozene, e precisava chamejar, clareando a noite da alma. Não era um semeador que fôsse semear em leiras estrumadas: a semente caíra em terra virgem.

Voltaria, seduzido pela planície verde. Liberto para a viagem, sentia-se escravizado à gleba e ao bamburral.

Partiu para o nordeste, desviando a alma para aquêle cenário, em que se enchera de recordações. Descendo o rio, em gaiola mais amplo, no confôrto de primeira classe, continuava a sonhar. Olhou os seringais, imaginando os dramas vividos em cada um, o esfôrço de todos para vencer a agrestia quase invencível.

O gaiola apitava aqui e ali, recebendo lenha e borracha. Os carregadores pareciam forçados, com os ombros retorcidos pelas achas mal lavradas, ou exalando fedentina de caucho, estocado nos paióis. Chuva e sol não embaraçavam a trabalheira. Pilhérias esfuziavam; os lenheiros pareciam banhados de água, tanto era o suor.

Desapareciam ràpidamente os montes de lenhas; êles iam e vinham, limpando a fronte com o dorso das mãos sujas. Era a alegria da cachaça e da agitação, após tantas semanas de abstinência e isolamento. O gaiola apitou, revolvendo as hélices. Tilintaram as campainhas de bordo, evitando a permanência de algum clandestino ou retardado pelos negócios. Corriam ao longo do convés, na terceira classe, carregando embrulhos e garrafas.

— Prancha dentro! Até de volta!

Agora ao largo, em busca de outro seringal; continuavam a rota pelo mesmo rio, servindo a mesma gente.

Volvidos cinco anos, Fábio veria novos barracões — e uma alegria borbulhante vibraria, como se o rio tivesse uma só alma. Tudo perdera no nordeste, menos o amor pela Terra Martir e pelo Povo Martir. Sentia, entretanto, que o Amazonas, com o seu feitiço, lhe dobrara o coração. Talvez pela beleza, talvez pelo sofrimento, que ferem sempre para sobrepujar. Passados três dias de descidas, viajando para libertar-se, como os demais, sentia que ficara acorrentado para sempre. O bamburral o prendera — com as suas lendas de cobra-grande, de

corupira e a sua realidade barbarizada de terra que nunca seca. Ao contrário da sua, que sempre secava.

— Que é aquilo?

— Cerração, bruta cerração, murmurou o prático.

Seus olhos furavam as trevas, com as mãos no leme, mandando apitar de quando em quando, a fim de evitar possíveis abalroamentos.

O prático era também um herói do desbravamento —, na floresta como mateiro, nos tombos como proeiro. entre os índios como marinha, ou no tombadilho de gaiolas e lanchas.

Vigiava sempre, ao sol ou na escuridão, responsável por vidas e mercadorias, de olhos presos a horizontes, rebojeiros e árvores, — olhos que cegavam de tanto fitar estrêlas e estirões.

— Abalroamento neste rio sem fim? Não há perigo.

— É o que pensa. O diabo tenta. Já houve choques de embarcações, proas enterradas no barranco. Isto até parece o mar.

Nada se via. Caía uma temperatura de serra. Fábio, homem do sol, sentiu uma cerração dentro da alma.

— Boreste! Bombordo!

A voz do prático e os ruídos do gaiola, como um dragão espantado, acordavam o silêncio...

SEGUNDA PARTE

SERRAS E CENTROS

L

A safra de açúcar e rapadura prometia. Canaviais pendoavam nos brejos. Desaparecera o rigor da sêca e voltara a fartura, alastrada pelo esfôrço dos trabalhadores. Os engenhos cantavam a vida. O inverno fecundara, em ondas de milagres, aquêles pedaços abençoados e, como lembrança, ainda acenava lençóis de nuvens nas abas da serra do Araripe. Fontes galopavam, como serpentinas de alegria, e os açudes transbordavam, abeberando o gado e as plantações.

Fábio possuía as últimas jeiras de "Monte-Alegre", que lhe sobraram da herança paterna. Léguas e léguas perderam-se com as sêcas e as questões políticas. Sentou-se num cômoro escalvado e olhou aquilo tudo. A casa-grande tinha donos diferentes; as estradas, por onde caminhava, em direção ao Seminário, perderam-se em capoeiras, ou se cobriram de canaviais. Encontrou colegas de escola, absorvidos em várias profissões, e roceiros antigos, dispersos em sítios vizinhos. Restava a tradição das famílias sertanejas, laivada de cangaceirismo, na defesa da terra e da honra. O patriarca morrera de pé, enfronhado nas lutas contra o govêrno: senhor de várias fazendas, numa extensão de trinta léguas, deixara numerosa descendência, mais de 40 filhos entre homens e mulheres, moldados nas agrestias da vida, ora de invernadas, ora de sêcas.

Fábio poderia ficar, movimentando, naquela herança de terras, o pequeno capital, que amealhara nos bamburrais da Amazônia. Lá estavam os parentes para auxiliá-lo: mesmo que nada tivesse, era só abarracar-se e atar a rêde.

Percorreu os salões do velho Seminário, cujas madeiras-de-lei para a construção tinham sido trazidas da serra. Rezou na mesma capela, falou a alguns mestres que tinham resistido, percorreu os páteos de recreio. Poderia

ter continuado a carreira para o sacerdócio; reencetaria os estudos em Fortaleza e, internado pelos sertões, iria cumprindo a missão, para a qual o designara o destino. Mas êsse mesmo destino mudou, sob a pressão de sêcas, mandando-o para o Amazonas. Agora era tarde: perdera a vocação, sob o fascínio da selva.

Sim, poderia restaurar o sítio e ficar melhor ali, ao lado da família, que se ramificara pelo Piaui e Paraíba. Deu-se, entretanto, o inverso do que esperava: os anos de Amazonas, os sofrimentos, as dificuldades, a posse envolvente da terra prenderam-no para sempre. Não lhe diminuira o misticismo ardente, serviria a Cristo, mas devia servi-Lo onde houvesse mais necessidade. Os felizes não precisavam do seu braço. "Os sãos não precisam de médicos", prelecionara o Mestre Supremo. Aprendera a lutar, perto do perigo, sentira o perfume da barbárie e da civilização, na floresta em que os próprios homens cultos ficavam gagos, sem palavras, cegos no deslumbramento de uma queda d'água.

O banzo não é exclusivamente africano. Inoculara-se de banzo vermelho, bebendo-o em paisagens virginais, onde mal se iniciavam os sentimentos domésticos. Percorreu as ruas da cidade, palestrou com o padre Colares, que visitara Roma e julgava o passadio europeu inferior ao dos sertões.

— Seu dever é residir em terra de seus pais. Volte a "Monte-Alegre", modernize o sítio e funde uma escola. Case-se aqui. Fuja do desregramento das matas...

Fábio sorria. Lembrou-se do pai nas desobrig s pelas fazendas, na fama e nos filhos que deixara. Amava demais os sertões, mas falhara na carreira escolhida, sem culpa própria. Nem a sêca, os prejuízos e as enfermidades poderiam abater gente daqueles sertões. A estiagem crestou as fontes, matou o gado e espalhou as famílias. Fôra tangido, em companhia de outros, para Fortaleza e os porões do Lóide, para Manaus e os seringais. Perdera o entusiasmo. "Monte-Alegre" ficaria como recordação paterna; constava até que havia uma fortuna enterrada. Escavaram, e nada foi encontrado. A fortuna eram os canaviais, as terras fecundas, o trabalho.

Contraira o virus dos bamburrais, ouvira barulheira de vento, derrubada de árvores. Passavam-lhe, pela imaginação escaldante, rios imensos, corredeiras, praias recobertas de oueranas, e não sentira prazer em afastar-se das terras em flor, onde renascia o Brasil. Demais, ali,

havia, muita gente. Tudo voltara à fartura e à normalidade. Lá, não! Era a imensidade com verdor e vida. Nova missão surgia aos nordestinos — desbravar o Amazonas, incorporar os seringais ao movimento econômico do Vale. Teria de enfrentar indígenas, morrer nos entreveros do paludismo, assassinar ou ser assassinado, mas, de qualquer forma, auxiliaria a plantar as sementes de redenção nessa imensidade.

Ali, no Crato, seria a mornidão, os dias costumeiros, sol a sol, prosperando talvez, ou sendo envolvido, como os seus pais, nos revezes da política sertaneja.

Dias normais, tratando de alimárias, movimentando o comércio na capital do sul. Lá, nos seringais, seria a aventura, mas a aventura no meio das batalhas, em demonstrações de angústia, e bravura.

Fábio demorou-se mais alguns dias, calculando o regresso para depois da safra. Queria encher-se de cheiro de cana, de saudades maiores daquela gente. Procuravam-no trabalhadores, que também queriam partir, embora contra a vontade das famílias. Seguir para os seringais, naquela época, era voluntariar-se para o desconhecido — deixar o berço natal, abandonar a família para submergir em perigos.

Recordavam o Raimundo Correia, o José Brasil, o José da Penha, o João Marinheiro, que nunca mais voltaram. Isto só para o Madeira e para um só ponto. Somem-se às levas de gente sadia e forte, tragadas por outros rios. Vinham de lá histórias de conquistas, de seringueiros que viraram seringalistas e giravam cheques contra as casas de Manaus e Belém. Manuel Arruda e Felício Arrais sairam com a camisa, as calças e a quicé: voltaram de chapéu-de-Chile, anel de brilhante, fato de aga-jota, arrotando pabulagem nas feiras.

Conta-se até que os patrões pagavam os saldos aos poucos, com os aviadores industriados em Manaus, para que os seringueiros os gastassem ali mesmo e voltassem aos seringais, pelados como pintos, devendo as passagens. Eram excessos comuns a qualquer pioneirismo, explicáveis em regiões habitadas por moços, em sua maioria, internados nas selvas, pobres de mulheres nos primeiros tempos.

Encontravam-nas fàcilmente nas capitais, e até louras peruas estrangeiras, banhadas em água-de-colônia, coisa nova ao faro daqueles plumitivos ávidos de prazeres e castigados pela sêde das abstinências.

Estava com aquêles propósitos de regresso, mas ainda indeciso, quando encontrou padre Silveira, já refeito das febres, de batina nova, rosado e alegre, celebrando nos sertões. Ouviram-no no seminário, em que falava mais do Amazonas do que do Evangelho. Salientava o sacrifício e o heroísmo nordestinos. Se quisesse, em recompensa às horas de tormento e isolamento, ficaria por ali mesmo, na paz sertaneja. Assim o prometera o Arcebispo, admirando a resistência missionária dos sacerdotes que vinham do interior nortista. Vencera a fome, estivera entre selvagens, dormira ao relento, mas prestara assistência a irmãos perdidos nas selvas.

— Poderia ficar ali, sim, em confôrto e tranqüilidade, mas preferia voltar ao missionarismo, em ambientes ásperos, onde, ao morrer, não saberia se encontraria um sacerdote à sua cabeceira, para confessar-se e comungar. Ali, a alimentação, o clima, a assistência; lá, o desconfôrto, a comida incerta em horas incertas, o clima traiçoeiro, a frechada do índio. Mas voltaria, porque lá estava a dificuldade maior, o cearense para assistir, o doente para curar...

Os fiéis benziam-se, debulhando ave-marias para aquêle sacerdote de boa fibra. Fábio também lhe reconhecia a tenacidade, mas, recordando passagens do Alto-Madeira, pensava também, rogando perdão pelo juízo temerário que, ao padre Silveira, cabiam aquelas referências do sermão, mas lhe sobravam, em contraposição, certas vantagens para a vida mais livre, quase impossível no rigor sertanejo.

Tirava a batina, andava em canoas, atracando aqui e ali, dormindo na melhor rêde, cheirosa a pripriocas, e comendo bons pratos apimentados. Houve até excessos, comuns ao sexo desbridado, talvez mexericos do povo. No sertão, com tôda a repulsa e fiscalização, havia padres com afilhados falsos — as beatas murmuravam. Certos chefes austeros justificavam aquelas válvulas escapatórias. Melhor do que transferí-los, ou operá-los nos atentados contra moças, o que importava em crime e diminuição perante o mulherio.

— Padre, vociferava o coronel Anastácio, deve ser casto, mas também completo. Casto, porque é capado ou velho demais, não demonstra virtude. Ficaria desmoralizado ante as bestas. Sabem que não faz porque não deve e não porque não pode. Veja o que é o mundo, deveria

Estava com aquêles propósitos de regresso, mas ainda indeciso, quando encontrou padre Silveira, já refeito das febres, de batina nova, rosado e alegre, celebrando nos sertões. Ouviram-no no seminário, em que falava mais do Amazonas do que do Evangelho. Salientava o sacrifício e o heroísmo nordestinos. Se quisesse, em recompensa às horas de tormento e isolamento, ficaria por ali mesmo, na paz sertaneja. Assim o prometera o Arcebispo, admirando a resistência missionária dos sacerdotes que vinham do interior nortista. Vencera a fome, estivera entre selvagens, dormira ao relento, mas prestara assistência a irmãos perdidos nas selvas.

— Poderia ficar ali, sim, em confôrto e tranqüilidade, mas preferia voltar ao missionarismo, em ambientes ásperos, onde, ao morrer, não saberia se encontraria um sacerdote à sua cabeceira, para confessar-se e comungar. Ali, a alimentação, o clima, a assistência; lá, o desconfôrto, a comida incerta em horas incertas, o clima traiçoeiro, a frechada do índio. Mas voltaria, porque lá estava a dificuldade maior, o cearense para assistir, o doente para curar...

Os fiéis benziam-se, debulhando ave-marias para aquêle sacerdote de boa fibra. Fábio também lhe reconhecia a tenacidade, mas, recordando passagens do Alto-Madeira, pensava também, rogando perdão pelo juízo temerário que, ao padre Silveira, cabiam aquelas referências do sermão, mas lhe sobravam, em contraposição, certas vantagens para a vida mais livre, quase impossível no rigor sertanejo.

Tirava a batina, andava em canoas, atracando aqui e ali, dormindo na melhor rêde. cheirosa a pripriocas, e comendo bons pratos apimentados. Houve até excessos, comuns ao sexo desbridado, talvez mexericos do povo. No sertão, com tôda a repulsa e fiscalização, havia padres com afilhados falsos — as beatas murmuravam. Certos chefes austeros justificavam aquelas válvulas escapatórias. Melhor do que transferí-los, ou operá-los nos atentados contra moças, o que importava em crime e diminuição perante o mulherio.

— Padre, vociferava o coronel Anastácio, deve ser casto, mas também completo. Casto, porque é capado ou velho demais, não demonstra virtude. Ficaria desmoralizado ante as bestas. Sabem que não faz porque não deve e não porque não pode. Veja o que é o mundo, deveria

Exatamente em plena enfermidade, quando morrera como mulher, a alma floriu em beleza. Precisava daquela devastação biológica para desabrochar em supremo encantamento. Morrera-lhe nos braços, quase sem sangue, e lhe parecia que entregara à sepultura um corpo quase em liquidez, transpálido e translúcido. Era uma visão incorpórea, uma alma que andava, porque desaparecera tôda a floração da carne.

Sòzinha, na solidão apertada, contava as horas da noite, e ela arregalava os olhos, sem um protesto, com uma resignação fatalista.

Ficava longe o cemitério da vila, — foi sepultada ali mesmo, perto da casa onde debulhara em bagos de platina, o seu lindo romance. Lá está, como uma vela, no anonimato de milhares de outras, imoladas pelo Amazonas. Restava-lhe o garôto, também filho do sofrimento; não para sofrer como o Moacir cearense. Crescia na terra verde e iria receber educação lá fora para melhor serví-la. Viera com a primeira geração de pioneiros e aventureiros e, mais tarde, continuaria o desbravamento, já sob orientação técnica.

Assumira responsabilidades com a terra, que redimia e castigava, mas acendia no coração responsabilidades absorventes.

Iria ao nordeste e voltaria. A seu ver, era uma traição derrubar árvores, matar animais e peixes, sem processos de defesa, em sádico egoísmo. Tudo seria corrigido amanhã. A terra também possui alma e clamaria contra o saque, explicável sòmente nas primeiras investidas.

Demais, os sertanejos que partiam, cooperavam, de certa forma, para reerguer o Ceará. Que seria, se não aplicassem os saldos ali, se fôssem enviados para meios mais reprodutivos e compensadores? Certamente, seu pensamento poderia ser combatido. Milhares dissipavam ou morriam, desfalcando as reservas do berço nativo. Outros, entretanto, aplicavam nas glebas, a que se adaptaram, e surgiram melhoramentos e maior confôrto. Combatia-se essa diretriz, mas era um combate errado. Gritava-se que seria aplicar o saldo, conseqüente de maiores esforços, em regiões paludadas, sem futuro e recompensa. Plantar em terra-caída e no igapó, segundo o pensamento indígena. Seria, talvez, a idéia aconselhável, embora surgissem opiniões contrárias, como de Segadais e padre Silveira.

Dever-se-ia estrumar a terra, em qualquer trecho. Nada se perderia, ou, perdendo, deixar-se-iam na solidão das matas, as clareiras convidativas, barracas levantadas, varadouros abertos entre espinhais, que, à maneira de faróis, iluminariam dentro da noite. O combustor das cidades iguala-se aos demais combustores, clareando as ruas, e iria clarear recantos desconhecidos.

Moacir estudaria para voltar, eis tudo. Fábio leu demoradamente a carta, sentindo no rosto as brisas vivificadoras dos sertões. Estava decidido. Regressaria às matas, — e regressaria como um missionário, que dissesse adeus à família e à ordem. Adotara uma pequena pátria, dentro de uma grande pátria, vivendo nos seringais como um de seus seringueiros.

Se ficasse, cortaria sua vocação pela segunda vez, e seria um autômato a vagar pelos sertões adustos ou floridos, olhos cismarentos bem longe, recortados de igapós sombrios, ouvidos atentos àqueles barulhos e àquelas trovoadas vespertinas, acompanhados de chuvas intermináveis, nos meiados de dezembro. Vivera os primeiros anos sob o império das canículas atrozes, atormentado por um sol que trazia incêndios; enfrentara, depois, chuvas, que lembravam dilúvios, e tremera de sezões com a audácia na alma. Voltava, pela segunda vez, conscientemente, como um cruzado que fôsse cumprir o dever, entre cercos e cavalgadas.

Reiniciou a viagem, dessa vez em boa classe do Lóide: ouviu as vagas do mar e as ondas do rio, que se misturavam à entrada de Marajó. Caíam ali, fraternalmente unidas, águas que vinham do Machado. Buscava de novo o Amazonas por um determinismo — e, em espírito, vestia togas sacerdotais.

O seringueiro, que retornava às trincheiras do holocausto, imolava-se ao futuro, certo de que não triunfaria para a riqueza, algemado, como se algemara, a sonhos sem egoísmos... Queria morrer onde pudesse servir e onde, embora pequeno, fôsse mais útil do que em muitos lugares, onde milhares de homens naufragavam ou prosperavam.

O Lóide balançava-se aos últimos ventos do Atlântico. Fábio, de consciência tranqüila, ajoelhou-se mentalmente, em oração profunda ante a vida que iria ter, por deliberação irrevogável, desdobrada no florestalismo e na solidão.

Banhava-se de renúncia, de coragem e de ideal, que alimentam os fortes, em qualquer situação de vida.

* * *

Seria seringueiro e seringalista. Fundou uma escola e recebeu gratuitamente os primeiros alunos. Esforçava-se para resistir naquele retiro, encaibrando barracas e construindo estradas. Casara-se, porque a noiva queria o mesmo destino. Filha de seringalista, entrara para colégio religioso aos sete e saíra aos quinze anos; não vacilara em seguir aquêle visionário, em missão junto aos florestários pobres. Havia, impostas pelo meio em crescimento, grandes propriedades: os primitivos costumes do desbravamento tinham se modificado, ou iam se modificando cèleremente.

Processava-se, então, a fase áurea da borracha, quando aviadores das cidades abriam contas de adiantamentos aos trabalhadores do interior, sob garantia da produção.

O Amazonas crescia aos imperativos do crédito, sem assistência bancária, assegurados pelos comerciantes de Manaus e Belém; alguns, mais tarde, foram até à falência, sob as aperturas do excesso de confiança, cedendo mercadorias que não podiam ser pagas, durante duas e mais safras. Iniciara-se o aproveitamento de castanha, embora o sustentáculo de resistência fôsse a borracha, cada vez mais utilizada nos parques industriais.

A Amazônia era a única região do mundo, que a produzia em larga escala, amealhando divisas para a Nação; seringalistas, em grande número, entorpeciam-se e adormeceram em ilusões, enquanto as sementes da hévea foram carreadas para Ceilão.

Distribuídos pelas estradas, os brabos vibravam os machadinhos a esmo, enquanto as mudas cresciam no Oriente...

Estava minada a produção e, pouco mais tarde, cairiam os preços, sacudindo o arcabouço econômico, argamassado por particulares.

Fábio não conseguiu isolar-se totalmente, como imaginara. Fôra convidado a executar funções públicas, interpenetradas à sua vida de proletário rural. Ria-se interiormente dos políticos, que, sem maiores preocupações e fantasiando austeridade cívica, distribuiam a votação entre os amigos, em cálculo preliminar que não falhava. Se falhasse, daria aperreio, pela reforma de atas e ofí-

cios. Singular regime, em que povo e govêrno, indivíduos e partidos se narcotizavam a si próprios. Seria infantilidade combatê-los, ou chamar-lhes a atenção. A politicagem era um retiário: os vencidos lhes caiam nas malhas, que se apertavam mais e mais, até a asfixia e o estrangulamento. Improvisavam-se imaginários crimes, perseguiam-nos em qualquer emprêsa que exercessem, demitidos de funções públicas, caluniados na vida pública e privada, e, ao fim, não escapavam de sovas e exílios disfarçados, impostos por implacáveis perseguições. Não podiam resistir à debandada nas cidades às vinditas tributárias e comerciais. Multiplicavam-se os impostos; executavam-se os atrasados, em prazos sumários; as embarcações, por precaução, não lhes tocavam nos portos. Nas vilas, se comerciantes, sofriam bloqueio oficial, e poucos lhes compravam as mercadorias.

— O chefe não quer!

Procuravam-nos à noite, passando ao longe sem pagar as dívidas. Se residiam num seringal, sofriam também feroz assédio. O camarada resistia algum tempo, mas não poderia ficar nesse crescente prejuízo e cedia. Transferia-se ao partido situacionista, assinando-lhe uma ficha, e tudo se modificava. Impostos reduzidos, taxações desclassificadas, recomendações ao coletor, silêncio ou elogios nos jornais. Perdia as fumaças de rebeldia, calava-se, rendendo graças por não ser surrado ou expulso de sua propriedade.

Eram frutos daquele comêço de século; cairiam de podres.

— Tudo se modificará dentro de uns cinqüenta anos. Vocês vão ver. Vocês, os moços.

Anunciando o pleito, o Partido vomitava suas ordens indiscutidas, numa época sem aviões e telégrafos. Os votos iam divididos paternalmente. Sabia-se da eleição pelo tom festivo da vila, matança de bois, distribuição de chapéus aos eleitores. Quando terminava o pleito, o foguetório acordava as crianças, os chefes eram cumprimentados em recepções bem regadas.

— Passou um francês por aqui e declarou que tinha náuseas dêsse carnaval.

Levado à presença do delegado, refreou o pensamento e assinou têrmo de bem-viver.

— Vocemecê está ofendendo a lei e a democracia, berrou o delegado.

— Estou dizendo o que sinto. Respeito a lei e a democracia, mas o que disse é a verdade pura.

— Nem pura nem impura! Tem de assinar e sair daqui, seu gringo! Cale a bôca ou vai levar uma tunda de peixe-boi e passar uns dias de xilindró p'ra respeitar a democracia! Vá embora daqui e pague a carceragem!

Ninguém tinha opinião diferente do chefe; liberdade de pensamento era bobagem para séculos futuros. Nem opinião, nem comentário nas calçadas da igreja, ou no bilhar do Elias Sírio. Suprimia-se a escola na rua que votara contra; filho de adversário não se matriculava.

Nome feio de mãe, pedradas e cacos de garrafas, ameaça de peia, ou peia mesmo e da boa, com chicote ensebado. Havia outros castigos mais humilhantes, quando o cidadão persistia em cretinices de oposição.

Era um leva-e-traz assustador e dissociante. Passada a época e expurgada a vila, recomeçava a tranqüilidade entre patrões, compadres e afilhados. Tornava-se a respirar.

* * *

Fábio deixara o internato em tempos rigorosos de catecismo e latim. Lia os seus clássicos, abeberava-se em História e Filosofia, que de nada valiam no interior, mas, por outro lado, lhe proporcionavam reservas de resistência e resignação.

Terminadas as eleições, recebia instruções para redatar as atas, os ofícios, os anais, as convenções em bases laudatórias.

Começava a surgir, entretanto, certa gritaria nas capitais, e deveria haver cuidado contra intrigalhadas de inimigos. Certa vez, foi chamado à presença do coronel — preparar a mala e ir até a capital. Teria de conduzir ofícios reservados aos chefes e assistir a uma reunião de representantes dos municípios. Um tanto amuado, lá se foi, levando papelório e instruções para exibir aos chefes, no concílio político.

Discutiram, em sessões secretas, o meio de corrigir o eleitorado e evitar as manifestações de sujeitos desabusados, que nada tinham a ver com o caso. Partiam da capital, sòmente para indisciplinar a paz do interior com essa conversa de autonomia e liberdade. Havia a dificuldade de juízes: arranjar-se-iam recomendações com certo cuidado.

Fábio limitou-se a ouvir as instruções, anotá-las e guardar os ofícios. Havia paixões desencadeadas no momento. Circunspectos e solenes, os maiorais queriam defender o Amazonas da crise, que o ameaçava, apelando aos poderes da República. De formação conservadora e religiosa, beberia uma lição, que o afastaria para sempre da politicagem, já olhada com desconfiança. Servia-a para servir a amigos; suportava-a para não querer parecer melhor que os outros. Via sujeitos que recebiam favores e traíam daí a momentos; outros não vacilavam em esquecer todo um passado, valendo-se de subterfúgios infantis, ou acusando velhos companheiros por erros imaginários e infundados.

— Como você pode dizer isto do Reinaldo?

— Se soubesse o que êle me fêz! Nem quero dizer. Nada lhe devo, graças a Deus.

Ninguém sabia de algum mal que o acusado tivesse feito. Uma tarde, pouco antes da partida, Fábio colherava sorvetes numa leitaria da Avenida Eduardo Ribeiro, em companhia de amigos do interior. Seriam quatro horas da tarde, quando ouviu gritaria forte e viu numeroso grupo, gingando pela rua transversal, em direção à praça do Bispado. Que novidade haveria para aquêles lados, perto da Caserna Federal e da Delegacia Fiscal? O Bispo era um missionário, preocupado com os seus trabalhos assistenciais. Ninguém iria bolir com os funcionários federais e o Exército. Só se falhara o prestígio de algum chefe e alguém teria de pagar o pato. Aproximou-se e ouviu o nome da autoridade eclesiástica. Ter-se-ía metido em política? Procedera mal?

O vozerio era ensurdecedor. Sujeitos enfuriados, lívidos de ódio ou de ódios fingidos, puxavam a procissão burlesca.

— Capa o Bispo! Capa o Bispo! Viva a República! Viva o Amazonas!

Feio crime deveria ter cometido o prelado contra o regime. Explicou-se. Havia necessidade de desviar a atenção da massa contra o govêrno. Corria o boato de que o Bispo atentara contra o pudor de uma beata, além de trintona, no interior. Nada se provara, nem se sabia o nome da sacrista. Exaltados surgiam, discursavam, e lá foi a massa para o Bispado, já guardado pela Chefia de Polícia.

— Capa o Bispo! Capa, capa! Viva a República! Viva o Partido Republicano!

Destruia-se, assim, uma carreira, aberta para os céus.

Fábio lembrou-se do "Germinal", de Zola. Certo taberneiro voraz carneava as operárias, exigindo-lhes juros humilhantes, pelo azeite ou vinho que fiava. Rebentou uma greve sangrenta. A mulherada, em desatino, emasculou o desalmado, cuja "virilidade morta" foi aposta a um chuço e passeada pelas ruelas, sob mofa das vítimas, que cediam por chouriços e batatas. Mas o taberneiro era um aproveitador sem piedade.

Que mal fizera o sacerdote? O bando não chegaria, por certo, a ofensas físicas, nem iria arrancar-lhe a batina, como um pendão macabro, e a "virilidade morta", como remédio e escudo para a salvação do Partido.

Fábio pensou que seriam sempre melhores as possibilidades da selva. Caminhou para o hotel, aguardando a hora da partida, com os gritos retinindo nos ouvidos:

— Capa o Bispo! Capa, capa! Viva o Partido Republicano!

A salvação político-social estaria na humilhação do sacerdote, talvez inocente, ou porque desse maior atenção sentimental, em um dos seus pernoites, na desobriga, a qualquer criatura livre.

Tempos depois, soube que o prelado, com licença superior batera o pó das sandálias, como já o fizera um frade em Parintins, e fôra para a Espanha, onde se internou em convento de pés descalços.

Não acreditava fôsse um castigo êsse afastamento da pátria, mas o pudor de permanecer onde praticara o bem, porque de qualquer forma, ficara o rescaldo da calúnia. Não importariam as obras e instituições que fundara, mendigando por seringais e potentados. Arguto, sabia que, daquela data em diante, era um sacerdote para quem a turba pedira o supremo castigo, em se tratando de um forçado à castidade.

Levantara-se um dilema: ou praticara o delito, consolando a beata fogosa, e pecara, tornando-se indígno de continuar a espalhar comunhões, ou estava inocente e fôra condenado sem ter culpa. Não nutria, nem poderia nutrir ressentimentos. Só a renúncia, o afastamento, a resignação.

Defenderam-se as instituições. Fábio meditou que aquela passeata valia por um exemplo aos que, porventura,

ainda alimentassem certas ilusões. Possìvelmente, mais tarde, quando não fôsse possível qualquer reparação, surgiria o arrependimento. Se tal processo vingasse, quantas calúnias e acusações não destruiriam vidas agitadas pelas lutas coletivas!

O Bispo ficou só, naquela hora angustiosa, amparado por seus irmãos de crença. Ficou só e suportou o impacto sòzinho, caminhando para o exílio.

Fábio forçou uma visita, em companhia do padre Silveira. Pálido, rodeado por dois secretários, o Bispo abençoou-o, num sorriso triste. Nenhuma palavra, nenhuma queixa, nenhuma censura. Prestava conta das importâncias arrecadadas no Purus, para serem aplicadas em obras destinadas a crianças.

Fábio pensou:

— Talvez aparentadas dos que o vilipendiaram.

Era a vida; Deus observava lá de cima.

Prossegiu viagem. O gaiola apitava, segundo a destinação das mercadorias, em vilas e povoados. Recebê-las-iam os seringueiros, em suas estradas e colocações, ignorantes das ambições politiqueiras. Ignorantes e felizes nessa ignorância.

Desembarcando em Humaitá, ainda ficou a examinar a descarga nos carros de bois, de enormes chavelhos, chiando no caminho mole, escavado no barro vermelho. Mas não lhe saiam do ouvido os gritos da turba:

— Capa o Bispo! Capa, capa! Viva a República!

M

Desembarcando, Fábio caminhou entre as palmeiras reais da Avenida Gusmão e foi prestar contas da viagem — as reuniões, a aprovação das eleições, o prestígio ao diretório partidário local, pela sua lisura e unidade de vistas, quando, em outros municípios, havia desentendimentos.

— Aí é que pega o carro — rugiu o coronel. Estamos em desavenças. O superintendente resolveu governar sem consultar o Partido e eu resolvi atacar a vila. Conselhos e parlamentares foram inúteis. Só a bala e massaranduba. Não sei o que estão pensando. Já mandei amarrar o cedro, que terá de levá-lo de bubúia.

Realmente, linhas de seringueiros armados estendiam-se nos campos, à retaguarda, pelos flancos, florestas e igarapés, devidamente patrulhados; pela frente, duas lanchas, em pé de guerra. Completara-se o cêrco, e o homem não resistiria. Dado o sinal do primeiro tiro, avançariam os atacantes com rifles, espingardas e revólveres. Levaram também terçados amolados para os encontros possíveis com armas brancas. O superintendente resolvera reagir. Circulou um boletim: estava senhor da situação; as famílias deveriam permanecer nos lares; defendia a legalidade e a ordem contra os masorqueiros; ia comunicar aos governos do Estado e da República.

Sabedor dos acontecimentos, o comandante decidiu desatracar o gaiola e deixar as mercadorias na volta de Santo Antônio. Algumas famílias refugiaram-se a bordo. Poderia deixar os gêneros em "Paraíso", com temor que os vencidos ocupassem o navio, rumo da fronteira. Não tinha instruções especiais para semelhantes acontecimentos.

Anunciava-se a batalha de Humaitá; os vivos já pensavam nos mortos, em missas, luto e dificuldades. O

mercado fechou: os beiradeiros, cientes dos acontecimentos, ficavam nos sítios.

Fábio ponderou que, antes do combate lesse a correspondência, circunstanciando as reuniões que pregavam a salvação do interior; se houvesse chacina, o govêrno mandaria um delegado militar, que abriria inquérito, prenderia os rebeldes, reporia o superintendente, abalando o prestígio dos chefes em desentendimento.

— Houve coisa igual em Manáus, rosnou o cônsul. Quando se falou em repor o governador, um dos responsáveis pelo movimento declarou logo: — Nunca vi repor sujeito que perdeu a cabeça com um tiro ou uma navalhada.

Fábio mostrou a diferença das situações e, afinal, nada houve, em relação à cabeça do governador deposto. Prontificou-se a ir ao encontro das lanchas artilhadas, que arrebanhavam voluntários pelos beiradões. Atendido, partiu imediatamente e encontrou as embarcações acima do igarapé do Beêm. Os soldados improvisados comiam pirarucu assado e, para criar coragem, ingeriam uns tragos de cachaça. O capataz, de má catadura, berrava:

— Só para provar. Antes da embrulhada, vou temperar a pinga com pólvora. Era assim no cangaço e em Canudos. Combinaram que não se daria um tiro e as lanchas não desatracariam, enquanto não se dessem novas ordens. O coronel enviou um emissário aos campos, sem companhia de Fábio. O pessoal amaldiçoava o tempo-quente entre os chefes.

— A gente se mata, deixa viúva e êles se abraçam depois. Tenho compadre e conhecidos em Humaitá. Pr'o diabo o salseiro!

Horas depois, já à tarde, em meio a boatos terroristas, os chefes se entenderam; o superintendente teria dinheiro para administrar; o coronel dirigiria a política. Abraçaram-se e resolveram confraternizar as tropas, lavrando-se uma ata. A resistência do superintendente baseava-se nos soldados da delegacia, nos presos, nos raros trabalhadores. Desfilaram todos na cidade, em continência aos chefes. Não se efetivou o combate: influiu a calma de Fábio, a prudência do comandante Paturi, em levar as mercadorias para o Alto-Madeira. Prejudicariam o abastecimento da vila, os pequenos regatões e os próprios seringais.

Comparecendo à Câmara Municipal, Fábio ouviu encômios entusiásticos aos chefes, que, prudentes e acatan-

do o bem público, deram um exemplo de civismo e compreensão.

A Câmara agitava-se por outros problemas, — viração de tartarugas, impostos nos regatões, defesa dos campos e mangabais. Eram problemas que interessavam a população e os latifundiários, — viração de tartarugas, em Tamanduá, e outras praias, o estrago pelo arrastão. Os cacurís dariam, como resultado pernicioso, a extinção da espécie; os regatões, devido ao comércio clandestino, eram taxados de contrabandistas, porque trocavam mercadorias por borracha, nos batelões a vogas, que subiam o rio, em direção aos tombos de Santo Antônio; os campos e os mangabais constituiam recursos para os pobres e bandos de veados, que por lá erravam. Cederiam campos para a criação, fora das áreas dos mangabais. Êstes pertenciam aos pobres e aos galheiros, donos das pastagens, dos retiros e dos palhais. O intendente terminou suas considerações com ironia — deixassem lá os galheiros e os respectivos galhos, sinal de mando entre os bichos, o que não acontecia com certos sujeitos vivos.

— Não apoiado! Era sinal na antiguidade e mesmo em alguns povos atuais. Naquele recinto era insulto.

— Deixo de responder o aparte. Respondam-no, de chicotes e revólveres, os atingidos.

— Perdão! Não há atingidos que eu conheça. Conhece-os Vossa Excelência?

— Vamos para diante. Não é da ética esta discussão. Que seria da riqueza municipal, sem as tartarugas e sem as riquezas dos campos-gerais? Contra os regatões, corsários dos rios, sim, deveria cair o rigor dos impostos.

Queria simplesmente ajudar os chefes, grandes proprietários, porque, em verdade, também compravam às escondidas nos batelões dos turcos, na ponta da ilha do Purusinho.

O presidente agitou os tímpanos: encerrava-se a sessão e, para não perturbar a harmonia geral, como demonstraram os chefes em armas, concordaram em transferir a discussão dos problemas em reunião do próximo ano.

Aproximavam-se as solenidades da Padroeira e era aconselhável que todos orassem e se fraternizassem.

* * *

Voltara novamente a paz ao Município, fora dêsses desentendimentos que tanto feriam e prejudicavam a

coletividade, no dizer do doutor Severino Lameira, juiz de direito honesto, porém de altiva catadura, que todos respeitavam e temiam. Não era para menos. O doutor Severino costumava passar pelas ruas, após a audiência, com uma pistola debaixo do paletó e um grosso bengalão de muirapinima, de cabo de prata, pronto para ação eficiente. Vociferava contra as intriguices da politicagem. Preparara um dos cabos policiais, dentro do pretório, e estava disposto a castigar quem se manifestasse contra a justiça. Pensassem bem: êle, doutor Severino, não bebia, não se embebedava, não recebia presentes, não era enfeitado, à maneira de certos cavalheiros, pelos bonitões da vila.

Essa atitude consolidou a paz. Os sinos poderiam bmibalhar, chamando à oração. Encostariam, em breve, as canoas de tolda, os batelões coloridos; as novenas decorreriam entre a gritaria da curuminzada, sem encontro de armas entre os homens. As mulheres não viveriam de cara fechada, tomando as dores do marido, nem as filhas trocariam indiretas nas ruas. Era influência do coronel e das sentenças do doutor Severino, firmadas também nas salas da delegacia. Fôra mais ou menos assim, no ano transato. Os ânimos estavam tensos; houve ameaças de pancadaria, suspendendo-se os festejos, com o que se prejudicaram os forrós e as rendas da igreja.

O reverendo, sem avaliar o alcance das suas palavras, nem a ciumeira que ocasionara entre os manda-chuvas, arranjou um meio de enaltecer o doutor Severino e família — juíz íntegro, que desejava a tranqüilidade geral, não se imiscuia em política, podendo influir, entretanto, na escolha dêste ou daquele candidato. O vigário, convidado sempre para bons almoços, bem pago em casamentos e batizados, não andara ajuizadamente. Iria sentir as conseqüências. Na primeira desobriga, não encontrou amigados para casar e anjos para batizar.

— Que esperem, bramiu o chefe. Pagão não deixa de nascer e crescer. Não estou para auxiliar êsse padre em casamentos e batizados: elogia o juiz na beira do altar. Enfim, vou-me calar...

— Não fale, compadre! As paredes ouvem e êles podem saber.

— Vocemecê não conhece as tapeações da comadre Giloca, mulher do Licínio Guerra, também elogiada no altar? Do Licínio lá de baixo? Boa mulher! Não se faça de inocente. Quem não sabe das espertezas do comandante Paturi? Quando bordeja as praias do Salomão, dá sempre

reumatismo nas hélices. O navio pára. Pára, porque há cerração, baixio da praia, toros no meio. E só no dia seguinte... Só chega em Humaitá de noite.

— São coincidências. Não vejo nada de novo.

— Coincidências de tôdas as viagens. E' coisa velha, sabida até na cidade. Já se sabe de tudo pela Alcídia, companheira de camarote da Giloca. Deixou a luz do salão apagar, perfumou-se tôda, botou combinação de sêda e fugiu para o camarote do comandante. Voltou só pela madrugada, transpirando, com cabelos revoltos. — Onde a senhora estava? Está suando? — Febre, suor de febre. — E' o que se repete em tôdas as viagens.

— Vamos mudar de conversa. Isso é coisa de grandes. No fim, a bordoada cái em cima da gente.

Recordou o que aconteceu ao Gosmoso, dentista e mascate. Fôra para bordo, rumo a Santo Antônio. O gaiola marcara saída para as 22 horas; o resto da carga ficaria para o regresso. A pedido dos comerciantes locais, atendeu em passar o resto da noite. Era verão, o rio estava sêco e poderia encalhar ou bater em pedras, sempre traiçoeiras.

Gosmoso, assim apelidado pelo invento de uma brilhantina rancenta, ou por outros motivos escusos, contava brocas, falava mal dos outros e era paciente com a mulher. Levara as malas para bordo. Quando atava rêde de varanda, surgiu-lhe o escrivão de bordo.

— Se o doutor quiser passar a noite em terra, poderá saltar. O navio só sairá às 10 horas de amanhã. Vamos desembarcar o resto da carga e limpar a caldeira. Mandarei transportar a sua bagagem por um marinheiro.

Gosmoso cedeu ao alvitre. Quando chegou à residência, bateu à porta. Houve rumor suspeito na alcova, que dava para a rua, e um sujeito pulou pela janela, carregando o paletó e a camisa. A mulher pediu desculpas: era o namorado da cozinheira.

— Deixe disso. Eu sei quem é. Venho pedir-lhe um favor. Da vez passada, levei um murro e quase vou p'ra cadeia, porque o homem disse que estava tomando café e eu agredi. Ora, êle estava com você. Quando quiser receber, deixe primeiro o navio apitar de saída. Assim, evita vergonha e briga.

Gosmoso, fatigado de tanta injustiça, deu para falar da sociedade local. Chamaram-lhe atenção e não obedeceu. Aquilo poderia degenerar em sangue. Era um mau elemento, que se vingava nos outros.

Reuniram-se os maiorais e lhe deram uma lição. Mandaram o marceneiro arrumar uma banqueta nova num cedro da serraria. Amarraram Gosmoso, bem amarradinho; adicionaram-lhe uma lata com uma pedra no meio, à maneira de chocalho, e uma cabeça de galheiro dos campos. O cedro rodou e desapareceu, agarrado pela correnteza; a lata chocalhava, como uma campainha zombeteira, que chamava atenção para o estranho castigo e símbolo de escarmento.

Mais abaixo, Gosmoso passou-se para o navio, em que a mulher viajava, rumo à capital. Iria mourejar em outro rio.

— Nunca mais quís, nem poderia voltar. Foi falar adiante. E' o que pretendiam certos indivíduos dessa marca. Andam bem direitinho, ou, então, cedro e galheiros com êles. Quanto ao reverendo, não tarda por esperar. Não ganha mais nas desobrigas. Felizmente, vem por aí o padre Silveira, que nunca meteu a mão em combuca. Isso vai prejudicar o Bispado. Vai perguntar a causa da queda da arrecadação, num tempo de alta de borracha. Faremos a carga nesse momento, pondo pimenta malagueta. Diremos que o pessoal não quer o atual padre, acostumado a amunhecar as cunhãs nas novenas.

— Mas isso não é verdade. Se há virtude, aí está.

— Quem vai dizer que não é verdade? A falta de renda vai provar. Ao diabo a verdade. Quem quiser a verdade, vá pr'o seminário...

* * *

A preocupação máxima de Fábio era a educação dos filhos e, com êsse objetivo, economizava sol a sol. Procurando sempre contornar ou evitar dissídios locais, era convidado para funções públicas diversas, sem prejuízo das atividades rurais, que o auxiliavam a solver as promissórias do seringal. Outros, ocupando maiores propriedades, com dias mais confortáveis, já haviam liquidado os seus compromissos ràpidamente...

Não nascera para ganhar e sim para dar de ganhar aos demais. Não sabia cobrar, valorizar os seus esforços. Transcorriam meses e anos, sem lucros acentuados. Via os reduzidos lucros e meditava, nas incertezas de amanhã. Fugia às rixas politiqueiras, sorrindo às observações de Segadais.

— Você nasceu para frade e não vai para diante. Serve os políticos, contorna os que brigam, coloca-os bem perante os chefes, falam nas suas costas, — e o que fica para você? Faz viagens a Santo Antônio, remando canoas dias e dias, cumprindo instruções de juiz ou superintendente, — e que fica para você? Apenas não vestiu batina e se casou.

Fábio continuava a sorrir às blasfêmias de Segadais e até do padre Silveira. Tinha a paz da consciência, a harmonia da vida, e a borracha ia cobrindo as despesas. Diziam que o preço cairia, mas não era verdade. O coronel Moreira metia-se em empreendimentos, explorava novos rios, comprava lanchas, construia hospitais e escolas, adquirira quinta em Portugal, mandava os filhos estudarem no estrangeiro. A borracha iria resistir e dar para tudo.

Fábio tinha mais jeito de pai-de-santo do que de comerciante. Batiam-lhe à porta índios catequizados, bolivianos, remadores, que íam para o Alto. Encostavam na subida e na descida, relatando aventuras sempre interessantes.

Outros desciam de pernas inchadas, vencendo as cachoeiras do Machado, pediam-lhe para corrigir as contas, ler e responder cartas dos parentes.

* * *

A situação mudara inteiramente. Quando aportara, na primeira leva, fôra dar com o costado no "Escondido", nos campos-gerais, e teve de resguardar-se contra frechadas. Mais de um conterrâneo tombou varado no coração, ou a cacetadas, apesar da vigilância dos "marinhas". Aboletara-se depois à margem do Madeira, à esquerda. Nos seringais de José Brasil, também retirante do Crato, à direita, os Parintintins tentaram ataques violentos. Nas costas altas da "Boa-Esperança", no Maici, em pleno Madeira, êles surgiam em bandos numerosos e faziam vítimas, raptando mulheres e crianças. Certa vez, mariscadores de tartarugas, no boiadouro do Tambaqui, caíram na tocaia, furadas de paraucuba e ossos apontados. Voltaram uns dois para contar a história.

Era nos dias bons em que as tartarugas cobriam as praias, os tracajás desciam as águas em troncos mortos, esquentando-se ao sol. Veados sucediam-se; queixadas, atravessando as correntes, eram mortas a cacetes; rêdes

de mariscar pegavam centenas de bichos-de-casco, em igarapés que recortavam lagos, nas baixadas de junho. Seringalistas colocavam-nos em poços, presenteavam amigos, ou transacionavam a baixo preço.

Era a segunda fase predatória; a primeira fôra a colheita de milhões de ovos para a exportação de banha, tão fina que era denominada manteiga-de-tartaruga. Êsse tempo ia passando, prometendo magreza em futuro próximo, numa terra em que não se plantava, não se criava, importando-se sempre e destruindo as reservas naturais.

As safras justificavam o estrago de peixes-bois e pirarucus nos lagos, exportados em arrôbas, mal condimentados e mal salgados, em rolos nos portalós dos gaiolas.

Fábio previa as vacas engilhadas de amanhã; selecionou o maior pomar das redondezas, talado pelos blocos de terra-caída. Misturavam-se espécimes do nordeste e do Pará às árvores regionais.

Foi a êsse tempo, quando os esforços acendiam maiores esperanças, que a borracha assustaria a população do imenso Vale, ameaçando declínio.

N

O sítio prosperava e o seringal produzia. As laranjeiras, alvas no luar das flores, davam centenas de frutos por unidade. Vacas e carneiros pastavam; pombos de criação revoavam; porcos grunhiam nos matos e nos chiqueiros. Completava-se, assim, a defesa econômica — uma granja, à entrada do seringal, roçados em redor, criações variadas.

Quando melhorava a situação, com pequeno saldo na casa aviadora, a varíola varreu alguns seringais, sem meios de defesa, sem vacinação.

Os caboclos entreolhavam-se atemorizados!

— Que doença do inferno! E' pele de lixa? E' pegadiça?

Caiu de chofre e atingiu muitos lugares.

Fábio e a mulher que a tiveram em criança, com marcas no rosto, isolaram os filhos na ponta-da-ilha, lado de cima e a favor do vento, e enfrentaram o perigo. Irmanavam-se, mais uma vez, como enfermeiros, salvando alguns e assistindo a morte de outros nos próprios braços. O lazareto era em plena selva, sob árvores, para evitar os rigores do verão.

Pararam as atividades: a varíola comia o restante do saldo, amealhado lentamente por mãos calejadas. Pela manhã, ou à tarde, chegavam notícias macabras:

— Morreu Pedro Aleixo.

— Morreu Manuel do Rêgo.

— Morreu Narcisa!

Eram estradas que ficavam desertas, canoas que balançavam sem pescadores, roças que amadureciam sem enxadas.

As lanchas apitavam ao longe, os imediatos falavam à distância, e desembarcavam os gêneros, que sobravam do saldo restante, em qualquer barranco perto do pôrto, temerosos do contágio.

Fábio lia as contas de venda: o saldo desaparecia, sem a compensação de embarques de produtos, que estabelecessem equilíbrio.

As contas eram curiosas; descontavam percentagens sôbre o saldo do seringal, numa técnica bancária bem diferente: pelo dinheiro alheio depositado, colhido em gotas de suor, certos homens da praça cobravam juros:

Conta do pedido, de acôrdo com a sua carta	2:000$000
Saldo a seu favor	8:000$000
Desconto do pedido, conforme nota anexa	2:000$000
Saldo	6:000$000
Nossa comissão de 20% sôbre o pedido de mercadorias	400$000
Nossa comissão de 5% sôbre o saldo restante	300$000
	700$000
Saldo	6:000$000
Descontos de n/comissão	700$000
Saldo restante	5:300$000

Não valiam reclamações ao primitivo sistema de negócios. Fábio protestava delicadamente, mas não era ouvido. Havia, por outro lado, os compromissos do seringal. Certa vez, pela madrugada, murros violentos abalaram a porta, entre os latidos dos cães:

— Que deseja? Um momento! Vou acender o farol.

— Não precisa. E' a conta de seu Estácio. São .... 650$000. Quer já o pagamento.

— Estamos enfermos. Deixe para a próxima viagem. em que haverá borracha.

— Não pode ser. Estão fechando o balanço. E' fim de ano. O regatão tem pressa.

Fábio arrebanhou as últimas economias e, lá se foi seu Estácio com essa esquisita forma de cobrar, aos apitos pela madrugada, mandando esmurrar a casa alheia por marinheiros apressados.

O pequeno seringal fôra bloqueado; não vinham pessoas de outros pontos, nem os moradores que tiveram vizinhança com os bexigosos eram aí recebidos.

Acentuou-se o declínio da hévea. O inglês começou as primeiras exportações do Oriente. Uma tarde, o navio da Companhia apitou à distância, chamando canoas.

— Afinal, êsse não tem receio, lembrou Fábio. Podemos comprar sal, açúcar e remédios com o comissário. Ligeiro, Manuel, ligeiro a canoa!

Rumaram para o navio, que não suspendera totalmente o movimento das hélices, devido às correntezas fortes, sustentando a marcha contra praias e pedras.

Quando se aproximou a canoa, com os remadores, em ginástica de trapezista, para não baterem no costado, gritou o prático de bordo.

— Eh! Não encosta! Temos pressa e há bexiga aí. Vão cartas do correio dentro de uma garrafa.

E arremessou às águas a garrafa lacrada. Fábio não estranhou. Era praxe postal, e o seringalista agradecia, chapéu à mão.

— O' de terra! Lá vão as cartas!

A garrafa caia na correnteza ou no barranco. O navio agitou as hélices, bufaram as máquinas, e Fábio aproou a canoa em direção à botija, mergulhando e boiando na doideira das botijas dentro do rio.

Alcançou-a. Chegando ao barracão, abriu-a para tirar a carta. Ofício largo, timbrado oficialmente, apêlo do govêrno para as próximas eleições: eleger um candidato, que, "de acôrdo com o programa anexo", iria proporcionar liberdade, assistência, escolas, navegação.

Fábio mandou pregá-la à porta do armazém, para conhecimento dos seringueiros, e nada comentou. Apesar de humildes, duvidaram do papelório. Nenhum auxílio oficial tinham recebido durante a varíola; conheciam o govêrno pelos impostos e cadeia, onde pagavam carceragem. Um pobre forró de meia dúzia de pessoas, ouvindo harmônica naquele mato cerrado, pagava impôsto também. Ameaçavam impostos sôbre machadinhos, roçados, cachos de bananas, tambaquis e até sôbre os instrumentos que divertiam o pessoal. Pobre do Zé Viana com a sua harmônica!

Ainda lhes ameaçavam tomar os produtos, a farinha e o fôrno, se não pagassem em tempo, no prazo da lei. É o que bradava o coletor, pelos editais de coletorias.

Zé Traíra, porque teceu comentários sôbre a polícia, foi intimado à presença do delegado e teve o rosto quebrado a revólver; protestou e foi prêso ainda por cima.

Essas as promessas verdadeiras de oficiais nas botijas, arremessadas ao rio por aquêle carteiro endiabrado, medroso da varíola, que declinava no lugar.

E declinara mesmo. Quando se banharam os últimos enfermos, Fábio estava com as finanças arruinadas. Não vacilou, nem se queixou. Dirigiu-se aos seringueiros.

— Devem ter calma e esperança. Daqui a 50 anos, tudo mudará. Preparam êsse tempo para nossos filhos, que terão liberdade, assistência médica, escolas.

Recomeçou a luta, deplorando os índios sacrificados, homens e mulheres sepultados à beira dos campos, sob taperibazeiros, e Narcisa, índia de alma corajosa.

Os curas enfiavam cruzes no barranco para afugentar doenças e o diabo, — cruzes de maçaranduba, que não apodrecem com as chuvas. O tinhoso poderia tentar pela cozinha, mas lá havia fogo e cruz desenhada no esteio.

* * *

O seringal volveu à mornidão dos primeiros dias, reduzido em 50% dos seus moradores. Pequeno, com poucas estradas, tinha uma localização protetora e especial, — limitado por igarapé largo que escorria de doze lagos, alguns nos campos, farto de tartarugas e peixes, e por um igarapé menor, que passava pelos fundos, despensa de acaris e bodós no verão. Ainda existiam praias para desova de bichos-de-casco e uma ilha de terras prósperas para a agricultura, defendida pelas águas, sem necessidade de arame farpado contra os bois. Escolhera-a, na aquisição de pequenas propriedades pelos companheiros de infortúnio do nordeste. Unidos nos trabalhos iniciais, servindo como seringueiros nos igarapés dos campos, resolveram adquirir posses circunvizinhas. Os mosqueteiros do Crato, como se conheciam, ficaram à margem do Madeira. Um só permaneceu no centro e o primeiro cuidado foi abrir um varadouro para os seringais vizinhos, que se interuniam. Homens de caatingas e pé-de-serra, poderiam coligar-se para qualquer surprêsa, em caso de perigo.

Preocupava Fábio a transformação da posse em seringal-fazenda, meio econômico mais propício à resistência.

Quando resgataram as derradeiras promissórias, reuniram-se os mosqueteiros, já chefes de família, em um festival a São Sebastião: eram pequenos proprietários, em relativa independência, atentos às oscilações da borracha e das mercadorias. Fábio esquematizou a sua resistência contra o temporal, que se aproximava, — plantações de café, cacau, árvores frutíferas e roças, criação de gado, suínos e galinhas. Alguns, julgando-se mais atilados, gracejavam dessas atividades sertanejas — seria melhor enveredar pelo Machado, arrendar seringais e voltar rico. A borracha dava para tudo, segundo diziam. Dava para tudo, mas muitos já se curvavam endividados por abuso de crédito nos aviadores. Admirava a audácia dos seringalistas: sem reserva de lucros, contraiam empréstimos para contratar novos trabalhadores na inesgotável oficina nordestina, pagando-lhes passagens e hotéis.

Vinham os solteiros nas primeiras levas, praxe que não produzia resultados eficientes; originavam-se dramas sanguinolentos, mais pela abstinência sexual e os de saldo arribavam para as cidades, onde se contaminavam nas suburras. Evidenciou-se que seria melhor constituir família; um casal, que se abarracava daria melhor resultado, evitando desastres sem conta, inclusive questões de tão má fama para o Amazonas. O policiamento era feito pelo próprio seringalista, que impunha a sua vontade de ferro, ou seria vencido pelos desordeiros e cabecilhas de fugidos. Inventavam-se lendas sádicas, como o assassínio sistemático de seringueiros saldentos, ou vinganças torpes contra atentados ao pudor.

Fábio ouvia as descrições romanescas de chacinas nos centros do Jamari e do Abunã. O rio maior, à parte a indiada, já rolava em céu aberto, embora com lucros menores aos seringalistas. Famílias maiores construiam barracões confortáveis, cobertos de telha, com gado no campo e motor no pôrto. A política argamassara os alicerces nessa rêde patronal: sem o prestígio do coronel, firmado a rifles e terras, bafejado pela capital, seria falha a organização sócio-econômica dos primeiros tempos.

— Vê você, rosnava padre Silveira, que os coronéis de barranco são uma necessidade para a ordem. São modelados nos matos, com as suas imperfeições, mas valem mais do que uma dúzia de gatos vaidosos, que o govêrno envia para manter a ordem. Recebem auxílio, alimentação dos coronéis, sempre com os vencimentos em atraso. Que fôrça moral podem ter? Servem apenas para fiscalizar os re-

gatões, em espionagens recusadas pelos seringueiros. Dou meu voto aos coronéis, por enquanto, pois são vanguardeiros do desbravamento, valendo-se da politicagem para êsse fim.

— Deixe os coronéis e vamos para a missa!

* * *

Padre Silveira admirava aquêle amigo, que o desânimo não abatia. Após tanta trabalheira, enfrentara, já na segunda fase da vida, a varíola e a crise, construiu um lazareto, isolou os filhos, entregando-os à vigilância de um velho vaqueiro. Nada cobrou dos seringueiros, que lhe ficaram a dever a vida. Queimara o lazareto, com os olhos no céu lavrado de nuvens. Arderam roupas, rêdes, utensílios. Era uma fogueira de redenção, levando as últimas ameaças de contágio. Isolara os doentes em suas barracas, por mais alguns dias, e lhes dera alta.

Fábio e sua mulher, segregados em internatos religiosos por muitos anos, acostumaram-se ao confôrto e ao desconfôrto, sem queixas nem recriminações. Aconteceu, porque devia acontecer. Aquêles dias eram na transição. Por felicidade, haviam contraído o mal na meninice e estavam imunizados.

— Podemos parar aqui, padre. Ali é o cemitério. Podemos celebrar daquele lado, debaixo da sumaumeira.

O pequeno cemitério, dentro da floresta, estava cercado de arame farpado, prevenindo a escavação de porcos. Fôra escolhido entre marajás, cheios de espinho, para evitar visitas. Tinha também a defesa dos espinhos. Os corpos, enterrados para além de sete palmos, já estariam apodrecendo na umidade daquelas noites sem fim, fecundando os murumurus, que cercavam o local.

Ajoelharam-se todos. Flores de sumauma caíam, alvejando o chão. Finda a missa, retiraram-se, em lenta procissão. Padre Silveira aspergia água-benta.

— E agora, Fábio?

— Os doentes estão bons. Os mortos partiram. Recuperar para recomeçar: pertenço a todos e, em seu benefício, não devo enfraquecer ou parar. Servir a outros mateiros e agradecer a Deus. Como tem visto, o barracão é uma escola: os órfãos já foram recolhidos, órfãos de pai e mãe, que ficaram sem casa.

— Por que não arranja um professor com o superintendente?

— Tempo perdido. A obra perderia o mérito. O professor não quereria barracão e alimentação pobres. E' melhor que vá para outro seringal, onde o patrão é rico e não dispõe de tempo para lecionar.

— E os meninos? Os seus meninos?

— Ficarão também na escola. Deus proporcionará meios mais tarde. O saldo foi-se com os bexigosos. Êstes não podiam esperar e os meninos podem. Fiz o que pude. Pensei que todos morressem. A epidemia circunscreveu-se ao seringal.

— E como veio? Pelo ar, por alguma embarcação?

— A comadre Pinheira é parteira da zona. Foi assistir uma parturiente em "Purui". Passou por lá o motor da lenha e deixou um doente com febre. Era um varioloso. que não apresentava sinais. Só depois. Comadre Pinheira tratou-o, sem conhecer o mal, pensando que era comichão, contagiou-se, contagiou a sua barraca e contagiou o seringal. Tinha de acontecer, nada mais. Foi uma provação. Foi-se a parteira, foi-se o pescador, foram-se seringueiros, foi-se a Narcisa.

— Narcisa também?

— Sim.

Caiu o silêncio. Padre Silveira, antes de partir, abençoou a todos, e a bênção vinha realmente do coração, como um filtro invisível, que trouxesse uma flama do céu para aquelas criaturas resignadas.

* * *

Recordaram a figura brônzea de Narcisa, impressionante na sua dedicação. Viera adolescente para o barração de Fábio. Entregue pelos Parintintins, nos primeiros dias de luta, fôra encaminhada para a civilização. Nova, emburrou-se, não comia, sentada a um canto; tentou jogar-se ao rio, tiveram de amarrá-la, prendê-la num quarto. Com os dias, o tratamento, a delicadeza com a febre, que adquirira no mato, rendeu-se. E rendeu-se para sempre, principalmente depois que andou de amôres com o João Ramos, nordestino desempenado. Nasceu-lhe uma filha, concluindo a catequese.

Garcia esforçava-se para domesticar os Parintintins, êsse tempo, nas cabeceiras do Maici e nos firmes, que se estendem para os Marmelos. Trocavam-se balas e frechas. Vários expedicionários tombaram, e êles não se rendiam. Não perdoavam o assassínio de alguns companheiros e de

um tuxáua, num combate no Maici Grande. Juraram extermínio total, e houve sangueira e ódio, de parte a parte.

Garcia conseguiu atingir a primeira maloca, onde observou a movimentação dos índios. Construiu ràpidamente uma paliçada, bem perto, e estudou planos de catequese, sem ataque. Sabia que êles descobririam a paliçada e viriam derrubá-la. Cercou o tapiri com fortes paredes de paxiúba, em linha dupla; a coberta, por baixo da palha, era feita de caibros, como um soalho bem unido. Lá hibernou, armazenando caças salgadas e racionando as mercadorias: os companheiros vigiavam as redondezas e, pela madrugada,íam até perto das malocas, deixando vestígios propositados. Dera ordem severa de não contra-atacar, não reagir a tiros e fugir em direção às paliçadas. Já imperava a ordem de Cândido Rondon, o sertanista humanizado: "morrer algumas vêzes, matar nunca". Em caso supremo, dariam salvas para o ar, a fim de espantar os silvícolas.

Garcia levava foguetes e uma vitrola, além de presentes comuns para os índios — fazendas, pentes, terçados.

A descoberta não demorou. Os expedicionários observavam, daí a dois dias, uma ubá comprida, vermelha de índios armados; viram-nos no barranco oposto, cravando olhos ferozes na barraca e gesticulando. Apontavam a barraca, retezando os arcos. Não frecharam logo. Havia receio de frechas inflamadas, mas a cobertura de tapiri era verde ainda. Verdes também os esteios e paxiúbas. Poderiam frechar à vontade; as taquaras quebrar-se-íam inúteis e, quando esgotassem as reservas, ordinàriamente conduzidas pelas mulheres, os expedicionários soltariam uns foguetes. Aconteceu o previsto. A casa ficara em pequeno descampado, com frente para o igarapé, a fim de facilitar a coleta de água e a possível fuga. Duas ubás foram escavadas e estavam escondidas para um caso extremo de evasão. Havia abastecimento e reserva de água para muitas horas.

De manhã, após a cantoria dos pássaros, bem conhecidos dos sitiados, os Parintintins iniciaram o ataque. Centenas de frechas cravaram-se nas paxiúbas, na cêrca, na cobertura, em várias direções; perdiam-se algumas no pequeno descampado, enfiadas no chão. Os índios emitiam berros guturais, insultando e desafiando. Davam pulos de ginastas e gargalhadas, prenunciadoras da vitória.

Garcia espreitava-os pelas frestas, já preparadas: as taquaras traçavam uma reta colorida no espaço, empina-

vam-se no solo e na palha da cobertura. Os índios enraiveciam-se, berrando mais, sempre ameaçadores.

Aproveitando uma trégua, mandou pipocar alguns foguetes e bombas, que abalaram a solidão. Os atacantes calaram-se, imergindo na mata. Novos foguetes e novas bombas. Retiraram-se, levando ainda algumas frechas. Garcia mandou colocar brindes, no lugar onde tinham acampado, e as varas dos foguetes.

— Êles voltarão, talvez mais ferozes, talvez mais desconfiados, dispostos ao primeiro entendimento. Continuemos no mesmo. Vou guardar as frechas, para que não possam usar mais.

Assim aconteceu. A calma reinou por três dias, talvez o tempo necessário à renovação das munições. Vieram espias à noite. Garcia mandou apagar a luz. A vitrola funcionava — discos de música e declamação. Aquilo intrigava e excitava os selvagens, sempre pacientes para outros serviços, menos para a guerra. Deviam ter observado que não havia mulheres — motivo de fúria e de raptos.

Voltaram, realmente, em grupo mais numeroso. Não frecharam. Alguns com bordunas, outros com arcos retesos, prontas as frechas para o arremêsso.

Examinavam os presentes, aprestando o ouvido às peças da vitrola. Temendo que utilizassem bordunas para derrubar a cêrca e o tapiri, Garcia, quando se afastaram sem atacar, soltou foguetes de menor estampido. Novas correrias, desta vez sem fuga. Ficaram ao longe, observando o efeito das luminárias, da fumaça, da queda das varetas.

Bombas estrondaram no capinzal sêco, atiçando fagulhas. Correram apavorados. No dia seguinte, voltaram pacíficos, trazendo bananas e peixe moqueado, sentaram-se no terreiro, sempre com as armas à mão, e ouviram vitrola. Os expedicionários ensaiaram passos de dança, cantaram e ofereceram pequenos goles de cachaça. Os Parintintins estalavam a língua.

Depois de vinte dias, nova troca de presentes, Garcia visitou a maloca: convidou o tuxáua para uma viagem à margem do Madeira. Abraçaram-se e prometeu.

Nessa ocasião, como presente e cumprimento de palavra, entregou Narcisa.

— O resto você sabe, Padre Silveira. Foi você que a batizou. Deixou uma filha, que uniu duas raças — o cearense e o índio, o sertão e a selva, o nordeste e o norte. Amamentou o menino mais velho, em seus seios selvagens,

que traziam o sangue forte da solidão. Concentrava-se, numa gôta de leite, o mistério amazônico. Tomou-se de feroz estima pela criança, endoidecendo quando a via doente. Brigava com a Cordolina, índia mais velha, e criava o menino com banhos de erva de mato. Era o tratamento dado a qualquer curumim selvagem.

A mãe-branca ria-se da mãe-vermelha e sabia que a criança tinha uma vigilância permanente. Passava noites em claro, quando a febre o atacava. Trabalhava na roça, pescava e caçava. Aprendeu a nova língua, contava histórias e surdinava cantigas de índios, na toada monótona das tribos. Infiltrou-lhe a melancolia das malocas.

— Até parece Parintintim. Só olha o rio, para arco e não quer saber de livro. Deixe o curumim.

Aprendia a ler à viva fôrça, sob a ação dos galhos de cuieira, sabrecados no fogo. Tinha uns nós, que acariciavam a pele.

Narcisa batia roupas na jangada: levava-o para a beira do rio, amarrando-o em sombras de ingazeiras. A índia ofendia apenas o pedaço que mastigava, no dizer do povo, mas não esquecia os costumes e as histórias da tribo.

— Trouxe espírito de pajé, parece que estou vendo. Olhem que pode passar pr'o curumim, dizia Fabrício, entendido em segredos de curupiras e miraarangas. Cuidado com ela. Pode atravessar o rio e fugir.

Havia temores, nessas ocasiões, principalmente quando os Parintintins empreendiam excursões a "Boa-Esperança", onde se criavam alguns silvícolas. Também êstes jamais perdiam os hábitos ancestrais. Uma desapareceu para sempre, metendo-se entre os índios, quando atacaram uma barraca. Vivera muitos anos entre os brancos e não foi totalmente absorvida. Tentara-se casamento com um seringueiro, de quem houve um filho, mas tudo inútil. Outra, viúva da tribo, engravidava de nove em nove meses. Amava um seringueiro em cada safra, mas servia na cozinha e trabalhava na roça. Era bem vigiada, à aproximação do parto. Enforcava a criança e arremessava-a no rio, caso fôsse homem. O primeiro sumiu-se nas águas. Descuidaram-se, na segunda gestação, e encontraram o feto no chiqueiro dos porcos, roxo e pisado.

Como não vigiar Narcisa, em sua paixão pelo curumim, que lhe retribuia no mesmo sentido, ouvindo-lhe as histórias de lobisomem e índios em luta? Ensinavam-lhe, por outro lado, o Padre-Nosso, a Ave-Maria, e êle cres-

cia entre as orações a Deus verdadeiro do padre Silveira e ao Tupã de Narcisa.

— Vamos mandá-lo para o colégio, seja como fôr, ou se mete para as malocas. Não anda bem da bola e, para coroar, já o tatuaram. Só falta furar as orelhas. Só pensa em maloca, frecha e ubá. Cai na tribo e nunca mais.

— Talvez fôsse feliz, padre. Não teria os aperreios que nós temos.

— Até você, tão sensato, está ao lado da bruxa vermelha. Ter filho para entregar aos índios!

— No nosso Ceará, nossas mães não nos entregam às negras? Ambas merecem gratidão.

Era verdade. Padre Silveira soltou uma praga.

— O filho é seu. Não vá se arrepender dêsse rumo errado.

Apesar dos sermões, justificáveis até certo ponto, Narcisa merecia ampla confiança: era a mãe-índia amorenada; amamentava a própria filha e o curumim; acompanhava-os agora com uma lealdade canina.

Fábio lhe reconhecia o devotamento à casa. Impunha-se; impunha-se pelo carinho e pelo sacrifício raros em quem não sabia ler, nem haurira cultura religiosa. Não comungava, nem confessava, mas devia haver um céu para essa qualidade de herejes inocentes. Não era tudo. Quando soube do falecimento de Narcisa, o menino adoeceu, tresvairando de febre.

— Mais um passo, rumo da maluqueira, bradou o padre. Gosto de índio, mas na catequese e no trabalho.

Outras Narcisas floresceram às margens do grande rio, em épocas inseguras de balas de rifles 44, dando exemplos seguidos de afeição até o holocausto. Deixavam de existir para si mesmas — existindo para os outros, em puro altruismo cristão.

— Mas o índio sempre tem recalques de ódio.

— Sim, porque foi arrasado, roubado e escravizado. O branco teria mais ódio...

* * *

A lancha apitou, demonstrando pressa. Segadais partiria para Santo Antônio, deixando Moacir na escola flutuante de Fábio. Era a maior homenagem prestada a Maria-da-Luz, que enfrentara a morte no sonho da educação do filho.

— Essas mulheres de pioneiros valem ouro, Fábio. Veja você. Tão bem instruídas como as da cidade, deixam o colégio, família, divertimentos para enfurnar-se nestes cafundós e suportar os vai-vens da fortuna. Não têm igreja para rezar, nem parteira para desistir. O anjo-da-guarda que as vele e defenda. Deus me perdôe: o anjo nestes confins, além de outras profissões, é confidente, médico e parteiro . Só assim se explicam certos momentos de perigo, vividos com fria coragem, em pleno abandono, ou no abandono em que vivem os selvagens nas tabas. Pesados em ouro, não valemos essas mulheres.

— Deixe o sermão para a igreja. Vivia-se em abandono nas eras primitivas. Nem parteiras havia. Hoje, não. Ainda sofrem e morrem, é verdade. Quando morrem, devem ir para o céu. Nós continuamos nesta boa vidoca. Quanto ao auxílio de enfermagens, não se pode ter outro caminho. Ao menos pela sugestão, melhora. Tenho casos interessantes. Não viu aquela velha que me procurou ontem?

— Pouca vergonha de velha gaiteira.

— Não. Ingenuidade ou ânsia de prorrogar as faculdades gestantes, talvez pelos gritos da própria terra mal povoada.

Entre as consulentes para as enfermidades mais complexas, uma velha segredou a Fábio:

— Tenho dor na barriga e nas juntas.

O seringalista examinou-lhe o ventre timpanoso e receitou qualquer droga para o fígado.

— Tenho outra doença. Meus tempos já se acabou...

— Meus tempos já se acabou? Que é isso?

— Deixei de sê muié. Tomei dois vidros de reguladô e nada.

— Que idade a senhora tem?

— 50 anos, sim, sinhô. Mas estou assim há dois. Que remédio me dá?

— Tome o remédio para o fígado. Basta êsse. Os tempos não vêm mais...

Proprietário era assim — protetor, polícia, conselheiro, pai-de-santo. Até para conversões de sujeitos pagãos tinha de influir. Quanto esfôrço para converter Fabrício! Beijava as fitas dos padroeiros, acompanhava os salmos nas novenas, remava de graça para o reverendo. Acreditava que o santo morasse também em salões luxuosas, no fundo do rio; conversa com os bôtos, que saíam à noite para as aventuras, em companhia das bôtas. Fabrício atri-

buia-se espírito de bôto a si mesmo. Vivia assim, duro no trabalho, não se instruiu e iria naturalmente acabar no purgatório.

A lancha apitou, tremendo na rebojeira dos barrancos. Segadais sacudiu os braços fraternos; sofrera como um cativo, mas encontrara alento naquele coração sem ressentimento. Não compreendia ódio, em que certos obsessionados cevam os próprios dias, como uma sânie envenenada. Dava conselho e consolação aos ricos, — e nada possuía.

— Até breve, ermitão, despedia-se entre risada, chupando o cigarro de fumo-da-terra. Cipó no Moacir, se não estudar. Vou sangrar os pândegos lá de cima, que, por sua vez, sangram os seringueiros.

Referia-se aos proprietários do alto-rio.

Padre Silveira regressou a Humaitá em uma canoa de tolda, agasalhando uma garrafinha de vinho de missa para esquentar o frio ou esfriar o calor. Completara a desobriga e levava saques contra os comerciantes de Manaus. Saque e borracha, esta entregue aos regatões. Não ficava bem um vigário transacionar gêneros. Desceria, em breve, em regatão, a fim de receber contas de maus pagadores. Entregaria a parte da igreja e guardaria o restante para surprêsas futuras. Desculpava-se: era sacerdote, mas dava mesada aos pais e irmãos pobres. Demais, o corpo fôra bem surrado pelas febres; tinha direito a férias, a fim de purificar a própria alma. Quantos casamentos e batizados fiados! Os seringueiros seriam debitados, pois verificara pessoalmente nas contas fornecidas ao pessoal.

Encostara a canoa na desobriga e não vira preparativo algum. Alegria costumeira, porém sem preparativos. Ali havia coisa.

— Boa tarde! Vamos ver se os curumins continuam pagãos, prontos para o inferno.

— Não ficaram pagãos, reverendo. Eu estava no barracão, quando vocemecê batizou um bando, de uma só vez. Êles viviam no meio do cordão. Até já paguei os batizados. Olhe aqui as contas.

Padre Silveira, estarrecido, leu as contas:

Cinco batizados ao senhor Sebastião a 10$000...	50$000
Comissão.......	5$000
	55$000

Assim havia outras contas. O seringalista fazia de padre e cobrava percentagens. Iria para o inferno com pagãos e tudo. Belzebu lá o esperava com o seu arpão esbraseado e a sua fornalha quente, igual à de padarias na hora de tirar o pão.

Calou-se, porque não queria intrigas e perseguições entre os pobres seringueiros do Alto, que iam de passagem.

Vigarismo na costa do vigário e batizados fiados só mesmo neste fim de mundo. Quando se preparava para desamarrar a canoa, (pulara em terra para confiar mais aquela malandragem a Fábio), feitas novas despedidas, ouviu buzinadas fortes. Igarité tripulada atravessou o rio, bebendo água. Mais perto, os homens suspenderam os remos e gritaram:

— Eh, padre! Tenha a bondade de esperar um pouco.

Padre, no interior, além das responsabilidades de seu ministério, era juiz de paz, delegado, conselheiro, pai de família. Saltou e esperou os viajantes, à sombra da cajazeira grande do pôrto.

Encostaram a igarité: os homens enrolaram as calças para não se molhar e subiram dificilmente a ribanceira. Carregavam dois sujeitões louros, encordoados em paus, como se fôssem suínos. Fortes, rosados, estavam de má cara, sujos de barro.

— Taí, padre. São alamão da estrada. Vinheram de Santo Antônio, descendo o rio numas embaúbas. Viram a festa, pararam, dançaram, comeram. Depois viraram bestas, querendo beliscar as damas. Demos porradas nos gringos e amarramos nos pés de mangueira. Um deu para vomitar e tremer. Antes que morresse, trouxemos para a encomendação. Sabíamos que Vocemecê estava aqui.

Padre Silveira, rubro de indignação, mandou soltar os estrangeiros. Nenhum precisava de encomendação; cabeceavam de bêbedos, nada mais.

— Não estão morrendo nem precisam encomendação. Levem os homens ao pôrto.

— E se se fizerem de bêstas?

— Dêem um mergulho neles.

Não entendia os desalmados, que sòmente falavam alemão. Eram foragidos da Madeira-Mamoré.

— Vou levá-los para Humaitá.

— Não querem ir. Viram valentes e querem dar socos. Como se trata de alemão, nação da gente melhor que barbadiano, recebemos bem.

— Dois dêsses fugidos meteram-se em "Primavera" e até se casaram com gente da terra. Nem todos são ruins. Depois do jantar, beberam, cantaram e começaram a dançar se ajeitando nas damas, como se estivessem na rua da Palha. Chamamos a atenção e quiseram brigar, mas briga de murro. Era um caso de lambedeira afiada. Pensamos, pensamos, e, como não somos de desgraça, metemos uma paulada no ouvido de cada um. Íamos levar pr'o delegado de Humaitá. Um deu p'ra querer morrer e estamos aqui.

— Deixe os homens. Já disse, que vou levá-los na igarité. Lá ajustarão suas contas. Voltem para seus sítios, seus pagodeiros!

Retomando a direção para a festa, levados pela correnteza, lembravam histórias dos operários da "Madeira-Mamoré".

— Mané Omena era esperto demais. Casou-se com uma alamoa bem sarará. Seis meses depois, ela estava de mala na barriga. Apareceu uma prima, também buchuda. A alamoa teve pena e botou a bicha dentro de casa. Quando nasceram os curumins, com uns dias de diferença, houve um fussa dos diabos.

— Ora, por que?

— Tinham a cara do Mané Omena, mesmo que bacurinhos da mesma paridela.

— Muié danada! Mesmo que pirarucu-bóia, rabo de peixe e dente de cobra.

— Pio que puraquê prêto, dêsse jitinho, nos gapó de cheia grande. Pirarucu grande engole todo inteiro. Pirarucu-bóia se encolhe p'ra não ser mordido. Quando chega nas tripas, dá umas puxadas e mata o bicho. O pirasco fica de bubúia e o puraquê foge de bucho!

— Que mela de mué! Feme de fama! Não é falança do povo. O marido já anda balançando a cabeça, como touro velho com mal de chifre. Fêz tudo p'ra ter tutano. Bebeu chá de ovrana com pó de troço de coati, todo torrado. Usou formiguinha de fogo p'ra calombá e aumentá. Não deu nada e não agüenta a porca velha, que se esfrega em todo barrasco pelo lamaçal.

Recordavam também os aborrecimentos com um sacerdote estrangeiro no Machado. Tudo pelo culto a São Benedito.

A quisília do padre com os santos de madeira ia gerando êsse caso sério. Os seringueiros desconfiaram que, por ser alemão bem branco, o reverendo implicava com São Benedito, que é de côr e opera milagres.

— Alamão bêsta! Vai ver quem é São Benedito!

E, em revide, ergueram uma capela, onde iam rezar aos sábados e domingos, com a ladainha tirada pelos mais velhos. Espalhou-se logo a lenda dos milagres, insinuando-se romarias, sem licença do reverendo.

Demais, São Benedito redimia escravos, assassinados bàrbaramente.

Malaquias ficou célebre pelas perseguições aos prêtos. Mandou despí-los, dentro do cercado dos bezerros, e castigá-los com chicotes de jurubebas, mãos amarradas às costas. Colocavam-lhes mel e formiga de fogo no ânus e nas partes. Os desgraçados esfregavam-se na bosta do gado, urrando como feras.

São Benedito apareceu uma noite, perto do curral, e aquela miséria acabou.

— Agora, vem aquêle padre com essas porqueiras. A capela vai ficar de pé e quem tira a reza é o caboclo velho. Se o padre continuar com besteira, o pajé vai batizar e casar.

O

Grupos de trabalhadores desentenderam-se com os chefes da rodovia em Santo Antônio; por economia, falta de passagens, ou espírito de aventura, desceram o Madeira, em toros bubuiantes de embaúbas ou de cedros.

Alguns caíram nas mãos dos Parintintins, em barrancos que desconheciam, e foram trucidados. Raros contrataram-se nos seringais, casando com as caboclas. Em nenhum rio do Amazonas afluiam trabalhadores de tantas origens: além de suíços, portuguêses, espanhóis, libaneses, italianos, havia os nordestinos que batalhavam nos seringais. Afluiam todos para as construções ferroviárias, na fronteira Brasil-Bolívia. Inglêses, norte e sul-americanos, barbadianos, gregos acomodavam-se nos abarracamentos de Pôrto-Velho. A construção teria de ir adiante, na terceira tentativa, e novos operários chegavam, substituindo os vitimados pelas febres. Era um espetáculo a descida das jangadas, mas, pelo mau procedimento de alguns, os seringueiros tinham sempre as espingardas aperradas nas barracas.

— Lá vem a alemãzada!

Para aquela gente só havia alemães; os demais eram gringos-turcos, sírios, libaneses. Era sempre cognominado de turco o armazenista da vila ou do regatão. Podia levar bentinho ao pescoço, colocar imagens da Virgem de Nazaré ou de Nossa Senhora do Líbano na tolda do batelão — era sempre o turco, vendendo a trôco ou fiando mercadorias. Passava tranqüilamente, embora odiado pelos grandes seringalistas, o que não acontecia à alemãzada e aos ciganos, que tinham fama de rapinagem.

— Lá vem as alemãzadas!

Paravam, às vêzes, em tom respeitoso. Desembarcavam uns dias, faziam as compras e pagavam em dinheiro, que não corria muito nos seringais. Predominava a troca. O roceiro recebia os saldos em cheque para Manaus. Muitas casas custavam a embolsá-los, alegando falta de

remessas, atrasos do interior, o navio da "Booth-Line", que não chegava. Naquela noite, no forró da ilha, foram recebidos os "alemães" que se mostravam bem educados. Fabrício fôra encarregado de policiá-los e avisar qualquer desafôro. Os cacêtes estavam prontos no defumador. O forró decorreu em ordem; manhãzinha, os visitantes curvaram-se, agradecendo, e reentraram nas jangadas.

Fabrício, orgulhoso do próprio prestígio, abriu os enormes dentes tisnados de sarro:

— Nem dançaram. As damas arrepugnaram aquêles pêlos ruivos de cavalo. Os bichos não falam nem rinham.

— Deviam estar desconfiados. Mesmo as damas têm os seus preferidos.

— Qual nada! Tem dama feia que nem igapó em noite com chuva. Mas há também mulher de língua boa. Pega logo tempêro com as primeiras coceiras nos quartos. É como macaco prego com pimenta. Os alemães não prestavam mesmo. E olhe que o forró estava vasqueiro de macho!

Brabos, recusados, em outros lugares, tinham vindo à procura de entradas. Não deviam ser boa coisa. Um rendido, coxeava; a mulher que carregava a bagagem. Colocou-os Fábio, nos centros, onde se aperfeiçoariam fàcilmente no corte e havia peixes a anzol e linha.

Receberam umas tintas de aprendizagem na aplicação dos machadinhos. Conduziram os aviamentos e lá ficaram, perto do Chico Gato, também pescador e amigo de quantos se aproximavam do lugar. Encheu-se o seringal; recomeçou-se a safra em maio, quando os últimos igapós secavam nas matas, deixando apenas baixios transponíveis a pé, sem necessidade de derrubar piranheiras p'ra fazer pontes.

As rebojeiras comiam as terras baixas, que se prendiam aos raizames dos ingazeiros, às vêzes mergulhados com os galhos pendendo de vagens, sob os nós das cabaçaranas. O gado mugia nos campos, pastando os capinzais ensopados pelas chuvas e gapozadas.

Motores, arrastando batelões para os paióis de castanhas, abeiravam-se às ribanceiras: touros e vacas aproximavam-se com os olhos pedinchentos. Era a fome de sal, que os tripulantes, conhecendo as dificuldades dos moradores e das enchentes, ofereciam aos bovinos, como a bons amigos. Lambiam o sal e ali permaneciam pacientes, deixando que os acariciassem nos lombos e nos chifres.

* * *

— Bom dia! Aqui está uma carta do coronel Moreira, de "Purui"!

Fábio empalideceu. Falecera em "Angostura", no Machado, o seringalista Estácio Vale. Pioneiro audacioso, às voltas com rios e castanhais, mas sempre em luta pela saúde. O fígado lhe constituia permanente ameaça. Vadeara o rio Prêto, fôra às cabeceiras do Machado, e, por fim, já fatigado de tantas incursões, se deixara permanecer em "Firmeza", ponto de apoio no beiradão. "Angostura" alteava-se em ondulações de terra-firme, de onde se ouvia o murmulho incessante do "Dois de Novembro", cachoeira que seria o trampolim para o desbravamento e conquista do Machado.

Estácio Vale explorara as terras, distribuíra os seringueiros nas colocações e fôra colhido pela crise mortal em "Angostura", cujos campos abrira, sonhando a independência econômica, firmada na pecuária. Era a sorte singular do conquistador que vence, mas não frui o esplendor da vitória.

Batalhara naquela região riquíssima, em contato à sua pobreza pioneira, sorveu os impulsos de triunfo, mas fechou os olhos, percebendo o rumor e o perfume da Terra Prometida.

Adoeceu, mas esperava melhorar, resistindo sempre, com a energia de um bandeirante, que teria de marchar para a frente. Falecido, tripularam umas igarités, rumo a "Firmeza". A embarcação, ao impulso de oito fáias, rompia o Machado: pássaros revoavam, galhos movimentavam-se, em acenos ao vento. O conquistador empreendia a derradeira viagem, na mesma igarité em que, manobrando à pôpa, conduzia nordestinos e índios para os seringais do Alto.

"Firmeza", no Madeira, demonstrava, pelo nome, a tenacidade do seringueirante até à morte. Outros desapareceram também assim, sem ver a complementação do plano traçado, quase num final de batalha já vencida. Estácio Vale fôra mais um nordestino, que domara o deserto verde, mas tombara vencido pelo simum devastador.

Fábio meditava naquela movimentação desordenada. Quando chegara para os primeiros serviços no "Escondido", ouvira as buzinas da indiada na floresta. Além de raros companheiros de aventura, os demais eram mundurucus catequizados e bolivianos. Êstes foram regressando aos pagos do Beni, à medida que os proprietários transferiam os seringais aos brasileiros. Apodreciam tapiris;

surgiam barracas e barracões. Libaneses aproavam os primeiros batelões às praias, como rudimentares galeras mediterrâneas. Ciganos matreiros soldavam tachos e metais. Mais alguns anos, e tudo se povoava, determinando arbitrários loteamentos, sem plano oficial, em buca do ouro negro. Sucedeu-se a exploração dos castanhais, dos balatais, dos copaibais e cauchais. Começou-se a falar em frases misteriosas, em minérios também misteriosos. O índio batia em retirada para os altos-rios, e Rondon, nas chefias das linhas telegráficas, ligava o Brasil para o oeste.

— Numa terra desta, ninguém tem o direito de retroceder, arengava o padre Silveira aos que entristeciam com as quedas de preço e explorações no Oriente.

Confirmando tais palavras, gaiolas passavam pejados de brabos, como papagaios em barreiros, ou de estrangeiros ávidos de lucros, encaminhando-se aos seringais e à ferrovia da fronteira.

Pôrto-Velho, a nova sede, levantara armazéns, comissárias, casas teladas, hospital com salões de cirurgia e isolamento. Seringueiros procuravam a Candelária, como enfermaria de salvação. Inauguravam-se botequins, casas de diversões, mulherada livre no Alto-do-Bode.

Incentivava-se a criação, o plantio de legumes de praias, a farinhada, a pesca. Tudo se vendia: imperavam dólares e libras nas transações comerciais, em competência aos mil-réis e aos bolivianos.

Nascia e vencia a capital do noroeste, ao barulho de três idiomas — inglês, português, espanhol, e à circulação de três moedas, — mil réis, libras e dólares.

* * *

O regatão Zé dos Forrós buzinou na ponta da ilha. A notícia correu de bôca em bôca, acendendo curiosidades. Na manhã clara, violando promessas constantes, os rapazes faltaram às estradas. O tempo era quente, em pleno verão, quando não se perde um dia; o calor, com alguma demora, seca o leite nas tigelinhas, transformando-o em sernambi. O preço caíra; já se comentava que o Oriente produzira algumas toneladas; a mercadoria estacionara; os aviadores se retraíram.

Mais de um patrão já vira o seu pedido cortado, diminuindo o crédito, ou remetendo com descontos para amortização dos pedidos anteriores. Tal processo prejudi-

cava e irritava os patrões, que se viam desautorizados perante os trabalhadores e sem fôrça para obrigá-los ao serviço diuturno do corte, à fuga para outros seringais e ao suprimento nos regatões, ordinàriamente menos onerosos.

Fábio sempre os defendera. Batalhadores também, pertencentes à mesma família desbravadora; percorriam o rio e iam bater às fronteiras bolivianas. Ameaçavam até processá-los.

Zé dos Forrós deixava a família na cidade e era um corsário, em seu motor de duas proas. Explorava as necessidades dos seringais, antecipando negócios que surgiriam mais tarde. Numa embarcação primária, em prateleiras arrumadas, misturavam-se as mercadorias, desde o açúcar ao óleo de rícino, desde os sapatos aos santos e fazendas. Em outros, conduzia quatro ou cinco mulheres livres, que arrebanhava pelo Baixo Amazonas. Costuravam em viagem, cuidavam da cozinha, faziam doces, mas o pessoal já sabia da verdade e aguardava ansiosamente a apresentação de Zé dos Forrós. Aproava à ponta da praia, terra de ninguém, ao cair da tarde, e tocava a buzina, cheia de trinados e modulações. Armava uma bandeira azul e aguardava os acontecimentos. Conhecedor da deficiência do mulherio nos seringais, Zé dos Forrós organizava uma reunião, a discos de vitrola, regada a cachaça. Dona Marocas, cabocla velha, perita em conventilhos, dirigia o lupanar flutuante e recebia o pagamento em borracha, porque rareava a moeda. Não fiava jamais. Os caboclos passavam horas especiais na praia, atenuando o isolamento em que viviam. Ficavam pelados. Contornando a fiscalização, costumavam surrupiar alguns litros de leite para a bola especial, que ocultavam na mala.

— E' para o Santo e o Zé dos Forrós.

Ninguém poderia provar a origem do extravio e mesmo alguns patrões fechavam os olhos. Era melhor uma noitada naquele harém flutuante do que facadas e tiros, raptos de impúberes, imundícies com ovelhas e jumentas.

As mulheres representavam o chamariz para maiores negócios. Zé dos Forrós não admitia embeiçamentos e chamegos. Nada de ficar alguma no seringal; tinham de voltar às famílias, que as esperavam no Baixo Amazonas, com os lucros das costuras. Demais, o regatão fiscalizava o gado, distribuia-o com parcimônia, regulando os goles de cachaça. Maior quantidade só em garrafas levadas para

casa. Não queria aborrecimentos com os seringalistas, dos quais era amigo.

Cobrava caro os jantares a bordo. Compareciam as odaliscas, fiscalizadas por dona Marocas, que lhes permitia um passeio pelo praia. Surgiram contrariedades. Zé dos Forrós não exigia carteira de identidade, provando o estado civil e, entre os solteiros, escapuliam casados, ávidos de aventuras. Começou a ser olhado com ódio em certos seringais, onde a sua passagem espalhava brigas, ciumeiras e intrigas entre casais.

Mesmo nas festas da terra, nos repentes da "Desfeiteira", surgiam alusões a Zé dos Forrós. Dizer que certa dama viajara em sua embarcação era ofendê-la, era acusá-la de faltar aos deveres de lealdade.

— Viajou com Zé dos Forrós. Saia daqui, sua porca!

Fábio era convidado para esfriar os convivas. Encontrava sempre uma saída para os contendores. Havia um choque, um faz-e-desfaz.

Padre Silveira subia em desobriga, em demonstrações de fé evangelizante, pôrto a pôrto. Muito bem. Por outro lado, Zé dos Forrós apontava nas cabeças de praia, com as suas odaliscas regionais. Estava direito? Que não diria o austero sacerdote de tamanha heresia? Consideravam o lado humano de Zé dos Forrós, sempre solícito a quantos lhe batiam às falcas do batelão. Dava remédios, auxiliava os necessitados. As mulheres guardassem os seus homens. Ninguém provava atentado ao pudor nas festas do regatão. Não se condenasse impunemente o Zé dos Forrós, que, sem maiores complicações, equacionava um problema social e econômico, impedindo a evasão dos seringueiros. O Amazonas era grande demais, o Brasil ainda maior, e passou a época dos puritanos. Padre Silveira não se meteu no caso; fugia à sua jurisdição. Não tinha queixas do Zé dos Forrós, contribuia com largueza para as festas da Padroeira. Nessas ocasiões, não íam passageiras do Baixo Amazonas e todos, inclusive os queixosos porfiavam em viajar no seu batelão. Não lhe competia indagar se o dinheiro era de origem suspeita: servia para comprar tijolos e velas. A aceitar os opositores em tal sem-razão, teria de rejeitar as esmolas e contribuições dos ímpios e hebráicos, maiores, muitas vêzes, que as dos católicos.

Zé dos Forrós alfinetava a moral, mas ocultamente, e ninguém via.

* * *

Notícias da Capital preconizavam o abalo do arcabouço econômico da Amazônia, alicerçado à própria incorporação das maiores áreas tropicais do mundo à Nação. Abalo e, talvez, ruína por muitos anos. Os quilos baixavam, mês a mês, enquanto as mercadorias se elevavam. Ainda era tempo de contornar a situação, apelando para a gleba. Prometiam técnicos agrícolas, aconselhando a criação, a lavoura, o plantio de seringueiras. O inglês plantara e estava vencendo. Os folhetos publicavam as instruções de plantio, vendo-se, em desenhos, o escalonamento — desde a semente até à árvore sangrada. Esperassem e reagissem os seringalistas. O govêrno estava elaborando um plano salvador. Tinha responsabilidades, sobretudo com a incorporação do Acre, onde habitavam milhares de seringueiros, que haviam pegado em armas pelo Brasil. O Acre era uma dádiva dessa gente heróica.

Ora, os grandes seringalistas não se haviam preocupado com a lavoura e a pecuária: importavam sempre, porque a borracha dava para tudo. Falhavam, na Capital, os pagamentos dos primeiros saldos. Jugulados pelo cerceamento do crédito, não puderam contratar novos braços no nordeste e os claros não eram preenchidos. Mas não perdiam a esperança. Não era possível que não voltassem os altos preços. Proprietários ousados tinham empregado os seus capitais, implantando a posse verdadeira na terra ocupada. "Três Casas", "Bom Futuro", "Popunhas", Primavera", "Muanense", "Mirari", "Calama", "Paraíso", só nas redondezas de Humaitá. Era a mesma série de empreendimentos no Alto e no Baixo.

"Mirari", com mais de mil trabalhadores, estendia-se pelo Cuniã, Machado e rio Prêto. O proprietário dirigia uma flotilha de lanchas e batelões; mantinha escolas, hospital, caminhos largos para os centros. Estropiados, feridos, enfermos afluiam para 'Mirari" e recebiam assistência médica. Centenas vinham do Machado e outros rios em exploração. Era prova do heroísmo transpor-lhe as cachoeiras.

Diminuia a produção, aconselhou-se mais restrições nas despesas. Como resistir sem mercadorias e alimentação, sem farinha e sal, sòmente apoiados a peixe, caça, frutas silvestres?

Aguardavam todos o plano federal — financiamento aos seringalistas, hospitais para os enfermos, redução nos impostos. Lanchas com enfermeiras percorreriam os rios. Tivessem paciência. Nova baixa no preços. E novos in-

formes do Alto. Famílias emagreciam ao desamparo; desinterias mirravam as crianças; começava a revolta, o desespêro, a fuga. Seringueiros deixavam as colocações, aglomeravam-se nos depósitos, imolando os últimos recursos e preparavam-se para descer.

Fábio fôra enviado ao Machado, a fim de observar e, se possível, conter os revoltados. Vazara; os igarapés fugiam em córregos e fios cristalinos; céus de sêcas nordestinas, limpos de nuvens, cobriam aquêles recantos. A urubuzada volteava: dentro, em barracas abandonadas, apodreciam mortos, caídos nos jiraus; bicados pelas aves, alguns estavam nos ossos e restos nauseabundos. Era só enterrar os despojos e continuar a viagem.

O paludismo, o beribéri, as desinterias, a distância e a fome devoravam aquela pobre gente. Vinham notícias da capital.

— Esperem o plano federal. Há-de resolver tudo. Esperem o govêrno.

Não chegava, entretanto, o mínimo auxílio. Surgiam, sim, execuções para solver dívidas em atraso. Os Bancos não prorrogavam prazos hipotecários e tomavam as propriedades, jogando ao léu seringalistas e seringueiros.

Era o preâmbulo da tragédia. A borracha descera para 5, 4, 3 mil réis. Seria possível? Dois mil e quinhentos, um mil réis. Não dava para os impostos. Foi um deus nos acuda, porque os homens não queriam ou não podiam acudir.

Ameaças de saques, saques de verdade, vandalismos, idéias de vinganças. Os recalques dos seringueiros maltratados vinham à tona.

As embarcações paravam. O prêço ridículo não dava para o óleo e os homens à voga.

* * *

Os seringueiros amarravam paus para as balsas, no mesmo sistema dos operários desgostosos da Madeira-Mamoré. Muitos vinham da orla marítima e conheciam o manejo das jangadas. Conheciam-no em mar agitado, quanto mais no rio. A imprensa mordia os responsáveis: a região não poderia ser abandonada; os seringueiros eram os soldados de fronteira e teriam de resistir.

Podiam ficar. Estava quase finalizado o plano federal, os técnicos trabalhavam dia e noite.

O govêrno estadual não podia ter plano: chupava tetas de orçamentos magros, baseados na borracha, perdera o Acre, estava crivado de dívidas. Reformadores e políticos exaltados esbravejavam, fingindo revoltas. Culpadas eram as administrações anteriores, que deveriam ter previsto a crise, dispensando funcionários e metalizando saldos. Corjas de bandidos e ladrões, iriam para a cadeia. Os uniformes zebrados dos presos já estavam nos alfaiates. Pasariam pelas ruas de mãos nas argolas, raspando erva entre as pedras, ou seriam enfurnados em penitenciárias siberianas, em plenas selvas tropicais.

Os seringalistas afixavam o noticiário à porta dos armazéns vazios. Subiam os impostos, ameaçavam as posses. Ter de pagar era o único meio de salvação pública. Pagar para salvar o que o passado destruiu. Ao invés de plano imediato, o govêrno federal entregava gordas importâncias à administração estadual, desfalcando o futuro. Lavava as mãos, como um Pilatos da Democracia, e empurrava a peninha do plano salvador. Midas regional, distribuia o ouro em iniciativas imaginárias. Quem adivinha os segredos de amanhã? Podem sofrer agora, mas, daqui a cem anos, o Amazonas salvará o Brasil — com as divisas de petróleo, com as emprêsas sem capitais — rebanhos nos campos, lavoura, manganês, mármore, diamantes, outros minérios. O caboclo coçava a cabeça, enquanto os maiorais imaginavam cidades em qualquer barranco vazio, batizando-as com os nomes dos chefetes políticos, apondo-lhes sufixos gregos, germânicos, eslavos e japonêses; Linópolis, Gilburgo, Prestesgrado, Saleschi. O seringueiro, à maneira do Jeca Tatu, coçava novamente a cabeça. O jeito era contrabandear, fugir para outros lugares, ou não trabalhar. Trabalhar p'ra que? Muitos não plantaram mais, não renovaram os bananais; estrangeiros, principalmente japonêses, que tinham um resto de recurso, tratavam de salvar a pele, mudando-se para bem longe.

— Isto é o diabo! Praga p'ra um lado e p'ra outro!

O coronel Moreira, enfêrmo e abalado, assistia ao desmoronamento. Corria o ano da graça de 1907, como se dizia nas novelas sebentas.

— Ano da graça de 1907. Ano de desgraças, deixe de floreio.

Fechara-se o hospital, venderam-se lanchas, maquinarias de engenho, batelões, canoas, suínos, lotes de gado.

De baixo nada vinha: só esperanças e promessas.

Fábio, pequeno e sem vôos, era menos atingido. Não pudera amealhar nos aviadores. O pouco fôra devorado pela varíola. Mas plantara, criara, capitalizara na terra. E via, pesaroso, o temporal sacudir e virar as árvores frondosas.

No regresso, em "Rampa-Grande", outrora próspero e feliz, viu o abandono, pela fuga dos seringueiros, em procura de melhores lucros. O dono, que abria campos e construira barracão e armazém com telhas portuguêsas, ligados por jardins, estava sòzinho, em companhia da família. Estudara medicina, em Portugal, era culto e panteista. Para criar aquêle confôrto, preparando a velhice, sacara contra o futuro. Foram-se os seringueiros com a queda dos preços, perdera o crédito de uma vez. "Rampa-Grande" cedeu à vindita das selvas — capoeira e solidão, recrescimento de árvores, canaranas invasoras. Leonel Restolbo, sem ter para onde ir, especou roças, torrou farinha e alimentou a família. Ruira a esperança de tantos anos, porque não acreditava em planos do govêrno.

Plano, se não continuasse no poder, segundo se afirmava, era o aniquilamento do povo, a desgraça dos adversários. Leonel Restolbo sorria — nem Átila, Gengis Khan o conseguiram, mesmo pensando na grandeza dos seus impérios.

Apoiaram-se ao orgulho, atentaram contra a liberdade e caíram.

P

Grandes proprietários respondiam pelo excesso de altruísmo e confiança, que tiveram durante anos seguidos. Alguns exibiam fitinhas e brazões de nobreza, como o Barão Pereira Gonçalves, em "Abelhas", e o comendador José Francisco Monteiro, em Humaitá. Manuel Lôbo era apenas seringueirante. Escapando ao escalão comum, projetou-se no bandeirismo, pela pacificação dos índios e desbravamento da terra. Vadeara igarapés e bebeu água nas lindes de Mato-Grosso. Nascido no Madeira, amava-o com ares de artista e conquistador: viajara pela Europa, ao lado de Aníbal Teófilo, e regressara para querer mais o berço de esperanças e desesperanças. Não o abateram as violências das crises. Estendeu a mão forte a José Garcia, chefiou até pequenas expedições pacíficas, e viu realizadas, em parte, as suas aspirações, na redenção do aborígene. Famílias inteiras achegaram-se a "Três Casas", cruzaramse com cearenses e fundaram lares. Colocou bem longe os marcos da posse e prosperou, ano a ano. Antropólogo e naturalista, pelo conhecimento enamorado do ambiente, dissertando sôbre o índio, a fauna e a flora. Aí viveu, como um grão-senhor medieval, rodeado de descendentes, que lhe prosseguiram a ação extrativista e desbravadora. Educou-os à maneira sertanista para continuar a querer bem aos seringais. Filha só uma, que aprendeu enfermagem e prestava assistência aos seringueiros e índios.

— Não podia viver muito tempo. Quem é bom não dura muito.

Heloísa, orquídea da selva, partiu, abalando a sensibilidade do gigante, que, até então, não experimentara a fadiga das expedições, as surprêsas dos negócios e as ingratidões dos homens. O prestígio de sua ação e bondade estendeu-se para além do Madeira: escritores, pintores, poetas, encontravam a síntese do exotismo amazonense nos barracões de "Três Casas". Aprendiam a descobrir os se-

gredos das selvas, iam diretamente às malocas e aos recantos dos lagos, povoados de peixes e vermelhos de parasitas raros. Bastava um recado: abriam-se varadouros, tapiris, malocas; índios apressavam-se em servir de guardas nos intrincados dos igarapés.

O primeiro encontro de Manuel Lôbo foi nos milharais dos índios brabos. Postou-se no centro e começou a falar, de costas para o mato, guardando a retirada. Tudo correu bem. Quando se afastou, pelo mesmo caminho, sentou-se a um grosso e comprido tronco, totalmente ôco. E, de dentro, com arco e frecha, saíram curumins já crescidos, como de um túnel...

Lôbo tinha observações coloridas sôbre os coahipes, ou casas de caba, como se denominavam os Parintintins em conversas com os tapuintins, os brancos. Quais os primeiros rebentos, provindos do cruzamento entre uma índia e o primeiro seringalista? A cunhã, que se matrimoniou com o tuxáua Diai, e um adolescente, perdido nos seringais do Acre. E a história de Arimã?

Tuxáua de prestígio, vivia sempre com três mulheres. Cegava-as para torná-las feias e não verem outros homens. Ou cegava apenas um dos olhos, a fim de não impossibilitá-las para as roças e pescarias. Derramava um pó misterioso nas pupilas, quando adormeciam.

Certa vez, foi tirar mel de um cortiço, numa grossa maçaranduba. Uma surucucu ferrou-o, atirando-o ao chão, sem movimento.

A índia cega colocou-o aos ombros; andou três horas por uma picada, levou-o à barraca. Conhecia a vereda, quando ia pescar ou tirar lenha.

Arimã não se corrigiu. Melhorando, subiu por uns cipós e foi colhêr ouriços verdes, em castanheira alta. Desabou forte ventania. Rompeu-se um cipó e, na descida, Arimã espedaçou-se numa tronqueira. A índia cega carregou-o ainda, pela última vez.

Mas, desta vez, "Três-Casas" também sentira os perigos dos outros seringais, embora o castelão reagisse, imaginando sempre novas explorações.

Fábio acostumara-se, em sua pobreza, às observações que aprendera a colhêr na infância, quando viera para o norte. Novas notícias da falência impiedosa. A organização coletiva fôra sacudida nas bases do interior, esvaziando, por impossibilidade de contribuição, as arcas públicas. Funcionários estaduais e municipais arrastavam-se na penúria, sem crédito para a própria alimentação; os reduzi-

dos contingentes militares passavam fome. A lei caíra em jejum. Soldados despiam os uniformes e, na companhia dos delegados, compravam porcos para regateio, ou pedinchavam nos beiradões.

Causava admiração a resistência do funcionalismo; era um mistério o seu sistema de vida. Juízes, professôres, com um ano de atraso, não se afastavam da justiça e do magistério. O interior ainda era um apoio, porque exigia menos despesa e representação. O comércio fiava, fiava sempre, mantendo a maquinaria emperrada. Se enferrujasse de vez, seria pior. Vendiam-se créditos no Tesouro, que prepostos liquidavam, recebendo 70%. Alegavam que o restante deveria ir para as obras assistenciais. O diretor da repartição, diàriamente, recebia uma lista — eram os nomes dos que poderiam receber um mês, depois de cavações e humilhações. Muitos não conheciam a côr e o desenho das novas cédulas. — Venha hoje, venha amanhã, o navio da "Booth" não levou borracha.

A borracha amesquinhara-se mesmo em um mil réis!

Fábio recebeu, a essa época insegura, a comissão de inspecionar seringais do Alto, contornar o êxodo e apresentar sugestões. Todos deveriam permanecer nos postos, garantidos pela agricultura, plantio de cana e café, como alívio ao desespêro e postos de salvação.

Desciam canoas pelo rio, coberto de pauzamas seguidos, que deslumbraram Palhêta, em sua viagem de descobrimento. Os judeus, situados nas vilas, reduziam os negócios, faziam cobranças com descontos, rumavam para outros lugares, onde a situação parecia mais favorável. Era o sinal do abandono; quando saíam assim, é porque não havia mais estabilidade econômica. Alguém teria de ficar Notou-se a resistência do judeu pobre, já visgado pelas fôrças naturais, e dos pequenos seringalistas e agricultores, cujas posses custaram suor e representavam tudo na vida.

E, ante os boatos de desespêro, processavam-se as execuções fiscais, expulsando os devedores de suas propriedades, conquistadas por anos de sacrifício. Era o plano do govêrno, em ação espoliadora.

* * *

Os seringueiros aglomeravam-se à porta das barracas, ameaçando revoltas nos altos centros, que se su-

priam nos armazéns ribeirinhos do beiradão. Cabecilhos exaltados resolveram castigar, naquela hora, os insucessos anteriores. Mercadorias não supriam mais os centros, nas porções recebidas antigamente, e não podiam cobrir as necessidades dos trabalhadores.

No Jamari, para além das cachoeiras, desoladora era a situação. Num dos seringais do Alto, João Valente exortava os seringueiros para uma explicação definitiva. Baixo, com um sorriso de facínora, compreendera o momento e conseguira a adesão de todos. O seringal amanhecera cercado de homens decididos a morrer ou viver. O culpado daquelas desgraças, da queda de preços e carência de mercadorias, era o coronel Moreira, que se endividara nos tempos bons e não previra a crise. Só farinha azêda, feijão bichado, xarque podre. Onde açúcar, café, sal, fósforos? Êle devia passar bem lá fora. Deveriam partir, conduzindo os estoques da borracha. Ao menos para poderem comer e viajar.

Centenas de pessoas gritavam. Um, mais velho, ponderou que tivessem calma. Nada poderiam fazer. Esperassem. Só se lembravam de malefícios. O homem tinha fôrça, lá embaixo.

— Estou p'ra fazê vocemecê calá o bico. Meto-lhe o cinturão, que é chicote p'ra fêmea velha. Onde está chumbo, pólvora, arma p'ra gente comprá? Tudo já foi cortado. A cidade não manda nada. O home se borrou mesmo.

Muitos, entretanto, acharam justos os conselhos do velho. Esperassem um bocado primeiramente. Falasse o dono da colocação.

— Não tenho recebido cartas. Devemos economizar. São conselhos que recebo de lá. Mandam a gente esperar. O govêrno vai entrar no bolo e resolver. Havendo barulho, vamos ficar mal e não dão coisa alguma. O batelão vem aí.

— Está certo, está certo!

— Bem, vamos esperar um pedacinho. Acredito no que vocemecê diz. Mas não voltamos pr'os centros. Talvez seja melhor.

Aboletaram-se nos armazéns, em tapiris de ouricuri, improvisados no campo, de olhos no barracão. Os mais ousados, de rifles e facas, o policiavam. Não fôsse o encarregado fugir com o resto das mercadorias.

— Vão ver que êle tem coisa boa — galinha escondida, café chiando na chaleira. A mulher está banhenta de passar bem. Não é barriga de menino. Dizem que as

cunhãs do homem vieram do colégio. Não pode mais pagar.

O aviado pensava em livrar-se da tragédia, ou livrar, pelo menos, a família. Meditara largo tempo. Não podia sacrificá-la e fizera mal em trazer as meninas naquele momento, expondo-as às feras. Havia perversos, dominando os bons. Embarcara a borracha, mas dera instruções reservadas para ser desviada uma parte e entregue ao regatão para ser vendida em Manaus. O resultado seria para a fuga, em semelhante situação. Queria era sair daquele inferno.

Ano passado, antes daquelas revoltas e desgostos, teve a infantilidade de mandá-las buscar para férias no seringal. Chamaram logo a atenção da macharada.

Mandou a borracha, a fim de embarcar no navio da companhia, quando passasse na Bôca, e iria depois até Manaus. Preparava-se para deixar as meninas no colégio, entabolar novos negócios e voltar reabastecido. Falaria aos chefes de Manaus e negociaria diretamente. Era um contragolpe. João Valente desconfiava sempre, espionando sempre. As crias, filhas de seringueiro, informavam tudo: ninguém dormia nas duas últimas noites. Parecia que não esperaria o batelão para daí a quinze dias, como prometera na falação aos homens, porém pretendia encontrá-lo em viagem, apressando-se numa igarité, e voltar. A intrigalhada fervia. Novos informes: elas deixariam as roupas; levariam poucos sacos de seringa.

Dona Engrácia preparou as jóias e os santos, tudo quanto tinha valor, e escondeu em sacos e maletas. Havia qualquer coisa de verdade no ar.

O aviador, por sua vez, espionava a seringueirada. Não temia; mas ninguém se livraria de traições. João Valente procurou-o, em nome dos descontentes.

— Quando vem o batelão? Descurpe. A viagem de vocemecê não adianta p'ra nós. E' melhor ficar aqui e mandar o guarda-livros.

— Vou ficando. Pode acompanhar o pessoal e fazer o negócio.

João Valente comunicou aos companheiros.

— O velho é safado. Concordou logo p'ra enganar melhor.

O aviador mandou apressar a arrumação das jóias, tudo de noite. Os homens desconfiavam e, mais uns três dias, seria tarde. Reduzissem as bagabens e sairiam. Seria o que Deus quisesse. Sairiam à noite, depois das dez

horas, vestidos de roupa azul e pelos fundos do barracão. Não haveria luar e fugiriam sem o menor ruído...

Desdobrou-se em gentilezas. Mandou as filhas servirem café e no balcão. Os olhos de João Valente fuzilaram. O velho Gumercindo, que as vira nascer, era contrário a violências contra as meninas, que não tinham culpa de coisa alguma. Assim não estava direito e era tentar contra Deus.

— Isso é que vamos ver de perto, velho troncho. Vocemecê se acostumou a comer babugem na cozinha dêle. Quem quer saber de inocência? Olhe só o vigário! Essas bichas viviam cevando no Pará à nossa custa. Os meninos daqui morreram de bicheira e de febrão doido.

— Tou resolvido com vocemecê. Disse apenas que as moças não têm culpa do que sucede aqui.

— Cale a bôca. Vocemecê é um capão velho. Que vão embora. Mas devem levar uma lembrança daqui. Um geral não faz mal.

Velho Gumercindo baixou a cabeça, horrorizado com tanta crueldade. Preferia morrer a silenciar. Seria uma obra de caridade se avisasse o homem, que, afinal, era também pai de família.

Calculou bem o plano. Executou-o à noite. Aproximou-se no escuro, entrou pela cozinha, arrastou-se pelo chão e bateu nas portas do fundo. Bateu devagar. Ninguém.

— Seu major, abra a porta. Quero salvar vocemecê e as meninas.

O major entreabriu a porta, com um punhal à mão e seu 44. Velho Gumercindo rastejou e quase não podia falar.

— Seu major: não posso dormir com o que ouvi. João Valente quer resolver tudo e quer pegar as meninas.

— Passará no meu cadáver.

— Não adianta. Matando o senhor, melhor para êles. Trate de fugir. Quem me avisa meu amigo é. Os cabras estão com êle. Fuja logo...

— Deus te pague, Gumercindo!

O velho desapareceu na sombra, — dentro do barracão e no terreiro. O aviado volveu ao quarto, em que dormia tôda a família.

— Fiquem na janela por enquanto. Passarei pelo terreiro; o luar vai sair tarde, mas não faz mal. Se os homens aparecerem, conversem, tratem bem. Vou preparar a canoa.

De acôrdo com as instruções, sentaram-se à porta do barracão. Os homens bebiam café com farinha. Deitaram-se depois, sempre murmurando. O seringal sitiado parecia uma praça de guerra. Aguardava-se a chegada dos batelões a qualquer momento. Houve quem ouvisse a buzina e pancada de vogas, na volta de baixo.

O aviado, que protelara por habilidade, cedendo sempre, não tinha mais elementos de resistência.

João Valente mandava em tudo — em negócios, em homens, em mulheres.

— Ainda há dois touros no campo. Vamos matar os bichos amanhã.

— São de nós todos, respondeu o major.

Vacas, touros, novilhas, bezerros, porcos, galinhas já tinham sido imolados à fome dos descontentes. Que importariam mais dois reprodutores, num campo sem vacas? Enquanto cozinhavam e se divertiam, ganhariam distância... Nem mais mercadorias para saquear. Acabavam-se os últimos motivos. Já não queria nada — nem dinheiro, nem batelões, nem mercadorias. Queria sair pobre, duas vêzes retirante, desta vez do Amazonas, porém queria salvar-se...

* * *

Quando chegou ao pôrto, o aviado encontrou as canoas prêsas em corrente. João Valente carregara as chaves. Não havia lima para serrá-las e o barulho denunciaria. Arrancar um banco também seria difícil. Felizmente, uma fôra esquecida no banheiro, porque, vendo-a mergulhada, a julgavam imprestável. No escritório tinham desaparecido os rifles e terçados. Era um completo cêrco. Havia afiançado que não fugiria, porém as desconfianças pairavam no ar.

Se descobrissem, estaria perdido. Teria de apressar-se.

Apagaram tôdas as luzes e esperaram. Gumercindo rondava o acampamento e veio à porta da cozinha.

— Todos dormem. A canoa está pronta. Não faça barulho. Não vou, porque desconfiam de mim e podem notar a falta na dormida. Deus o proteja e boa viagem, patrão!

O major inspecionava as vizinhanças. Saíu, carregando maletas e bagagens. Todos trabalhavam. Alguns sacos estavam escondidos no banheiro. Arrumaram-nos

e desceram o rio. Na terceira curva, verificaram que a embarcação doidejava, perdera a quilha num tombo. Canoa doida, na cachoeira, é a morte. Entrava água pelas tabuas. Parece que haviam esfarelado o breu e destruído a calafetação. Teriam de prosseguir nessa montaria furada. Os descontentes estariam dormindo talvez, mas, acordando, tripulariam canoas, em sua perseguição. Melhor desaparecer, para sempre numa cachoeira! Reparar a canoa pelo claro da madrugada, repregando umas tábuas, à maneira de quilha.

Quando chegasse ao seringal do coronel Arruda, remendaria a canoa: poderia demorar; estaria salvo. Andava pouco; as colegiais revezavam-se em esgotá-la de águas, que não cessavam de entrar pelos buracos sem estôpa.

— Pega a faca e vai tapando no escuro mesmo.

Remador único, em igarité pesada e furada, seria isso mesmo, embora todos os santos ajudem para baixo. Íam nessa ansiedade, quando ouviram bater remos em embarcação tripulada. Escutaram. O barulho vinha de cima. Esconder-se, só no mato, quebrando a igarité e pondo-a no fundo. Ficariam ilhados, varando o mato pelas margens sinuosas. Barulho mais próximo. Não havia dúvida. Encostou, desembarcou as bagagens, colocou a família numa pequena clareira, entrincheirou-se numa sapopema.

Aguardou algum tempo. Ninguém aparecia. A fome apertou e comeram o que levaram para o primeiro dia. Caía a cerração do Jamari, agradável em outras situações. Tremiam de frio. Quanto tempo ainda poderiam resistir, mesmo sem ataques, na intempérie?

Pensavam assim, quando ouviram rumores no ar, mas não conheciam o dono dessa voz.

— E' inútil arresistir. Vocemecê enganou e queria fugir, deixando a gente com fome. João Valente sabia de tudo. Conhece Jamari e as voltas, mesmo dormindo. Mandei esconder os rifles, as balas, os terçados; deixei a igarité no banheiro, meia no fundo, com a quilha pregada em falso. Era a única em que vocemecê podia fugir. Botei Gumercindo em confissão. Não aguentou tição quente no pé do ouvido e galho de urtiga no trazeiro. Vomitou bem. Ponha o rifle de banda ou leva bala.

O major arremessou o rifle no grotão. Estava desarmado.

— Estou sem arma, João Valente. Você tem honra. Fique com o armazém, leve as bagagens, o motor, porém

deixe as meninas em paz. Vão para o seringal do coronel Arruda.

— Vamos primeiro em casa, major. Não sou só. Os homens vão sortear. Vocemecê tem amigos por lá. Todos p'ra beira. P'ro batelão! Cuidado com as bagagens.

Embarcaram todos de cabeças baixas, as mulheres em pranto.

— Estão com fome e frio. Dêem café p'r'as moças e um trago pr'a mim!

Ainda restavam esperanças: podia ser que aquela gente mudasse de pensar, castigando sòmente o aviado. Sentaram-se na igarité, vigiados em bancos.

— Cair no rio não adianta. Todos nadam bem aqui e tomam banho nos tombos. Não é com prazer que faço isso. Mas vocemecê não andou direito, não cumpriu a palavra. Vai trabalhar no pesado, como nós. P'ra começar, pegue no remo. Não vinha remando? As moças e a velha vão sentadas.

O aviado enfiou a jacumã nas águas. João Valente, aprofundou os olhos numa das filhas, que desviou a vista, cega de nojo e raiva.

— Não adianta cara feia. Vamos ver no seringal. Não quero saber de cara...

Os cabras gargalharam; as palavras valiam um compromisso; remassem mais, vencendo as voltas.

O sol escaldava, mas, pelo meio-dia, avistaram o seringal, branquejando no fim do estirão.

Aproaram ao banheiro, entre os gritos dos revoltosos.

— Vocemecê pode saltar e ir p'ra sua casa. Leve a bagagem! Vamos esperar a mercadoria no batelão. Vai pagar p'ra não enganar os outros. Todos merecem respeito e vocemecê queria matar a gente de fome. Peço a vocemecê a mão de Florinda. Casamos e começo a defender nossa família. As outras também têm pretendentes. As empregadas já passaram p'ra nós.

— Não pode ser. E' uma covardia. Matem-me primeiro.

— P'ra que? Vocemecê e a patroa também podem servir. A fome é grande. Não adianta. Venha p'ra cá, Florinda.

Deu um grito e alguns cabras entraram na sala do barracão.

— Segurem e amarrem o velho. Podem pegar à vontade.

A noite caía. Fuzilavam relâmpagos. Estrugia o temporal, seguido de chuvas prolongadas.

Seviciadas e violadas, as mulheres não tinham fôrças para chorar.

João Valente gritou:

— Podem vir buscar esta. As que estão aí não chegam. Esta já está pronta.

Gemidos atravessaram a casa. João Valente assomou à porta e vibrou a sineta. Amanhecia, ainda em pingos de chuva. Os céus ocultavam-se em nuvens pardacentas, debruçadas nas árvores. A sineta, que chamava os homens ao trabalho, tocava em dobres de finados.

O aviado era um trapo, quase sem meditação. Ali aportara, batendo voga, ao lado de nordestinos e bolivianos. Abrira as primeiras estradas, cortara a primeira seringueira, conseguira crédito, prosperara. Trouxe a família, venceu e colocou as filhas em colégio em Belém. Queria educá-las. Fixassem em outro meio, ou se casariam com empregados de seringais e mesmo patrões.

Vieram, posteriormente, novos seringueiros. Recebeu-os, distribuiu-os nas colocações. Algumas víboras se meteram entre os bons. Viu-as logo, mas esperava mandá-los embora no fim da safra, sem calcular o declínio de preços. Foi o seu êrro.

Morto o crédito, sem mercadorias, no isolamento sem comunicações, teve de enfrentar tremendas dificuldades entre gente que não compreendia, ou não queria compreender a situação. Suspenderam-se as comunicações, cessaram as remesas de produto, e aí estava o resultado funesto, que deveria ter evitado. E evitado há mais tempo. Cometera o êrro de não mandar a mulher na frente e maior êrro em ter trazido as meninas para as férias no seringal. A mulher morria de saudades e de nada valeram as ponderações. Distância, despesas, dezenas de dias entre Belém e a Cachoeira do Samuel, vencendo perigos e desconfortos.

— São daqui. Querem vir e têm de vir!

Cedera ao chôro mulheril. Uma das meninas, a mais velha, estava de namôro com um seringalista. Seria melhor vir e, talvez, se casasse logo. Desconto de promissória e responsabilidade. E ali estava o resultado: possuídas como desgraçadas, em terras invadidas, e pelos cabras excitados, por falta de femeaço. Domínio por homens sucessivos, deixando-as à morte. Há Deus nos céus, mas o diabo

mandava naquele inferno. Desgraça não possuir um rifle embalado e matar, pelo menos, o João Valente.

— Traga o major.

— Major, não somos assassinos. Vamos levar as embarcações, o resto das mercadorias, o dinheiro e as jóias. Vocemecê, mulher e filhas ficarão no seringal. Ficam alguns homens ainda. Pode botar colocação nas estradas. Até um dia! Quando a coisa circular, nós estaremos no Madeirão. Levo saudades da Florinda, mas quero mais a minha pele.

Ocuparam as embarcações e desceram o rio.

O major, imbecilizado, pedia a morte, caminhando a êsmo...

* * *

Regressando a "Purui", Fábio relatou ao coronel Moreira as observações colhidas no Machado e as histórias que ouvira sôbre os acontecimentos do Jamari.

Padre Silveira ouvia-o, sem idéias para os conselhos que pediam. Falar no Evangelho, pregar resignação não solucionaria as inquietações daquela gente.

Fábio recebera ofertas para trabalhar no Machado, naquela conjuntura: — um ano de atividade, com saúde, valeria por três no Madeira. A mulher o acompanharia para qualquer parte, como já o acompanhara para "Belém", em frente à foz do Jamari, onde quase se perdera a família inteira, devorada pela febre perniciosa.

— Não quero fortuna. Quero o necessário para educar os meninos. Metendo-me pelo Machado, não sei bem qual seria o fim. Os seringueiros, sem mercadorias nestes dias de sem crédito, poderiam fugir, ocasionando maiores prejuízos.

— De bandidos que são.

— Não. Frutos da época. Há injustiças, explosões de vinganças, mas também demonstrações de sacrifício. Verifica-se o êxodo exatamente nas regiões ricas, nos seringais da serra. Os pobres, nos seringais sêcos, vão ficando.

Havia pequena diferença entre os seringais dos beiradões, castigados pelos machadinhos, e os seringais do Alto, cujas estradas davam mas de dez galões.

Os seringueiros abrem roças e têm certa noção de vida estabilizada, ao lado de famílias, sem manias de regresso ao Ceará, até mesmo por falta de saldo. No Jamarí e Machado, de fartas colocações, querem ganhar ràpidamente e voltar.

— Venha cá, Chico das Mortes. Conte o seu tempo de Jamari!

Chico das Mortes, sardento e impaludado, com sinais negros de borrachudos nas pernas, aproximou-se, sacolejando os pés em sapatos frouxos de borracha, furados pelos espinhos. Feio, mas, no fundo, um bom sujeito. Pelo menos era o que o povo dizia.

Trabalhara sempre nas colocações dos altos rios; enfêrmo e fatigado, dera com as costas no beiradão. Vinha refazer-se da saúde e livrar-se da compressão dos que fugiam, carregando tudo. O verdadeiro nome, que trouxera de Quixeramobim, era Firmino Silva. Espalhou-se que era azarado, cuspia azar, desgraça por onde passava. As conversas justificavam. Na batelãozada para o Machado um companheiro endoidara de febre e se atirara ao rio. Que tinha a ver Firmino Silva com o delírio do companheiro — com o delírio e com a febre? Estirara a rêde ao seu lado, nos vergões do batelão, e conversava muito.

O patrão falava alto, sem respeitar as quebreiras do febrento:

— Não sei p'ra que deixaram subir um doente pr'o Alto. E' só p'ra dar despêsas no barracão, quando não estica as pernas em viagem. E' mesmo que engasgar o sujeito.

O camarada respondeu medrosamente:

— Não estou doente. E' só tremedeira que me persegue. Passando, estou bom.

— E quando passa? E' a bicha. Bebeu água e foi vacinado. Não tenho nada com isso. Minha obrigação é deixar vocemecê no barracão.

A viagem prosseguiu, na monotonia de curvas e retas. Às vêzes, o ondear do rio parecia um tambor surdo, num ar vazio, cortado de fôlhas mortas.

Um dos vogas parou: coçou as orelhas, a cabeça, e caiu p'ra dentro do batelão.

— E' o azarado. Vamos chegar logo, morremos todos, ou botamos o homem nágua.

— Ainda não está morto. O Lamparina é que tremeu na rêde, botou a cabeça do lado e ficou de bôca aberta. Parece que morreu.

— Diabo! Não é que se acabou mesmo? Está frio, com o ôlho arregalado. Apertei o cangote. Não se mexe. Morreu mesmo.

— Cobre com a rêde. Vamos enterrar na primeira ribanceira. Aqui há pedra e o barro é duro. Ainda ter de

cavar buraco em terra-firme. Não estou dizendo? Era melhor ir p'r'as piranhas.

Morreram dois, adoeceram uns quatro, e Firmino começou a ser o Chico das Mortes.

Chico achava graça, abrindo o bocarrão, sem ódio. Chegando à barraca, foi despachado para a colocação. Pediu umas pílulas para a tremedeira.

— Vá embora e bote o caiporismo nos bichos. Toca pr'o mato e p'ra borracha. Borrachudo vai lhe ferrá e morrê envenenado.

Ninguém lhe tiraria mais o apelido. Foi acompanhar o Zé Tamanduá, que se acostumara a empaneirar formiga de asas e comê-las torradas, como os índios. As tanajuras caíam, aos milhares, com as friagens de junho, e serviam para sopa, na premência de alimentação. O sujeito ficava tresandando a formiga, na saliva e no suor, como um tamanduá de calças.

— Vocês são bestas. Não há comida tão gostosa como bunda de tanajura. Já está temperada — espalha mel no dente.

Carregaram o paneiro e o saco de seringa com o mosquiteiro, a rêde e as mercadorias. Subiam por um igarapé e, depois, andavam dois dias por mata fechada. Já no fim do terceiro, acamparam, perto de um fio dágua, que borbulhava entre pedras esfarinhadas. Era um frio úmido, em plena serra. O orvalho pingava da palha e das fôlhas, gretando o solo.

— Vá atando a rêde. Você é mole. Roce em redor e vamos cobrir a barraca.

— Cobrir de que?

— Com fôlha de ubim, seu cavalo! E' o que não falta. Olhe ali. E' só cortar e pôr umas em cima das outras.

Depois, você vai aprendendo o resto, sangrar e cortar as bichas. E nada de vadiação. Aqui é trabalhar e ir p'ra frente. Não há igarapé, nem canoa. Quem sair daqui sem cuidado, morre no mato.

Passaram-se vários dias. Zé Tamanduá ardia de febre. Nem parecia gente. Aprendeu a conhecer a estrada, a cortar e colhêr leite. Juntava caroços de babaçu e defumava. A prancha engordava. A fumaça servia para os dois: quando um terminava, na estrada menor, outro apontava na capoeira, com a diferença de minutos.

Volvidas algumas semanas, o mateiro despediu-se. Ficariam na colocação e podiam dar conta das estradas.

— Então, até logo. Estamos em maio. Em fins de agôsto venho trazer mercadorias e levar a borracha p'ra pesar.

— E não podemos assistir à pesada?

— Não. Não podem perder oito dias de corte, no verão. O patrão é de confiança. Vocemecê calcula pelo baixo. Vão quebrar um pouco. Há muita água.

Zarolho, o mateiro, pôs o rifle ao ombro, acabou de ajeitar a sarapilheira e partiu. Andava descalço. A planta do pé parecia uma sola, onde se quebravam os pequenos espinhos. Rompia o mato cerrado, como se fôsse no calçamento. Quando lhe acertava uma unha-de-gavião, sentava-se no primeiro tôco, acendia um cigarro, passava cuspo na sujeira e tirava a espinha, a pontaços de faca ou de terçado. Acabando de pitar, acendia outro cigarro no tôco ainda fumaçando e, com o sarro, desinfetava a ferida, deixada pelo espinho venenoso. Dava conselhos.

— Vocemecê tem de fazer uma fôrma. Com molongó' do tamanho do seu pé, e arranjar um sapato de borracha. O tempo vai criando solado no pé. Mas, agora, pode se estrepar em açacu ou espinho de caroço de piquiá.

Ficaram os dois na solidão. Frio de serra, e não havia um cobertor. Metiam-se no mosquiteiro e embrulhavam-se nas franjas da rêde. Adaptaram-se com o tempo, e achavam até bom o bate-papo na palha da barraca. O vento açoitava as altas copas; a água chiava no igarapèzinho, cristalina e gelada.

Tudo ia bem. Zé Tamanduá restabelecera-se das febres e os quilos de borracha aumentavam. Aprenderam a atirar com precisão e repartiam fraternalmente a bóia. Não havia lago, nem igapó para pescar. Encontraram peixe nos poços — bodós, traíras. Aprenderam também a utilizar frutas do mato — amassar bacaba e burití. Voltando das estradas, ficavam matutando, naquele isolamento à Robinson Crusoé.

Certa manhã, Tamanduá não se levantou para o café com farinha.

— Tá na hora. Macaco da noite já calou. Bebe teu café e vamos p'ra estrada. Precisamos ter saldo p'ra sair daqui. Isto é o inferno. Bem diz o doutor de Humaitá: o pobre do Machado tem dois infernos — um em cima, perto do céu, e outro no Machado.

— Quá saldo! Não posso alevantar. Você vai e eu fico limpando o balde e o terreiro. Quase cai a barraca no temporal de ontem.

Chico das Mortes não gostou da explicação, mas partiu. Tamanduá falou de dentro do mosquiteiro, no quarto. Seria preguiça? Ontem, estava cuspinhando e enjoou cigarro. Até parecia velha prenha de dois filhos, por macho novo. Ficaria bom. Seria o que Deus mandasse. Não podiam sair dali. Nem caminho para fora, nem canoa, nem igarapé. Se um caísse na besteira de morrer, seria enterrado ali mesmo. Só os dois naquele mundão! Lembrou-se de histórias feias, que lhe contavam no batelão. Famílias inteiras morriam de peste —, e lá ficavam os ossos, todos roídos, no jirau e no chão. Nunca tinham brigado e estavam dispostos a sair juntos do centro e do seringal.

Tamanduá piorou. Não podia levantar-se, numa cuspideira incessante, vomitar sem ter o que, doideira na cabeça, dizendo asneira.

— Vou morrer. Se tiver saldo, mande dizer missa e o resto fica p'ra você.

— Que morrer, que saldo! Você é homem e não vai morrer aqui. Vamos trabalhar e não me deixe só, ferrado de mutuca e catuqui. Crie coragem e daqui vamos p'ra fora de uma vez.

Delirou uns três dias; no quarto, Chico das Mortes não foi cortar, porque Tamanduá estertorava, roncando que nem porco. Vomitou amarelo. As pernas incharam e não saiam da rêde. Não queria café, comida e fumo. A barriga crescia. Aquilo era assim mesmo; não havia jeito. Tinha de esperar e ver o companheiro morrer mesmo. E morreu. E o buraco? Deixar no mato era falta de caridade; não havia rio e lago. Sem enxada, pegou terçado e cavou. Cavou durante horas e enterrou Zé Tamanduá, sem caixão, sem vela, dentro da rêde, com a roupa que morreu. Acendeu uma lamparina na cova.

— Que São Francisco Canindé te leve logo daqui!

Foi na rêde, melhor do que caixão. O pessoal do céu, todo cheio de asas, vem imediatamente buscar as almas. Na rêde, é mais fácil ela subir. No caixão, é fechado e mais danado p'ra sair. Bem se lembrava de um causo no Ceará: devido a fuxicos, a polícia desenterrou uma moça inocente. Os tapurus se mexiam, papando os olhos e o nariz; estava com o vestido inteirinho. Cadê a rêde? Tinha fugido, embalando-se nas nuvens, com a alma da pobre. Quem quiser, e fôr besta, duvide. O Zé dos Espíritos vê sujeito morto, no dia seguinte, com roupa e tudo. Como saiu do chão? Não há chão p'ra quem morre sem raiva. Calou-se Chico das Mortes, cuspinhando

grosso. Padre Silveira rebolava os olhos. Pediu que dissesse o resto.

— Não há mais nada.

— E você ficou lá na colocação?

— Isto sim. Tinha que esperar o mateiro. Saí depois, ajustei, mas voltei. Já estava acostumado.

— E não tinha mêdo do Tamanduá?

— Mêdo de que? Parecia que via tôdas as manhãs e de noite. Até deixava café na tijela, por esquecimento. O homem estava vivo, perto de mim. Roçava sempre a sepultura e passava ao lado dela, quando ia e vinha da estrada. Até botei cruz p'ra afastar coisa ruim.

Fábio não se admirou, pois conhecia outras histórias típicas. Não deixou de fitar novamente aquêle camarada, que assistira à morte do companheiro, enterrara-o ao lado da barraca e ficara com a sua presença, depois de morto.

— O diabo é quando eu morrer, padre. Não há quem me enterre. Moro sòzinho.

— E porque não arranjou outro companheiro?

— Ninguém quer ir. Dizem que é colocação mal-assombrada e que eu sou azarado. Morriam os sujeitos no batelão, e Chico das Mortes vivo; morria o companheiro no centro, e êle vivo. O guarda- livros disse uns desaforos no escritório, porque perguntou o resultado de uma pesada. Era depois do almôço. Chico das Mortes calou-se, mas o homem foi ficando arroxeado, babou-se e caiu. Durou umas horas. Por êsse motivo, era caipora, não achava índia velha, bem usada, que o quisesse.

— Vai cuspir noutra tua má sorte, diabo! Nem mesmo no forró, p'ra vadiá uma vez. Credo, tinhoso!

Q

Havia histórias ainda mais trágicas. Rareando mulheres, e para evitar que o seringueiro, no vigor da idade, abandonasse o centro, Alfredo Pará teve uma idéia de sátiro. Evadido dos cárceres, na revolta da Armada, fugiu à prisão e exilou-se no Alto-Madeira. O govêrno prometera a anistia, e êle esperava, prosperando nos seringais e marretagens.

Quando surgiu o perdão, era seringalista. Abençoava a deportação, que o aprisionara nas selvas e obrigara a enfrentar o ambiente, em horas mais duras que as passadas no transporte de guerra.

Nesta há bóia à hora certa, assistência médica e cama para dormir. Sempre melhor que o tapiri, a chuva e a indiada. Havia chibata ou uma bala doida, mas são coisas da vida. Pará rolara pelo Jaru, em aventuras confusas. Riquezas, trabalheira, mas absoluta falta de braços. O índio frecha e, quando amuado, fica em malocas, entregue aos seus métodos de vida.

Pará engelhou, começou a envelhecer, virou homem sério. Viu, nas colocações, que os solteiros perdiam dias de corte, em visitas descabidas a casais, ou onde houvesse a raridade de uma solteira. Essas, por sua vez, não arredavam pé do terreiro.

O visitante dava adjutório nos serviços de roça, justificando a permanência e a alimentação. Em falta de mulher, Pará distribuia curuminzotes para seguirem os solteiros. Iriam ajudá-los na estrada, fazendo-lhes companhia na solidão. Muitas vêzes, os planos davam certo. Em outras, os aprendizes arribavam na primeira saída. A questão principal era se acostumarem à selva e aos serviços nos primeiros meses. Depois, não estrilavam e não mais abandonavam os postos. A generosidade era explicável pelo império da selva, onde anormalidades

encontravam justificativas errôneas. Corria mundo uma decisão de Pará. Três pessoas, — um casal e um filho adotivo —, foram destacados para um dos centros longínquos. Levaram mercadorias para o fabrico, oito meses sem ver o Madeira, num fim de centro, onde não se sabia se eram terras de Mato-Grosso ou do Amazonas. Ficava encravado num cabeção da outra banda da serra, penetrável por varadouros cerrados, onde se bebia água em fontes geladas.

· Iriam trabalhar em duas estradas, de oito galões cada uma, e regressariam nas chuvaradas de janeiro.

Lutaram dias e noites. As peles amontoavam-se debaixo do jirau, sêcas ao sol para menor quebra. Quando enchesse o igarapé desceriam em balsas. Assistiriam à pesada final, pagariam as mercadorias e veriam o saldo. Voltariam à colocação, porque o trato era para cinco anos. Depois, com o dinheiro economizado, iriam comprar um sítio no nordeste e continuariam em família.

Viera, em março, ao barracão. A conta corrente acusava saldo de alguns contos de réis. A coisa ia bem, quando já no fim do segundo ano, desconfiou de qualquer traição. O tutelado era forte, não tinha namôro, nem moça p'ra namorar; encontros, muitas vêzes, troca de olhos entre o sobrinho e a tia. Algumas fêmeas, quando envelhecem, dão p'ra cocar meninos taludos, e apagar o fogo dos dois. Repeliu: não podia ser. Era sobrinho verdadeiro da mulher, fôra criado desde curumim, como um filho, dentro de casa. Sempre ouvia dizer que, com cheiro de mato e de mar, comendo pimenta e bebendo uns goles, mulher se esquenta demais. Com o tempo, a tia perdeu o respeito e dava na vista. Só bêsta não acreditava. Elogiava o sobrinho a propósito de tudo. Quando mulher elogia macho, sai sòzinha p'r'as matas, já se perdeu. Lembrou-se dos conselhos do avô, conhecedor dessa gente.

— Não se engane, meu filho. Quando mulher pertence a dois sujeitos, um moço e outro velho, o velho está no canto. É tratar de ir embora, antes que ela pinte mais.

Dava uma estrondosa gargalhada. Coçava a barbicha, mostrando desprêzo às cabrochas, que tratava aos cachações, mudando-as com o maior destempêro.

Era o caso. O sobrinho cá pelos 20 anos, vendia saúde e tinha bodum de garrote. Quimado de sol, perdera aquêles ares obedientes de filho e tratava a tia como ovelha no cercado. Ela baixava os olhos, simulando denguices.

O diabo sempre arma ciladas. Maneco Lima, assim era conhecido, adoeceu. Queixou-se de dor nas costas e não podia andar.

— Estou doido de dor. Hoje não posso ir. Vou no domingo p'ra não perder.

O tio foi para a estrada, mas desconfiou. Desapareceu, amarrou o cachorro no mato, com a bôca tapada pela sarapilheira, e voltou. O "Vence-tudo" sempre chegava antes, latindo desde a volta da estrada, quando êle batia nas sapopemas para a mulher atiçar o boião com gravetos e caroços de ouricuri.

— Foi assim mesmo, major Pará! Encontrei os dois abraçados no jirau, na pouca vergonha. Arregalaram os olhos, nem se desatracaram. Papoquei fogo. O tiro pegou os dois. Acabei a facadas. Sangue escorria; queimei as paxiúbas e preguei outras. Cavei um só buraco e botei os dois, na soleira da barraca. Venho me entregar a vocemecê.

— Volte p'ra colocação. Foi homem macho. Fique com as bagagens dos dois. Mesmo, era parente. Vai ficar também com o saldo do sobrinho. Pena que não haja outra companheira p'ra levar. Fêz bem. Queria ter mulher de graça e mulher que podia ser sua mãe.

O camarada voltou à colocação; cortava duas estradas, uma em cada dia. Passava diàriamente pela sepultura, sem o menor remorso.

Falara-se muito do crime. Era em terras de Mato-Grosso ou do Amazons? Ora, vão dar trabalho ao diabo. E o diabo protege os crimes. Fica por isso mesmo, resumido na sentença do Alfredo Pará, bichão velho de guerra.

* * *

Zé Antônio aproou a "Purui" com várias recomendações: coragem da adolescência, espírito ágil de conversador e uma bala na perna, que dizia ter trazido de Canudos, na derradeira arrancada contra Antônio Conselheiro. Varejou o Madeira, virou seringais, casou-se com uma boliviana reforçada do Beni, e tinha gabo de várias profissões. Soldado, tropeiro, seringueiro, "marinha", carpinteiro, canoeiro, capataz, expedicionando contra os índios.

Enveredou, por fim, pelo Machado, naqueles anos rudes da primeira exploração, pegando faia e sirga, com

o batelão arrastado a quatro cabos. Gostava de trabalhar no mato; o Madeira não é mato, como o Machado, onde o homem enegrece as unhas, cria zunheiro no pé, barba de bode e fica que nem onça.

Tempo danado! Os batelões, arrastados por mundurucus e bolivianos, lembravam galeras; quando se desconfiava, os remeiros iam com um pé amarrado em argolão de ferro, prêso no fundo do casco. A perna inchava e arroxeava, a corda entrava pela carne. Às vêzes, dava ferida feia, fedia que nem tripa podre, e o sujeito morria. Iam nus ou de calções; quem não tinha a mão grossa, arranjava calos de sangue, gemia, mas não deixava a faia. Nordestino, que nunca viu remo, era assim.

Mariano Cahu era o gerente de "Ouricuri" e dava ordens. Havia dois bichos arreliados — Ananias e Moreirão, que, depois, foi celebrizado, com o apelido de Arsênico. Era veneno e matava. Como não podia haver mais de um valente no Machado, Arsênico meteu uma pitomba em Ananias.

Arsênico sempre guiava o batelão em pé no pilôto, olhando os cabras; tinha alguns rifles embalados e um molho de varas apontadas. Quando um remador parava, com as mãos esfoladas, levava umas pontadas no trazeiro. Gemia e não dava mais nada.

— Se afaste, você de trás. Pr'o lado! Não deixe o sangue sujar o batelão!

Um balázio matava o bicho e êle caía p'ra banda do rio.

— Desamarra o pé. Joga n'água. Outro pr'o lugar dêle.

Um passageiro que ia sentado, ocupava o lugar vazio.

— Rema direito! Quero andar que nem vapor e dormir em Tabajara. Vão doze remando. Quem não anda muito com doze, anda com onze. É pêso demais.

Alvejava o mais fraco.

— Corre mais com onze! Bota n'água!

Assim eram as viagens comandadas por Arsênico. Viagens de sangue, lembradas ainda no Machadinho, no Igarapé do Inferno, Urupá, Jaru todos com águas pr'o Machado.

Quando subiu a turma do Zé Antônio, eram 84 homens; 11 os índios frecharam, o resto morreu de febre. Só escaparam 11. Há uma cachoeira, em que morreram 27 de uma vez, e o batelão se espatifou nas pedras.

Se contasse tudo o que sabia! Quando se aproximavam do tombo, a corredeira era forte; empinavam as faias e os ponteiros padeciam. Uma vez, um dêles, ruim como o diabo, ficou em pé e empurrou a faia; o cabo quebrou, com a ponta cheia de espeques, e o bicho ficou estripado, com uma gritaria doida. Quem ia acudir na cachoeira?

— Deixa morrer! Cai n'água com os cabos.

Alguns remeiros, que nadavam melhor, levavam uma corda, amarrada na cintura, e iam p'ra beira, puxando o cabo grosso. Seguravam-no nos araçàzeiros e puxavam o batelão. Primeiro, nadava um de confiança p'ra cima da pedra, com rifle embalado. Se o nadador bambeasse ou traísse, levava bala. E quando o "Piquiá", com 500 encapados de farinha do Pará, chegava em "Dois de Novembro" e em "São Félix"? Pulavam todos p'ra terra e só depois de transportar as mercadorias pr'o outro lado, iam comer carne-velha sabrecada. Descarregavam e lombavam a carga; tinham tempo marcado para comer, dormir, e acordar de madrugada. Só peia e gemedeira. Era a mesma coisa em 12 cachoeiras, até Urupá. Também, mercadoria para um ano, de inverno a inverno; ficavam dois, três, quatro em cada colocação, conforme as estradas.

Dois cabras escorregaram, caíram nas pedras, de cima do barranco, e rebentaram as cabeças. Um vinha quase sem queixo.

— E os paneiros de farinha?

— Caíram n'água. Vamos pagar.

— Pagar com que? Joga na cachoeira p'ra pegar os paneiros!

Acabaram de quebrar os queixos!

Zé Antônio passou a circunstanciar o lado terrível do Machado — o problema sexual. Não viviam as crianças; as que iam até as colocações, muito raras, por descuido dos pais, morriam de febre.

Nos outros rios, repetia-se a mesma coisa. Um sujeito levou uma cunhã de 8 anos para a barraca: era sua mulher e ninguém era doido de se meter em baladas. No Jamari, quem se dispusesse a levar as meninas, em passeio ou trabalho, perdia tôdas, laçadas que nem novilhas. A macharia urrava, no cio, mas temia tocáias e vinganças: farejava na escuridão, num faro de onças esfaimadas.

— Vocemecês se alembram da jangada da capação? Era gostoso de ver. Não há mais essas coisas no Machado. Tudo besteira hoje. Era quando um vadio tomava fêmea de home de saldo.

— Não me alembro, mas ouvi dizer.

— Pois era bom. No meio da jangada, ficavam umas tábuas em cima d'água, com um buraco que desse para caber a bunda do camarada. Amarrava-se o bicho com o trazeiro bem seguro no buraco. Os dois caroços caíam n'água. A gente ficava perto. Piranha prêta andava sempre por ali. Quando demorava, bastava jogar uns pedaços de carne ou de peixe, perto da jangada. De repente, a gente ouvia gritos. O camarada estava se trocendo na jangada. Foi capado. Às vêzes, perdia alcatra do trazeiro também. Vinham logo outros peixes, candurando as piranhas.

— Havia diabos que não respeitavam filhas e sobrinhas.

Manuel Pimpão amasiou-se com a irmã. Morreu a primeira, pegou a segunda com desculpa de que precisava dela p'ra criar o curumim e se alembrar da falecida. Não laçou outra, porque eram sòmente duas. Mas foi infeliz. Deu p'ra trás nos negócios. Os seringueiros não quiseram mais trabalhar lá. Por que? Manuel Pimpão guardou o diabo no couro. Depois do meio-dia, virava bode, dava marradas e perseguia as cabras no quintal. Fedia a pai de chiqueiro. Levou uma cacetada, em dia encarnado na folhinha. Quem mata bode na sexta-feira santa, tem cem anos de perdão.

* * *

Arsênico trazia mulheres do Ceará e do Pará: vinha dos bairros da prostituição. Vendia aos que tivessem saldo: pagavam as passagens, o hotel e o preço, conforme as idades. Arrebanhava cunhãs novas, que não eram moças ainda, e entregava à cozinheira velha p'ra preparar, afim de evitar estrupícios. Quando ficavam prontas, vendia-as mais caro. Tinham dez, onze anos.

Quando se endividavam, eram obrigados a ceder para outros, de modo que mulher era meio de gastar o saldo dos bêstas. Uma vez, apareceu um casado. Ela parecia até séria. O homem adoeceu e ficou devendo. Certa manhã, apontou uma canoa com os cabras; o marido estava no defumador.

— Que deseja vocemecê?

— Levar a mulher. Não é seringueiro p'ra sustentar luxo. Fique quieto ou tá na bala. Um fim de mundo. Por causa de Lourença, velha mexedeira, ainda com azeite, houve sete mortos, tudo de 44.

Demorou-se a recontar as façanhas do primeiro povoamento. O velho Cordolino, no Jaru, matou um cabra com dezesseis facadas. Quando acabou, recebeu duas cacetadas e a mulher foi conduzida a pulso por outro capataz. Havia um dito, quando o seringueiro não prestava e devia muito:

— Tem mulher p'ra pagar a conta. Morre qualquer dia e ela garante.

Quando Arsênico chegava numa colocação de muita gente, mandava chamar um sujeito qualquer:

— Vou ficar três dias. Traga a Maria p'ra lavar roupa e ficarei aqui.

— E se não trouxesse a Maria?

— Xente! Êle era doido? Ia p'ra bala. Todo negócio girava em tôrno dos saldos. Tirar saldo era recomendar-se para a morte. Altino Colares foi um exemplo típico: moço, meteu-se pr'o Jaru e veio de lá com doze contos. Queria receber e ir tratar-se no beiradão, onde morava a família. Branco, destemido, contraiu beribéri, que lhe dava crises fortes. Apresentou-se em cachoeira de "São Félix". Apelou para o recebimento do saldo. Uma tarde, numa das crises, vivo em pelo e aos gritos, foi levado para um buraco, cavado de propósito.

— Terra em cima. Está com mal de pegança. Pode pegar nos outros. Terra em cima!

— Foi enterrado vivo. Essa não ficou assim. João Sabino, de Joazeiro, enfiou seis balas no patrão, tocou fogo nos depósitos e fugiu. Ninguém o viu mais; meteu-se no Ceará; Liberato Silva, caboclo bom de Icó, recebeu uma carta de dois irmãos, que não podiam sair, mesmo com saldo. Veiu de lá, pagando passagens, liquidou dois patrões e carregou o pessoal. Era difícil tirar saldo. O seringueiro chegava alegre no fim do fabrico.

— Vim ver minha conta e quero ir pegar o navio em "Dois de Novembro".

— Vá buscar as tijelinhas.

Lá ia o bruto, pela derradeira vez na estrada, assobiando, com a sarapilheira entre os ombros. Quando chegava mais adiante, — bum! — era um tiro, que vinha

não se sabe de onde, e caía morto. Puxavam o corpo pr'o igapó e a piranhada não deixava nem o osso.

Havia um casarão no Jaru, onde dormiam os assalariados e os saldentos. De manhã, antes da chegada do batelão, dançava um enforcado no caibro. Estava desgostoso da vida. O capataz sacudia as rêdes dos trabalhadores, às quatro horas. Quando algum estava deitado, cortava o punho, caía no chão e levava logo um bom-dia de lambadas.

Gerardão, que metia mêdo no Machado, estava prático demais nesses serviços.

Dava também doideira de fugir. Cavavam ubás de marupá, escondidas no mato, e desapareciam. Era perder tempo. Os sujeitos conheciam as voltas do rio; metiam uma bala no proeiro e no pilôto; a canoa ficava sem direção e sem chefes. Êles voltavam p'ra peia. Paraíba, negro de dois metros, era o melhor pegador de fugido.

* * *

Havia também casos incompreensíveis, como o do Tenente Belém. Soldado enérgico, acostumado à luta, o peito cheio de medalhas, resolveu economizar e veio comandar um pelotão, na Cachoeira Dois de Novembro. A mulher era uma boneca; da filhinha, de 5 anos, nem é bom falar. Parecia anjo de altar. Pois, um dia, o tenente regressou sùbitamente e encontrou a mulher nos braços de um prático de navio. Nada disse. Fardou-se, pegou a criança, abraçou-a e caminhou em direção ao tombo, de 20 metros de altura.

Embora admirados de vê-lo em uniforme vistoso, pensaram os soldados que êle fôra mostrar o tombo à filhinha. À borda íngreme, virou-se para todos, fêz uma continência e um adeus. E arrojou-se às águas. Ninguém os viu mais.

— E a mulher?

— Houve necessidade de garantias contra a revolta dos moradores. Logo depois, desapareceu do lugar, naturalmente em companhia do prático. Mulher é assim mesmo!

* * *

José Arruda, lá do Alto, desgraçou três pobrezinhas — uma de 9, a segunda de 10, outra de 12 anos. Viviam

juntinhos, na mesma barraca. O delegado meteu a peia no bruto, botou no tronco e conversou com as cunhãs. Pois tôdas defenderam José Arruda, que lhes dava bóia e roupa. Pareciam cobrinhas assanhadas.

No caso, era o contrário do resto do Machado, quando rareavam mulheres. Estavam longe do mundo e só havia um homem para as três. Quando o delegado interrogou a menor, ouviu logo:

— Seu Zé Arruda não tem curpa. Quando vim p'ra barraca dêle, já conhecia home desna sete anos. Nem foi gente. Havia um guaribão, que o pai pegou num bando e veio jito p'ra casa. Cresceu e dormia comigo na rêde. Gostava muito de mim e mordia quem chegava perto.

— E eu também! E eu também! Foi até com os dois manos, que morreram na cachoeira. Drumimos com êle no mesmo mosquiteiro grande. Depois morreram. Morreu pai, morreu mãe, e viemos com seu Zé Arruda.

— E querem ficar em companhia dêle?

— P'ra onde a gente há de ir? Só se fôr p'ra morrê de fome. Queremos sim! Queremos bem seu Zé Arruda. Cada uma tem a sua veizada, sem brigas com as outras.

* * *

E as lontras? Numa ponta de terra-firme, entre castanheiras, surgia, semi-escondida, a barraca das lontras.

— Lontras. Por que chamavam lontras?

— Sei não. O apelido pegou. A gente chegava com peixe ou caça e elas iam cozinhar a bóia. Enquanto amolecia, a gente ia pegando, sem dinheiro nem presente. Deram para safadeza, dizendo que era p'ra coisa não mofá...

* * *

— Nem é bom falá na pagodeira. Inda me alembro. Êta, tocador de Calama! Passava o dedo nas tecras, como bico de periquito em goiaba madura. As dama rebolava os quarto e os homes se endireitava, mesmo que aningá! Se lembra de dona Delaide?

— Tranca os queixo! Mais respeito!

— Não estou desrespeitando!

— A gente adivinha.

— Só doze anos, mas estava boa de obra. Era coceira nos peitos...

— Dancemo, esfreguemo. Dispois de meia-noite, quando a pinga esquentava e a suadeira melava os sovacos, ia começar a viração. As damas da sociedade iam p'ra casa. Ficavam só as solteiras e macharada. A coisa prometia facada: Reimundão estava de ôlho no Bugalho, que rondava sua filha. Segundo o povo, foi azeitada por um regatão. Enquanto o Reimundão passava fogueira, a moça foi p'ra bordo do motor escolher presente. A coisa se espalhou.

— Pois vá ficando p'ra viração...

Cavalheiros e damas retiraram-se, acendendo faróis e lamparinas, em direção ao pôrto das canoas. Contornavam poças de lama, trechos escorregadios, molhando as roupas nos caminhos, cerrados pelos capinzais. Ouviram barulhadas, já de longe, mas atribuiram aos excessos da meladinha com maracujás.

Dias volvidos, souberam o sucedido. Bugalho quis a Izidra do Reimundão. Forte e peitudo, segurou Bugalho pelo gogó! Tocou-lhe um murro no estômago, levou-o para o aceiro do mato. Pensavam que era só, e até era uma satisfação ver aquêle camarada fora da festa.

Reimundão meteu-se no mato fechado e disse à filha: — Dá fogo no pavio, mas esconde a lamparina na sapopema p'ra ninguém vê o quilaro.

Mané Pitomba descobriu o corpo, no dia seguinte, e contou a vingança de Reimundão, que se gabava de consolar a cunhãzada.

— Nunca vi assim. Bugalho estava com as mãos amarradas na costa e a bôca cheia de fôlhas p'ra não gritar. Morreu sòzinho. Reimundão, com o terçadinho apontado de preparar bodecos, deu um golpe só desde o trazeiro até o comêço da barriga. Cortou os troços pelo pé. Ouviram êle dizê, quando arrastava o desinfeliz p'ra fora do forró: — Tu vai ficá que nem mulher parida... E ficou mesmo, com as pernas abertas, cheio de sangue e varijeira.

Viração dá nisso, até mesmo de tartarugas na praia, quando há inimigo pela frente. Quanto mais viração de mulhé... Basta bebê um bocado. Dançam, remexem, como oueranas na correnteza. Ou milhó: como cedro rolador, que se enchesse d'água. Mulher roladeira é assim: começa a cantá, pescá, dizê besteira, pegando fogo. Nem dá trabalho: ela mesmo vai se virando...

Já estava cegando. Mal via a sombra da canoa, quando o seringueiro passava, batendo remo, de bêsta que era.

— Quem vai ali, meu filho?
É o Zé Mulambo. Vai cortá canarana pr'o gado. O lugar dêle tá no fundo.

— E onde está canarana?

— Ali em cima, perto do igarapé...

— No meu terreno...

— Nhô sim...

— Péra aí. Tá escurecendo, mas vejo o clarão da lamparina na proa. Dá cá o papo amarelo.

E disparou dois tiros. Ouviu-se um grito.

— Acertou, meu filho? Não vem mais cortá canarana no meu terreno.

* * *

As estradas eram fiscalizadas severamente e desgraçado de quem atentasse contra as seringueiras. Multas, surras, expulsão das colocações representavam os castigos menores.

Marcelino, teimoso em colocar muitás nas seringueiras, provocou o ódio de Arsênico.

— Vou te pegá trepado na comidia, coatá sem vergonha!

Surpreendeu o freguês no meio da escada, sangrando a árvore. Fêz que nada viu; nem o seringuairo pressentiu a sua passagem. Ficaria para mais tarde o castigo. E veio mais cedo do que imaginava. Marcelino entendeu de abrir um roçado, a contra-gôsto do aviado, porque deixaria de comprar farinha no barracão e ia acumulando o saldo. Derrubou, encoivarou e ateou fogo na capoeira sêca. As labaredas invadiram a mata e queimaram duas seringueiras.

Arsênico foi ver o estrago e bufou, inchando as veias do toitiço. O incêndio ainda lavrava. Mandou amarrar Marcelino ali mesmo; deu-lhe duas furadas nos peitos.

— É p'ra exempro. P'ra ver como dói sangue de muitá! Vai vê também como dói sangrá seringueira nova.

E arrastou o infeliz, vivo e aos gritos, para o fogo, crepitando em braseiros vermelhos, num pau mulato. Chiaram as carnes de Marcelino e foram cessando os gemidos.

— Está moqueado. Deixa ir p'r'as iraras e urubus. Mando assá qualquer um da marca de Marcelino! Mando assá logo quem vá falá...

Gostava também de ver o camarada morrer noutro lugar. Foi o que se deu com o Nenê Japiim. Todo mulheril, de fala fina, era o quindim da seringueirada. Se morresse ali, haveria barulho na certa. Que fêz o capataz? Chamou o Nenê.

— Sabe ler?

— Não, senhor.

— Vá levar esta carta ao Gerardão.

A carta dizia simplesmente que o Gerardão degolasse Nenê.

Nenê sabia soletrar. Leu a carta e tomou outros rumos. Foi agradando adeante, sempre protegido, e nunca mais voltou.

Até os índios serviam para liquidar os cabras. O mateiro, no fim da semana, procurava o patrão, misteriosamente.

— Major: os Araras botaram cruz-de-palha na estrada do Zé Matias. Botaram agora de tarde.

— Mande Zé Matias arrumar borracha no armazém. Tire a cruz-de-palha hoje de noite. Diga ao José Mourão que vá substituir o Zé Matias esta semana. A estrada dá mais leite.

A cruz-de-palha era o aviso mortal dos índios. Consistia em dois trançados de bacaba, — aviso de que não fôsse para diante. Arrancá-la era desobedecer. condenar-se à morte. Descuidado. Zé Matias enveredou pela estrada e caiu varado de frechas

— Coitado, foi infeliz! Guardem a mala do homem.

Zé Antônio, se contasse tudo, passaria a noite inteira. Se duvidassem, fôssem ver buraco de bala e mancha de sangue em certos barracões, — no Jaru ou no rio Prêto. E no Jamari também. Aquela cachoeira do Samuel e aquêle rio Candeias!

Zé Antônio, para terminar, recordou o velho Honório.

— Velho Honório botou farinha p'ra secar. Deu um rifle 44 a um filho de onze anos. Se alguém bolir na farinha, meta bala. Estava no armazém e ouviu um tiro. Foi ver, mais tarde. — Que houve? Maninho foi bolir e toquei bala. Foi só uma. Puxei p'ra debaixo das bananeiras.

— Ordem é ordem; deve ser cumprida.

O menino morto era o filho mais novo do velho Honório. O Machado era assim, mas isso há muito tempo.

Hoje, só se vê valentia sem proveito. Não presta mais. Está civilizado. Muitos se casaram. Nasceu gente de outro feitio e mulher não falta.

Fábio tomava conta daqueles casos, que motivavam revoltas sem conta. Calaram-se.

Não se registrou uma expedição que recuasse; quebravam-se os batelões nas pedras, espatifavam-se nas corredeiras, no desgovêrno dos cabos e remos quebrados, mas não retrocediam práticos e remadores.

Vinte e sete moços vigorosos decidiram-se a transpor um salto vertiginoso. O patrão desaconselhara: seria melhor arrastar o batelão por terra, contornando a cachoeira, e seguir acima, pelo rio mais tranqüilo.

— Viemos p'ra passar e provà caminho novo. Nós passa ou nós morre!

— Isso mesmo. Nós passa ou nós morre!

Arremessaram-se no vortilhão de espumas. O batelão gritou, como uma travessa do João Galamarte, girou e se esfrangalhou. Morreram todos, deixando um batismo anônimo — a Cachoeira dos 27. Eram assim os práticos e vogas do Machado — enfrentavam inimigos, índios, florestas, febres e saltos, mas não retornavam. Preferiam a morte nas pedras, nas águas ou nas balas do 44.

— A gente passou fome. P'ra que tem caça e peixe? A fome verdadeira era de mulher. No mais, a gente roía ouricuri, como qualquer macaco prego no cacho. Mataram. Muitas vêzes, tinham de matar para vencer, dizia filosòficamente Zé Antônio.

Escondera-se o sol. Uma vermelhidão tingia os horizontes, bem longe, anunciando o começo da noite:

— Que é aquilo?

— Os Araras incendiaram os campos dos Marmelos. Querem queimar os sorvais e expulsar os civilizados.

Velhos mundurucus olhavam desconfiados e estendiam as mãos em gestos mecanizados, indiferentes e impassíveis, como se houvessem encontrado os visitantes nos dias anteriores. Despistavam o intruso, afirmando a fartura de caças e peixes em regiões áridas, sem possibilidade alguma. Nada encontrava, mas, nas puxadas das barracas, havia sempre cotias e pirapitingas moqueadas. Caça e peixe sòmente para os de casa.

* * *

Fábio fôra chamado a bordo do gaiola, em noite chuvosa, por apitos curtos. Chamaram-no para entregar correspondência. Os apitos, no meio do escuro e da chuva, lembravam clarins funéreos, ou ladridos de matilhas, desembestadas em estepes visionárias. O navio bufava; os clarões da luz elétrica, dançando nas águas, eram um escárneo à pobreza do povo no drama das matas.

Fábio conhecia essas histórias de navio rico. O sujeito dá tiro e pede p'ra parar. Pum! Pum! O bicho pára sôbre rodas.

— Que é?

— É um doente. Está bem mal. Precisa ir p'ra cidade!

— Tem atestado médico? — berrou o enfermeiro.

— Não tem de médico, porque não há por êstes matos. Tem atestado que vai mal, assinado pela freira do hospital, quando passou aqui.

— Não serve! Não embarca o homem!

— Não tá tísico. É só febrão doido.

— Quem diz que não está com tísica? Não embarca! Quem manda sou eu, mais do que o comandante, nessas histórias de doenças!

E lá ficou o homem e esticou as canelas, deixando mulher e filhos. Era um brasileiro a menos, um lutador que ajudou a derrubar a mata bruta e contribuiu com um pouquinho de suor, para manter a companhia de navegação.

— Não entendo muito dessas coisas, seu doutô! Era brasileiro, mas porém pobre. Pobre não vale nada. Só se fôsse gringo rico: aí o gaiola encostava, mandava buscar o homem em terra e o enfermeiro ia fazendo quarto. Mas o pobre não nasceu gringo e o gaiola foi embora.

* * *

As ondas avolumam-se, batendo as canoas, arrancando-lhes as quilhas, arrebentando os cabos dos banheiros, o que não deixava de divertir o pessoal de bordo. Badalaram oito horas, fizera-se silêncio; impenitentes jogadores sentaram-se às cabeceiras das mesas de refeição. Aborreciam, quando o navio parava e entravam nuvens de percevejos e carapanãs, cirandando em tôrno às lâmpadas.

— Por que o comandante não manda jogar as cartas numa garrafa? São uns malandros os-de-terra e custam a acordar.

O navio movia lentamente as hélices, vencendo a correnteza, enquanto a canoa abicava ao portaló. Escorria água por todos os lados — água de chuva, água salpicada do rio, água quente das caldeiras, jorrando pelos tubos de descarga.

O imediato, de farda azul-escura com galões pretos, assomou ao portaló e ostentava uns ares de almirante, que dirigisse uma batalha vitoriosa.

— Apressem-se, com os diabos! Ainda sou camarada em entregar estas cartas. Vocês demoram!

— Queira perdoar, imediato. É a chuva, o barranco escorregadio e água na canoa.

— Por que não deixou esgotada?

— Estava esgotada. Choveu de novo e ninguém esperava o navio.

— Aí estão as cartas. Nada de demora para outra vez. Creio mesmo que não aceitarei entrega de correspondência.

Ouviu-se um tlin-tlin do comando para a máquina; o gaiola rompeu as correntezas, enquanto as canoas dançavam nos banzeiros. Era um favor entregar aquela carta. A gente dos beiradões tinha parcos direitos, considerados favores, apesar de sacrificar a vida no desbravamento da região.

Chegando a casa, Fábio abriu as cartas, molhadas de respingos de chuvas. Cartas dos negociantes da praça, comunicando que o quilo da borracha caíra mais ainda. Sernambi não tinha cotação. Não cobria quase os impostos e o frete. Como demonstração de boa-vontade, mandariam o caixeiro-viajante, restringindo as transações: tudo seria à vista e com desconto de 30% para amortização do débito.

Nada devia, mas pensou nos demais. Possuía um pobre seringal de doze estradas, auxiliadas pela agricultura, na ilha em frente, e criação de porcos e galinhas.

Pensou no coronel Moreira, potentado no beiradão e no Machado, responsável por mais de mil pessoas, entre as quais uns trezentos seringueiros, que ameaçavam abandonar o corte. Os grandes proprietários teriam incalculáveis prejuízos e, talvez, não pudessem reagir ao pêso da queda fragorosa dos preços. Abaladas essas colunas, ficaria abalado o Amazonas inteiro.

Apagou o farol. Deixara o seminário, caminhara nas estradas poeirentas do nordeste, aportara, em apertos de retirantes, aos campos do Beêm e do Cuniã. Não morrera

ante a indiada, as febres, os aperreios financeiros. Verdade é que, a êsse tempo, estava sòzinho e qualquer coisa bastaria. Agora, não, a família, apesar de pequena, representava uma fôrça de retenção e impulsão. Respondia também por aquela pobre gente dos seringais, selecionada e boa, capaz de tôdas as resistências.

Bátegas de chuva tamborilavam na palha; trovões ribombavam à distância, como explosões, e relâmpagos iluminavam o dilúvio invernal. Tinha uma casa para dormir e uma consciência tranqüila. Agradecia a Deus aquelas benesses no tumulto que desabava, desapegando um poderoso organismo econômico.

Amanheceu. Sob o sol das seis horas, quando todos já sorviam xícaras de café, Fábio reabriu a carta dos homens da praça, também sacrificados pelo excesso de crédito, sem cobertura no interior. Era uma grande máquina, que precisava óleo para produzir, e não tinha óleo.

Havia também uma carta de Segadais. Era, mais uma vez, a hora de vender tudo e regressar ao Nordeste. Lá estavam os parentes, os restos das terras, e ninguém tinha a loucura de morrer sem proteção, sem amparo, sem financiamento, num Vale que retornava às condições primitivas do descobrimento. Esperá-lo-ia em Manaus; previra o temporal e liquidara os negócios em tempo, logo que a borracha deu a primeira queda. Ali não haveria mais futuro; só para outra geração.

Fábio compreendeu os exageros do advogado, cuja vida se desenvolvera em permanentes sinuosas românticas, em trabalhos e aventuras, que se estenderam até pela Bolívia.

Fábio amava as florestas e as águas. Alguém teria de ficar, porque aquêle mundo verde não desapareceria, sòmente porque diminuia o preço de um produto. Outros produtos existiriam; outras explorações teriam de nascer, agitando indústrias e industriais. O futuro não seria para daqui a cem anos; era um futuro que se desenhava bem perto, tecido no presente. A crise parecia uma sêca; voltaria o inverno nordestino, limpando o horizonte. Regressariam os fugitivos e encontrariam de pé, embora alquebrados, os vultos que não se arredaram dos portos bombardeados, como alavancas de resistência. O comerciante não é o homem do imediatismo, mas um idealista na ação que desenvolve. Nem todos se esforçam sòmente para ganhar dinheiro: abrem o caminho, como pioneiros, e

milhares marcharão cantando. Alguns blasonam e insultam, sob o pêso da próprio impotência.

Mandou aprestar a montaria e, sentado ao pilôto, seguiu para "Purui". Ali, num quase deserto, havia necessidade de uma palavra amiga, na hora em que todos fugiam. Contornando a enseada, após horas de remo, estava na presença do coronel Moreira. Fábio admirava-o pela fibra de desbravador.

Seringueiros do beiradão aglomeravam-se à porta do armazém, em atitudes pacíficas. Não reclamavam e achavam justos os cortes nos pedidos que fizeram. Não podia vender o que faltava, ou comerciar o que não existia. Falavam baixo, adivinhando o drama planiciário, sem explicar-lhes as causas. Acompanhavam a pesada.

— Manuel Felício: 90 quilos de borracha fina; 10% de quebra, 81, a 600 réis — 48.600. Só se pode vender nesse total — sal, café, pólvora.

Preparara uma pequena fortaleza para um bloqueio: poderia nada receber de fora, mas esperava reagir pelas muralhas do próprio esfôrço. Gado, sòmente para alimentação. Motores, batelões, não seriam vendidos, nem hipotecados. Mas os bastiões foram sacudidos pelo Banco, quando, volvidos alguns dias, desembarcou o fiscal para tomar conta do lugar. Moreira adoeceu: passou, em sua propriedade, de chefe a empregado. As contas eram visadas pelo fiscal, que pedia desculpas, mas tinha de cumprir ordens.

Começou a declinar também o seu prestígio político, firmado aos homens que dirigia e à fortuna que manejava. Passara a vida a combater e a comandar. Sem reservas espirituais, acostumado ao fausto, amargou aquelas decepções rudes e foi caindo, pouco a pouco. Afastara-se dos seringueiros, em mutismo que lhe devorava tôdas as horas de contentamento.

Agravando a situação, entraram, dias depois, ubás dos Machados, conduzindo seringueiros desertores, exasperados com a falta de mercadorias.

Encostaram a "Purui"; queriam abastecimento, passagens e o pagamento dos saldos.

Notava-se, mais uma vez, a diferença entre os mansos dos beiradões e os brabos do Alto, entre os que se fixaram à terra e os que a procuravam por ambições, iludidos pelo saque florestal.

Perderam o respeito; faziam gestos imorais, cruzando os braços em bananas sonoras, ou colocavam uma das mãos na entre-coxa das calças sujas de azulão:

— Tá aqui pr'o coroné!

Invectivavam, mas não tinham coragem de agredir. Vieram desarmados e viram seringueiros, que estavam de partida, sentarem novamente, entregando as sarapilheiras às mulheres.

— P'ra que não vão embora?

— Não há pressa. Somos mais daqui do que vocemecês. Moramos no lugar. Vamos quando vocemecês forem p'ra baixo ou p'ra cima, e liquidarem as contas. P'ra cima, p'ra baixo, mas aqui não ficam. Só se êle mandar.

— Queremos só que paguem os saldos.

— Qual saldo, qual nada! Onde estão as contas? Que borracha trouxeram do Machado? Onde está o jabá que botaram nas tripas? O coroné não vai pagá com o nosso trabalho. Era o que mais faltava.

Apareceu o guarda-livros. Não havia saldo, nem coisa alguma. Pertenciam às últimas levas, que foram para o Machado, e não pagaram o que comeram. Não entregaram o produto e estragaram o material das colocações. Boiões, bacias, rêdes, mosquiteiros, terçados, café e açúcar. Queimaram barracas e praticaram tropelias pelo caminho. Teriam incendiado o barracão, se não fôsse a valentia dos que, com os rifles embalados, estavam dispostos a defender a vida e os haveres.

Estavam famintos, pensando que o barracão tinha tudo, até dinheiro e mulher. Enganavam-se. A coisa não era fácil como imaginavam.

— Em que vocês se baseiam p'ra vir até aqui, julgando que os outros não sabem atirar e brigar? Essa é boa!

— Não queremos brigas. Queremos nossas contas. O govêrno já resolveu nossa sorte. Já sabemos que vai dar passagem pr'o sertão.

R

Souberam da notícia em "Dois de Novembro" e em Cachoeira do Samuel, no Jamari e no Machado, quando já desciam, pulando as últimas barreiras líquidas, em berros de alegria, disparando as salvas dos derradeiros tiros, confiando nas quicés enferrujadas e sem pensar no que estava para diante.

A notícia espalhou-se pela Comissão de Linhas Telegráficas, em ligação com o Rio de Janeiro. Novos tiros retumbaram naquela manhã, fumaçando o terreiro do barracão. Os estampidos traduziam as supremas expansões de contentamento, em represália ao silêncio e à solidão. O foguetório era um grito de alegria nas festas, nas igrejas, nas reuniões políticas, nos barracões. Acabados os foguetes, despejavam rifles e espingardas, — o meio de comunicação nas viagens, no nascimento das crianças; anunciavam as visitas aos domingos e chamavam os civilizados, quando um caçador se perdia nas florestas. O tiro marcava o ponto para a fixação na mata ou à beira dos bamburrais.

— Bem que o govêrno havia de olhar p'ra nós. Viva o govêrno!

Gritavam com ameaças. Fábio, já à escadaria do pôrto, retornara ao chalé. O coronel olhava o ajuntamento por uma fresta da janela, sem ser visto pelos rebelados. Olhava sombriamente: nunca estiveram desordeiros naquele terreiro. Em outros tempos, mandaria expulsá-los ou prendê-los. Cumpria a decisão, agora, ao fiscal do Banco. Quando baixasse o navio, deveria ser negociado o produto e pago o saldo dos que realmente o tivessem, descontando-se-lhes as passagens para Manaus. Não havia outro caminho. Humaitá não os receberia; amarrá-los no batelão, rio abaixo, seria medida arbitrária, Aquêles bandoleiros, pelo que se sabia, eram protegidos do govêr-

no. Poderiam safar-se, agredir pobres roceiros ou gente desarmada. Prudência seria conservá-los até o dia seguinte.

— Fábio, vá acomodar essa gente e anunciar esta resolução.

Fábio aproximou-se. Ninguém duvidasse, mas ninguém conhecia a solução do govêrno. As cartas de Manaus e Belém não tratavam de medida alguma. Não era de sua alçada qualquer afirmativa, ou desmentido a respeito. Nada havia. Por outro lado, descerem o Machado sem o mínimo aviso, dando incalculáveis prejuízos a todos. Teria sido melhor um entendimento preliminar. Julgava-os homens cordatos: pedia que se comportassem convenientemente. Aguardassem primeiramente o navio da companhia; teriam alimentação e assistência.

— E os saldos? Queremos os saldos.

— O guarda-livros não extraiu as contas, porque também não recebeu os borradores. Não entregaram borracha, deixaram as colocações, até queimaram as barracas. Apurando bem, muitos ainda são devedores. O coronel esquece tudo e quer resolver pacìficamente. Aguardem o navio e poderão descer. Há outro argumento decisivo: quem dirige os negócios agora é um inspetor do Banco. Tudo está sob a proteção do govêrno. Se tentarem alguma coisa, justarão contas com êle, que dispõe de fuzis, e não com o coronel Moreira.

Entreolhando-se, os machadenses resmungaram e aceitaram a decisão. Em grupos, percorreram os campos, devastando as fruteiras; lambiam os beiços, agitando as línguas para algumas mulheres às portas das barracas. Olhavam afoitamente e faziam muxoxos e mongangos.

— Tomem banho com palha de milho e sabão. É hoje...

As mulheres recuavam com pavor; algumas residiam sòzinhas, pois os maridos estavam nas safras. Sabiam histórias horrendas do geral, em que cunhantãs perderam a vida ou ficaram estragadas para sempre. Foram conversar com o guarda-livros e pedir proteção. Homem da praça, acostumado à polícia e ao quente, nada decidiu. Foram ao coronel.

— É difícil falar; está doente. Os nossos homens não estão em casa. Foram pr'os centros. Se o navio passasse hoje, levaria êstes doidos. São 4 horas e não se ouviu apito p'ra cima. Nem mesmo tempo p'ra fugir.

— Os que estão aqui defendem vocês. Mas não vão p'ra vizinhança. Vão pr'o mato. Os brabos não conhecem.

— Quero que vocemecê me venda uma caixa de balas. Há um rifle em casa. Não deixo a barraca p'ra ser roubada por êsses diabos. Geral sòmente p'r'as mães dêles, ou quando eu morrer.

O guarda-livros olhou aquela mulher grandona, gorda, de pernas cabeludas e grenha hirsuta. Não fôssem as pernas de pilão, poderia vestir calças de homem.

— Estão aí as balas. Tome juízo. Cercam a sua barraca, tomam o pau-de-fogo e fazem estragos. Depois não venha se queixar.

O coronel teve conhecimento do que se passava; não procedera bem em ter dispersado os seringueiros todos, que ali estiveram, em dia de movimento. Agora, era tarde. Rumaram para os centros, a horas de distância. Nada de apito de navio. Deus vela por todos. Mandou chamar os homens, deu-lhes conselhos. Em caso de ataque, atirassem para cima. O que lhe faltava, em meio a tantos desesperos, era uma sangueira. Vencido comercialmente, proprietário quase falido, seria acusado como o mandante de assassínios, perseguidor desalmado de seringueiros famintos. Ouvia e lia as acusações infundadas.

— Latifundiário! Manda fuzilar pobres seringueiros, p'ra não pagar o saldo. Onde está a justiça? Cadeia com êle!

Renovou as recomendações. Fábio, que estava de partida, resolveu dormir em "Purui". Seu pequeno seringal, muito abaixo, estava bem guardado por trabalhadores amigos. Ao primeiro sinal, desceria para lá. Despachou Fabrício, dando-lhe instruções: em caso de perigo, caminhasse para a "Barraquinha", centro de acesso intrincado, na volta de igarapé correntoso.

Avisou o coronel e foi aguardar os acontecimentos, no escritório do guarda-livros. Caiu a noite, varrida de chuvaradas. O tempo mau iria dificultar o assalto daquela gente, aglomerada no alpendre do armazém. Erguiam-se ladainhas para a chegada do navio.

— Santa Bárbara! Uma libra de cêra: tempo bom, se estiver perto; trovoada, se estiver longe.

A Santa protetora teria de ver o navio, calcular as milhas e as demoras. A noite prometia encontros entre brabos e mansos. A caldeira turbilhonava e poderia estourar em desespêro.

Persistia uma chuva de cachorro em pé de pau, miudinha, entorpecendo qualquer tentativa maior dentro da noite. Corujas piavam: péssimo agouro para os enfermos, lá para as bandas do chalé. E nada do apito. Talvez estivesse recebendo lenha no Tambaqui e não se ouvissem os apitos, devido à chuva.

O guarda-livros congelava os olhos no escuro; os cabras dorminhocavam com os rifles azeitados. Ali, nem no chalé, haveria perigo maior. Perigo, sim, com as mulheres nas barracas. Se atacassem, seria um salseiro, como jumentos bufando, em fila indiana.

Mais tarde, ouviu-se um chapinhar no lamaçal. Não se atreviam a atacar o chalé ou o jardim, pondo ao lado, talvez, qualquer idéia de sangue. Egressos da abstinência e da solidão, visavam o mulherio. Verificaram disfarçadamente quais as barracas sem homens, lá para a beira do mato, perto do curral dos burros.

Eram três. Luísa Peluda residia na última. Exalando bodum de égua, gabava-se de bravia honestidade e mais de um sem-vergonha recebera bofetões, em respostas firmes a chalaças e gestos. Enfuriava-se quando o sujeito afunilava a mão esquerda em caracol e batia, na parte larga, com a direita espalmada.

— Luísa Peluda... Olha...

— Com a tua mãe, cachorro ourento. João pode andar sem receio na capoeira. Não é como tu. Vais enrolando ramo de goiabeira na cabeça. Isto aqui é só pr'o João.

Dava palmadas obcenas no peito e na barriga.

— Remédio de doido é peia. Mulhé de quarto quente! Deve tomar língua de jaboti torrada. Serve p'ra amansar o gênio e viver calada, deixando em paz a vida alheia.

Luísa Peluda era perigosa. Que não desse na cabeça dos brabos, qualquer idéia de procurá-la, na derradeira barraca. Vozerios surdos abriam espantos na escuridão. Encaminhavam-se exatamente para aquêles lados. Noite de breu, dentrou e fora de casa. Podia ser que tivesse em alguma precisão e levasse a lamparina. Não escaparia. Para evitar traição no interior da barraca, seria ali mesmo, à porta de casa, entre os bois e os carneiros. A jumentada bolia no curral. Ali havia coisa. Ouviu-se um berro.

— Pega, pega! Fugiu pr'o mato. Diabo frouxo!

Era na barraca vizinha. Não encontrara ninguém, — nem mulher, nem crianças. Juntaram-se dispostos a um ataque decisivo e decidido à barraca de Luísa Peluda. Somavam uns 30, mas aguentava, porque era gordalhona. Cercaram a barraca.

— Pronto. Entra logo, Mané Pitomba. Não demora.

Mané Pitomba deu o primeiro passo e caiu gritando. Um tiro, partido não se sabe de onde, varou-lhe a perna; outro atingiu José Lampeão, famoso no cangaço. Vários tiros reboaram.

A negrada recuou. Não podia lutar sem armas com um diabo escondido no mato. Os clarões da bôca do rifle não saiam do mesmo lugar. Ali estava o geral — três feridos e uma carreira. Naturalmente, os homens do chalé e do escritório já estavam acordados — com os dedos nos gatilhos. Fugiram, escondendo-se no chão.

Eu bem disse que respeitassem. Quem passou dois anos, abraçando touceiras de banana, podia esperar mais uns dias. Fazer uma coisa desta, quando o navio está p'ra apitar. O govêrno não vai gostar. Viver direito é que é.

— Gostar de mulher é mal-de-caboclo, deixa de conversa. E mal-de-caboclo é bem de mulher.

— Mal-de-caboclo acaba em briga.

Encaminharam-se às pressas, já sem cuidados, patinhando na lama. Nada conseguiram e estavam molhados, friorentos. Dormiram em paz, alerta aos primeiros ruídos. Levantaram-se, de madrugada, para o café, servido por dois molecões malcriados. Viram alguns homens, no escritório e no chalé, com as caras amarradas de gente que passou a noite acordada, de rifles à mão.

— Êh! vem vapor! Êh! vem vapor!

Ouviu-se o grito da curuminzada, anunciando a proa do navio da companhia, branquejando no estirão.

— Êh! vem vapor!

Era o clarim da salvação. O coronel respirou. Respirou-se. Estavam salvos: não mais escândalos nem barulheira. Apressados, ouviram de novo, o apito libertador, em quatro escalas, sinal da "Amazon River".

— Êh de terra! Êh! Mané Mole! Pega o cabo e amarra naquele tronco!

Os praticantes arremessavam o cabo, pela bola da ponta livre, que lhe dava fôrça de impulsão.

— Pula em terra, marujo de proa. Aquêle caboclo não se mexe.

O marujo atirava-se à beira, entre canaranas, e arrastava o cabo de amarração para o tronco, fincado no pôrto, afastado de canoas e de banheiro.

* * *

Retumbava a ordem orgulhosa do imediato. Amarrou-se o cabo a um moirão ou tronco, a fim de segurar o gaiola. O pôrto tinha difícil atracação, esfolado pela terra-caída, por mais degraus que escavassem na ribanceira.

Abriram alas. Passou o coronel Moreira, com o seu corpanzil de atleta; cumprimentou a todos, sem reprimendas, sacudindo o chapeirão de tucumã. Ia de botas altas, paletó abotoado até o pescoço, parecendo um mugique. Cabelos encaracolados e louros, grudava os olhos azuis penetrantes nos cabras do Machado. Atravessou a prancha, que balançava, coberta de areia para evitar escorregos, o convés, e rumou, pela escada ao camarote do comandante.

Ia negociar os bois e arranjar passagens para o bando, que não poderia ficar em "Purui", praticando desordens. O govêrno não dera ordens até essa data; sabia o comandante que êle estava providenciando. Fôssem embora os descontentes. A permanência importaria em prejuízos maiores.

Estabeleceu-se conversa entre o pessoal de terra e o de bordo. Sabiam todos que, abandonando os seringais, iriam dar o cuidado às autoridades de Manaus, sujando o navio, cuspindo para os lados, reclamando sempre. Mas, na capital, havia polícia.

Veio ordem para embarque. Podiam subir, atar as rêdes na ré, por trás dos bois e dos montões de lenha.

— Queria saber só quem foi o diabo que deu tiros em riba de nós, de dentro do mato.

— Não foi diabo nenhum. Fui eu. Luísa Peluda. Pena que tivesse errado, porque não enxergava direito a mira. Vão passar o geral nas vacas de bordo, seus chifrudos.

Os de terra vingavam-se, em gargalhadas. Partiram os brabos e podiam rir. Nem os feridos ficaram. Marcharam para bordo em filas, na prancha. Reuniam-se entre as bôcas dos porões, aguardando novas ordens do imediato.

Reuniu-os e passou um raspa.

— Isto é navio limpo, em que viaja gente séria. Todos p'ra ré, atrás dos bois e da lenha. Já disse. Mestre!

qualquer abuso, porão com êles. Já tentaram fazer barulho neste seringal.

Olharam as portas largas dos porões, abertas como alçapões, prontas para engolir os desordeiros. Fariam o possível para não entrar no calabouço, ficar sepultados entre peles de borracha sêca e frescal, pingando salmoura. Certa vez, um bando revoltou-se, quando subia o Madeira. Os homens reclamavam alimentação e gêlo todos os dias. Revoltaram-se, mas não contavam com a agilidade dos marujos. Pularam, como macacos, pelo lado de fora, e ficaram ao lado do comandante. Não puderam enfrentar a tripulação embalada; renderam-se, foram metidos nos porões. O navio apressou a escala, parando só para tomar lenha, e navegou direto para Santo Antônio. Ouviram-se gemidos, enqaunto a lenha batia no convés; os carregadores julgavam que fôssem de bois e bezerros, imprensados entre as máquinas e o rio. O navio-cadeia abriu os portalós em Santo Antônio, depois de entendimentos com as autoridades. Autoridades da fronteira são sempre decididas e valentes. Arrumaram-se para esperar os desordeiros. Abriu-se só uma porta do convés.

— Fora! Subam logo que temos de voltar, seus vagabundos! Por causa de vocês, fizemos viagem direta. Toca p'ra cima e p'ra terra.

Subiram os homens, um a um, como galés esmolambados, tontos à luz, verdadeiros ratos, que saissem de um subterrâneo. Olhavam abestalhados a prancha; alguns vacilavam.

— Que esperam? P'ra terra!

— As nossas bagagens.

— Que bagagens? Vamos desembarcar tudo e vão receber os sacos na polícia. É lugar de bandidos. O delegado já sabe de tudo. Lá vão reclamar filé e gêlo. Chibata é que é, cambada!

Pensaram que espécie de crime tinham cometido. Reclamaram contra feijão podre, jabá ardido e água enferrujada dos caldeirões.

O imediato recordava essa passagem aos brabos no pôrto de "Purui". Deitou falação, trepado num monte de sernambi, rodeado pelo mestre e o prático.

— Vão atar as tipóias. Direitinho, hein? Levamos vocês em atenção ao coronel. Onde já se viu govêrno dar passagens p'ra desordeiros? Vão arrumar lenha e limpar o convés. Tome conta dêsses brabos, mestre! O coronel

tratou bem êstes vadios. Não se dá goiaba doce, branca ou vermelha. p'ra focinho de porco. Cria bicho... Já sabem o que têm de fazer. Se encontrar porcaria de bois, esfrego a cara de vocês em cima. E é p'ra já!

Antes de conhecer o navio, sairam a baldeá-lo, passando por baixo das rêdes. Arremessavam baldes d'água nos bois, empurravam as fezes esverdeadas para o rio. Meteram-se depois para os varões da ré e ataram as tipóias encardidas, umas por cima das outras. O bodum humano misturava-se ao fartum das reses e ao cheiro da carne assada na cozinha.

O navio ainda demorou. Marujos e passageiros estiravam linha-larga no remanso, com isca de xarque, e fisgavam piranambus e piramutabas. Cortavam-lhes as tripas ali mesmo, levando-os com baldes d'água, tirados ao rio por um cabra, e procuravam a cozinha. Suplicavam ao mestre que lhes cedesse um espaço na trempe para assar os peixes frescos. O cozinheiro só abria exceção para as mulheres.

Debruçados aos portalós, praticantes desabusados faziam acenos às coboclas, frágeis ao pessoal de bordo: baixavam os olhos, retorcendo-se satisfeitas, com papoulas encarnadas nos cabelos. Era o fraco pelo uniforme e pela novidade.

Em dias pacíficos, de muita mercadoria ou produto, sem aperreios de brabos em revolta, costumavam desembarcar, à cabeça os bonés de fitas doiradas, e conversar com o mulherio, enquanto a macharada esfolava os ombros nas caixas ou peles de borracha.

Se a pousada era à noite, faziam misteriosas visitas a barracas certas, onde deixavam mimos da cidade. Um cromo gratuito valia uma cena de amor naquelas paragens. Outros deixavam propositadamente roupas para lavar e havia motivo para freqüentar a casa no regresso.

Vida magnífica tinha o Tufão, em seu regatão de quatro proas: quando subia, contratava uma ajudante, no Baixo Madeira, para lavar roupa e ajudar na taberna, nas longas viagens de dois meses. Deixava-a no regresso. Adquiria ares senhoris e fiscalizava a embarcação. A marujada guardava reserva: Tufão tratava-a bem, comprando porcos e galinhas para a alimentação, e não se importava, se demorasse nas cidades, que os tripulantes desembarcassem e dessem vasão aos instintos.

Havia certo respeito, quando viajavam famílias. Camarotes recebiam visitas raras à noite, mas o camarada ia cabreando no escuro, como sucuriju faminta, enquanto o prático cabeceava na proa.

— Tlim! Tlim!

— Tlim! Tlim!

— Solta o cabo!

Combinadas as ordens, o navio apitou surdamente e abriu amarelados bigodes na proa. Manobrou vagaroso e aproou para baixo. O pessoal de terra, livre do gaiola, vaiava os brabos, que se debruçavam à amurada, dando bananas. Eram espetáculos comuns, nos povoados e nos seringais, entre desajustados que não vislumbravam novos encontros na vida.

As máquinas roncaram, cobrindo os palavrões entre as criaturas, que não mais se esbarrariam no Madeira.

Breve, o gaiola confundiu-se a águas e selvas, no horizonte vespertino.

* * *

— Afinal, estamos livres dos desordeiros. Demos passagens, mas foram-se. Estou fatigado. Quero paz!

— Difícil a paz. Homens existem que não a podem ter: são forçados a servir sempre, calar sempre, perdoando ódios e perseguições. Isso numa cidade, numa fazenda ou num seringal. Outros brabos virão descendo o Machado. Outros patrões irão sofrer as mesmas dores. Há indivíduos com resfriados incuráveis na garganta ou na alma: são obrigados a escarrar ou insultar, como um derivativo à doença ou ao temperamento.

Moreira fitou o deslizar da corrente, rebojando ao largo: fitou a margem oposta e os barrancos avermelhados. Contribuira para desbravar aquela região, que era apenas selva virgem. Parintintins afluiam ao Barro-Vermelho e às praias onduladas do Tambaqui. Por ali andara, remando canoa, na posse ousada da terra. Nunca recuara, nos dias mais incertos. Estendera a rêde de ação ao Machado e rio Prêto. Contratara turmas de trbalhadores, pagos pelo próprio bôlso..

Educara-os, adaptava-os à natureza contrária. Transformara-os em amigos. Agora, vinham desabusados, exatamente num momento em que não era possível reagir, sem saúde e sem dinheiro. Em outras épocas, sairia a en-

frentá-los e venceria os empecilhos. Com saúde e recursos, daria um exemplo: voltaria a lutar nos centro do "Purui", nas colocações do Machado e rio Prêto, agora abandonadas.

Outros revoltosos viriam, por certo, em procura das passagens do govêrno, e Moreira não teria mais gado para vender.

— Então, Fábio? Êsse o plano, o falado plano federal — prometer ou mandar passagens para os trabalhadores, que vieram à nossa custa? Não recebi uma comunicação. Êles tiveram aviso antes dos Seringalistas. Pelo que se vê, teremos de pagar até Manaus. Depois, o govêrno.

Fábio, meio cético, ouvira-o, sem demonstrações de espanto. Era defensor dos índios, trabalhara com os índios, mas a catequese oficial estava errada; permitira as primeiras expedições armadas, na posse dos exploradores pelas terras ricas, e o silvícola revidou. Revidou, prejudicando patrões que nada tinham a ver com o caso. Incendiavam-lhes os barracões, as mercadorias, os produtos, frechavam e expulsavam os seringeiros. Os saqueados pediam providências, protestavam. O govêrno mandava que se dirigissem à Inspetoria, esta aos postos do interior. Abria-se um inquérito sem testemunhas, porque os índios bravios moravam nas malocas, e só havia um remédio — o seringalista pagava os prejuízos à praça, mudava-se, recomeçava. Os técnicos proclamavam-se impotentes, quando o prejudicado falava em garantias, indenizações ou financiamentos.

As passagens representavam uma providência singular — desproteger as fronteiras, em regiões indefesas, cercear o crédito pela falta de segurança aos investimentos, despovoar os seringais, fraudar os proprietários e trabalhadores. Zombara-se da economia privada, porque não se retribuiriam as passagens e as despesas inicais com as turmas de brabos, contratados no nordeste. Desarticulava os seringueiros, dispersando-se sem convergência para qualquer obra, deixando-os sem orientação nas cidades.

Espalhada a notícia das benesses oficiais, outros bandos desceriam os rios do Amazonas. Como poderiam resistir — com o quilo de hévea a mil réis? Ficariam nos subúrbios das capitais, sem profissão especializada, sem aproveitamento em rodovias, obras oficiais, campos de

agricultura. Um mal para os seringalistas, para os trabalhadores e para a Nação.

Moço, com alguns anos apenas de permanência nas florestas, assistira aos êxodos dos bolivianos, que retornariam à terra-natal, sob a pressão nordestina, a fuga dos trabalhadores da "Madeira-Mamoré", em balsas pela correnteza, e o afastamento dos seringueiros, contratados pelos seringalistas.

Três legiões de operários cairam à pressão do ambiente: os bolivianos regressaram à própria pátria, subindo o Madeira, que outrora, desceram iludidos pelo imperialismo burlesco de Melgarejo; alemães e barbadianos recusavam-se ao regimem de trabalho na ferrovia e buscaram outras oficinas; seringueiros eram os nordestinos, mais do que os bolivianos, e êsses foram desviados pelas passagens oficiais.

Permaneceram, entretanto, falanges de trabalhadores e aguardaram novas turmas, que vieram conhecer a região devorada pela crise.

A questão seria resistir, fugindo, talvez, ao sonho da borracha, que invalidara milhares de vidas, mas se encontrava em fase vitoriosa, fixando brasileiros em terras abandonadas. O plano seria aquêle. Bolota de capivara para quem não pensa com renúncia e decisão de servir. Pior: porcaria de guariba, que suja e queima o sujeito. Acharam graça das blasfêmias: os cuspidos eram êles; sofriam vexames com os seringueiros perigosos e preguiçosos. Tiveram uma prova com os evadidos do Machado. Êsses, sem inversão de capitais e sem esforços, colocavam a mulher e os pertences na montaria e deixavam tudo, na ilusão de sorte melhor. Ordinàriamente, encostavam em ilha deserta, ou terra devoluta, e aí ficavam. Ou seriam "empeleitados" em trabalhos marginais do govêrno, que só existiam no falatório ribeirinho. Queriam imitar os pescadores de safra nos grandes lagos que se transportavam, com a mulher, filhos, xerimbabos em canoas de toldos de ouricuri: passavam o verão inteiro, arpões e anzóis à mão, quando o dono das terras não permitia currais e cacuris. Venciam a temporada e voltavam com as arrôbas de pirasco, os curumins gordos, catingando a peixe. Êsses não iam nas promessas do govêrno, que nem medicamentos lhes dava, mesmo nas epidemias. Consideravam-se felizes: armavam um tapiri ou ficavam debaixo do tôldo, como os paumaris, índios do Purus, acos-

tumados às palafitas. Aí comiam, dormiam, entregavam-se ao mal-de-caboclo, indiferentes às crianças. Arredassem para o lado e fechassem os olhos às danças, deitados nas esteiras.

Os proprietários eram bem diferentes. Responsáveis pelas terras, benfeitorias, devendo ao aviador das praças, e responsáveis também por seringueiros, que ficavam ou não podiam partir.

— Porcaria de guariba, tijuco de porcos p'ra cima dêsses doutôres, que desejam residir longe, no quentão das cidades.

O algodão dava bom preço, chovia no nordeste, transbordavam os açudes. Podia também ser recomendação de mandões de lá. Quem era tolo de prejudicar a carreira? Não era justo falar; ninguém tinha provas. Falação não adiantava. Besteira discutir no meio do rio, quando o temporal borra o horizonte. É tirar a roupa, remar p'ra beira, falar quando a canoa estiver amarrada no tôco, defendida pelas oueranas.

* * *

José Beirão, farmacêutico de fora, que regateava com o filho do capitão Pais, ia atracar em "Pau de Mineiros", em tarde de temporal. Precisava atravessar, lá estava o juiz de casamento.

— Que nome safado o dêsse lugar. Onde foram buscar êsse nome? Onde logo vou me amarrar?

Surgia sempre uma história. Havia um forró e dois figurões desconhecidos pediram para dançar.

— Assentem-se. Tejam à vontade.

Os homens tomaram doses de pinga e viraram valentes, cuspindo nome de mãe. Trataram de acomodar, levando os danados p'ra fora. Falavam atravessado, mas, diziam que eram mineiros. Trabalhavam em minas de carvão, não se sabe onde. Estavam com o diabo no couro. Queriam urinar no salão p'ra desmoralizar a sociedade. Quando urinaram mesmo, apagou-se o farol, apagou-se a lamparina de seis bicos. Mulher correu, criança chorou.

— Pá! Pá! Pá!

— Que foi? Acende o farol. Pega os mineiros!

— Já morreram. Não é que morreram mesmo?

Os dois estavam com as cabeças esmigalhadas no chão do forró. Escorriam sangue e mioleiras. Acabou-se a fes-

ta. Quem foi, quem não foi e ninguém sabia. Nem com que cacêtes. Justiça andou por lá. Pergunta aqui, pergunta ali, prende acolá. P'ra que? Ninguém matou. Foram pr'o juri só p'ra perder tempo de roça. Não havia prova. Tudo p'ra rua.

Os jurados eram remeiros e roceiros, que negociavam nas casas dêsses homens. Se condenassem, não ficava ninguém p'ra trabalhar. Restariam as mulheres e a filharada, que estavam na sala, lá fora, caladas à gritaria do promotor. Dizem que se ouviu, entre o pessoal assanhado:

— Vocemecês condenam, mas passem um dia por lá. A mão de pilão está no mato. Quem vai condenar inocente, que bota suor na trabalheira pr'o santo, p'ra família e pr'os forrós? P'ra que foram urinar no salão da sociedade e mostrar terens que as moças adivinhavam, mas não conheciam?

Pois era em "Paus de Mineiros" que o José Beirão queria encostar, passando pelo meio da rebojada. Viúvo, teimoso, ia casar com uma cunhã acesa como macaca, dali mesmo. A falecida pintara o sete; morrera de tanto trair, remexendo p'ra todo macho. Lancha boieira naufragara naquele pedaço, morrendo tudo. Touros brabos urravam nas águas, chifrando e urrando. Touro também tem lembrança. Chora que nem gente, quando matam um no campo. Vaca soluça a noite tôda, quando morre bezerro novo, comido por suçuarana ou mordido por surucucu de fogo. Enganado por fêmea, ninguém podia vencer a rebojada. Mesmo que boi laçado nos chifres. E Zé Beirão passou! Bicho bom de gênio.

— Vocemecês têm mêdo. Estou acostumado a tempestades e venci campeonatos de natação.

Que diacho estaria vomitando? Tempestades, campeonato, natação. É estropiado. Não é linguagem de gente. Deve ser filho de gringo e mostrar valentia com essas palavras. Cuidado com essa nação de gente. A mão de pilão estava lá, perto do galinheiro. Esperavam o homem: já vencera a rebojada em frente; iam ver se teria coragem de atravessar. Os remeiros não gostavam de banzeiros e trovoadas.

José Beirão gabava-se de nadar na baía de Guajará, pulando pelas ondas. Não queria esperar o vento acalmar. Quem pagava e mandava era o gringo. Tiraram as camisas, desalagaram a canoa e tocaram pr'o outro lado. O tempo engana sempre. O farmacêutico calculava a agita-

ção pelo remanso, que isolava do banzeiro. Logo que se passou a linha de separação, já sem govêrno do leme, a canoa rangeu e as águas invadiram o porão. O patrão emudeceu e tirou o paletó.

— Agora não há jeito. Tem de ir p'ra frente. P'ra trás, a montaria emborca. Vocemecê tem paciência. Vamos todos pegar nos remos. Um vai tirar água sem parar.

— Nossa Senhora de Nazaré nos acuda!

— Amém!

Rajadas baixas agitavam as águas, misturando rebojos e redemoinhos. Relâmpagos fuzilavam e os trovões ribombavam no mato, onde os raios quebravam sumaumeiras. Raios doidos, lascando os paus.

— Santa Bárbara ajude Nossa Senhora de Nazaré!

A canoa tombava para a esquerda ou para a direita, ao jôgo de ondas desencontradas, e entrava mais água. Os pratos de comida caíram e os doces nadavam. Embrulhos foram para o rio. Alguns homens não conseguiam puxar as remadas; os remos ficavam suspensos no ar, sem movimento, como pás que empurram farinha, nas mexidas da torração. Jaíra, a noiva de "Paus de Mineiros", tirava ladainha em voz alta. O pilôto deu um berro no temporal. Deviam sacar a roupa, pois, emborcando a canoa, teriam de se agarrar a algumas tábuas e nadar p'ra beira, sempre p'ra baixo, ajudando a correnteza. Uns dois teriam de ficar na canoa p'ra que não fugisse. Segurassem bem nas tábuas e não tivessem mêdo. Piraiba não ataca no temporal; candiru só na beira, quando o sujeito está ferido, ou se arreganha à-toa. Os remeiros desempediram-se das calças, amarrando-as aos bancos. José Beirão relutou, ficando de ceroulas e meais.

— Só quero ver como vocemecê vai nadar com meia e ceroulas compridas. Vão se encher d'água e levar vocemecê pr'o fundo.

Jaíra decidiu-se e tirou o vestido. O vento zunia; todos tremiam de frio, batendo os dentes.

— Mané João, vai secar a igarité.

Cuias, latas, vidros agitavam-se nas mãos calosas. Entra água, sai água, da chuva e do rio, mas a igarité avançava p'ra baixo e p'ra beira.

— Mané João, tapa os buracos. Rasga uma roupa dessas.

O calafêto arrancara-se no temporal. Mané João porfiou e secou a igarité.

— Estamos salvos. Viva N. S. de Nazaré e Santa Bárbara! Viva os espíritos do ar e do fundo!

A igarité pulava nos banzeiros. Os remeiros meteram-se nas calças. Jaíra, desfigurada, colara o vestido molhado ao corpo franzino. Persistia a chuva fina, impertinente; o vento fôra zoar p'ra outras bandas, O banzeiro cabritava, porém não tinha a mesma impetuosidade. A igaraté vencia a linha do remanso e aproava ao pôrto de "Pau dos Mineiros".

— Deviam rezar o resto dêste dia. Desde que morreram os mineiros, pisados que nem café, com mãos de pilão, é êsse estrupiço. Pronto, José Beirão. Vocemeçê perdeu a roupa, mas não perdeu a mulher.

— Não perdí nada. Vamos mudar de roupa. Vou enfiar o paletó do casamento.

Fôra-se o temporal. Aves surgiam de todos os lados, em algazarras, em pios alegres; as fôlhas brilhavam, emperoladas de chuva.

José Beirão incorporara-se aos homens do mato, distribuindo goles de cachaça, e casou com Jaíra, moça do lugar. O diabo é que ela iria para longe. "Pau dos Mineiros" tem feitiço, como os espíritos da boiazada morta no naufrágio da lancha. Bem que urram no temporal...

S

Fábio esperou a pesada de sábado, em que estariam presentes seus dez seringueiros. Compareciam todos e contavam as proezas da semana, — caçadas nas restingas altas e tarrafiadas de bodós nos igarapés. Moravam às bordas de uma despensa. Os cascudos cardumavam nas desovas, não tinham tempo de fugir para os igarapés. Traziam paneiros cheios de tamuatás, acarís, peças de caça, xerimbabos. Arpoavam capivaras no igarapé e nas ilhas; estragavam as roças, mas gemiam no bico da arpoeira. Bastava uma chuvinha miuda: o melhor era papoucá-las ao luar. Vinham em bando, cheirando o ar e o chão. Metiam a bala e era mesmo que trovoada: fisgavam três e quatro.

— Vocemecê vai à casa do Zé Pio? Tomaram a mulher de novo. Vai aprender a gingar e volta... Zé Pio perdeu a mulher; depois, por manhas do arco-da-velha, foi visitar a fugida. Pensou, pensou. Não queria mais. Ficou lá mesmo, em Javarizal. De quando em quando, ia lá tomar café e lembrar o tempo antigo.

— Capoeira danisco ! Foi chifrado e chifrou.

Continuavam a falar da vida alheia. Contavam visagens de Zé dos Espíritos, que amansava mulher raivosa. Dava uns "espaços" e a cunhã chorava de apaixonada. Vinha que nem franga p'ra cúia de milho. Era o melhor remédio da redondeza, tirava lagarto da cabeça e formava o sujeito em curador, mandando embora os espíritos de longe. O camarada ficava logo bom. Os freguezes tinham doenças diferentes.

— Vim buscar remédio p'ro juízo.

— Tenho uma bicheira nas tripas.

— Estou com um nevoeiro nos olhos.

Zé dos Espíritos curava tudo.

Cofiando os bigodes, Fábio apareceu com uma bandeja e um bule. Distribuia café de pilão, em canequi-

nhas esmaltadas, e trazia uma papelada. Eram as contas dos seringueiros. Dois ou três caboclos; os demais eram nordestinos, inclusive o Zeferino Natal, do Rio Grande do Norte, que, por sinal, não gostava de jerimuns.

Fábio explicou-lhes os efeitos da crise. Conheciam, pelas notícias que vinham de "Purui", do Machado, do Jamari e dos brabos revoltados, embarcados no navio da Companhia. A valentia de Luísa Peluda corria mundo.

— Mulher de papouco! Parece macho. Fabrício passou pelo cedro, em que ela batia roupa só de sáia, seguro no ombro. Vinha da pescaria e atracou de repente p'ra dar duas jutuaranas grandes p'ro almôço Diz êle que Luísa é que nem capelão, dêsse de barba vermelha. Mulher de papouco!

Fábio explicou longamente os acontecimentos. Nada devia na praça, mas nada poderia prometer. Ali estavam as contas da venda dos aviadores, liquidando os negócios. Avisavam lealmente, que não poderiam adiantar mercadorias, comerciando apenas rigorosamente, com os grandes seringais devedores. Tinham de auxiliá-los para que resgatassem as dívidas.

As transações de pouco vulto só dariam prejuízos Não havia, pois, a mínima segurança nos pedidos.

Vinha conversar com os seringueiros, porque ali tudo era de todos. As dificuldades iriam crescer. Poderiam partir, se quisessem, levando canoas, utensílios e nada lhe deviam.

Quando melhorassem os negócios, poderiam voltar, se assim entendessem. Era só reconstruir as barracas; as estradas estavam às ordens dos seringueiros.

— E vocemecê, que mal pergunte, vai baixar também?

Fábio mostrou-lhe a espôsa, três filhos menores e as crianças que protegia. Ela nascera na região, abandonara o confôrto pelos seringais; êles nasceram ali também. Viera para o Amazonas em ano de sêca, de fome e de morte. Fôra feliz, pois não sonhava riquezas no pequeno seringal, parte de sua vida . Os meninos eram pequenos, a mulher amava o interior. Poderia ir também, atendendo até a convites promissores. Não sairia, apesar de tudo: esperava novos tempos através de tôdas as crises. O igarapé tem peixes, a ilha reverdece em canaviais, o gado engorda no campo, os porcos em pleno mato. Não iria recomeçar longe, sòmente porque a bor-

racha caíu no preço. Provaria, que, sem borracha, o mundo não estava perdido. Produziria, de qualquer modo, para comprar café, fósforos e os gêneros essenciais. Não abandonaria tudo, só porque brabos não vêm mais, seringueiros fogem, aviamentos diminuem ou não chegam. Até no deserto Deus providencia. E aquilo, em tamanha fartura, não era um deserto. Deserto queimado, sim, viu no Ceará, na sêca, sem vegetação, sem água, sem alimentação. Vento e sol queimando, chão árido, árvores sem fôlhas. Ali havia águas, matas, fartura. A questão seria ter fé e trabalhar. Unias, seu irmão, temperado em ferro escandido, declarava que ali permaneceria até à morte. Companheiros de desbravamento, — José Brasil, Joaquim Correia resistiriam também em seus seringais. Iria chamar os seringueiros.

A primeira conta é de velho Chico Aleixo, corajoso nas explorações do rio Prêto. Nada devia e podia partir; esforçado e honesto, nada lhe faltaria por aí afora. A segunda era de Fabrício, bôto do Baixo-Amazonas, sempre disposto a auxiliar a todos...

Riram-se. Chico Aleixo, alto e magro, enrolava o chapéu de carnaúba nas mãos e olhou fixamente Fábio.

— Eu é que não vou. Para onde é que vou ? Vocemecê não está botando p'ra fora. Fico aqui mesmo.

— Nem eu !

— Nem eu !

Repetiram-se as declarações daqueles homens rudes, calejados na trabalheira tropical. Era o reverso dos grandes seringais. Queriam permanecer, correr o mesmo risco, afrontar a hora tremenda e enfrentar os temporais.

Ficariam. Devolveram as contas e se sujeitaram aos parcos aviamentos; meteram-se pelos varadouros, pelos caminhos dos campos e barracas, calmos como se a crise desabasse sòmente em outras paragens.

Fábio abraçou os companheiros de solidão. Começaria vida mais apertada. Infância, engenho, seminário, sêcas, embarque, seringal, índios, Cuniã, Machado, rio Prêto, beiradão. Nova fase de luta: batizado pelo sofrimento, aceitava-o sem penitência, como uma bênção do céu...

* * *

Respondeu às cartas de Segadais e outros amigos. Tinham razão, porque seriam levados ao holocaus-

to. E respondeu às casas aviadoras, ameaçadas de falência. Os bancos retrairam-se e não tinham para onde apelar.

Completando o seu plano, o Govêrno Federal emitia ordens para novas passagens aos trabalhadores e isentou borracha acreana de qualquer impôsto. Com aquela baixa cotação, o interior não poderia resistir e os seringais se despovoariam fàcilmente. Fomentaria, quando os preços subissem outra vez, o contrabando nas fronteiras.

Atrasaram-se os vencimentos do funcionalismo, dos fornecimentos, paralizaram-se as construções, desalugavam-se residências, e a miséria alastrou-se. As notícias da capital não eram boas: falhavam os lóides, e os seringueiros, egressos do interior, aboletavam-se nos subúrbios, sem profissão e sem trabalho. Teria sido melhor permanecer nos seringais, — e os próprios delegados federais aconselhavam que não se precipitassem para as cidades; deviam aguarda a chamada, de acôrdo com o número de passagens. Vagavam pelas ruas, aglomeravam-se às portas das repartições públicas, rogando comida e trabalho. A portuguesada não mais podia fiar aos funcionários, comprometidos por largas quantias. A meninada deixava os colégios particulares e entrava para as escolas públicas, julgadas imprestáveis, sem que se apontasse a causa. Professôras não recebiam com pontualidade: dia sim, dia não, ficavam em casa, cuidando de pastéis e dôces para serem vendidos na rua. Trabalhavam gratüitamente para o Estado.

O sul resplendia, com o sortilégio de um pássaro azul, e rapazes emigravam. Médicos, advogados, dentistas fechavam os consultórios; desocupavam-se novas casas e os alugueis baixavam. O abastecimento de produtos locais era farto, porém a população desprotegida não tinha dinheiro para o mercado. Perdiam-se diàriamente toneladas de peixe, cobertos pela creolina; a carne salgada era vendida a preço vil nos dias imediatos. Pais escreviam a filhos ausentes, aconselhando-os que não voltassem mais, porque a borracha falira e o Amazonas era terra para daqui a cem ou duzentos anos, quando pudesse acordar, acionada pelos minérios, que, possìvelmente, dormiam no subsolo.

Na capital em torpor, sacudida pelo temporal, desapareceram os dias fuastosos da queima de cédulas

para acender cigarros: os comerciantes lutavam, desesperados de receber os saldos espalhados no interior, pela simples razão de que, sem mercadorias, êsse interior não poderia lutar. As sedes municipais eram uma cópia empobrecida da capital.

Os seringueiros, em certas propriedades, perderam o respeito e a disciplina. Nem podiam exigir disciplina de corte de seringueiras a pobres que precisavam plantar mandioca e bananeira para comer, pelo menos a comida dos curumins.

* * *

Mais grave, a situação nas cidades. Fechavam-se casas de comércio, mercearias e padarias, os serviços públicos de luz e água.

Os proprietários sentiam dificuldades no próprio abastecimento e não se espantavam, quando, pelo fim da semana, o aviador vinha comunicar a fuga de mais dois seringueiros da colocação. Melhor: bôcas de menos para aviar e comer. O mais duro era que, excetuando as castanhas, com os preços controlados pelo estômago do inglês, pelo Natal, não havia outro produto extrativo para vender. Mais deprimentes ainda os derivados da borracha — sernambí e entre-fina. Nem para o rancho de bordo importavam pirarucu. Os peixes vadiavam no lago, pois não havia também sal para as safras.

Meditou Fábio nesses impasses aflitivos e no restante das mercadorias para o mês em curso. Faltavam fósforos, sal e café. Se demorasse muito a crise, teriam falta de roupa; as mudas se esfiapavam nos corpos, sob as aperturas do esfôrço quotidiano.

Estava nessas meditações, quando ouviu uma buzina na enseada de baixo. Prestou maior atenção — era o Saul, judeu gordalhudo de Humaitá, que subiu o Madeira em batelão avantajado, a motor. Saul, com os seus 100 quilos, desaparecera com a voragem, disposto a comerciar em Belém ou no sul. Lá voltava, vendo-se-lhe a figura tronitroante à proa, numa cadeira larga, cercada de cabos. Encostou e pediu que o proprietário fôsse a bordo; não podia ir à terra, impedido pela doença e excesso de banha. Falou muito, atacou os grandes aviadores. Queria estabelecer formas novas de negócios, mesmo com os preços baixos da borracha. Dá p'ra cá, leva p'ra lá, era o seu lema.

Gritaram tanto, fugiram os aviadores, os seringalistas, mas, na hora difícil, o tão amaldiçoado regatão vinha salvá-los. Ali estava Saul, sem manias de lucro, apenas querendo viver e servir.

Conheceu-o Fábio em Humaitá. Casado com dona Sara, outra criatura forte, de coração bom, recebia a todos em casa, dava café, não tinha bondade com os pobres. Protegia-os dona Sara, comparecia às festividades católicas e era amiga do padre Silveira. Encomendava missas; celebrava-as o reverendo, sempre desconfiado com aquelas generosidades de uma hebraica. Ela pagava bem; o padre nada tinha a ver com a origem do dinheiro, desde que fôssem puras as intenções. Enviava sempre bolos e galinhas assadas para os leilões, gesto que não tinham muitos católicos.

Mandando celebrar missas, dona Sara provava a sua devoção. Céus e espaços estavam divididos fraternalmente para os adeptos das várias seitas, desde que as almas fôssem limpas e direitas para as alturas. Os hebraicos tinham o seu paraíso, como os católicos o seu. Se o falecido era católico, nada mais do que rezar ao seu Deus, batendo sinos e cantando no altar. Nada de confusões na terra e nos céus, aperreando os libertos desta vida.

— Cadê a prova de que freqüentou a sinagoga ? — Entre ! — Cadê as provas do batizado e da missa ? — Não entra !

A boa dona Sara pensava em contornar essas complicações.

Saul, conhecendo os métodos do interior, formara os mastros em cruz na lancha regateira e colocava santos no camarote das mercadorias.

— Estou novamente com vocês. Andam todos mal das pernas. Sarita (era como chamava a mulher) mandou esta lembrança p'ra você.

Era uma pequenina imagem. Ganhara sempre com essa política religiosa, catequizando os da terra com as promessas do céu. Demorou-se nas explanações dos seus negócios. Precisavam ajudar uns aos outros. Os aviadores retraiam-se e não queriam mais negócios com os pequenos seringalistas. Só receber contas, executar devedores, solicitar proteção da polícia, — cair, como urubu, nos seringais. Era uma política errada, pois ficariam sem atividades, o que redundaria em maiores prejuízos. Saul estudara a situação. Vinha socorrer os

proprietários pobres; seriam transações à vista. Dá cá a borracha, leva a mercadoria. Incumbir-se-ia de outros assuntos na praça. Conhecia os ribeirinhos e merecia confiança. Na base de sua produção, Fábio poderia retirar um conto de réis de taberna. Daria conta de venda no regresso, deduzidos fretes e impostos.

Começou-se outra vida, sem vigilância de fiscais de bancos e cartas desatenciosas de casas aviadoras. Iniciava-se a verdadeira fase dos regatões.

Alastrava-se a penúria. Nos rios do Alto, faltavam medicamentos e alimentação. Crianças gritavam nos jiraus, mamando em peitos mirrados; várias morriam à míngua. Saul e outros combateriam tal situação angustiosa. Comerciante inteligente, poderia ter embarcado para o Sul. Preferiu agir no próprio ambiente e tapar as brechas que os outros abriram. A lancha viajou muito. Saul, na baixada, recebeu borracha, farinha, tartaruga, porcos. Vende-los-ia em Manaus e Belém.

Se não fôra Saul, o sarampo e a coqueluche teriam devorado as crianças, já semi-mortas por inanição. Vinham pelo ar, não se sabe de onde, e atacavam de uma vez.

Fábio enfrentou o mal, combatendo-o nas barracas dos fregueses. Veiu também a febre maligna, que liquidava o doente em poucos dias.

* * *

Foi nessa tragédia que Unias, nordestino de 94 anos, com 80 de Amazonas, baqueou. Resistira meio século de bamburrais, descobrimentos de seringais virgens, corte de lenha para lanchas. No fim da vida, comprara um pequeno seringal, com renda de terras, que herdara no nordeste, e recomeçou a batalha. Ao adoecer, adivinhara que partiria para sempre, mas não deplorava a situação. Recusou-se a deitar, no leito do hospital, para onde se removeu, em Humaitá. Sentou-se no leito, pediu uma cadeira e apoiou o rosto nas mãos. Partiu, como um corta-água que voasse para sempre no azul.

Bem longe, a vila. Antes de morrer, manifestou a vontade de ser transportado para o seu modesto barracão e aí dormir, à sombra das laranjeiras e ouricuris.

O corpo veio em canoa, rebocada por um motor; era uma procissão, Madeira acima. Agricultores, lenhei-

ros, persignavam-se com as mãos úmidas de suor e terra. Morreu, morreu. Enxugavam o rosto e mergulhavam as enxadas nas covas.

O motor chegou à tarde, ameaçando chuva. Vinha chuva grossa, era bom logo enterrar. Nenhuma palavra, nenhuma lágrima.

Comentava-se a morte no jantar magro, as crianças dormiam com luz acesa, receiosas de que o morto reaparecesse na escuridão e puxasse as varandas da rêde.

Colocaram o caixão junto à sepultura.

— Forra a cabeça. Tira o cobertor do Zé Mulato.

O cadáver foi envolvido em outro cobertor, — tudo que era do falecido, o lençol, a rêde, o travesseiro, a roupa, os pertences, que o acompanharam nos derradeiros momentos. Fazia mal que fôsse enterrado com roupas de outros seringueiros: êstes o seguiriam na primeira oportunidade. Deveria ser envolvido na rêde, isso sim, porque a alma segue o corpo mais depressa para o céu. Caixão não deixa de ser uma besteira. Mesmo que carne para o mercado. Isso é lá para a cidade, só para o povo não falar: as mulheres vestem-se de prêto, os homens põem um laço prêto no braço. E vão brincar na primeira festa.

O motor custara a chegar com o morto, no longo itinerário barrento. Chuvas carregavam o motor para longe: poderiam vir de novo, mandadas pelos ventos da tarde. Quando os pedaços negros se juntavam, era temporal na certa. Enchiam a sepultura e o pobre era mais afogado do que enterrado. Ficava de môlho. Dava até visagem de gente viva, com as roupas encharcadas dentro do buraco.

Antes, foram espantados os porcos, que remexem o barro, procurando minhocas. Era preciso enterrar bem fundo. O rio estava em meia-água. Nas inundações, o defunto se mete num banho frio de enxurrada e é uma doideira para cavar o buraco. Não raro, pedem licença nos seringais de terra alta. Só por bondade o proprietário transige. Mais uma alma penada de outros lugares, que vinham deixar ali. Quando o sujeito fôra criminoso, mau de gênio, surrador de mulher, não havia desculpas. Amarrassem uma pedra e botassem no rio. Sòmente para quem foi bom — e isso por favor. O camarada grita logo:

— Te esconjuro, diabo! Vai p'ro igapó, embora possas envenenar as traíras, que a gente come.

Afinal, o motor apitou. As mulheres falaram alto, os homens deploraram a partida de um companheiro bom, que tinha na cabeça tôdas as histórias antigas do médio-Madeira e do Ceará. Um regatão atracara ao pôrto, recebendo lenha. Soltou um apito longo em funeral; os marujos persignaram-se, quando o caixão subia o barranco escorregadio.

Era uma cena de tôdas as viagens. Recomeçaram a pôr toros de lenha nos ombros; marinheiros, curtidos pelo interior, estavam fartos de cenas iguais. Viram enterrar companheiros nos barrancos, quando os cemitérios estavam longe ou no fundo das alagações, ou mesmo o proprietário não dava permissão no lugar. Cemitério cercado só p'ra defunto do próprio seringal. Ainda assim marujos desembarcavam, após a faina e descobriam-se em frente à cruz tôsca.

— Morrendo nestes buracos, a gente morre ainda mais.

— Ninguém deve xingar. Vocemecê não pode saber onde vai se acabar. Pode saber onde vai viver. E quando pode ! Mas morrer ?

— Isso é p'ra conversar...

— Olhe o Comandante Carapuru. Homem bom, com rosto rosado de espirrar saúde. Ria do povo daqui e do beiradão. Ria só para bolir. Imagine morrer e ser enterrado neste barro mole! — dizia sempre. Pois pegou sezão negra, na Bôca do Machado, vomitou prêto e se foi em dois dias. O corpo já vinha cozinhando com a febre e não agüentou o calor. E foi enterrado onde não queria, em meio da caboclada. Marinheiro, soldado e mulher do mundo não sabem onde vão morrer. Vocemecê sabe se volta da viagem ?

— P'ra lá o agouro. Vá corujar noutro lugar.

Se morria um conhecido, mulheres e meninos ficavam apavorados, quando sepultados em baixas, invadidas daí a dois dias pelas enchentes. A alma sentia frio, nadava e vinha deitar-se na primeira rêde, embalando-se ao lado do vivo. Nadara, porque vinha com o defunto. Gente de casa tinha cuidado com essas coisas, mas gente de fora fazia pouco.

Acendiam lamparinas, dormiam juntos na rêde ou no chão, às vêzes com apertos e chamegos. No claro êles não vêm. Voltam à atividade costumeira: o defunto passa a reviver em tôdas as imaginações, sempre infundindo pavor, nas rodas de festas e conversas fiadas.

Revive como um personagem e toma parte nas discussões. Emite opiniões, acalma desentendimentos.

— A pesada está certa!

— Há muita bandalheira nas pesadas. Assim dizia o finado.

— Não tinha razão o finado. Tivesse vivo e eu diria na cara dêle.

— Vá justar contas de noite.

O sujeito se calava, amedrontado.

Sepultado, o velho Unias renascia na vida daqueles pobres, influindo nos negócios e nas plantações.

— Deixa pr'o mês. Era quando o velho plantava.

— Era mesmo...

No caminho, para desviar sujeiras de porcos, passavam sob laranjeiras floridas.

— Velho Unias não vai gostar.

— Êle não fala mais. Está morto e foi carregado com respeito e gôsto pr'o buraco.

— Mas plantou as laranjeiras. Quando passa defunto por baixo, morrem tôdas p'ra acompanhar o dono. Não faz mal. Eram dêle. A gente tem semente e planta do outro lado.

— É mesmo. Olha, as flores já estão caindo, lastrando o chão. Nunca vi luto de branco.

T

Nessa questão de enchentes, decidida em fevereiro e março, antes da Semana Santa, São Sebastião ouvia orações em intenções contrárias. Santo encontra sempre saída. Ouvia aquelas orações e estrondos no terreiro em festa; agricultores queriam enchente pequena, devido às roças na voragem; castanhistas pediam enchentes grandes para invadir os igarapés e salvar os estoques de castanha. Sem enchente grande, as montarias não atingiam certos pontos, nos igarapés cheios de paus.

Veneram São Sebastião, parecido com os seringueiros do Marmelos e Maici. Parecido, e que Êle perdoe, no sofrimento: sem camisa, como quem anda no igapó e com frechada no peito, mesmo que sararaca de Parintintim nas ilhargas de um pescador. Há outros santos, sempre de acôrdo com o pessoal: Santa Bárbara para os trovões, banzeiros, árvore quebrada pelos ráios; Santa Luzia para os olhos, martirizados no corte das estradas com fumaças de poronga; Nossa Senhora da Conceição com o seu vestido de céu e sol, que o pobre vê a tôda hora do dia; Nosso Senhor Jesus Cristo, que levou estocada grande no peito e morreu pendurado na Cruz. Seringueiro inocente, só por ter saldo, enforcado na caxinguba e furado a quicé, merece proteção de Nosso Senhor. E Nossa Senhora de Nazaré que livra o pessoal do afogamento? E São Lázaro, que afasta mal de pele e ferida? Tanto santo bom! De casa mesmo, só Santa Radi, que aparece com vestimenta de vagalume e canta com as cunhãs, quando não há reza com muita gente.

As orações, pela enchente grande ou pequena enchente, eram em silêncio p'ra evitar salseiro, — providência feliz, desde o barulho do derradeiro forró.

— São Sebastião, por esta hora consagrada, dá enchente grande !

— São Sebastião, por esta hora consagrada, dá enchente pequena!

— Amém! Amém!

Houve rumores, mas a ladainha prosseguiu, embora se adivinhasse logo forte divergência entre os moradores das margens e os da terra-firme, entre os roçados e os castanhais.

Acabada a reza, após a bênção dos mais velhos e o beija-beija das fitas do altar, os grupos se enfrentaram no terreiro.

— Vocemecês não podem rezar a São Sebastião, pedindo enchente pequena. É desafôro demais com os pobres da terra-firme. Depois, a festa é em casa do morador da terra-firme.

— Vocemecês não podem falar mal das nossas rezas. O Santo que resolva lá em cima. Quem manda nas chuvas é Êle...

A discussão degenerou em empurrões e palavras ferinas.

— Não vem enchente pequena, bacu de varjal!

— Enchente grande é que não vem, peba de palhal, zanôio de pau podre!

Apareceu o dono da casa e perguntou se tinham vindo rezar ou brigar. Acabaria com a festa. Todos se desculparam ante as ameaças: deixar de ouvir ladainhas, dançar com damas novas e comer capado gordo. Não. São Sebastião que resolvesse e ninguém falaria mais.

Velha Romana, aproximou-se do grupo, balançando as banhas de prêta velha, sempre respeitada pela receita de ungüentos e adivinhações.

— Tão pecando à-toa. O Santo já arresolveu. Ouvi bem quando dizia: Romana, a enchente já está grande. E' uma questão de pouco tempo. Os homens da roça já torraram farinha. Deixa acabar! A outra vai ser meiã, a outra vai ser pequena. Tão vendo?

— Obrigado. Como somos atrasados e como o Santo sabe resolvê as coisas, contentando os pobres e a todos.

* * *

Desenrolou-se, em tôda extensão, a tragédia econômica: pequenas propriedades, que se firmavam na agricultura, pareciam reagir; despovoavam-se as do Alto,

que importavam tudo, desde a farinha do Pará. O descesso da produção não cobria as despezas, os homens não poderiam morrer e fugiam em ubás e canoas, ou varando a mata de um afluente para outro. Perdiam-se, desapareciam, ou quando desembarcavam, barbados e enfermos, não tinham fôrças para trabalhar. A valentia diminuia com a fome, a falta de passagens, as más notícias dos que se foram, na primeira arrancada.

Falava-se na tentativa de invasão de uma vila, dirigida por um prefeito militar, também comandante de um destacamento bem armado. Turmas de seringueiros, evadidos do Abunã, rio de muita rixa, explorado por brasileiros e bolivianos, resolveram invadir e saquear a pequena localidade. Insuflados por desordeiros e gringos, que se aproveitavam da cobertura do momento para enriquecer, semeavam exaltações entre os trabalhadores. Aquilo era safadeza de gente rica; marchassem contra os proprietários e as autoridades; tomariam conta de tudo. Mandaram, a conselho dos mais medrosos, uma delegação ao prefeito: entregar as mercadorias e sair dali quanto antes. Permitiam a saída das famílias com suas bagagens. Não havia maior tolerância. Dois dias de prazo.

O prefeito ouviu atentamente o chefe do grupo, sem interromper a exposição.

— É o que mandaram dizê a vocemecê. São homens de palavra. Não querem matar ninguém, não querem pegar mulher, desde que vocemecê dê juizo aos comerciantes. Devem ir embora quanto antes.

— E você também é seringueiro?

— Agora, não. Fui chamado p'ra comandar os homens. Eu e alguns camaradas. Viemos de campanha

— Há estrangeiros também?

— Sim. Há caucheiros peruanos mais bolivianos, porém ficaram lá, em respeito a vocemecê.

— Vamos decidir. Secretário, vá chamar o sargento do Contingente.

Conversou com os intermediários e serviu café, mantendo diálogos sôbre a situação e os seringais.

— Pronto, tenente, às ordens!

— Prenda êstes bandoleiros e dê um bom acôcho nêles. Vêm trazer uma intimação com o prazo de dois dias. Dê só um púcaro d'água e umas lambadinhas de peixe-boi.

Os emissários levantaram-se espantados, mas não enfrentaram militares que portavam revólveres.

Partiram, de cabeça baixa, para a cadeia, com aplausos de tôda a população. O prefeito convocou os homens, contou os rifles, os fuzís e as balas, e mandou vir à sua presença os emissários, no dia seguinte. Parlamentaram, em nome de mais de cem rebeldes; vinham sujos, amarelos e fedorentos; não puderam deixar o cárcere para necessidade alguma e exibiam os estígmas do castigo.

— Mande-os embora, tenente. Agora, vocês vão mostrar as condições do acôrdo. Digam que retornem às colocações, dentro de três dias. Trabalhando, ficaremos amigos. Se tentarem contra a vila, haverá coisa pior. Podem comer e vão embora. Digam também que iremos até lá p'ra ver o cumprimento destas ordens.

Sumiram-se. Seria melhor cortar as estradas; por pouco leite que dessem, davam sempre. O tenente não era de brincadeira; tinha bala, cadeia e umbigo de boi. E ainda chamava arrôcho para êsse ruim negócio. Ficaram quietos. Mas o tenente esperasse um bocado. Um dia o corpo amanheceria pipocado de balas pr'os urubus. De rifle escondido no escuro, com um pedacinho de lata na mira, só p'ra enxergar, ninguém se livra. A fama de Plácido de Castro corria por aquelas bandas: homem de verdade, e não escapou aos balázios, por trás de um balseiro. Outros cairam da pôpa do batelão e não tiveram tempo para dar um gemido. O tenente não era curado e bala não pede licença. É mesmo que doença e morte.

* * *

Diziam os velhos habitantes do rio: vila sem judeus está pobre de verdade; beiradão sem regatão já entregou tudo. Farejam a crise bem longe, mesmo que urubu-rei: pode a cotia morrer no ôco do pau. Êle vôa em redor e sabe onde está.

Quando vem a quebradeira, trocam sinais cabalísticos, vão liquidando os negócios ou passando aos mais desprevenidos. As cidades incipientes ficam desertas; as tabernas caem em mãos de pessoal sem prática e desfavorecido. O hebráico é esperto e guarda sempre a retirada. Notava-se, entretanto, a diferença entre o pobre e o rico, o verdadeiro da sinagoga e o esgarçado pelo afastamento do ritual. Começava pelas restrições da alimentação. Comia até porco. Os outros defendiam-se. Dias e dias, os mercados da vila se suprem de porcos, — e o

judeu no peixe-magro, submetendo-se à precária alimentação das sedes municipais.

Chasqueavam-se os habitantes dessas cidades! Comedores de camaleões, de bacuraus, de mangabas, como se alcunhavam os residentes em Borba, Manicoré e Humaitá. Discutiam os filhos de um e outro lugar. Quando um navio se afastava do pôrto, era divertimento o acinte à alimentação.

— Até logo. Não é tempo de melancia. Camaleão está magro.

— Mas foi aqui que engordaste. Foi aqui que botaste roupa nova e criaste barriga. Chegaste com a calça furada por trás.

Os doestos repetiam-se até o afastamento da embarcação, sumindo-se ao largo. Como não pudessem mais ser ouvidos, recuavam no tombadilho e faziam acenos proibidos, que mereciam respostas duras:

— P'ra tua mãe, que está com fome. Manda tuas irmãs p'ra cá, que elas voltam buchudas! Galo daqui não erra pontaria! Capão, vai lamber poleiro sujo. Tripa usada não serve nem p'ra panelada!

* * *

Acelerando as aperturas, em que se debatiam os desbravadores, pelo declínio da borracha e, em sequência ao êxodo dos seringueiros, vieram as execuções fiscais e hipotecárias, como manoplas ferozes, que arrancassem carne e sangue.

Atrasados no pagamento das tributações, tinham de continuar para cobrir a exaustão do erário público e dos cofres bancários e particulares. Não havia produção extrativa; tinham de entregar a propriedade. Seringais, campos, embarcações, casas-de-farinha, engenhocas respondiam pelas dívidas; agricultores perdiam as posses, onde lutaram anos e anos; tentativas de pequenas indústrias caseiras cediam aos impostos excessivos. Porque batia uns litros de leite e produzia sôro e coalho para as crianças, o dono de seis vacas sofria tributações fortes. Chegava o fiscal do consumo, acendendo olhos fazendários.

— Usina de queijo e manteiga, hein?

— Usina êsse jirau em cozinha de palha de ubim? Nem batedeira tem. É só p'ra criançada.

— Sou de fora. Sei o que é manteiga. E ainda sem sêlos no queijo. Vou lavrar a multa.

— Prometo a vocemecê que não guardo mais leite pr'o coalho. Boto a panela e a colher no rio.

— Pode botar, pode fechar, mas, desta vez, é multa. Manteiga, queijo, açúcar, café só no sul. Aqui é multa. É lei e são ordens. Plantar café, só no sul; fazer açúcar, só no sul.

— Caboclo do mato não tem direito, é isso mesmo. Vem o fiscal federal: multa, inventa leis, arranca dinheiro do pobre, proibe o trabalho e sai rico, todo de agajota e anel de brilhante. O pobre morre de fome!

Choviam as execuções criminosas, sem uma providência aleatória e salvadora. Seringais tornavam a florestas, sem atividade lucrativa, pois não encontravam novos exploradores; barracões desabavam, barracas emaranhavam-se nas trepadeiras; a capoeira dominava. Surgia o imprevisível: seringalistas, outrora prósperos, pediam um emprêgo aos mais abastados, ou ocupavam um pedaço alagadiço da ilha para defender a vida — derrubar a mata, plantar roçados...

Retraíram-se, em surpreendente humilhação, e assim morreram, em frente aos campos que haviam aberto e semeado, entregues à inércia, pelas execuções e carência de financiamento.

Navios batiam as hélices, revolvendo as águas. Moviam-se a bordo caixeiros-viajantes e tripulantes.

Alguns apitos curtos, e um parou, sob rodas. Nada se via que pudesse realmente ser visto. Apenas uma tôsca barraca, embrulhada entre embaubeiras, ao fim de um caminho cerrado.

— Vai descer aqui? Deixar mercadorias para o centro?

Indagava um passageiro, apressado de chegar a Santo Antônio.

— Questão de minutos. Apenas um cartão, a pedido de um comerciante de Manaus. Mora, naquela barraca, um camarada, que foi um dos maiores proprietários e desbravadores da região. Executaram-no, como a muitos outros, caiu na miséria, com a mulher e os filhos. A mais velha foi para o colégio. Deu p'ra mofar na sacristia. É a Joaninha Maluca. Enganada pelo namorado, que se amigou com outra, passa horas a rezar, repetindo cânticos religiosos, aprendidos com as freiras. Dizem que, à noite, se abraça aos travesseiros, depois da reza, e volta a pensar nas cenas passadas. Ôlho de bôto e ninho de cauré não deram resultados. Coisas da crise...

TERCEIRA PARTE

BEIRADÃO

U

Foram-se os comerciantes antigos, porém novas casas se abriram em Humaitá. Havia saída para as transações urgentes, independentes de Saul, que, sob desculpas de proteção e sacrifício, carregava nos preços e no pêso.

A buzina da igarité eclesiástica, diferente de tudo, ressoava na ressaca de baixo. Breve, chegava o padre Silveira, espantando pombos domésticos e patos. Resmungava contra o sol, os remadores e os latidos dos cachorros.

— Suba. Vai embora sòmente depois do almôço.

— Vim conversar com você, porque teremos de sair dentro de pouco tempo.

Abençoava os meninos, em vozeirão enrouquecido, sempre com alguma reprimenda — um, porque tomou banho no rio, outro, porque não estudou o catecismo, todos, porque eram vadios. Além de batizados, deviam ser crismados. Religião, para ser boa, deve ir até o fim. Olhou raivosamente para os cães.

— Nunca vi tanto cachorro. Você está virando índio?

— Bons amigos. Encovam pacas, porquinhos, botam cotia p'ra correr, tiram do buraco e, à noite, guardam a casa.

Padre Silveira ralhava da bôca p'ra fora. Estalou os dedos e um paqueiro pulou-lhe em cima da batina.

— P'ra fora. É mesmo prêto; dá-se o pé e quer a mão.

Fábrício anunciou o almôço; sentaram-se todos na velha mesa de muitos anos, usada por tradição. Padre Silveira, separando as costelas de tambaqui, no tucupi, foi logo ao objetivo da viagem.

— Precisa arranjar mesa maior; a família cresceu. Passa a pimenta malagueta...

— É a mesma do princípio da nossa vida. Quem sabe? Ficará sempre aqui e, um dia, talvez possa dormir nestas tábuas. Dormir para sempre, já se vê.

— Vamos ao caso. Deixe de coisas tristes. Vim despedir-me. Você recebeu uma carta do Segadais. Vim reforçar o apêlo. Está no Ceará, onde pretende acompanhar a educação do Moacir. Você foi o primeiro professor. Vim dizer que você também terá de partir. Vou para Manaus, a chamado do Bispo. O resto não sei. Sou soldado e tenho de obedecer. Você também vai obedecer. Não diga que não. Está sem nada, neste sítio que não dá nada. Como vai ser a educação dos meninos?

Referia-se à preocupação máxima do seringalista, que era educar os filhos e com as possibilidades reduzidas, dia a dia. Nem escola, nem lucros e os meninos crescendo. No Ceará, não. Empregado ou trabalhando na agricultura, sempre teria meios de mandá-los à escola. Sabia a desculpa: teria de comprar as passagens e necessidade de reservas para os primeiros anos. Passara a mocidade, descia para a idade avançada, sòzinho e pobre. Tratasse de vender as coisas e arrumar a bagagem.

— Não, padre. Obrigado pelo oferecimento. Vou ficando por aqui mesmo. Vim com outros sertanejos, em época bem dura, e aqui estamos, cada um em seu pequeno seringal. Não podemos nos separar na hora do apêrto. Seria desertar. Não me cabe êsse direito.

Padre Silveira deplorava e insistiu ainda. Iriam, então, para Manaus. Com suas relações junto ao Bispado, poderia arranjar um emprêgo. Ficaria na cidade, que tem escolas e recursos.

— Perderia a minha relativa independência. Há atraso de vencimentos e iria pedir, quando há milhares pela minha frente. Agradeço, mas não é possível. O senhor pode viver e servir em qualquer parte do mundo: será promovido a cônego, monsenhor, bispo e deve partir. É universal — e tôdas as portas se abrem, exatamente porque não vai pedir. Ou pedir para os outros, o que dá na mesma. Eu nada valho, porém sou necessário aqui, junto a esta gente desprotegida. São criaturas humildes, com uma rêde, e nada mais, além de terçados e enxadas. Dei-lhes plena liberdade, no início da crise, e não quiseram partir; retribuiria com ingratidão e abandono. Estive no nordeste, quando chumbado de beribéri, sorvi o aroma do sertão. Voltei para morrer aqui.

Fábio referia-se à viagem para Fortaleza, carregado em braços, com as pernas bambeando, como de um boneco de pano. Morou à beira-mar, na serra, no sertão, e recuperou as fôrças perdidas. Encontrou trabalho, assistência e carinho. A fascinação da terra virgem prendeu-o pela alma, o que é a mais perigosa fascinação.

Padre Silveira despediu-se. Vociferou contra os cachorros e os meninos. Esperava o navio da companhia, dentro de quinze dias.

Abraçou Fábio, chamando-o à parte para repetir o segrêdo de sempre. Falasse com uns camaradas, de acôrdo com uma lista que lhe entregava, pedindo que lhe cobrasse contas de batizados e casamentos de fregueses. Êstes foram debitados, mas o padre não recebeu o dinheiro. Lesavam o padre e a religião.

* * *

Padre Silveira e Segadais estavam cobertos de razão. Falhara quase tudo naquele seringal, que não permitia expansão de atividades. Era um reduto, sim, — simplesmente um reduto contra as crises e as enfermidades.

Iguais ao seu lugar, outros existiam, e os proprietários lá hibernavam, alguns com famílias numerosas. Teriam de permanecer à beira do rio, longe do mundo civilizado, com as notícias aumentando ou diminuindo, porém sempre velhas, uma vez por mês.

Os navios, fontes de informações, não tocavam para deixar qualquer jornal. Os caixeiros-viajantes, sempre noticiosos, não conversavam mais, nas passagens mensais.

Os companheiros nordestinos que o seguiram naquela aventura, expulsos pela sêca, também se isolaram. Não havia tempo para festas, reuniões, viagens. Trabalhar dia e noite, até que o vendaval passasse.

Outros, no nordeste, completaram os estudos e enveredaram por vários setores de cultura — advocacia, medicina, magistério, sacerdócio, distribuidos pelo país.

Êle, que fôra um dos decuriões premiados no colégio, vegetaria alí, como qualquer árvore, com o futuro oscilando nas oscilações dos preços. As crianças atingiram a idade escolar e freqüentavam a escola de sua mulher, que pacientemente as alfabetizava, ao lado dos demais filhos de seringueiros.

Rebelara-se o mais velho, quando se recusou a embarcar para o seminário. O coronel Bertoldo almoçava sempre no sítio, em suas viagens a remo, para "Rampa-Grande" e outros seringais. Continuava depois das 2 horas, sob toldos de palha, quando o sol cambava e as primeiras sombras de sumaumeiras, ingás e caxingubas se derramavam nas águas marginais. Bertoldo fôra portador de uma carta do advogado Miguel Tinoco, católico praticante, amigo de Fábio. Oferecia uma vaga num seminário do sul para o menino, sob condição de seguir a carreira eclesiástica. Lauro contava 8 anos, mas implicava com as teimosias e rebugices do padre Silveira, sempre ralhando pelas mesmas coisas e prometendo o diabo e o inferno. Devido a êsses ralhos, via almas nas matas e no escuro. Quando regressava à noite, fechava os olhos, tirava rumo e corria de olhos semi-cerrados, entre seringueiras mal-assombradas, entre morcegos e jaquiranabóias. Deixar o seu pica-pau, o seu anzol no igarapé, os seus açaizeiros e arapucas, e ir para o seminário! Acostumado a baladeiras, tiros, pescarias, vida ao ar livre, pensava, com terror, no internato e nos professôres. Tal afoiteza causou escândalo num curumim de oito anos que nunca saira do interior e ouvia as ladainhas de joelho, tomando a bênção aos mais velhos. Tinha aversão também ao caboclinho sacristão, que acompanhava padre Silveira pelos seringais e dormia debaixo da rêde, na esteira, provocando chacotas entre os beiradeiros.

Bertoldo fixou-lhe os olhos azuis, quando o vira entrar, seguido de Nuno, índio peralta da sua idade. Disse-lhe que teria de ouvir os mais velhos e seguir a carreira eclesiástica, que levava ao céu. Era uma oportunidade feliz para sua educação — ser sacerdote, honrar a família. Substituiria, mais tarde, o vigário atual. Quem sabe? Padre Silveira seria promovido, olharia pela região e seus filhos. Bertoldo oferecer-lhe-ia roupas e passagens.

Lauro respondeu que não queria afastar-se dos pais e do lugar, nem estudar, nem andar em canoa de tolda, nem ser padre.

Preferia ficar aí mesmo, pescando e andando no mato. Iria cortar seringa ou para o Machado.

— Você não pensa ainda, finalmente. Trate de obedecer. Terá de embarcar e estudar, ou ficará a vaga para outro menino, mais aplicado e dócil. Vai ser em-

pregado ou assalariado. Isso é que você quer. O melhor é deixar de luxo e ir para o seminário. Finalmente, você é um menino.

Fábio não gostou, mas discordou de Bertoldo. Pensou nos primórdios de sua própria vida, no seminário do Crato. O sacerdócio era uma vocação, difícil em brenhas e malocas. O menino crescera num ambiente bravio, vivia entre índios, via fugidos que passavam do Alto, ouvia histórias de onças e cobras-grandes, cenas típicas entre seringueiros e Parintintins, na conquista de terras para a borracha e a castanha. O ambiente influira nas gêneses daquêle temperamento e, sem o início vocacional, não seria sacerdote virtuoso. Vocação em idade avançada, depois de aventuras e piratarias, só para os eleitos e os santos. Padres saem da sociedade em evolução, como flores raras ou bichos raciados. São filtrados em caldos de cultura e não em matarias e igapós. Que importa a reza diária, se, pouco depois, vai frechar peixe e brincar com as cunhãs nuas? O seringal precisa de gente que trabalhe. O menino poderia esperar: era um maracajá vestido e devia ficar ali mesmo, até que se encontrasse um colégio para carreira livre.

O seminário de Manaus preparava poucos padres amazonenses, apesar de todos os esforços. Raros chegaram ao fim. A carreira exigia sacrifício, misticismo: a natureza virgem, molhada de lendas bárbaras, perturbava rumos sacerdotais. Ninguém poderia forçar vocação, onde ela não existe. Deixassem o menino com as suas baladeiras e os seus anzóis. Resolver-se-ia mais tarde, a situação. Perante Deus é melhor ser bom seringueiro do que mau padre.

O coronel Bertoldo não concordou com aquelas idéias de dar razão a um fedelho rebelde, mas respeitou-as. Fêz o que era possível, — outro preencheria a vaga, beneficiando o lugar.

* * *

As dificuldades cresciam. Fábio tinha horror a dívidas, porque não amealhava, nas próprias rendas, base para o pagamento pontual. Via bem o que acontecera ao coronel Moreira: sabia como solucionar os seus problemas e não podia solucioná-los. Era êsse, talvez, o seu maior desespêro: sossobrou em navio resistente, porque lhe faltava combustível para chegar à margem oposta.

Não era por inanição, mas pela negativa de todos os meios financeiros. Sem produtos que pudessem cobrir a despesa, viria a penúria.

A miséria estendeu-se pelo beiradão; seringueiros e agricultores não podiam cobrir o corpo. Calças e blusas caíam aos pedaços, remendadas de tal forma, que não se conhecia a fazenda original. Mulheres mal se vestiam em farrapos, durante os serviços caseiros e na roça; possuiam apenas um vestido pobre para receber as visitas. Meninos viviam nus ou de tangas. Aproveitavam-se sacos de trigo e café.

Os potes e bilhas eram moldados no barro local; lamparinas soldavam-se em latas usadas; a banha de bôto e pirarucu substituia o querozene. Recebiam, nas embarcações, a trôco de galinhas e porcos, latas vazias de leite, banha, que serviam para copos, bules e tijelinhas.

Aboliram-se pregos, utensílios de ferro, cordas, breu para calafetação: cipós fortes, tiras de envira foram utilizados nas esticadeiras para espinheis. Sôrva calafetava as canoas com estôpa de castanheira. Ferro velho, encandido no fogo, produzia arpões, pequenas facas. Carapaças de pitiu, de jaboti, de tartarugas, alguidares de madeiras, engenhocas de itaúba auxiliavam os trabalhadores, ao império da necessidade. Rapadura e garapa adoçavam, fôlhas de abacate e de café eram para o chá matinal das crianças.

Não se pagavam as dívidas antigas. Os patrões negociavam à vista. No comêço da safra, em maio, havia o adiantamento de um mês, que deveria ser pago até agôsto. O inverno, de janeiro a abril, reduzia-se ao produto mínimo da caça e da pesca. Dormia-se na escuridão, economizando óleo de peixe e o querozene. Remédios, sòmente do mato ou mágicas de rezadores, inclusive chá de porcaria de cachorro para sarampo.

— Remédio de botica não serve p'ra baço. É só botar o pé no tronco do jenipapo, na altura que puder. Corte a casca, igualzinha à medida do pé. Pendure no fumeiro da cozinha. A casca vai engelhando e o baço também.

— Cure dentadas com cheiro de cupim! Quando cachorro morde, a gente dá uma porrada no diacho, tira pêlo. Mistura com sangue do mordido e põe no cupim. Fica logo bom.

Nos grandes barracões, pelas responsabilidades dos capitais, a situação era mais dura. Manteiga, azeite, temperos haviam sido abolidos da alimentação, por economia.

O patrão, perdido o confôrto anterior, sofria mais do que um seringueiro pobre, acostumado ao frio e a roupas rudimentares.

* * *

Naquela noite de animação, quando o forró declinava pela madrugada, Ana invadia o terreiro aos gritos, atropelando os pares, que ainda giravam.

— Fabrício jogou-se n'água atrás dos bôtos. Acudam!

— Não há causo p'ra estrupiço. Quem é doido de ir também? Nada de muié com doença de mês na ribanceira. Já se jogou mais de uma vez e, quando boiava, dizia que dançava com muié bonita no barracão do fundo.

Correram os homens à margem. Aventou-se que algum curado de bôto fôsse em procura de Fabrício.

— A mode que estava bêbo. Está meio véio. Pode se afogá.

— Que afogá, quá nada. Vamo só botá sentido e vigiá o home. Pode ser que bóie já seu feitiço. É mió chamá Prêto Romão.

Prêto Romão, alto e desdentado, marchando para noventa anos, falava com saudades da escravidão no Pará. Peia raramente, quando negro fugia e não prestava. No mais, fartura, danças, batuque todos os sábados. Viu o Treze de Maio, e ainda se considerava meio novo; teve de sair com o resto dos escravos e se espalhou por êsse mundão de Deus Nosso Senhor. Explicava muita feitiçaria, conversando com os pretos assassinados em tronco de branco. Fungava, cantava baixinho, estalando os dedos e soprando tabaco p'ro ar. Deixassem Fabrício: iria p'ro barranco alumiar caminho p'ros tucuxis. Êles viriam deixar o homem na beira, direitinho como foi. Iria conversar com os bôtos, embora êstes ficassem furiosos com a interferência.

Num forró, em "Primavera", foi assim. Quem tiver moça na barraca, trate de guardar. Em dia sem vento, os bôtos boiavam e as moças foram p'ra jangada. Era no inverno, e os tucuxis bufavam até debaixo das ingazeiras. Sairam de lá, mas uma ficou, de danada, e se perdeu. Não tinha p'ra onde ir. Ninguém queria hospedar cunhã com filho de bôto.

— É diferente das outras. Fica com bucho de capivara e dá p'ra cuspir sem comê... Varreram p'ra fora do lugar. Foi o diabo: jangada arrancada, canoa no fundo, alagação, peixe que rebentava o espinhel. Não se

pescava p'ra bóia. Mandaram chamar Fabrício e Prêto Romão. A coisa estava perigosa. As outras cunhãs queriam correr p'ra beira do rio. Prêto Romão rezou, fumou taquari em cima das águas. Fabrício, ti-bum!, sumiu-se p'ro fundo. Ficaram sete dias no lugar. Fabrício sempre no rio, Romão sempre rezando.

— Tucuxi manda dizer p'ro senhor receber sua filha. Essa e outra que o bôto escolher. Senão, não pega peixe, não vê caça, canoa vai p'ro fundo, cabocla véia dá p'ra safada com os compadres. Manuel Sérgio aborreceu-se, mas teve de ceder. A vida antes de tudo. A calma voltou, uma outra cunhã engordou, também frechada de bôto. O povo desconfiava que era mandinga de Fabrício. Tinha mêdo de falar. Pedia paz. Devia-se ter cuidado com os curumins: nadadores dentro da barriga da mãe, logo que engatinhassem, corriam p'ra beira.

A mesma inquietação noutra festa, arranjando dor de cabeça em Ana. Deu trabalho a Prêto Romão: veiu com as calças molhadas, cambaleando. A festa perdera o entusiasmo. Já amanhecia. Os raros convivas tonteavam, ao pêso do sono ou da cachaça. Dormiam outros nos bancos e até no chão, bôca aberta, cabelos despenteados. Silêncio quando chegou Romãozinho, também meio triscado.

— Prêto não gosta de rezá p'ra bicho do mato contra bicho do fundo. Aqui está cheio de bicho do mato. Prêto acaba perdendo a fôrça e se afogando p'ru causo dos outros. Meu Sinhô Raimundinho vai recebê meu saldo. Meu Sinhô Antônio também. Precisam estudá... que no mato...

— Deixa de ser mole. Toma uma talagada de branquinha.

Romão tinha garrafa própria. Olhava-a contra o sol, calculando o trago, e ingeria dois e três dedos, pezaroso com a diminuição.

— Vocemecê acredite! É só de que tenho pena. Hum! Hum!

Blasfemava. Respeitavam-no, porque era prêto velho e tinha mandinga p'ra capar e p'ra mulher esquecer ou prender homem arredio.

— Vou benzê o barranco p'ra nunca mais haver mal. Traga café usado p'ra curar terra-caída. Mulhé com doença de mês se arretire, p'ra não assanhá os bôtos.

Retiravam-se as cunhãs e mulheres novas, cabeça baixa, entre a curiosidade dos rapazes.

— Prêto safado. Queria sabê as que estão assim. Dá vontade de respondê uma praga. Com doença de mês está êle. Tem hemorroide de tanto bebê, remá com sol quente e comê pimenta.

— Deixa de mordição. Os bôtos ficam mesmo doidos. Sentem logo o piché.

Romãozinho fungava e estirava os braços para o rio, dando passes num e noutro sentido. Acenava aos bôtos que boiavam...

— Como êles tá bufando. Fabrício já vai boiá. Hum! Hum!

"Bôto, vai variá,
vai pegá cunhã noutro lugá!
Vai variá!
Eh! bôto tucuxi,
vai variá!"

Cantava, em voz soturna, rondando a barraca. Pairava absoluto silêncio. Nenhuma palavra. Todos olhavam a banzeirada: até peixe não sossegava. Caboclas se arrepiavam. Estavam com frio e tonteiras, vontade de eguar com os homens ali mesmo. Até velha Maroca, que não dançava mais, saiu saracoteando...

Fôrça de reza e de tucuxi é assim mesmo.

"— Chê Mamãe! Ó chê Mamãe!
Quache, quache, Navari,
Ó chê Mamãe!
Meu terreiro é dentro dágua!
Meu terreiro é dentro dágua!

Quache, quache, Navari,
Ó chê Mamãe!
Meu terreiro é dentro dágua,
viva o bôto tucuxi!"

Repetia a cantilena, baixando e alteando a voz. Romãozinho sacudia-se, corria pelo aceiro, no meio de espinhos, de olhos fechados.

"— Chê Mamãe, é chê Mamãe!
Quache, quache, Navari,
Ó chê mamãe!
Meu terreiro está no mato,
Meu terreiro está no mato!"

De repente, abriram-se as águas, entre as canaranas, e Fabrício reaparecia. Os seringueiros ficaram espantados com a feitiçaria do prêto e do caboclo.

— Viva Romãozinho! Viva Fabrício! Leva os bichos do fundo do mato! Nem padre tem fôrça assim.

Romãozinho entristeceu. Não gostava de invocar bichos do mato e do fundo no mesmo lugar e na mesma ocasião. Fabrício deitara na paxiúba e agitava as pernas, como nenê com fome. Estava ainda nos efeitos do mergulho.

— P'ra lá êsse negócio. Comadre me deixe que, depois do mergulho, deixa de sê home, dois e três meses. As bôtas chupam até o tutano — e deixam o sujeito bambo.

Se essa mania desse nos rapazes, estariam mal. Não chegavam, em certos lugares para as de terra, quanto mais para as da água. Há remédio; quando o camarada começa a bufar, jogando os braços e rolando no chão, amarra-se e põe-se alho nas cordas e no nariz. O feitiço acaba. Quando é muito velho, deu tudo e não serve p'ra nada, as bôtas os empurram na praia. Mesmo que mulheres fogosas.

— Que mais faltava! Arranjar gordura e ficar forte p'ra gastar com bôta!

Romãozinho sentou-se no chão e deu p'ra choramingar. Não queria jantar nem beber. Parecia jacaré velho de lago.

Foi procurar Fábio no barracão. Contou-lhe histórias de encantação e doideiras de mulherio. Era melhor não ir a festas tão cêdo, nem também o Fabrício. Romãozinho não estava mais disposto a chamar bicho do fundo, enquanto o pessoal sassaricasse. Antigamente, não havia êsses encantamentos. Hoje, é bôto e feitiço p'ra todo lado.

— Vou morrê, meu Sinhô. Não tenho amigos, nem aderentes. Há um saldo no barracão; se morrê, dê pr'o meu sinhô Raimundinho.

Não dormia às últimas noites.

> "Chê Mamãe,
> ó chê Mamãe!
> Quache, quache Navari
> ó chê Mamãe!"

Algumas semanas depois, ouviram um grito agudo dentro da noite; os seringueiros observaram demoradamente. Não era voz de gente. Bandos de bôtos pulavam ao luar. A canoa foi encontrada mais tarde por um rega-

tão. Era de Romãozinho. Morrera afogado. Costumava viajar e visitar os tabaquistas vizinhos.

Contava histórias de escravos, elogiava as senzalas de outros tempos e até as chicotadas do feitor nos malandros.

Fabrício era meio feiticeiro. Fazia viagens à noite, desaparecia entre temporais e nada lhe acontecia.

Mergulhava nos igapós, metia as mãos nos solapos e era respeitado pelas sucurijus e pelos jacarés. Tinha mêdo de cobras, mas não mudava de caminho. Metia-se nas águas barrentas; respeitava, entretanto, os lagos escuros, em certos meses de piranhas negras. Contava o que sucedeu ao Mané Trouxa e ao Voz-de-mulher.

Achavam-se numa canoa, atrás de capivaras, que roiam os milharais. Os cachorros ladravam e elas caiam na água lodosa.

Rema aqui, rema acolá, viram duas que nadavam, longe do bando. Arpoaram, cacetaram, mas as capivaras foram pr'o fundo, entre as fôlhas podres. Resolveram cair n'água, despindo as calças p'ra não molhar. Ninguém cai no lago sem calças e muito menos atrás de caça que deita sangue. É melhor especar uma vara com anzol na ponta.

— Vocemecê está ficando jaboti velho e perdendo a coragem. Não sou carumbé. Vamos sem carça, mesmo p'ra não ensopar. Vamos ver as cunhãs na volta e esperar café, enquanto se tira o couro das bichas. Onde vai capivara, caçador também vai.

Arrumaram a roupa no banco da pôpa e mergulharam, no lugar das capivaras. Daqui a pouco, boiavam com as duas, porém gritando. Deixaram de ser machos. As piranhas negras comeram de um só bocado. Foram p'ra Humaitá, ficaram bons, mas são homens sem valor. Segrêdo no comêço, depois se espalhou tudo. Podiam dormir com as moças novas nas rêdes.

— Olhe que homem é sempre homem...

— Concordo, quando no meio, como serviço mal feito em capado que anda se esfregando na lama. Mané Trouxa e Voz-de-mulher perderam tudo. A piranha abocou de uma vez. Os dentes até pareciam a quicé do João Costa.

João Costa era contratado para castrar touros e barrascos. Especializou-se, entretanto, nos porcos. Era uma cena bárbara. Amolava a quicé capadeira, até que ficava como fio de navalha. O barrasco, já crescido, era agarrado por três roceiros, que lhes peiavam as pernas.

Grunhia raivosamente, enquanto a cachorrada latia em redor.

— Que bichinhos duros! Bem disse que é melhor quando o porco é novo. Traz sal, cinza para encurtamento e óleo de andiroba contra môsca e bicheira.

Apertava os sacos, dava golpes certeiros e os espremia, jogando-os aos cachorros p'ra ficarem bons de caça.

O novo capado se arrastava manquejando; ia deitar-se perto, entre touceiras de bananas. Findo o ato, João Costa lavava as mãos, aguardando outros chamados, porque tinha fama de capador, até pelo olhar.

— Vejam como está manso. As porcas se aproximam e se afastam do pobre. Até nos porcos é assim. Também êle fede a carniça de muitos dias.

V

Cartas do padre Silveira e de Segadais chegaram, descrevendo a situação lá de fora, — inverno e fartura no nordeste, melhor do que em Manaus e Belém. Relatavam a sorte dos companheiros de seminário. Os cabelos começavam a embranquecer e era tempo de mudança para outros cantos. Vira bem a carreira de alguns colegas. Raul Tavares formara-se e, depois de clinicar no Acre, voltara ao Ceará, em vitoriosas escalas da política; José Nogueira advogava no Pará, ganhando dinheiro: Luís Cavalcanti era fazendeiro em Macapá; o José de Holanda, oficial do Exército.

Que fazia ali? A borracha não se levantaria mais, com o desenvolvimento no Oriente.

Era um convite tentador. Agravando os pensamentos, resultantes daquela carta, os companheiros, que vieram dos sertões, passavam privações em seus pequenos seringais, inclusive febre. Não poderiam sair de suas propriedades, que, por sinal, tinham nomes claros — "Boa Esperança", "Pôrto-Alegre".

Meditou e, mais uma vez, rendeu-se aos companheiros de lealdade ao panteísmo e à irmã solitária, prêsa à máquina "Singer", costurando para seringueiros, ou dirigindo serviços domésticos e rurais. Era também oleira; o barro tomava forma de alguidares, moringas, pratos, tingidos de cumatê; cozinhava, alfabetizava crianças; seu filhos sentavam-se ao lado de filhos de índios e seringueiros, em escola à sombra das fruteiras, no verão. Valia por uma pequena oficina a casa, em que ela era a fôrça moral, atendendo a todos com inflexíxel desprendimento, mesmo nos surtos de varíola, resfriamentos fortes e paludismo.

Não tinha direito de continuar a aceitar sacrifícios de quem tudo entregava e nada pedia. Outras mulheres

de seringueiros também trabalhavam, mas não tiveram a origem religiosa daquela irmã leiga. Há diferença entre o trabalho por obrigação e o trabalho por vocação.

Robinson, prisioneiro do isolamento, improvisou relativo confôrto à sua barraca, na ilha do Pacífico. Dali não podia sair e teria de encontrar a vida entre as rondas da morte. No seringal, não; o caminho estava aberto, movia-se para baixo e havia criaturas a sustentar e a educar.

Teria de ouvi-la, mais uma vez, até por imposições de consciência. Falou-lhe largamente das perspectivas da cidade, onde havia confôrto; liquidariam tudo e partiriam. Tudo eram as casas, o jardim, as fruteiras, o gado, o pedaço de rio cantando emboladas, a floresta sem fim.

Fazer o que na cidade? Êle já lhe dissera que embora laicamente, tinha um sacerdócio — servir, servir sempre. Não interessava a riqueza, nem sabia juntar dinheiro. Faraco Luís chegara com as mãos abanando, quase analfabeto, e tinha seringal e muitas estradas, castanhal, lancha; nascera para enricar. Outros, em iguais condições, também prosperavam. Era o seu destino, e bem o mereciam, porque pertenciam também a Deus.

Fábio não nascera para entesourar. Aprendera que os tesouros da terra desaparecem ou ficam na terra, e crituras diferentes os utilizarão. As conquistas da alma encaminham para o alto, afastando as ambições utilitárias. Advogado provisionado, movimentara inventários, que demonstravam as iras do egoísmo contra os sentimentos mais nobres. Irmãos brigavam, acusavam e caluniavam os pais, acionavam a própria genitora, — tudo isto por uma nesga de terra, uma ponta de castanha, um batelão no rio. Tôda aquela fraternidade, desenvolvida sob olhares paternos por muitos anos, desaparecia à menor desconfiança de ordem monetária. Filhos abandonavam mães e irmãs nas aperturas da velhice, deixando-as sem carinho e pecúnia, ou tentando apagar os protestos da consciência com uma esmola. Uma esmola, que não pagava as noites mal dormidas, os cuidados e a educação. Não. Continuariam os dois no mesmo ramo de vida. Onde um estivesse, estaria o outro. Se êle fôsse sacerdote, não teria o direito de pedir confôrto e leito melhor que o do seminário; se ela fôsse irmã-enfermeira, estaria em hospital, até em sanatório de enfermidades contagiosas. Ora, aquêle trecho era uma bênção do céu — ventos cortantes, águas torrentosas, floresta que dava leite, frutos e per-

fume. Que importância tem o desconfôrto, o isolamento, quando viceja a flama da vida interior?

— Quer saber da verdade? Os meninos nasceram neste barracão de palha. Não é casa de telhado nem rua calçada que dão felicidade. Vamos ficar aqui mesmo, no que é nosso e foi plantado por nossas mãos.

Fábio esperava essa resposta. Teriam de ficar. A posse dos seringais, como um prêmio da crise, entrava numa fase de compreensão ante as criaturas e de amor à terra. Fôra-se a fase da aventura, do desbravamento a tiros e violências.

Padre Silveira, Segadais e outros seguissem as suas estradas floridas. Fábio resistiria no Madeira para sempre, escolhendo, ali mesmo, à beira do campo, o repouso final de árvore humana. E resistiria firmemente sob uma nova iluminação, — luz de farol para guiar canoas com rumo perdido dentro de madrugadas sem estrêlas, naquela afirmativa de servir sem lucros e sem pensar em riquezas.

* * *

Pedaço duro era gerenciar um seringal-fazenda, sem financiamento, sem amparo do poder público, que se manifestava ùnicamente pela cobrança de impostos. Só havia um modo de enfrentar a crise no interior — abster-se de compras, de quase tudo, restringindo-se a fazendas, fósforos e sal. A natureza teria de oferecer o restante.

Alguns experimentaram arrendar estradas e terras para agricultura, mas o método não compensava. Os arrendatários atrasavam-se, ou não pagavam. O proprietário lhes aparecia na barraca.

— Vim cobrar a renda do ano. Aumentei cem mil réis.

— É o mesmo pedaço, que tem benfeitorias para vocemecê mais tarde.

— Sei, porém sua família cresceu. Come mais peixe e caça. O lugar fica pobre.

O plano estendeu-se aos pequenos seringalistas vizinhos, mas para o consumo interno. Pouco se vendia do que se arrancava da terra, ou a preços vis. Na vila, a superintendência tinha, por símbolos, teias de aranha nos cofres vazios e um urubu no mastro da bandeira; inventava-se, às vêzes, qualquer tributação numa lancha que passava, e era um refrigério de poucos dias.

Canoadas de laranjas, bananas, tambaquis não tinham cotação; pouco se vendia. Dava-se o restante para os pobres, o que era melhor, a fim de evitar a fatigante viagem de regresso, com a embarcação pesada, ao sol causticante.

O plano surtiu efeito nos anos seguintes; não havia confôrto, mas não havia fome. Seringueiros de outras procedências vinham pedir agasalho, ou um pedaço de terra para uma barraca no seringal, que não cobrava rendas de ninguém. Ricas propriedades, em muitos lugares, caíam em abandono.

Fábio impediu o empobrecimento pela proibição de cacuris, de armadilhas, batições, derrubadas de árvores frutíferas, açaìzeiros. Impediu o saque, comum ao primeiro desbravamento, quando os exploradores, cegos à alma da terra, destruiam e exterminavam as espécies, espalhando a fome e a miséria.

Certos patrões não fiscalizavam as demais reservas, limitando-se às seringueiras. Faziam tomadas de contas, como um favor.

— O homem é que manda. Não seio ler.

Consideravam alto favor um apêrto de mão, um cromo no comêço do ano, um almanaque de drogarias ou armazéns. O essencial era arrumar o máximo, esvair os lagos e boiadouros e carrear os saldos, nas épocas boas, para o estrangeiro ou o sul do país.

Lembravam o egoísmo de Valério Liras, exportador de toneladas de borracha e centenas de hectolitros de castanha, sem uma escola, uma assistência médica, sem educar um filho de seringueiro. Viagens, luxo, larguezas, mesa com vinhos, e nada para os pobres. Sòmente sol, frio, nudez, barraca escura. Lendo pouco, tivera coragem, faro canino para negócios e pouco ligava à defesa da terra. Não incentivava roçados, agricultura, porque lhe prejudicavam os lucros nas compras de farinha do Pará. Dava-lhe o dinheiro influência política, e as autoridades locais se curvavam aos seus arrotos de mandão.

A situação havia de passar; dias futuros, métodos novos de comércio poriam côbro a tamanhas irresponsabilidades, a planos de exploração, em que o homem invejava a liberdade dos Parintintins. Ou mais: tinham êstes a desenvoltura da vida primitiva, sem aperreios nas malocas e nos hábitos.

Fábio implantara a obrigatoriedade da escola rústica aos filhos de seringueiros, e auferia percentagens

mínimas nas mercadorias. Verberava latifundiários que se apossavam de rios inteiros, no Brasil e na Bolívia, e lhes proibiam o acesso aos trabalhadores, cobrando-lhes juros sôbre qualquer lucro auferido.

O bom latifundiário era, entretanto, uma necessidade econômica: mais tarde, as terras se dividiriam com a exploração e a colonização: no período inicial, não poderiam vegetar ao abandono, prejudicando a causa pública e a causa particular.

* * *

Já discutira o problema com o padre Silveira, que, apesar do conservadorismo eclesiástico, era contrário às concessões latifundiárias. Citava cânones da igreja e sussurava, bem baixinho, que a terra pertencia a tôdas as criaturas como um presente de Deus. Ora, os primeiros latifundiários nada respeitavam. Enfurnavam-se em seus seringais; ditavam leis e preços; o suor dos homens e dos seringueiros lavava tudo.

— Não mandam celebrar uma missa, fazer um batizado, erguer uma capela. É só o venha-a-nós.

— Não é tanto assim, padre. Há os bons, que desbravaram o Machado, o rio Prêto, o Jamari. Têm direito a agradecimentos pelas surras de febre, revoltas de brabos e frechadas de índios: lucram o que semearam.

— Quer dizer que você estabelece diferenças entre êles?

— Sim, como em todos os períodos de conquista. Bons e maus latifundiários, bons e maus pioneiros e seringueiros. Os pioneiros das selvas, vamos dizer assim, impunham a sua vontade com um 44 à ilharga. Se fraquejassem, estariam mortos. Rezavam a Deus e levavam o demônio por dentro. Sorriam uns para os outros, pensando que tinham uma quicé à ilharga. Também se arrojavam às cachoeiras para salvar um trabalhador, expondo a própria vida.

— Haja vista o Arsênico...

— Foi uma exceção, mas acabou assassinado. Queria ganhar tudo e não dar nada. Divertia-se, praticando o mal. Certa vez, abusando da piedade dos pobres, arremessou um santo de madeira às águas da cachoeira.

— Aposta entre seringueiros de saldo! Passagem para Fortaleza a quem pegar o santo! Arrojaram-se uns seis à cachoeira, talvez mais por valentia, e se despedaçaram. O santo desapareceu e, atrás, seis homens com

saldo. Arsênico ganhou mais de quarenta contos, em poucos minutos, e saiu às risadas. Era uma exceção diabólica. Há ou não há diferença entre os dois grupos?

— Diferença sentimental. São iguais, quanto à avidez e aos processos. Triste de quem se revolta! Veja o que aconteceu ao velho Labareda. Superintendente, resolveu distribuir terras por agricultores. Virou a roda politiqueira. Remexeram, inventaram inquéritos e não havia meio de pegar o homem, fortalecido na opinão pública. O assunto era divertido. O velho Labareda implantou prêmios e facilidades em seu seringal. Quando veio à sede, foi atacado como anarquista e ateu. Condenavam-lhe as medidas e as coisas voltaram ao princípio. A terra nova não suporta reformas de uma hora para outra.

Infenso à politicagem, Fábio chegara à conclusão de que todos precisavam unir-se para viver. A vitória dos incapazes dependia do indiferentismo da maioria à causa pública. O comércio devia saber que paga impostos e, em retribuição, recebe perseguições de delegados arbitrários, industriados para êsse fim.

Notícias desagradáveis chegavam de outros municípios: o eleitorado não queria receber candidato a pancadas. Já houvera bala.

O doutor Bené tinha um processo especial para vencer no pleito: acusava os adversários, insultava-os até na vida privada, sob promessas irrealizáveis que nunca poderia cumprir. No interior, prometia lotes de terras, canoas, motores, escola; na cidade, calçamento, rodovias, fábricas, maquinarias. Elogiava-se, esmurrando o peito. Iludiu o pessoal e venceu.

Pouco realizou, porque não podia realizar. Na segunda competição, veio mais feroz, ameaçando espingardeamento e prisões. Iriam para a cadeia. Continuava a prometer. Não cumpriu, porque o tempo foi curto. Precisava dez anos, pondo os adversários no rio.

— Bandidos! Levantem as mãos os que me acompanham! Você não levantou, seu traidor!

— Nem no Machado, no tempo do Arsênico e Ananias. Penso diferente.

— Padre Silveira pegou o cebolão de ouro, em corrente de ouro português:

— Cinco e meia. Entremos.

Começava a ventar, vento de baixo, arrufando o rio em pequeninas ondas. As primeiras enxurradas tinham varado as matas, carregando jejus e traíras. Poraquês

desovavam, dando choques nos açaìzeiros, para comer-lhes os bagos dos cachos maduros: murmúrios, evadidos das fôlhas podres, mal-assombravam os bamburrais.

Tucanos cantavam nos aceiros, chamando chuvas, mas as borboletas com as asas multicolores nos campos, pediam verão. A chuva caiu, despencou-se em fios e rufou nas palhas dos barracões e das barracas.

* * *

Certos seringueiros possuíam um familhão — oito, dez filhos. O pequeno seringal, mesmo com a agricultura, não dava para cobrir as despesas maiores.

Lauro teria de estudar e foi entregue aos cuidados de uma tia, que partiria para Manaus, em prosseguimento ao ensino primário, colhido no seringal. Ia de uma barraca, em que funcionavam as aulas, para um colégio verdadeiro, olhos esgazeados, como quem fôsse mandado para o destêrro. Fábio não ignorava as incertezas sentimentais que atacam os filhos educados longe de casa, porém Lauro caminhava para um segundo lar, moldado em superioridade cristã: regressaria com algumas tinturas de ensino ou se encaminharia para outra vida melhor.

Fábio bebera uma lição no seringal "Lisboa", onde fôra convidado para acalmar exaltações familiares.

Fernando Silva torrou farinha pelas madrugadas chuvosas, jejuou em safras, economizou para educar duas filhas, enviadas crianças para a escola. Rareavam as cartas, e lá iam ficando as meninas. Cresceram, casaram-se e não voltaram mais. Morrendo Fernando, dona Luìsinha, a viúva, ficou só, naquele isolamento, já envelhecida. Estudara em Portugal, mas parecia uma cabocla do interior, igualzinha às que labutam nas roças ou batem roupas nas jangadas de cedros, com a saia a tiracolo. Com a ausência das filhas, achegou-se a dois seringueiros mais próximos. Quando as filhas lhe fizeram uma visita, anos depois, notaram-lhe indiferença. Onde estava a voz do sangue? Era bem secundária em dona Luìsinha. As filhas, — elas reconheceram êsse direito —, eram os estranhos, os que lhes prestavam cuidados dia a dia, enquanto as outras, por circunstâncias da vida, estavam longe. Não podiam contrariar dona Luìsinha. Eram hóspedes, em sua própria casa. Estavam a mais, estavam no pedaço menor do coração materno. Sairam crianças, nunca mais voltaram. Que poderiam exigir? Sob as fôrças do

sentimento, dona Luìsinha entregou-se à influência da família de dois seringueiros. Lutaram para que dali saisse, pelo menos para uma viagem, mas foi inútil.

Queriam levá-la. Negou-se, adoeceu. Fernando ali trabalhou, lutou e morreu; ela ficaria no seringal, entregue à solidão e à companhia dos seringueiros. Foram as senhoras para a cidade, desoladas com o que viram. Já não se tratava de zêlo filial, de amor maternal, semi-perdido com tamanha ausência e com as agravantes do ambiente. Dona Luìsinha transformara-se em operária, dentro de sua propriedade, servindo aos dois afilhados. Exploravam estradas, lenha, gado, compravam e vendiam à vontade. Era um caso de expropriação e quase escravização. E nenhuma providência mais forte se poderia tomar, em respeito à sua sensibilidade. Não havia culpados. Ela não saía dali, nem elas poderiam viver ali, porque as suas vidas se desenrolaram em centros diversos. Auxílios e mensalidades eram empregados de acôrdo com os patrões improvisados, que achavam aquilo natural e justo. Eram os apuis humanos, envolvendo e sugando os entes que lhes estavam ao alcance.

Acontecimento grave, com ares de drama, foi o de "La-Paz", seringal do cavalheiro Venâncio Martinez, condecorado pelo govêrno do seu país. Trabalhava para educar os filhos no estrangeiro: tiveram de regressar, falando espanhol e inglês, com o diploma de guarda-livros. Martinez enviuvara e casara pela terceira vez e, desta feita, a mulher era mais nova uns 50 anos. As filhas calaram a oposição, mais pela divisão da fortuna do que por outros motivos ponderáveis. Cinco anos após, volvia da Inglaterra um filho de 20 anos, que se aperfeiçoara em contabilidade. Impressionou-se pela madrasta, naqueles êrmos sem mulheres raciadas, e se tornou seu amante, enganando o genitor, que teve ciência da traição. Chamou o filho ao escritório, deu-lhe uns pescoções. Moço e forte, lutador esportivo, aplicou uns murros no pai, quase o estrangulou, e pulou a janela. Deportado do seringal, prosseguiu numa vida desenfreada, enquanto Venâncio Martinez adoecia para morrer. As afeições mais puras cedem à barbárie da natureza e dominam a fúria dos instintos.

* * *

Fábio observava num resto de tarde, cenas de fazenda, em que os bichos refletiam alternativas huma-

nas. Olhou os três touros da manada, um de São Sebastião, esbranquiçado, e outros vermelhos, mais novos. Os dois últimos mugiam, escavando o chão, à distância. Enrolavam as chifralhadas em goiabeiras, torcendo-lhes e arrancando-lhes os galhos. Depois, caminhavam um para o outro, enquanto vacas, novilhas e bezerros se agrupavam, olhando a luta. Os machos batiam cabeças e chifres, urrando raivosamente. Enquanto brigavam, o touro de São Sebastião, separado para as festas de janeiro, fecundava tranqüilamente uma novilha gorda... O tempo dos touros também é curto, ameaçado por onças, castrações, abates, e o reprodutor o aproveitava com sabedoria.

Outra cena era relativa a um galo velho, que perdera o esporão. Tratado a creolina, recuperou a fôrça agressiva, surrava os mais novos e, quando muito, tolerava que pegassem as galinhas poedeiras, já gastas e enjoadas no chôco. Senhor do terreiro, pulando mesmo em cima dos meninos que passavam perto, tomava conta das frangas, numa terrível inversão biológica do predomínio das idades.

Mas o caso mais impressionante era o de um patarrão gordo, que desaparecera do quintal. Era de vê-lo triunfante, cambaleando no andar, em passos lentos pelo terreiro.

— Onde está o patarrão?

— Matamos na semana passada. Já passou pr'o tucupi...

— Logo o patarrão!

— Que fazer? Era bêsta e bom demais. Imagine que, quando a pata chocava no caixão, êle arranjava uns ovos e também os chocava, sentado no chão. Estava ficando mole e morreu na faca!

* * *

Igarité tripulada por uma família inteira, casal de velhos e dois remadores, — encostou ao banheiro, pedindo agasalho. Vinham do Alto-Machado, sem alimentação, famintos e enfermos.

— Venho fraco, me arrasto desta maneira que está vendo. Não como direito há muito tempo. Me dê um agasalho.

Fábio apalpou-lhe o pulso e as veias puladas no braço atlético, descarnado pelos jejuns e pela sub-nutrição. Não havia munições para caça, nem anzóis para pescaria, nem

sal, nem café, nem medicamentos. Alimentavam-se de castanhas, frutas silvestres, mas tiveram de ceder às disenterias incessantes.

— Não se podia mais trabalhar, não se produzia nada. Saímos de bem com o patrão. Vamos pedir terreno em Humaitá. O velho piorava. No delírio, só falava em sertões, em pessoas da família, em cenas passadas.

— Quero comer carne! Quero tambaqui gordo!

Traziam-lhe mingaus de banana, chá com tapioca.

— Mingauzinho, pai!

— Não quero! Quero comer carne de bode!

Vinha o delírio da fome. Explicavam os filhos que era assim lá em cima.

— Ainda falam em Machado. Machado só p'ra cabo. Quero carne de boi!

Demorou-se ainda uns três dias. O velho tinha momentos de lucidez, abençoava os filhos, despedia-se da mulher.

Silenciava na rêde: mais tarde, esta não se mexia.

— Mãe! Mode que pai morreu...

Morrera mesmo. Resolveram enterrá-lo na vila, para onde se destinavam. Queria ir para lá. Chegaria, embora morto.

Fábio verificara a sub-nutrição nos homens que desciam do Alto, magros, amarelados, sempre se queixando de falta de bóia. Pegavam um peixe e iam assá-lo, mesmo pela madrugada, e comiam ali mesmo, no braseiro. As crianças amanheciam roendo goiabas verdes, caroços de ouricuris e cacaus.

Quando se falava numa festa, principalmente de proprietários, os comentários prendiam-se às comedorias.

— Festa boa. O homem vai matá boi e porco. O boi do santo está gordo de verdade.

Era o chamariz. Remavam dois e três dias, em ajuris de esfaimados.

Destinavam-se peles de borracha, bois, capados, galinhas, para as festas do padroeiro.

— Cuidado com o boi de São Sebastião!

Se o matassem em outra ocasião, por necessidade, reembolsavam o santo credor. Se o imolavam para as festas, vendiam metade para aquisição de foguetes, bebidas e velas.

Outras vêzes, em falta de forró, nos altos rios, comiam o boi e entregavam o dinheiro ao padre para a construção da capela.

— A onça comeu um capado. Pode pegar o boi do santo. Vamos matar e guardar o dinheiro, — a desculpa da fome de carne. Outro motivo certo era a eleição. Não importavam os candidatos e sim os bois.

— Dizem que vai haver carne na eleição de outubro. Vem um homem oferecer boi e vinho p'ra votar no doutor de Manaus, que fala bonito. Mas o coronel tem espia. A gente não diz nada, vota no coronel, que é de casa, e come a carne dos dois lados. Ninguém pode enganar. Vamos todos pr'o curral e só se sai depois da fuzarca.

Curral era a barraca onde se reuniam os eleitores. O feitor vigia-os, amassando o bigode, lustroso de brilhantina.

— Um, dois, três... Estou desconfiando de você, velho Futrica...

— Repare meu bolso. Me dê a cedla. Não vou enganar homem que dá carne de boi e goiabada.

Acabada a eleição, vitorioso o coronel, vinham os empregados para a arrumação dos pratos no curral, em mesas sem toalhas, aqui e ali montículos de farinha. A cozinha era um tapiri de palha de ouricuris, aos fundos; cachorros rosnavam, abocanhando pedaços de tripas e peles, jogados pelos cozinheiros, que lhes faziam quitutes nos pratos e panelas comuns.

Suavam remexendo as panelas e assando pedaços de boi, pingando sangue.

— Assim é que é bom. Água tira gosto. Carne de verdade não precisa água.

Alguns, mais conhecidos, cortavam e comiam um naco meio cru. Chegou o feitor.

— O coronel está satisfeito. Comam à vontade. Vai haver também um copo de vinho. Eh, lá! Os do contra passem ao largo. Vão comer pirasco.

Os oposicionistas passavam realmente ao largo, olhando, de água na bôca, os felizardos, que mastigavam, soltando pilhérias. Isso era agora, enquanto há fartura nos lagos. Pobre, querendo ter idéia de rico, acaba comendo bacus salgados, que serram as tripas com tanta banha. A praia de Tamanduá, que pretejava de tartarugas e podia servir ao pobre com alguma carne, já não prestava como antigamente. Tracajás e pitius desovavam na beira do lago. Explicavam o abandono de Tamanduá! Havia um tamanduá, moldado em pedras, e uma tartaruga. Derrubaram-nas, talvez para construções ou pedra de amolar.

Havia um talismã, que chamava os bichos-de-casco. Desde essa data, as tartarugas desapareceram, emigrando para outras praias. Foram-se para o Guaporé.

Outro sinal de fartura era deixado pelos índios: onde houvesse Parintintim, haveria caças e peixe. Construiam malocas e abriam roças nessas paragens, ainda fáceis de caça e peixe, como "Três Casas", Salomão e Maici. Diminuíram com os estardalhaços dos civilizados.

* * *

Marreca vinha apelar para a sumária justiça do seringal. Diziam que uma cunhã não era sua e sim do Tira-Raça.

— Menos verdade que seja minha. Tem traço do filho de Zé Totonho, meio branquicento e com sinal prêto no pescoço. Branquicento, ôlho de galça e pinta prêta no pescoço, já se sabe. E' de Tira-Raça.

Tira-Raça costumava fabricar filho no quintal alheio, e era conhecido pelos olhos agateados, côr clara e sinais pretos no pescoço. Terror da redondeza, inspirava cautela às casadas, apreensivas quando estavam de promessa. Lembravam-se de prêto Nicolino. A mulher emprenhou, quando êle fôra para a safra da castanha. Encontrou-a de bucho e começou a matutar. E' meu, não é meu. Foi o Tira-Raça.

A mulher se ajoelhou e negou. Só acredito numa prova. Quero ver o pretinho.

Amarrou-a, abriu-lhe o ventre, arrancou o feto e foi p'ra frente de um espelho, olhando os dois rostos. — Parece que é meu mesmo. Mas a mulher morria. De que serviu cadeia p'ra Nicolino? Daí o mêdo da mulherada.

Não fôsse o diabo fazer das suas. Tira-Raça era solteiro, espécie de gavião real, que descia de repente, em vôo certo, num grutilhão de terra firme, ou à porta de uma barraca. Outros eram galináceos, ciscando no terreiro para as mesmas aves.

Foi uma luta para convencer Marreca. Bastava ver que Tira Raça fôra para a safra de castanha.

— Mas podia ter deixado o ovo já chôco...

— Não pense isso. A cunhã é sua. Está ofendendo dona Anicas...

Marreca cedeu, todo desconfiado. Novo demais, sem ação dentro de casa, era joguête da mulher, de sangue

quente e beiço roxo. Mulher até dentro dágua, sim senhor! Fôra surpreendida em abraços dentro do igarapé gelado.

Fabrício rastreava as antas no barreiro. Pé ante pé, ouvido à escuta, percebeu barulho de pato no banho, sacudindo as asas. Aquilo não era lugar de pato, ou seria anta nova. As safadas tinham se mudado? Vão levar uma palanqueta. Sem cortar rama e sem bolir fôlhas, aproximou-se, oculto entre moitas de marajás, quase de cócoras. Lá corria o igarapèzinho de terra firme. Nem antas, nem porcos. Conhecia bem a fuça das bichas, como adivinhava os pássaros pelo simples riçar de asas. Mexidos de fôlhas denunciavam a qualidade dos macacos, — guariba, macacos-pregos, macaco-de-cheiro ou da noite. Acocorou-se entre sapopemas e afastou os cipós, que se enredavam, caindo de galhos altos.

Ficou espantado. A cabocla do Marreca e o Gino estavam abraçados no banho, nus como nasceram. E se dizia mal do Tira-Raça, bem longe, no Machado! Viu tudo. Marreca era velho, esquelético, bigodes raros de nordestino de sêca, e não resistiu aos ímpetos daquela capivara de aningal, que se entregava às mordidelas e coices no charco e nas canaranas.

— Tenho pena do velho Marrecas.

— Eu não. Tá velho. Não agüenta nem p'ra começá.

Fabrício deixou os safados e as antas; ia caçar noutras restingas, na ilha de São João. Lá também a coisa fedia a briga. Os tabaquistas se reuniam na barraca de Pedro Moreira; foram agradecer a São João e São Pedro a proteção à safra do ano passado e rezar também pela futura safra. As lagartas perseguiam os pés novos, quando floreavam, mas veio o Zé dos Espíritos, fêz mandinga e elas morreram.

— A arrôba deu cem mil réis. Sempre serviu pr'o café e açúcar.

Circulou a primeira rodada de cachaça. Os caboclos estalaram a língua e alguns nem cuspiram, sinal de bicho bom no trago, admirado pelas mulheres com o forte em outras coisas. Sujeito que não sabe beber não vale pr'o trabalho duro. Até o vigário prova na missa, logo de manhã, e bebe na canoa, na mesma cuia e sem cuspir.

— Pr'o estômago, rapaziada. Só bebo como remédio.

Os caboclos faziam que acreditavam na desculpa. O padre era bom, mas temperado na casca do alho, mesmo

que macaco-prego no ouricuri. A sua garrafa era escura, a dos rapazes branca. Pura esperteza, pois a cachaça tinha a mesma fortidão. Enfim, como dizia que se tratava de medicamento!

A trabalheira prosseguia. Sem cachaça e forró, ninguém trabalha em tabaco.

— Olha como se rebola a mulher do Marreca, tôda de jasmim nos cabelos; tomou também o seu trago e parece uma lontra, nos braços do Fabrício. Não se dão a respeito. Saracoteia na frente de todo mundo, mesmo que pata no terreiro e cachorros na vadiagem. Perderam-nos de vista. Foram para a despensa da cozinha, a fim de mudar de vestido. Não era festa verdadeira e Ana não trouxera outro vestido. Só p'ra enganar os tolos.

Os homens costumavam vestir com uma roupa só; as damas, aí pela meia-noite, trocavam os vestidos, sujas de suor e dos dedos dos cavalheiros. De onde teriam vindo os dois? Apagaram o tição ali mesmo, em pé, junto de qualquer abieiro. P'ra que Marreca, nos setenta anos, foi se casar com a cabocla de beiço roxo, rodando nos vinte anos? Não ouvira conselhos. Agora, era ter paciência e ver a bicha ser tocaiada pelos barrascos. Até parece canoa sem quilha. E' nem que mulher sem marido: vira pr'um lado p'ra outro.

* * *

Findos os serviços e o forró, lá pela madrugada, regressaram na canoa de Fabrício. Dias, depois, tratavam bem o Marreca, mas inventaram pescarias juntos e caça de cotias nos buracos, encovadas pelos cachorros. O "Bilontra" e o "Torce-Rabo" eram danados p'ra correr e encovar as caças pequenas.

No regresso, a cabrita vinha sempre sorridente e êle assobiando. Enquanto ia pelar a caça, a cabocla tomava banho de cuia, e batia roupas, que ficavam no cedro. Marreca ainda passava café para os dois. Ela ensaboava a roupa p'ra não se ver a traição pelo cheiro. Matutou um castigo infantil, à moda dos índios. Quebrou duas garrafas e foi à estrada de Fabrício; ia colocá-las por trás de um pau que êle pulava no escuro. Pulava, tombando nos galhos, não poderia correr e Marreca lhe meteria o cacête. Colocou-os e ficou de tocaia, atrás de uma tronqueira. Fabrício caminhava, já ao amanhecer, com a poronga à ca-

beça. O brilho da luz incidiu nos vidros; Marreca esqueceu-se de cobrí-los. Fabrício pulou de lado, passando por fora, mas ainda se feriu. Sentou-se para ver o sangue. Marreca, silencioso como um maracajá, vibrou-lhe uma cacetada que não pegou bem.

— E' você? Vem à traição. Toma, bode velho!

— Deu-lhe, por sua vez, uma bordoada com o machadinho, jogando-o ao solo. Fabrício saltou, como uma coatá, e peiou o inimigo, amarrando-lhe os braços atrás das costas.

— Agora, vamos com o patrão. Um vai sair daqui. Eu ou você. E vai sem mulher.

— Vou-me embora. Solte-me logo.

— Quem acredita em promessa de traidor?

Apresentaram-se os dois a Fábio. Fabrício contava a história, que o outro desmentia. Não era possível acreditar. O sangue, os vidros, as tronqueiras denunciavam tudo.

— Faço questão que o patrão vá ver.

Fábio mandou pessoa de confiança à volta da estrada. Verificou-se o estrupício.

— Vamos resolver aqui mesmo, ou iremos até Humaitá...

— Não precisa. Eu já estava com tenção de ir p'ra "Jumas". Quero só saber quanto devo.

— Nada me deve. Leve o que é seu e faça as pazes com Fabrício. Venham aqui antes da partida. Você e a mulher.

— Não. Ela vai ficar. Gosta do lugar. Tem parentes aqui.

Desculpou-se com a estimação ao seringal.

— Pode ficar. Levo só a canoa. O resto fica p'ra você. A casa fica montada.

Raro caso de desprendimento aquêle, bem raro no mato. Não brigava e até parecia homem educado da cidade.

Fabrício assumira a responsabilidade daquela novilha, quente até dentro do igarapé. E tudo surgiu de um banho, quando rastreava antas no barreiro. Marreca saiu a tempo e venceu. Ela poderia tomar novos banhos...

* * *

As despesas davam para o equilíbrio doméstico. Prova evidente era o constante oferecimento de crédito

por Saul, que, à viva fôrça, queria deixar mercadorias no lugar. Pagaria quando pudesse, ora bolas.

Naquela situação deprimente, já era um bom sinal. Os preços mantinham-se baixos; nordestinos não vinham mais para o norte.

Fábio foi estudar a situação em Santo Antônio, para onde se deslocavam turmas de operários e seringueiros: substituiam os estrangeiros, que volviam às suas pátrias, nos postos de somenos importância. Tendendo os serviços para o fim, não interessava à emprêsa o contrato de trabalhadores de fora. Teria de apelar para o braço nacional. Além da evasão dos bolivianos, das passagens aos nordestinos, tiveram os seringalistas de enfrentar êsse novo chamariz dos braços que restavam. Conseguiam lotes ao longo da ferrovia, nas zonas rurais da cidade em formação, entregando-se à agricultura.

Fábio observou o entrelaçamento de nacionais e estrangeiros; dali irrompia uma fonte dos negócios com pontos de apoio na Bolívia e no Brasil. Idiomas cruzavam-se, dominando o inglês nos departamentos funcionais. Dividia-se a cidade — uma rua de casas teladas contra os mosquitos, destinada aos funcionários da estrada, e outra modesta para o funcionalismo estadual e municipal.

O beiradão povoava-se; povoaram-se as terras marginais às linhas telegráficas. Seringais em abandono começaram a ser procurados. Velhos seringueiros, fatigados de esforços andarilheiros, apelavam também para a agricultura; tabaquistas e farinheiros, desiludiam-se das estradas e se aboletavam nas terras férteis das ilhas vizinhas. Notava-se diferença entre o ilheiro, independente em suas roças e bananais, e o seringueiro, vergado ao encarceramento das matas.

A crise tinha um lado providencial, porque obrigara o homem ébrio de ganho fácil a olhar para a terra. Abria-lhe o ventre e assitia à germinação de tôdas as sementeiras.

Operava-se a reação feliz. Ainda na fôrça da crise, regatões subiam o rio, estabelecendo a confiança no comércio. A economia amazonense, sem auxílios oficiais, erguia-se ao impulso da própria terra.

Compensando o êxodo de trabalhadores, pelas passagens oficiais, índios rondonizados pelos postos federais, iniciativas religiosas e particulares, preenchiam claros nas atividades extrativistas.

A crise perturbara, mas não abatera; e, nos setores em que o estrangeiro se curvava vencido, surgia o nacional para recomeçar a luta, iniciada pelos que resistiram, acreditando na vitória do Amazon

W

Nova carta de Segadais, no costumeiro nervosismo. Era o mesmo assunto do padre Silveira, êste em desabafos mais calmos. O sacerdote encrustara-se na capital, mas, de quando em quando, esticava as pernas até o Madeira, a fim de matar as saudades. Três anos haviam decorrido. Quando chegava em desobriga, eram repiques de sinos, foguetes, almôços e convites. Apresentou despedida, dessa vez, e anunciava a missão salesiana, que viria instalar-se na mesma igreja.

Fábio batizara muito pagão à hora da morte, e recitava a extrema-unção pelos que não mais tinham esperanças, velas bruxoleando aos olhos mortiços. Quantas vêzes, em igapós longínquos, não entrecruzava dedos de moribundos, mostrando-lhe uma lamparina ou um farol, porque não havia uma vela para acender! Certa ocasião, assistiu à morte de duas crianças, uma após outra, mordidas por uma coral. A velha mãe, com palha benta, afastava sêres invisíveis.

— Tu vai pr'o céu. Leva um recado à Nossa Senhora. Diz que tenha pena de nós. Ela pisou cobra, igualzinha aos curumins que estão morrendo. Não era cobra do Amazonas. Era jiboia de dente sem veneno.

Fábio releu a carta de Segadais. Bem fizera o padre-leigo em permanecer à beira do rio. Voltaria, deixando Moacir no seminário. A princípio, tudo corria bem. Depois, veio o banzo do prêto. Encontrara dificuldade na advocacia. Tudo estava fechado, — e êle começava a ser olhado com desconfiança. Pois não estava bem no Amazonas? Almoços, festas, enquanto era de fora, estava de visita, como sujeito que de nada precisava. Poderia comprar uma fazenda e ir vivendo. Segadais estava acostumado ao movimento. Tinha saudades até dos carapanãs. Voltou. Mandou Fábio observar a segurança das escápu-

las, no quarto ao lado, pois o hóspede engordara um pouco, em vista de não ter o que fazer e comer excessivamente.

Fôsse azeitando a espingarda, ali deixada como lembrança. Iria ser caçador e pescador, como Fabrício e Manuel do Rêgo. Caçar, pescar, remar e ler, antes de reiniciar os serviços no fôro. Dava a mão à palmatória; o clérigo vencera, continuando no seu tugúrio de pobre, à beira do rio. Sucedera o que previra. Os primeiros anos, vincados pelo sofrimento, jungiam as criaturas ao ponto de partida. Um navio parou para tomar lenha, demorando umas três horas. A terceira classe ia repleta. Alguns, fazendo jus às passagens, ajudavam os lenheiros, esfolando os ombros. Vinham nesses afazeres, desde Belém. Eram antigos seringueiros, que regressavam; alguns partiram com passagens do govêrno. Conheciam Fábio, de longa data.

— Antes não saisse daqui. Aquilo tudo foi mentira. Passamos fome. As passagens eram até Manaus e Belém. Não havia comida, nem dormida, nem trabalho. Pedimos esmolas; a polícia não deixava. Uns roubaram para comer e foram prêsos, considerados desordeiros. Gritavam que devíamos ser mandados p'ra diante.

Grupos foram encaminhados para bordo e desceram em Fortaleza. Ficaram lá várias semanas. O govêrno federal prometia trabalho na estrada, porém mentiu. Mentiu de verdade. Trabalharam, passando mal, e não receberam pagamento. E voltaram, sabe Deus com que dificuldades.

Estavam sujos e maltrapilhos, na umidade da terceira classe, entre bois cheios de escrementos nos trazeiros. Iam para "Calama", e conseqüentemente, para o Machado, para as mesmas colocações de borrachudos e beribéri, agora modificado pela penetração dos primeiros médicos e cientistas. Deixara de ser o inferno dos bons, o paraíso dos maus, — e abria os seringais fartos à penetração civilizadora. Desaparecera, ou se corrigira, a leva dos primeiros tempos.

* * *

Num meio têrmo, em contraposição ao ritmo privado, campeava a politicagem na capital, refletindo a insegurança no interior. Imperava o arbítrio, o chicote. Pedro Gondim meteu-se a jerico, a criticar o govêrno, e levou forte tunda na praça pública, em pleno dia, à hora

da sesta. Alguns abnegados saíram a defendê-lo, mas nada conseguiram ante a fúria dos beleguins empistolados.

Segadais passou alguns dias na capital, em conferência com o padre Silveira e os chefes políticos, tudo na moita.

— Teremos de ganhar, seja como fôr. Demitindo, descompondo, surrando e matando. O Partido já tem um candidato, mas há outro da dissidência. O senhor irá para lá nos ajudar. Não se arrependerá. Vá conversar com o candidato.

Segadais observou o homem, que falava muito, injuriava os contendores e achava tudo fácil. Os delegados teriam carta branca. Lá queria ouvir falar em liberdade; peixe-boi resolve tudo e muda opiniões. Apresentou-se ao povo da vila, ressabiado com promessas não cumpridas.

— Bando de candirus. Comigo é na bala e na faca!

Fábio ouviu os dispautérios. Segadais estava com os cabelos grisalhos e voltava o mesmo, acreditando em chefes, ao primeiro cafèzinho e à primeira piada. Não atendeu às ponderações. Visitou barracões, proprietários, lutou bravamente.

A dissidência venceu, dentro das mesmas hostes partidárias, mas iria haver derribada. Novas nomeações e promoções. Segadais esperou os primeiros atos. O partido se unificou e tudo continuou na mesma. Não veio nomeação de promotoria, nem promoção alguma, nem remoções. O delegado, o coletor, as professôras continuavam nos mesmos postos.

Houve uma festa de confraternização. Segadais não compareceu. Lá estavam os sujeitos dançando, bebendo, dando vivas ao Partido e à Pátria.

— Corja! Corja!

— Nada disto, redarguiu Fábio. Você está fora do tempo e do mundo. A politicagem é uma porca leiteira: quando secam os peitos, os bacorinhos os abandonam e vão procurar outros bicos fartos...

* * *

Segadais surgiu no seringal; vinha limpar o fígado, longe do tumulto e da política. Trazia presentes, — rêdes, facas, brinquedos.

— Mas onde estão os meninos?

— Por aí. Foram a alguma pescaria. Regressam já.

— Sempre os costumes dos Parintintins...

— ... e também das nossas praias e lagoas nordestinas, em que também havia índios. E deixaram uma tradição heróica.

Segadais olhou as fruteiras, o jardim, a ilha agricultada.

— Agiu melhor do que nós. A tranqüilidade vive dentro da gente. Não vive nos outros.

Ficou-se a admirar a cobertura do novo barracão, — crianças e mulheres destalando feixes de palha, que os homens iam recebendo e amarrando nos caibros. Aos fundos, touceiras de açaí abrandavam o calor. O temporal sacudira os esteios da antiga casa e arrancara a palha, permitindo a invasão da chuva, sempre desagradável à noite. Os que dormiam levantavam-se e deixavam que passasse, enfrentando os carapanãs. Virara a sumaumeira do barranco, abrindo um claro: tombara no rio, e, agora, sacudia os galhos na correnteza. Carregara, na queda, cortiços de abelha, ninhos de japeim, e desapareceu nos peraus. Não daria mais sombra ao gado, nem paina para os travesseiros das crianças. Passado o rabo de tufão, com os seus estragos, foram todos à ribanceira: deploravam-na, como um pessoa da família, que se tivesse afogado.

Arrastou uma seringueira, um abieiro; não quis ir só, ou as árvores queriam também acompanhá-la.

* * *

O barracão velho, fortemente construído, rangeu nos esteios, sacudiu-se, como um aviso.

Correram todos para a casa do milho, em meio da chuva, e esperaram o desabamento, deteriorando móveis e bagagens. Não desabou. Veio o mestre Henrique, português alto e musculoso, e opinou por um novo barracão. Mestre Henrique espantava as crianças com uma fome incessante: comia cacaus, taperibás e engolia os caroços. Trabalhava febrilmente, xingando os auxiliares, os gêmeos Cosme e Damião, que trouxeram barriga d'água do Jamari.

— E' barriga, cuspideira, enjôo, preguiça. Furem logo e botem a água p'ra fora...

Segadais acalmara com a construção, palestra com o carpinteiro, as caçadas com o Manuel do Rêgo, conhecedor de todos os centros e caminhos. Elogiava a nova vida; tinha ganas de virar papagaio, que sempre fala, ou ma-

tupá. Calçou sapatos de borracha e usava roupas mal feitas de azulão, com terçadinho ao lado. Fazia questão de atar o mosquiteiro e acompanhar Manuel do Rêgo no rastreamento dos bichos maiores. Regressava fatigado, após horas de marcha, jantava e se metia no mosquiteiro.

— E' um hino a chuva batendo nas palhas e o gemido dos carapanãs.

Manuel do Rêgo não entendia, porque o doutor falava diferente.

— Eta, bichinho bom! Mutuca e carapanã são assim mesmo. Mucuim, todo gitinho, conhece os donos do lugar e só persegue os de fora.

Dormia cedo, pouco depois das sete horas e acordava pela madrugada, quando o cruzeiro ainda cintilava. Admirava o dormitório de Manuel do Rêgo — um grande mosquiteiro de 5 mangas, em que agasalhava a família inteira, inclusive filhos adolescentes. Era uma aprendizagem com os próprios pais, e daí os incestos entre aquela gente feliz.

Depois de uns dois meses, Segadais manifestou inquietação, — política, finanças, profissão, Moacir. Revoltou-se, blasfemou. Quís imitar, mas fraquejou. Fábio era Fábio, — preocupações de trabalho, como uma condição para a vida, e certa renúncia filosófica ante as ambições e os acontecimentos.

Não se adaptava à panela do Manuel do Rêgo, posta na mesa, com os bodós pelando no caldo quente; comia um pedaço qualquer e admirava a gula do caboclo, mastigando farinha com pimenta murupi e guelras de cascudos. Entravam por um lado e saíam as espinhas pelo outro, descarnados como se tivéssemos passado em moenda.

— Dotô, isso é bom com pimenta, caldo e limão. Carne só não serve.

Arremessava punhados de farinha à bôca e não caia um bago no chão. Bebia, depois, uma cuia de açaí ou bacaba, e dormia tranqüilamente. Que estômago, que fígado!

Os meninos trabalhavam na coleta do leito, nos afazeres domésticos, na roça e na pesca. Era uma infância condicionada à selva; cedo, aprendia a nadar, a remar, a brandir o arco e a haste, a conquistar um sexto sentido para a floresta. Verdadeira bússola humana, não errava a direção e pressentia as trovoadas pelo calor, pelas fôlhas, pelo bolir dos pássaros.

— Saracura cantou. Acorda, Manuel! Tamanho dia! São 4 horas, nambu assobiou. Bota a janta, são 6 horas. Picapau está furando tronco: vem enchente. Formiga saiu da toca: lá vem o verão.

Liam os rumores da selva e o arrepio das águas.

Segadais dormia no tapiri, à margem do igarapé, onde Fábio pusera grande rêde para mariscar bichos-de-casco, quando descem dos lagos, em busca do rio. Via Manuel do Rêgo com o dedo no fiel e, de repente, puxar os duplos cabos da carregadeira. Já matara peixe-boi de 300 quilos, asfixiando-o com tornos de madeira nas ventas, enfiados a cacête. O peixe-boi estrebuchava e perdia a fôrça.

— E' uma vaca e um novilho.

Foi o grito de Manuel do Rêgo, chamando Fabrício, que se acercou numa canoa para ajudar. Sempre desconfiados, os peixes-bois viviam nos lagos cobertos de mururus; pressentindo o inimigo, recuavam e não boiavam no mesmo lugar, diferente do pirarucu, que se denuncia pelo boiar espetaculoso ou pelos filhotes, borbulhando à superfície.

— Precisa ter tutano p'ra fisgar pirarucu, piraíba e arpoar peixe-boi. O resto é brincadeira de menino. Piraíba de 80 quilos briga no anzol e quebra a grosêra e a esticadeira. Não é como pesca de pindá, de espinhel e camorí. O camarada conhece, até pelo borbulheio, o tucunaré e o tambaqui. Pescaria só é boa com tempo claro; com chuva, só bacu na comidia das ramas penduradas nas oueranas.

Segadais observava o desconforto daquela pobre gente, na safra do pirarucu, dormindo em toldos e taperis. Lembrava-se dos juncos chineses. A alimentação limitava-se a peixe moqueado e cozido para beber o caldo, sem outro tempêro que sal e cebolinhas, pimenta e limão. Quando rareavam caças e peixes, alimentavam-se de chibés, mingaus, açaí e patauá, bebidos sem açúcar.

A floresta era um santuário de difícil acesso. No inverno, o trabalhador voltava constantemente molhado. A enchente inundava, e a vida se resumia em equilíbrio nos jiraus, nos troncos de cedro e nas canoas. As necessidades eram ali mesmo, pendurados à prancha ou num galho de araçá. E ainda havia quem se revoltasse contra cachaça e fumo, como o vigário novo do Jamari nas suas arengas. O padre Fritz, alemão de estirpe, andava por aquelas bandas. Os seringueiros, na fome sexual de sempre, desciam

o rio, vinham legalizar as amigações, e os pagãos. Traziam santos para benzer, talhados pelo Manuel Quixadá. Padre Fritz emburrou, logo à primeira vista: comprassem santos direitos. Explicaram os seringueiros que não chegavam regatões até lá, nem o patrão mandara buscar. Não havia santos em casa e o único meio era pedir ao Manuel Quixadá.

— Botem n'água êsses calungas.

— Então, sem santo na barraca, nós viramos crentes. Vamos levar, mesmo sem o reverendo benzê. Deus vê lá de cima.

Padre Fritz urrou de raiva e proibiu forrós, rabecas e cavaquinhos. Os caboclos pediram ao patrão a retirada do padre. Só falava em sangue, mostrava os braços, dizendo que tinha veias azuis e que era da Europa. Então, fôsse p'ra lá. Os santos de Manuel Quixadá voltariam p'ras barracas e teriam velas acesas. Pois se alguns haviam recebido novenas e feito milagre nos partos e facadas doidas! Era diferente do padre Silveira, que desculpava tudo. Gostava dos bolivianos, porque traziam pranchões de borracha fina com cem quilos. Lá êles dançavam à vontade e até se banhavam nus no rio.

— Pr'o inferno o padre Fritz e os santos! Você sabe tirar ladainha?

— Não sei, mas alejo.

— Então tire e largue o padre Fritz!

Segadais bramia logo contra aquêles desentendimentos. Afinal de contas, poderia deixar os santos de madeira de Manuel, prometendo substituí-los por outros, adquiridos em Manaus e Belém.

Os caboclos persignaram-se. Não adiantam blasfêmias contra os santos. Nem mesmo contra o padre Fritz. Apenas não concordavam com o seu sistema. Fôsse lá p'ra Europa.

Começaram a contar histórias de heresias e castigos. Na ladainha da velha Romana, quando pipocavam as salvas, Fernando Lopes não quis ajoelhar. — Tá aqui pr'o santo, e fêz um gesto mau. A boa sociedade não gostou. Felício Romano quis puxar faca p'ra defender o santo. — Ajoelhe! — Não ajoelho em frente de calunga! — Não diga isto, nesta festa! — Digo de novo! — Os cavalheiros separaram os rixentos. Deixa o homem. Êle vai embora daqui e vai ser castigado. Pois não é que começou a sentir dores nos quartos, ficou encarangado e só se arrastava

ajoelhado com as mãos no chão? Foi preciso chamar o rezador Carioca. Fernando Lopes chorou, rezou, beijou o chão e a fita do santo. Depois, bebeu pó de canela de burro com cachaça e ficou bom.

E o caso do Raimundo Pantoja? Entendeu de desrespeitar dia santo. Teve aviso duas vêzes e murchou. Uma vez, foi no igapó, no dia de São Sebastião. A tapiora vinha acendendo os dentes. Brilhava que nem flandre novo no sol. Veio um fedor que embebedava. Raimundo Pantoja caiu na canoa e pediu perdão. Quando acordou, a tapiora havia sumido.

Outra vez, foi na sexta-feira da Paixão. Pantoja procurava peixe, pois não queria comer carne. Uma onda se levantou. Era onda de tambaqui. Quando ia arpoar, boiou um cabeção barbado do meio das fôlhas e gritou: — Justiça! Justiça!

O igapó tem almas: Pantoja voltou e nunca mais pescou em Sexta-Feira Santa.

— Nada de brincadeiras com santo, doutor. Vocemecês se alembram da casa de farinha do seu Onofre? Velho trabalhador de verdade, acostumado a acordar com canto de saracura, que é despertador do mato. Velho Onofre não perdia tempo. Dia de Nossa Senhora, entendeu de torrar farinha.

— Deixe disso, seu Onofre. Hoje é dia de Nossa Senhora das Candeias.

— Quero ver se ela dá bóia p'ra você.

Continuou a peneirar a massa. Atiçou fogo p'ra esquentar o fôrno. Foi o bastante. Veio um pé-de-vento. Soprou faiscas na palha e ardeu tudo. Nada de brincadeira com santos, que esperam o momento e dão logo na cabeça do camarada. Os diabos não gostam dêles, mas nestas coisas, estão doidos p'ra obedecer.

X

Dois homens subiam o barranco: de um cintilavam ao sol da manhã os alamares do uniforme; comprida espada lhe balançava nas pernas magras, em que as calças oscilavam. Era o compadre José Chagas, tenente da Guarda Nacional, que, todos os domingos, remava sua montaria até Humaitá, marcialmente fardado. Compadre de Fábio levava a mão ao quepi, empertigado e sério:

— Dá licença, coronel!

— À vontade. Sente-se.

Após a continência, descobria-se e conversava familiarmente.

— Os índios andaram pelo centro. Nunca vi tantos jaraquis à bôca do igarapé. Trouxe alguns para o compadre. Mande buscar na canoa.

Tomava café, perfilava-se e prosseguia viagem. Verificou Segadais que não era um oficial de justiça, como julgara de longe. Bufava, após um silêncio contido à fôrça.

— Que trapalhada é essa? Por que êsse carnaval no meio do mato?

— Tome cuidado, Segadais. Tudo isto marca a origem do coronelato, que domina o nosso interior e impõe certo respeito. Quem se atira contra um coronel, mesmo sem farda? E' um ser misterioso, que aparentemente aperta a mão do governador e a do presidente da República. Aqui o seu amigo, pacífico e pacifista, é coronel comandante da 7.ª Brigada da Infantaria da Guarda Nacional. O compadre Chagas, que partiu até Humaitá, é tenente. Mais disciplinado do que eu, que não tenho nem pretendo ter uniforme.

— Admiro-me de você suportar tanta heresia.

— Não posso insubordinar-me contra as leis do país.

— Que país é êsse?

— Que outro senão o Brasil? Não se aborreça. Como vê, o Govêrno se lembra de nós. Militariza-nos e nos promove.

— Promove ainda por cima?

— Sim. Vai ver mais adiante. A princípio, andei galhofando sòzinho: Fábio, quase padre, feito coronel e comandante da 7.ª Brigada de Infantaria! Lembrei-me, enfim, de São Sebastião, Santo Inácio de Loiola, do próprio São Paulo. Foram santos, tiveram missões a cumprir, e eu sou um pobre seringalista e pecador.

— A promoção parece anedota.

— Coisa muito séria. Fui promovido, sem dirigir soldados, mesmo em povoados inofensivos; o trabalhador, pelo menos por enquanto, julga que nos entendemos com o govêrno, o invisível lobisomem. Não existia Guarda Nacional, sufocando os desordeiros de Paris, comandados pelo maior general do século passado ?Aqui não há fome, povo revoltado, mas a intenção é boa.

— E se houver mobilização? Que dirão os estrangeiros dessa farça?

— Os estrangeiros têm erros mais graves e as suas manhas. Que mal há no fardamento do tenente Chagas? Vai à vila, ao mercado, ao botequim, conversa com o superintendente e, na volta, como sua nas remadas contra a correnteza, põe o uniforme dentro do saco de seringa. Você, como advogado, não tem honras de oficial, caso pretendam trancafiá-lo no xilindró?

Segadais deu uma risada, imaginando a belicosidade de Fábio, que lia o Evangelho diàriamente, tratava os enfermos e modulava bemóis numa velha flauta, descascada pelos anos.

Chasqueava os progressos da sede.

O coronel mandou levantar um prédio para a prefeitura: discursos e foguetórios, quando enfiaram os esteios; foguetórios e discursos na colocação do telhado.

A curuminzada corria p'ra apanhar os rabos dos foguetes. Ía haver comezaina mais tarde. E forró, à noite.

— E' isso mesmo, fugiu Segadais. Cachaça e foguete para alegrar o pessoal. Pão e circo. E, enquanto os aduladores batem palmas, rosnando que o coronel é o maior do mundo, a urubuzada suja as telhas e, na beira do mato, com estrondo, a macacada borra os caminhos. Triste sina! Mas venceram. Encontraram peitos cheios. Quem tem porca com peito cheio não faz mingau. E' como

diz Mané-Rêgo: "dinheiro guardado é macho; espaiado é fême".

* * *

Segadais não se demorou apenas em caçar e pescar: queria observar aquela gente, fixando curiosidades para estudos posteriores, e esquecer a politicagem. Os cabelos grisalhos chegavam, mas o coração, ferido pelas lutas, continuava a ter entusiasmos. Admirava aquêle panteismo selvagem e não queria saber de cidade. Advogava em Humaitá e se recolhia ao seringal no fim da semana. Certas ocasiões, demorava vários dias. Voltou satisfeito. Não nascera para santo e cobrava bem caro, vingando-se dos adversários. Fábio pouco recebia pelas comissões em Santo Antônio e Calama, quando inspecionava o lazareto-barraca, coberto com fôlhas de ouricuri, à ponta da ilha, mandado construir pelo comandante do "Cametá", infestado de bexiga prêta, manifestada à foz do Madeira. Os proprietários opunham-se a enterros em seus seringais. Os mortos eram jogados nas praias.

O navio-fantasma subiu sem deixar mercadorias. A peste agravou-se, atacando a maior parte, passageiros e tripulantes, e o jeito foi isolar os doentes da ponta-da-ilha de Calama, com um enfermeiro comum, sem alimentos e medicação. E o comandante ainda cobrou o lazareto à superintendência. Fábio cooperou pessoalmente, dormiu noites consecutivas no lazareto e recebeu um ofício de agradecimento. Os proventos couberam a outros.

— Comigo, não! Pagam à bôca do cofre, como sucedeu agora com o relatório que escrevi. O safado, que me fêz tanto mal na sombra, está fichado.

E contava o que sucedera. Havia necessidade de afastar aquêle coletor desabusado e desbancá-lo da política. Só havia um meio — provou que se metia com a Zita Mossoró, protegida do chefão. Possuia cabeça e coisa de anta, mas isso não importava.

Quem poderia provar? O escrivão era sagaz; observou que o coletor bebia os olhares da Zita nos forrós. Estudou o meio. Deixou findar o luar, porque ninguém enxerga no escuro. Quando passou a lua-cheia, o escrivão espalhou, ocultamente, uma saca de farinha de trigo no caminho do quintal da Zita. O marreco passou, todo se esquivando, lá p'r'as onze horas, depois que o pessoal mexeriqueiro saíu da porta da igreja. Levava capa, sem ser

noite de chuva. O negócio era debaixo das sapotilheiras, perto do curral das tartarugas. Dizem que, uma vez, escorregou e caíu no meio dos bichos. Saíu com as pernas escarameladas; perdeu um sapato, mas ninguém achou. Dizem também que deu par novo ao caboclo do poço. Agora, a coisa mudou. O escrivão ficou de tocaia, mesmo que mateiro na caça, atrás de veado esperto. O coletor apareceu nas sombras, olhando pr'os lados, e se meteu debaixo das sapotilheiras. Demorou um pedaço com a Zita e voltou. Foi rastro branco de trigo até a porta da coletoria. Chamaram o coronel, antes que viesse chuva e se apagasse. Empurraram a porta. Pensou que fôsse contrabando e apareceu todo lampeiro.

— Vocemecê pensa que andou brincando entrudo ou amassando pão. Mas não é carnaval, nem é padeiro!

— Por que?

— Olhe a sua capa e os rastros de sua botina. Não há iguais aqui. Prepare-se p'ra embarcar numa canoa, agora mesmo. Vou mandar p'ra baixo e a Mossoró no piloto.

— Foi isso, amigo Fábio, o que aconteceu. Um adversário a menos. Vou escrever a história pr'o jornal de Manaus. Fica prejudicado e não volta mais. E' só escrever, entregar ao chefão e assinar — "Do Correspondente".

— Mas não está certo.

— Não está certo é êle ficar aqui, aperreando a vida da gente. Aqui p'ra nós: a Zita Mossoró vale a passagem, pelo menos por alguns dias. Tem cara e trazeiro de anta gorda. Isto p'ra começar...

* * *

— Surgiu uma questão para você, Segadais. Pouco vai receber.

— Saldo em seringal, não é? Venha lá a questão.

— Mais um mistério do Amazonas.

Segadais percorria o município, resolvendo questiúnculas, atrapalhando para terminar em acôrdo. Recebia o pagamento em borracha, em tartarugas, como fôsse possível. Falava muito, porém caíra na bôca do povo. Alegando facilidade de peixe e caça no lago de Popunha, p'ra lá se dirigia com espinhéis, espingarda, comestíveis e passava as noites de sábado para domingo.

Levava também fazendas e extratos para agradar os índios. Não eram para os Parintintins e sim para uma

cunhã de cabelos e olhos de açaí. Os pais recebiam presentes e não ligavam àquela situação. Coisas da vida e ninguém tinha culpa do dengo da cunhã pelo doutor, que era tão delicado. Dali ia sair curumim; Moacir teria mano moreno, é o que o povo dizia. Ninguém podia provar. O ponto de referência era o seringal de Fábio, onde morava, para todos os efeitos, até ser superintendente ou deputado estadual.

— Afinal de contas, qual é a questão?

— Está aí o homem. Chama-se Pai Adão. Você vai saber porque o chamam assim. Tome conta, até por humanidade. Pai Adão contará tudo. Era uma família única, isolada no Jaci Paraná, encaminhada às autoridades de Santo Antônio e, por estas, às de Humaitá. Homens robustos, mulheres novas: marido, filhos, netos, sobrinhos, tudo dentro da mesma casa.

— Não vejo crime algum. Houve facada ou morte?

— Nhô não. E' porque se casemo sem padre, tudo dentro da mesma família.

Compreendeu, então, o caso doloroso. Era um casal de mundurucus com duas filhas e um rapaz, colhidos pelos Bôcas-Pretas, — os únicos que se salvaram de uma numerosa turma assassinada. Ficaram naquele fim de mundo, sem contato algum com civilizados, que lá não poderiam chegar, em regiões sem catequese e explorações florestais. Ficaram isolados, num igarapé, vigiados pelos índios. Nada podiam fazer. Nos primeiros meses tinham algum sal e mercadorias, deixados pelos companheiros mortos. Acabou-se tudo depois. A família de José Ramos, cognominado Pai Adão, em Santo Antônio, vivia em desespêro, na mesma forma dos índios. Acabou-se a roupa. Substituída por fios de estopas de castanheira, com que se improvisaram cobertas e rêdes nas noites geladas das friagens. Passaram-se os anos, comendo palmitos para disfarçar o sal e o açúcar. Dormiam juntos, quase sem armas. Os índios não atacavam, porque não queriam, ou pretendiam negociá-los, como reféns em hora difícil. Os selvagens dessas malocas respeitavam as mulheres casadas, mas raptavam as virgens. Maria e Jaíra estavam com 15 e 17 anos. Cairiam fatalmente nas mãos dos Bôcas-Pretas. Pensando bem e rogando perdão ao Padroeiro, José Ramos fechou os olhos e resolveu salvar as cunhãs. Era pai, porém qual outro caminho? Primeiramente, Maria; depois Jaíra. Não sabe o que deu na cabeça de Joana, sua mulher. Apareceu prenha do filho e confessou.

Tinha pena do rapaz, o único sem companheira na barraca. Precisava também chuchar. Não podia se zangar. E foram aparecendo curumins e cunhãs, tudo dentro da mesma família. Culpa dos índios, do mato e da solidão por muitos anos, exigências para viver, até mesmo contra os silvícolas. Havia dificuldades na classificação do parentesco. Um dia, houve encontro entre os exploradores do major Sadoque e os Bôcas-Pretas. Deram com a família, logo recambiada para Santo Antônio. Bem que o pessoal queria ficar no mato: aquilo não estava certo. Foram apelidados de Pai Adão, Mãe Eva, Caim, Abel.

— Eis aí a questão, Segadais. Deus perdôa. Os meninos estão perfeitos. E os homens? Dirão logo que será necessário separá-los. Isso não resolve. Como separá-los? Será melhor que os isolem em qualquer seringal desconhecido. Estão fraternizados pelos anos de sofrimento. Criminosos não o são verdadeiramente. Quando muito, medrosos, apelando para essa união, a fim de escaparem aos índios. Talvez seja melhor escrever ao padre Silveira. Pode ser que aplique a tolerância ao novo Pai Adão da Bíblia. Imaginava você um novo paraíso no Jaci-Paraná?

* * *

O sítio prosperara: frutas do Ceará vicejaram — jacas, cajaranas, bacuris, pitombas e parreiras atestavam a tenacidade do lutador. Cachos de uva arroxeavam as latadas. Gado, cortiços de abelhas, pombos; carneiros branquejavam à bôca do igarapé. Na ilha em frente, milharais pendoavam. Havia a tranqüilidade na pobreza, a fartura na relatividade, a comprovação da vida no interior verde, afastando o tabu da vida ùnicamente apegada ao extrativismo, embora fôse a coluna econômica por muitos anos, devido à importação e à insuficiência do mercado interior.

Prevendo futuras surprêsas da terra-caída, pela retificação natural do rio, Fábio plantou cacauais em restingas altas, bem longe das margens. Laranjeiras produziam milhares de frutos e alimentavam papagaios e japus. A ilha aumentava pela parte de baixo, em terras férteis, enfaixadas de canaranas. O rio tinha alma e vontade, no delírio das retas; só admitia as grandes curvas das enseadas, como arcos retezados para o arremêsso das frechas.

A crise proporcionara ensinamentos, corrigindo o aventureirismo sem base, fomentado pelo crédito fácil. Os fracos e indecisos partiram ao primeiro vendaval, mas os resistentes permaneceram e ali se encontravam de pé e a pé. Uma onda de sociabilidade fraternizava as criaturas e, naqueles sem-fins, carentes de qualquer policiamento, diminuiam os crimes e renascia a confiança.

Havia, por certo, crimes monstruosos nos altos rios, já por exceção. Um pescador, regressando do lago, encontrou o irmão menor nadando no pôrto e, porque não houvesse amolado o terçado para escamar os peixes, vibrou-lhe uma arpoadela e queria cacetá-lo. Puxou-o pela arpoeira; a ferida sangrava.

— Tu vai morrê como um bodeco, só p'ra não vadiá no pôrto e deixá de amolá a faca.

Outro atirou no irmão para experimentar a mira, ou o amarrara num formigueiro para ser esperto.

Foram cruelmente castigados pelos moradores, que improvisaram juri, tribunal e prisão dos criminosos. Era a reação, o espírito primário de justiça.

As cantigas para embalar crianças revelavam o terror. O João Curutu, que estava na beira do rio, castigava os demorados ao sono e ao embalo materno. Cobras negras chupavam os peitos, deixando os meninos sem leite. Era o janai, macaco vermelho da noite, que vinha pegar os curumins "pelo rejeito" e os arrastava para o mato, onde lhes bebia o sangue.

Os adultos viviam em mundos de sortilégios — bôtos, cobras-grandes, bichos-do-mato, protetores ou malfazejos, ao lado do bem ou do mal, possuindo mulheres fáceis ou seringueiros egoístas, que negavam tabaco.

Havia criaturas capazes dos maiores sacrifícios, — mães que se imolavam a jacarés para salvar os filhos, pais que trabalhavam ao sol e chuva para educá-los, seringalistas que fundaram escolas e estipendiaram a educação de meninos pobres.

Fábio, na opinião de Segadais e padre Silveira, imolara-se ao meio, imobilizou-se para morrer, como um rebento frágil de clima temperado em solo estorricado e tropical. Mas não buscara imolação alguma. Outros também ofereceram o sangue e a vida pela glória da terra em flor.

Sem falar nos cronistas apressados, à cata de novidades exóticas, de narrativas de crimes e fotografias de

índios ferozes, surgiam artistas e escritores, deslumbrados pelos mundos novos do Novo Mundo.

A parte social renascia, renovava-se pela miscibilidade de famílias e pelas atividades dos primeiros filhos, ali nascidos e educados. Assim, a crise não abatera os fortes, o ânimo construtivo dos que acreditaram no ressurto das regiões prodigiosas, superficialmente conquistadas.

Y

Êsse movimento estendera-se à pequena vila, em marcha para ser elevada à cidade, freqüentada por médicos, dentistas e advogados. Era um ponto de atração, um ponto estratégico, à foz do Beêm e perto dos campos.

Bernardo Pontes, exilado pela politicagem paraense, esbravejava contra erros administrativos, mas ilustrava o fôro com a sua cultura. Costumava discutir com o velho fundador da vila, mas lhe rendia homenagens especiais. Era um pioneiro, que perdera um braço, em luta com invasores atrabiliários.

Pouco saía da vila, entregue a trabalhos forenses, no que diferia de Segadais; êste ia descobrí-los nos seringais, demonstrando falhas em contas de venda, hipotecas e inventários.

Bernardo Pontes gabava-se de uma saúde de ferro e selvagem independência: deixara Belém para não submeter-se à situação vitoriosa e ser fiel a Lauro Sodré, cujo idealismo dominava tôda uma geração.

Espírito prático, ágil no trabalho, não cedera à adversidade e vencera no fôro local. Foi a êsse tempo que Fábio recebeu a primeira turma de Parintintins catequizados, em visita à vila e a alguns seringais. Espalhavam-se pelas ruas, penetravam nas casas, apossando-se de objetos, julgados de uso coletivo.

Sabia-se que, apesar de catequizados, alguns eram culpados, responsáveis pelo extermínio de seringueiros nas famosas expedições para a conquista das terras ricas. Essas expedições equiparavam-se a contingentes em luta. Quem morria nos reencontros, não praticava crime algum.

Fábio lera, nos seus arquivos de tabelião, escrituras antigas, em que, ao lado de bois e estradas, se assentava a compra de alguns escravos, raros no Madeira; via, agora, mulheres vermelhas semi-nuas, com os filhos escanchados nos quadris; no Alto Machado, exploradores bandeirantes

rumavam para Mato-Grosso e Bolívia, matando onças; à sua porta, na avenida empalmeirada, transitavam homens e mulheres civilizados. Quer dizer: ali estava o Brasil, nos quatro séculos de sua história.

Os Parintintins invadiam as casas, mexiam nas panelas, admirados do sistema de vida, diferente do seu. Convidados a ficar, deram uma risada de escárneo. Aquilo tudo não valia um tapiri da maloca. Os antigos exploradores preconizavam o fuzilamento sumário da indiada: bem andaram os portuguêses, inglêses e espanhóis, liquidando-os nos entreveros. Mas, estendendo linhas telegráficas para segurarem o oeste, persistia Rondon, pregando a paz. Já escapara de uma frechada, de muitas tocaias, e não estivera em contatos demorados com os Parintintins.

Ansiosos estavam os moradores para que retirassem tão perigosos habitantes, que desembarcaram com arcos e frechas. Conheciam os igapós, os campos, os índios de Ipiruna e Cuniã. Ficassem ali e a vila amanheceria incendiada.

— Nada acontecerá. São uns pobres de Cristo.

— Pobres de Cristo, porém nas malocas.

Os Parintintins, já irrequietos ao cair da tarde, embarcaram em suas ubás compridas e, dentro em pouco, se confundiam nas curvas do horizonte.

Despediram-se à porta da igreja, respeitosamente, ouvindo o bimbalhar dos sinos, e carregaram todos os presentes.

— Foram-se. Aprenderam caminho. São capazes de voltar.

— Já o conheciam. Não voltarão. Preferem a maloca. Vieram depois de insistentes apelos e até fomos buscá-los.

— Má idéia.

— Boa e generosa idéia. Serão nossos amigos e defensores junto aos demais da tribo, — terminou Fábio.

* * *

Padre Silveira escreveu, declarando que não voltaria à paróquia, deserta por dois anos.

Cumprimentava o povo, porque a vila ganhara foros de cidade; salesianos dariam movimento àquele interior onde passara grande parte da vida.

Redimiam-se os seringalistas da triste fama de criminosos, explicável pela violência dos pioneiros, na arran-

cada para vencer o índio e dominar o desconhecido, uma pequena parte dêsse desconhecido. Navegadores, flibusteiros, corsários, capitães-de-mato, preadores de silvícolas tinham procedido de modo mais atroz, ou menos atroz, e estavam nas lendas. O mesmo sucederia aos exploradores do Machado, Jamari, rio Prêto. Venceram o deserto e a distância, seja como fôr, e começaram a reviver nas lendas para temor das crianças e dos caçadores de tragédias. A conquista prosseguiria em capítulos verídicos, inscrevendo os nomes daqueles homens audazes entre os que empurraram o Amazonas para a frente, espalhando barracas e caminhos, cadáveres e heroísmos nos meridianos coloniais. As explorações tiveram horas românticas, mas bem antes das linhas telegráficas de Rondon, uniram norte e sul pelas linhas tortuosas dos afluentes do Madeira.

Navios particulares percorriam os seringais, reorganizando o abastecimento. Ouviam-se vozes lá fora, clamando pela proteção dos florestários e pelo financiamento dos seringais. Luz elétrica, biblioteca, um pequeno jornal, hotel e esporte animavam a pequena cidade. Os primeiros Parintintins abrigavam-se nos seringais, como sêres iguais aos outros: casavam-se, cruzavam-se, eram respeitados em suas barracas. Não queriam ser chamados índios e sim caboclos. Riam-se de histórias velhas das expedições.

Arinos, tuxáua catequizado, contava a visita do padre ao seringal, em que estava encravada a maloca. O proprietário rogou ao religioso que aconselhasse a monogamia e o respeito à propriedade, a obediência e a pontualidade disciplinar. Deviam imitar os civilizados, possuindo uma única mulher. Êsse, o dever de moral e da igreja. Uma índia velha, espécie de sacerdotisa e língua da tribo, era mais desembaraçada.

— E' costume da tribo. O tuxáua tem mais de uma; o pajé também. Os brancos fazem o mesmo e enganam uns aos outros. Quanto ao resto, está bem. Os demais mandam dizer que só têm e terão uma de cada vez.

* * *

Segadais resolvera partir definitivamente. Desta vez, não regressaria mais. Envelhecera, amealhara e iria viver com o filho, que tudo decidiria, — no Amazonas, no Ceará, ou em qualquer parte. Seria, talvez, o derradeiro encontro dos dois amigos.

— E você?

— Vamos até às fruteiras. Veja esta elevação, estas mangueiras, êstes pés de jacas, êstes açaìzeiros. Cercam o cômoro limpo, exposto às brisas do rio, do mato e do céu. Já chamei dois afilhados, o João Lúcio e o Roberto Penha, e dei instruções formais. Pretendo repousar aqui, amigo Segadais, abraçado às raízes destas árvores. Entregar o corpo ao repouso, naturalmente, e ver as estrêlas, certas noites, pelas flores e fôlhas.

— Você? Com um cemitério tão perto, com a capela e o Cruzeiro, as missões e até a companhia dos outros mortos? E sua mulher? E seus filhos?

— Sempre gostei do isolamento. Deus está em tôda parte. Jesus mesmo o disse. O espírito estará sempre pensando n'Êle, no purgatório ou em outros mundos, onde existirem a luz e a verdade. Quanto ao corpo, que vale? Ficará na terra em que amou e encontrou a paz. A mulher escolheu um lugar ao meu lado no mesmo cômoro entre laranjeiras. Os filhos trouxeram o vírus migratório do nordestino e do cigano. Partiram. Partiram para estudar e, possìvelmente, para outras profissões. As meninas morreram de tétano. Não havia fotógrafos. Vivem em nossos olhos e nas bonecas de pano com que brincavam.

Fábio abençoava os dias que ali vivera, a decisão de não abandonar aquêle pedaço de terra nos dias mais sombrios. E teve uma recompensa, — sempre feliz consigo mesmo, sempre sem ódio de espécie alguma, sempre orando pelos raros que o injuriavam, sempre agradecido à reprodutividade do solo banhada pelo seu suor. Não constituia exemplo isolado; centenas prosperaram, cimentando a economia da terra conquistada. Sua pequena propriedade, com um dos mais lindos pomares das redondezas, era mato fechado. Mais: a cidade vizinha evoluira de pôrto de borracha a vila e, posteriormente ao que é, abrindo os braços a todos.

— Eh, coronel Fábio!

— Pode vir. Também sou curandeiro aqui.

— Curandeiro e coronel.

— Graças às benemerências da pátria. Como ia dizendo, até parto já assisti. Que sofre o menino?

— Está com andaço. Já tomou chá de chifre de veado, mel de abelha no sereno e não melhorou. Comeu pirarara salgada e ficou assim e também entupido com caroço de jenipapo.

— Pirara e caroço de jenipapo. Que sente o outro?

— Foi mordido por traíra. A bicha é bêsta quando está ovada. Pega até com isca de sernambi. Morde no chôco.

Vinham as doenças, os remédios, as queixas daquela gente rude. Sarampo de pagão, curado com chá de cachorro, banho de casca de taperibá para sarar feridas.

— Estou mió. A suçuarana me arrancou o lapo do braço só com uma dentada. Era grande como trigue do sul. Remédio do coroné é o único que segura no corpo.

Fábio andara em trechos perigosos, cheios de onças, cobras, jacarés, e nada sofrera. Nem mesmo ameaças ou frechadas de índios. Manuel Rêgo ouvia-os muito longe: enterrava a ponta do arco, retezado no chão, e achegava o ouvido à corda. Fechava os olhos, em silêncio.

— Êles estão no igarapé da terra-firme.

Mais adiante, ouvia-os novamente.

— Os diabos vêm mais perto. Estão ouvindo também.

Relembrando essas passagens, Fábio recordava livros da adolescência: tivera modestamente, sem espalhafato e na humildade, a vida heróica dos pioneiros, lutando e evangelizando. Concentrara o berço natal no coração. As sêcas e catástrofes maltratam apenas o corpo, e a terra não tem culpa. As calúnias, as ingratidões, as injustiças, sim, ferem, porém redimem a alma; representam as brasas que escandem o ferro.

Bernardo Pontes levara para o interior o direito de protesto. Defendia seringalistas contra execuções tributárias, acomodava as questões com os aviadores exigentes. No crime, os jurados absolviam sempre, arregalando os olhos e não compreendendo bem a voz trovejante, dardejando períodos incisivos.

Aquelas objurgatórias diferiam do padre Silveira, sempre conselheiral, ajustando os que brigavam. Bernardo Pontes tomava partido e agitava a cidade. Faziamse apostas em tôrno do crime.

— O caboclo roubou a cunhã de dez anos e fêz um estrupiço. Nós já estamos civilizados. Devia apresentar queixa à polícia. Mas não. Matou o sobrinho à traição, capou e obrigou a cunhã a comer os negoços. Teve de moquear mesmo e comer com limão. Cadeia com êle!

— O promotor embarcou. O advogado é o doutor Bernardo Pontes. Você vai ver o velho vir p'ra rua.

Deu-se realmente o escândalo. O velho foi absolvido e carregado nos ombros para a canoa. No sítio, o forró

já estava preparado. Alguns disparos de rifle. O velho Manelinho entrou na barraca.

— Viva o defensor da honra e da família, como disse o doutor!

Dançou-se até pela madrugada. A cunhã, que motivara o barulho, girava nos braços da rapaziada. Era novinha, porém não havia mais perigo...

* * *

Transcorria São João. Luar velado escorria, vestindo as árvores. A friagem viera do Guaporé, derramando gotas geladas. Gelavam também as frutas nos galhos. Tragos de cachaça com caju esquentavam os bebedores. Os homens sacudiam os braços; a mulherada abria a bôca, soprando fumaça.

Todos se aglomeravam no terreiro. O tempo não prestava para caçar. Os bichos, àquela hora, estavam recolhidos nas tocas, os pássaros não revoavam. Peixes, sim, havia muito, mas no segundo dia, de bôca de fora, esperando a frechada. Os beiços dos tambaquis pareciam de cafres, beiços alongados de pretos africanos.

O povo sofria. Não havia agasalhos, nem pessoa alguma poderia comprá-los para uma friagem de quatro dias.

Canoas deslisavam, conduzindo pares enamorados, que acompanhavam, em procissão curiosa, a imagem que ia à frente, seguida de músicos, tocando cavaquinho e harmônica. Em seguida, gemiam violões, modulando os rítmos das modinhas em voga.

São João, fraternizando vozes religiosas e profanas, patrocinava o comêço do fabrico verdadeiro, com as estradas já sêcas. Era a despedida para o comêço do outro ano, quando se iniciasse o inverno.

Repetiam-se cantos e costumes tradicionais no Brasil inteiro. Pouca diferença havia na selva, — os mesmos estouros, as mesmas fogueiras, a mesma gente cheia de esperanças.

— Veja você, Fábio. Os mesmos hábitos do sertão. Com estas modinhas, êstes cajus frios, êstes tragos, parece que vivemos no pé da serra do Araripe. Até brincadeiras de esconder. Disfarce bem: lá vão dois para o sombreado das mangueiras.

Deixe os dois. Você tem de fechar os olhos aos rapazes. As caboclas os educam para verdadeiros homens.

A noite prosseguia festiva. Um vapor ganiu apitos agudos. Ia parar. O prático respeitava as pedras, ainda em meia-água. Soltou a âncora, num ruído de ferros à vontade.

— Tragam duas canoas grandes!

— Sei o que desejam. Querem também passar o São João. Viram as fogueiras de longe. Melhor: mais alegria; é gente boa!

Aproximaram-se as canoas. O coronel Manuel Bertoldo saltou, de fisionomia alegre, cofiando as suíças brancas. Dera a notícia confortadora, enquanto recebia as homenagens dos moradores. A borracha subia, porque as fábricas precisavam mais, e houvera perturbações da ordem e queima de seringais no Oriente.

— Tomara que peguem fogo de uma vez. Me dêem uma passagem e vou até lá.

Rosnava Fabrício com raiva, aplaudido por todos, que se lembravam dos maus dias, devido ao diacho do inglês, como diziam os homens da praça, quando subiam o preço das mercadorias e baixavam o da borracha. Até a castanha foi impugnada pelos louros, que estabeleceram classificações de graúdas e pequenas.

— Foi São João que ajudou isso. Bota bala nos rifles. Vamos dançar!

Fábio não se abalou, considerando as situações anteriores, — um pequeno aumento para incentivar o pessoal, depois viria a queda. Pois não mandavam plantar algodão, distribuiram sementes e, na safra, deixavam de comprar, dizendo que não havia compradores? Seria mais prudente aguardar a confirmação. Nada de adiantamentos e créditos, sòmente porque o inglês anunciava alguns tostões no quilograma da hévea. Mas o crédito se reabrira, positivando o aumento. Melhor para os seringais, o Amazonas e o inglês!

Z

Muitos companheiros morreram na refrega. Era o sinal do embarque para o outro lado, nivelador e desconhecido. Caia um hoje, outro amanhã, — claros que não se preenchiam mais. A existência começara a desdobrar-se em mundos diferentes. A vida, como uma seringueira frondosa, amadurecera em verões sucessivos, — e êle era uma semente que estalara na casca sêca, arremessada às águas e aos ventos.

Felizes os que partem sorrindo, sem ódios espalhados pelos caminhos fatigantes. Parecia entrever os velhos companheiros, desenhados à distância pela fôrça da evocação.

— Esperem um pouco. Também estou de partida!

Deus louvado! Os preços altos redundavam, de qualquer forma, em fôrça para a renovação da terra, em sua economia martirizada.

Fábio cravou os olhos à distância: cumprira o seu dever e poderia repousar, naquele recanto do Amazonas, cearizado pela ação e pela coragem. Brabos e estrangeiros afluiriam de todos os quadrantes — e encontrariam a gleba fecundada pelo suor caboclo e nordestino. E êle fôra um soldado obscuro, que nunca abandonara a vanguarda. Quando a vanguarda abriu um flanco, permaneceu nas trincheiras.

Brotava uma geração socializada e galvanizada pelo sofrimento: sentia-se feliz e tranqüilo, vencera a vida, sem ambições desmesuradas, e poderia caminhar para dois pontos supremos, — o nada do seu corpo, oferecido à Terra Jovem, e o todo de seu espírito, integrado à eternidade da Luz.

Goiabal, 1957
Rio Madeira
Amazonas.

GLOSSÁRIO

A

ABRE — Prova de cachaça.
ACARÁ-BOCETA — Espécie de acará.
ALEJAR — Enganar. "Não me aleje!" — Trabalhar com imperfeição.
AMUNHECAR — Apalpar — Amolecer.
ANDAÇO — Doença. Dificuldade de locomoção.
ANDEJA — Mulher errante, que se entrega nos caminhos.
ANZOLAR — De anzol.
ANINGA — Planta dos pântanos.
ARRASTAÇÃO — Ato de arrastar — "Arrastação de canoa".
ARREPUGNAR — Ter enjôo, repugnância.
ARPOEIRA — Corda para espinhel.
ASSERINGUEIRAR — Ter vida de seringueiro. Asseringueirado.
ATAR — Amarrar a rêde.
AVIADOR — Intermediário de mercadorias e produção de borracha.

B

BACO-BACO — Alimento.
BAGAJADA — Bagagens.
BAGAGEIRO — Que conduz bagagens.
BAGULHEIRO — De bagulho — Resto.
BANHENTA — Gorda.
BANHOSO — Gordo.
BATELÃOZADA — Carga de batelão
BARAROÁ —Espécie de acará.
BENEFICIAR — Deflorar.
BESTAR — Ser tolo.
BICUDO — Português.

BOLA — Prancha de borracha defumada.
BRAVEZA — Bravura.
BURBULHEIRO — De borbulhar. Que faz borbulhas.

C

CABAÇARANA — Cabacinhas.
CABEÇA-DE-PORCO — Hotel de terceira ordem.
CACURI — Pequeno curral dentro d'água para pegar peixes.
CALOMBAR — Encher de calombos.
CAMPANHA — Companhia.
CANDURAR — Seguir cardumes — Peixes que seguem piracemas.
CARNE-VELHA — Carne sêca. Xarque.
CARREGADEIRA — Cabos para pescar o saco das rêdes de tartarugas.
CARUMBÉ — Jaboti macho, já velho.
CASTANHEIRO — Operário que trabalha nos castanhais.
CATEGA — Homem de posição.
CEDLA — Cédula — Dinheiro, cédula eleitoral.
CHIBÉ — Água com farinha.
CHORA-CHORA — Peixe de cardume. Também chora e chorão.
CHUBAR — Sem coisa alguma. "Ficou chubando!"
COLOCAÇÃO — Estrada — Centro com estradas de seringueiras.
COROCORÓ — Pássaro de alagados.
CORRIÇÃO — Fiscalização.
COSPIR — Cuspir.
CRENTE — Protestante.
CRISOSTE — Crisóstomo.
CRUZ-DO-CÉU — Cruzeiro-do-sul.
CRUZ-DE-PALHA — Cruz na mata. Aviso dos índios.
CULTIVAR — Ter cultura. "Sujeito cultivado!"
CUMATÊ — Planta que fornece tinta prêta para pintar cuias.

D

DEFUMADOR — Tapiri para defumar o leite de seringa.
DENGO — Denguice.
DENGOSO — Homem com gestos de mulher.

DESNA — Desde.
DESISTIR — Parir — Ter filho.
DRIL — Fazenda grossa, usada no interior.

E

EMBEIÇAMENTO — Paixão.
EGUAR — Vagar à-toa.
EMPACHO — Indigestão — Barriga inchada.
EMPELEITAR — Empreitar.
ENCANTAÇÃO — Encantar.
ENCOMENDAÇÃO — Encomendar o morto.
ENFEITAR — Cornear.
ENXOVALHE — Enxovalhamento.
ESPAÇOS — Passes espíritas.
ESPIAR — De espia — Espiar o batelão: amarrar.
ESTRUPIÇO — Estrupício.

F

FALANÇA — Ação de falar muito.
FEME — Fêmea.
FERNESIM — Frenesi.
FESTEIRO — Pessoal de festa. Homem que organizou a festa, que dirige a noite do novenário. "O festeiro foi seu João. — Seu Manuel é o festeiro de hoje".
FIEL — Punho fino para sentir a tartaruga ou os peixes nas grandes rêdes de marisco, ordinàriamente nos igarapés.
FORGO — Fôlego.
FUGIDO — Seringueiro que foge dos seringais.
FUÇA — Discussão — Briga.
FURAR — Deflorar. "Manuel furou a Joana". Mulher furada.

G

GALÇA — Garça.
GAPÓ — Igapó.
GAPOZADA — Igapós sucessivos.
GARAPÉ — Igarapé.
GERAL — "Passar o geral". Mulher passada por vários homens, na mesma oportunidade.

GOMITAR — Vomitar.
GROSÊRA — Corda forte para pescar piraíbas.

I

ILHAS — Refúgios nos campos, sempre com buritizais e fontes.
INCHAÇO — Inchação.
INTEIRO — Animal completo, que não foi castrado.
INVADIAÇÃO — Vadiação. Cio.

J

JACITARA — Espécie de cipó com espinhos. Serve para encordoar moles de tabaco.

M

MACHADEIROS — Que habitam o rio Machado. Machadense.
MAL-DE-CABOCLO — Funções sexuais.
MAL-DE-MÊS — Encômodo, menstruação.
MALTRATO — Ato de maltratar. Também mautrato.
MATURI — Carapanã miúdo.
MAÇARANDUBA — Madeira de lei. Cacête.
MELA — Porção — excesso — "Mela de Feme!"
MEXEDEIRA — Que mexe. Mulher mexedeira.
MONTARIA — Canoa pequena.
MORADEIRO — Morador.
MORDIÇÃO — Ação de morder. "Deixa de mordição!"
MORI — Capim brabo, espécie de canarana. Também morim.
MURUPI — Pimenta cheirosa.
MUITÁ — Pequeno jirau para auxiliar o corte da parte alta das seringueiras.

N

NAVEGAR — Viajar. Caminhar. — "Navega muito naquele caminho".

O

OURENTO — Que tem ouras, bicheiras.
OVADO — Que está cheia de ovos. "Tartaruga ovada. Tambaqui ovado. Mulher ovada".

P

PARIDELA — Parir.
PARIRI — Árvore frondosa. Frutos comestíveis.
PAUZADA — Excesso de madeiras. Também pauzama. "Tem pauzada na ponta da ilha!"
PEDIDO — Encomenda de mercadorias.
PEGANÇA — Que pega. Molestia contagiosa. Também pegadiço, peganhento.
PELADO — Sem dinheiro.
PELES — Bolas de borracha, de canela.
PÉRA — Espera.
PILOURA — Síncope.
PINDÁ — Anzol com isca de penas para enganar os tucunares.
PIRARUCU-BÓIA — Peixe pequeno — Voraz — Forma de peixe e cobra.
PONTEIRO — Remador que encaminha a embarcação.
PRANCHA — Pele de borracha. Tábua larga para transporte de mercadorias, usada nos gaiolas.

Q

QUILARO — Claro.

R

RANCHO — Barraca para dormir. Abastecimento, comida.
RASPA — Repreensão.
REBOJADA — De rebôjo. Vários rebojos.
RONDONIZAR — De Rondon. Domesticar índios.

S

SALDENTO — Que tem saldo.
SIRGAR — De sirga. Puxar a canoa com um cabo amarrado aos bancos.

SOBROSSO — Susto.
SOMBREADO — Assombrado. Ensombrado.
SUSTANÇA — Fôrça, vigor.

T

TAMBAQUI — Peixe comum em todos os rios do Amazonas.
TAMBA-TAJÁ — Tajá lendário. Fôlhas fêmeas. assim denominadas, porque, no dorso, possuem uma fôlha menor, triangular, que lembra as partes sexuais da mulher.
TAPAJAL — Passagem de canaranas ou murerus nos igarapés, nas embocaduras dos lagos.
TECRAS — Teclas.
TIPÓIA — Rêde.
TRAGO — Gole de cachaça.
TRIGUE — Onça.
TRISCADO — Bêbedo.
TROUVERAM — Trouxeram.

V

VAZAR — Esvaziar. Secar. O rio vazou.
VEADEIRO — De veado. Cadela veadeira.
VEIZADA — Vez.
VENTRECHA — Pedaço gordo de pirarucu.
VEVE — De viver.
VIAJADAS — Viagens a êsmo.
VIRAÇÃO — Virar tartarugas. Tempo de viração. Possuir mulheres aos grupos, em festas profanas.
VIVENÇA — Vida.
VOGAR — Ter valor.

Z

ZANOIO — Zarolho.
ZINHA — Mulher solteira.
ZINHEIRO — Amigo das zinhas.
ZUADEIRO — Zoada.
ZUNHEIRO — Unheiro.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura